ARTE DE FURTAR,

ESPELHO DE ENGANO

THEATRO DE VERDADES,

MOSTRADOR DE HORAS MINGUAD

GAZUA GERAL

Dos Reynos de Portugal.

OFFERECIDA

A ELREY NOSSO SENHO

D. JOAÕ IV

PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652.

PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA

ZELOZO DA PATRIA.

Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verà o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.

AMSTERDAM,

NA OFFICINA DE MARTINHO SCHAGEN.

M. DCCXLIV.

SENHOR.

Hum Sabio disse, que naõ havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para comsigo saõ como os olhos, que vendo tudo, naõ se vem a si mesmos: e daqui vem naõ darem muita fé em de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade naõ se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acçaõ de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque naõ ha trabalho, a que naõ resista,

nem outrem, que possa medir valentia com V. Magestade: e nas do espirito; porque naõ ha fortuna, que o quebrante, nem adversidade, que o perturbe. He o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta pressa, que naõ poem tanto huma pósta em levar a nova, quanta V. Magestade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem sua Real maõ, que lhe naõ succeda a pedir por boca; e se alguma se malogra, he a que V. Magestade naõ approvou; tanto, que temos jà por unico remedio, para se acertar em tudo, fazerse só o que V. Magestade ordena, ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo, que este mundo he hum covil de ladroens; porque se bem o considerarmos, naõ ha nelle couza viva, que naõ viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-se huns aos outros, se sustentaõ: e se alguns ha, que naõ se mantenhaõ de outros viventes, tomaõ seu pasto dos frutos alheyos, que naõ cultivaraõ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos se comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outros falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro està, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas se conservem sem diminuiçaõ de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem

recem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraiso, e do Apostolado os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou forca: e notese que a tomou o réo por sua maõ, sem intervir nisso sentença de justiça, para nos advertir o castigo, que merecem ladroens, e como naõ devem ser admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos, que haja Reys no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono, em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigaçaõ mayor; pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz Rey do mundo. E deve por cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos, que por serem muitos só com hum braço taõ alentado, como o de V. Magestade, poderàõ ser reprimidos, e castigados. A mayor difficuldade està no conhecimento delles; porque como o officio de infante, e reprovado por Deos, e pela natureza, naõ querem ser tidos por taes, e porisso andaõ todos disfarçados; mas será facil darlhes alcãce, se o dermos a suas mascaras, que saõ as artes de que usaõ: destas faço aqui praça, e lhas descubro todas, mostrando seus enganos como em espelho, e minhas verdades como em theatro para fazer de tudo hũ mostrador certissimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa destes piratas faz seu officio. Naõ ensina ladroens o meu discurso, ainda que se intitula Arte de furtar; *ensina só a conhecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as descobrir por mais que escondaõ; e serà taõ suavemente, que ninguem se*

 doa,

doa. Vay muito no modo, e no estylo: a pirola amargosa naõ causa fastio, se vay dourada; e para que este Tratado o naõ cause, hirá prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirvase V. Magestade de o entender assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos apices desta Arte; *porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservaçaõ total de seu Imperio, que Deos Nosso Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades, que seus venturozos principios nos promettem. &c.*

AO

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

Principe de Portugal.

DEPRECAC, AÕM.

SENHOR.

T*Ambem a V. A. Real, e Sereniſſima pertence á emenda deſta* Arte *por todos os titulos, que a ElRey noſſo Senhor pertence, pois naõ aſſim como elle o limito em ſuas grandezas; porque de tal Arvore naõ podia naſcer menor ramo, e em naſcendo moſtrou logo V. A. o que havia de ſer: e hum Mathematico inſigne mo diſſe olhando, por lho eu pedir, para os horoſcopos do Ceo, que V. A. havia de ſer Rey da terra, e Sua Mageſtade, que Deos guarde, guardou eſte juizo. E ainda que eſtas razoens naõ militaſſem, que ſaõ certiſſimas, baſtava vermos, que ha em V. A. poder, e ſaber para tudo: e ſaõ duas couzas muito eſſenciaes para emendar latrocinios; o ſaber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.*

poder: porque vemos, que aſſim como Atlante cançado de ſuſtentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governaſſe: aſſim ElRey noſſo Senhor, Atlante do noſſo Imperio, deſcarregou as Esféras delle nos hõbros de V. A. naõ para deſcançar, que he infalivel, mas para ſe gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe ſayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava ſe ſignificaõ ſuas armas, e poder; cõ as redes, e cadeas, ſua ſabedoria: com eſtas duas couzas vencia, e dominava tudo. De armas, e ſabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. aſſim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á ſua obediencia; como tambem, porque ninguem as menèa com tanto garbo, valor, deſtreza, e valentia; ou ſeja a cavallo brandindo a lança, ou ſeja a pé levando a eſpada, e fluminando o montante; e aſſim ſe demonſtra, que ha em V. A. poder para emendar, e caſtigar. E porque eſte naõ baſta, ſe naõ ha ſciencia para alcançar, quem merece o caſtigo; digo que vemos em V. A. tanta ſabedoria, que parece infuſa: porque naõ ha Arte liberal, em que naõ ſeja eminente; naõ ha ſciencia eſpeculativa, em que naõ eſteja conſummado; naõ ha habito de virtude moral, que o naõ tenha adquirido, e feito natural con o uſo. E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, ſe conſummou com tanta facilidade, e preſteza, que nos parecia ter naſcido tudo com V. A. naturalmente, e naõ ſer achado por arte, e aſſim ſe prova, que ha em V. A. ſaber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos: e em os peſcando com a rede da ſabedo-

ſabedoria, ſegue-ſe emendallos com a Clava do poder.

Sugeito por tanto eſta Arte de furtar; *ao poder, e ſabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e á ſabedoria, para que a emende: porque ſó da ſabedoria de V. A. fio que dará alcance ás ſubtileza dos profeſſores deſta arte. Em duas couzas peço a V. A. que oſtente aqui ſeu poder: em caſtigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriſcado com os deſcobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por ſeguro. E em outras duas couzas torno a pedir oſtente V. A. ſua ſabedoria, em emendar eſta* Arte, *em quanto pertence aos ladroens; e tambem o eſtylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal, que me argua outrem, porque naõ haverà, quem me naõ ſeja ſuſpeito, ſalvo V. A. viſto naõ haver outrem, que eſcape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: iſſo he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o deſagrado da materia. Cuidava eu que fallar niſto muito chumbado, e ſério, ſeria o melhor; mas ſendo o objecto de ſi penozo, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoſo com o eſtylo, ſeria veſtir hum capuz a eſte tratado, para todos lhe darem o pezame de o naõ poderem ver ás eſcuras. Veſtirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os caſos, e materias de modo, que naõ façaõ mayor pendor para huma balança, que para outra, para que alivie o curioſo da Arte, e eſtylo, o moleſto da materia ſem tropas de ſentẽças Cabaliſticas, nem infanteria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livertes vejo deſſes, que vaõ ſahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, naõ ſey o que me diſſeraõ; porque toda a ſua habilidade poem em palavras. E já diſſe o proverbio, que palavras,*

e plu-

e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gaſtaõ em dar conſelhos politicos, a quem lhos naõ pede, e bem apertados, vem a ſer melancolias do Autor, que por arrufos déraõ em deſvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e podéramos reſponder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da ſua pintura, ſahindoſe da esféra do ſeu officio. Seja o que for, o que ſey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e creſcerà ſeu Imperio, que os bons deſejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.

PRO-

PROTESTAÇAM
DO AUTOR
A quem ler este Tratado.

EM Ouguella, lugar de Alèm-Tejo, entre Elvas, e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua naõ coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze huma grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detém dentro, quanto tempo he necessario, sem padecer lesaõ alguma do fogo, que cozendo o paõ naõ coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande Casa de Bragança, adverti huma cousa notavel, que haverà mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo naõ ha quem ache huma. Perguntey a razaõ ao Senhor D. Alexandre, irmaõ delRey nosso Senhor, grande perscrutador de couzas naturaes? E me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou que haja animaes, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem ferro, quaes saõ as hemas! Conforme a estes exemplos, tambem nos homens ha estomagos, que naõ cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que sejaõ; e abraçaõ outros mais grosseiros,

feiros, com que fe fazem, como veados, e hemas. E fe perguntarmos ao Philofofo a razaõ deftas defigualdades? Dirà, que faõ effeitos, e monftruofidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos fugeitos. O mefmo digo, fe houver eftomagos, que naõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que difcurfa efte tratado, que naõ vem o mal da qualidade das couzas, que aqui offereço, fenaõ do mào humor, com que as maftigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que fe naõ digere, o eftomago o converte em veneno; affim os taes de tudo fazem peçonha, mas que feja triaga cordeal, e antidoto efcolhido. Como triaga, e com o antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a noffa Republica: fe houver aranhas, que façaõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel fuave, naõ he a culpa das flores, que todas faõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, affim como os moldes, ou finetes, que imprimem em cera, e maffa fuas figuras: fe o molde as tem de ferpentes, toda a maffa, por fãa que feja, fica cuberta de fevandijas, como fe as produzira, e eftivera corrupta; e pelo contrario, fe o finete he de figuras boas, e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tofco. Quero dizer, amigo leitor, que fe fordes inimigo da verdade, fempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella fer de feu natural muito doce, e formofa, porque he filha de Deos. Verdades puras profeffo dizer, naõ para vos offender com ellas, fenaõ para vos moftrar onde, e como vos offendeis vòs a vós mefmo,

mesino, e á vossa Republica; para que vos melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E naõ me digais, que naõ convém tirar a publico affrontas publicas de toda huma Naçaõ; porque a isso se responde, que se saõ publicas, nenhum discredito move, quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho, para conhecerdes o engano, em que viveis. E assim protesto, que naõ he meu intento ensinar-vos os lanços, que nesta *Arte de furtar* ignoraveis, senaõ allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas couzas em particular: o meu zelo bate só no commum, e naõ pertende affrontar a nossa Naçaõ; antes a honro muito por duas razoens. Primeira; porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte; fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocinios, com que assolaõ o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou dezejo della, he a mayor perfeiçaõ, que os Santos achaõ nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparaçaõ de gente dissoluta. Donde naõ me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he; que naõ sey, se conseguirà seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo, he o que pertendemos.

Dirà

Dirà o Critico, e tambem o Zoilo (que tudo abocanhaõ, e róem) que isto naõ he gazúa, com que se abrem portas para furtar; mas que he montante, que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A isso tenho respondido, que naõ tome ninguem por si o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os casos, que aqui referir, saõ ballas de batalha campal, que tiraõ a montaõ sem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, sem pesquizar autores, nem formalidades, mais que as que as couzas daõ de si: e se em algumas discreparem as circunstancias da narraçaõ, e naõ se ajustarem em tudo muito com o succedido, pouco vay nisso; porque o nosso intento naõ he deslindar pleitos para os sentencear, senaõ mostrar deformidades para as estranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E estejaõ certos todos, que naõ dizemos nada, que naõ passe assim na verdade em todo, ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que escrevemos; porque os desta arte nunca imprimiraõ; e de sua sciencia só duas letras se achaõ impressas nas costas de alguns, que saõ L. e F. e o que querem dizer, todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender, o que estas letras denotaõ, mostrarà nisso, que he da mesma confraria, e negarselhe-hà o credito por apaixonado, como parte, e darseme-ha a mim, que o naõ sou; porque só pertendo mostrar neste *Espelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embustes de ladroens passados, e presentes. Aprestem-se todos para ouvir com paciencia; e porque trato de naõ molestar, quem isto lér, hirey tecendo-

tudo

tudo em fórma; que o curioso dos successos adóce o azedo da doutrina: e em tudo teraõ todos muito que aprender, para sempre serem virtuosos, se quizerem tomar as couzas, como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas, que andaõ pelas ruas, e de tres pàos grossos, que vos esperaõ, se naõ tomardes meus avisos. Entretanto estuday o Credo, e espertay a fé para o que se segue.

IN₂

INDEX
DOS CAPITULOS DESTE TRATADO.

** CAP.

Repos-

CAP.

CAP.

CAP.

G.F.L. Debrie sculp. 1745.

VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,
e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis; quem dedit Lusitania mundo Vlyssipo Lusitaniæ, Societati Brasilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die 18 Julii An. 1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus frequentissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.

TRATADO UNICO.

****

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que he ſciencia verdadeira.

AS Artes, dizem ſeus Autores, que ſam emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia moſtra, que tambem lhe accreſcentão perfeiçoẽs. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e ſe a arte nam compuzer tudo, em quatro dias ſe fará hum monſtro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe cauſou a idade, reſtituindo-ſe de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o eſcultor do tronco inutil huma imagem tam perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçozos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metaes precioſos, que a natureza produzio em toſco, e aperfeiçoando tudo, lhe dam outro valor. E nam ſó ſobre couzas boas tem as Artes juriſdicçam, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem ſobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accreſcentar em

 damno

damno de outrem : como se vé nas máquinas da guerra , partos da arte Militar , que todas vaõ dirigidas a assolaçoens , e incendios , com que huns se defendem , e outros saõ destruidos. Naõ perde a arte seu ser por fazer mal, quando faz bem , e a proposito esse mesmo mal , que professa , para tirar delle para outrem algum bem , ainda que seja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda se occupa em despir huns para vestir outros. E se he famosa a arte , que do centro da terra desentránha o ouro , que se defende com montes de difficuldades , naõ he menos admiravel a do ladraõ , que das entranhas de hum escritorio , que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios , desencóva com outros mayores o thesouro , com que se melhóra de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa , quando obra com cilladas segundo suas regras , que todas se fundaõ em estratagemas , e enganos, como as da Milicia : e essa he a arte , e he o que dizia hum grande mestre desta profissaõ : *Con arte , y con engaño , vivo la mitad del año : y con engaño , y arte , vivo la otra parte.* E se os ladroens naõ tiverem arte , busquem outro officio ; por mais que a este os leve , e ajude a natureza , se naõ alentarem esta com os documentos da arte , teraõ mais certas perdas , que ganhos ; nem se poderáõ conservar contra as invasoens de infinitas contrariedades , que os persequem. E quando os vejo continuar no officio illezos , naõ posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte , que os livra até da justiça mais vigilante,

gilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja sciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que naõ tenha escóla publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras sciencias.

Todos os Philosofos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demostra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quaes saõ verdadeiras sciencias, porque nam só ensinam o que professaõ, mas tambem provam por seus principios, e demostraõ por consequencias evidentes, o que ensinão. E admittindo nós esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias só aquellas artes, que párão na materia, em que se occupão; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeiçoaõ no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudéncia, que nam se detém em especular, ou demostrar, o que propoem seus textos: donde nasce naõ haver evidencia publica da razam de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obedieneia, com que todos nos sugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam

 funda-

fundados em razam, que os Principes acharaõ, e communmente apontão em feus decretos, paſſaõ por ellas os Juriſconſultos ordinariamente tanto em ſilencio, que por ſe lhe damos alcance. E ham-ſe niſto alguns Canoniſtas, e Legiſtas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razam, porque os punha; deixando-a ao diſcurſo da ley natural, que nenhum homem deve ignorar; ainda que ha alguns tam groſſeiros, que nam atinão com ella. E por iſſo nunca ninguem diſſe, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á obſervancia pratica, era ſciencia, ainda que o ſeja no eſpeculativo, pelo que deſcobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo eſte diſcurſo ſe colhe com certeza, que a arte de furtar he ſciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonſtraçoens verdadeiras, para conſeguir ſeus effeitos, poſto que por rudeza dos diſcipulos, ou por outros impedimentos extrinſecos nam chegue ao que pertende. Mas ſe o ladram tem bom natural, e he perito na arte, arma ſeus ſyllogiſmos como rede varredoura, a que nada eſcapa. Com huma hiſtoria notavel faço demonſtraçam deſta verdade. Em certa Cidade de Eſpanha houve huma viuva fidalga tam rica como nobre: e como as matronas de qualidade por ſeu natural recolhimento não pódem aſſiſtir a trafegos de grandes fezendas, dezejava eſta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podeſſe governar tudo. E nam dezejava menos hum ladram cadino ter entrada em caſa

tam

taõ caudaloſa com algum honeſto titulo, para ſe provér de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou ſuas linhas, e armou ſuas traças em fórma, que nenhuma conſequencia fruſtrou, aſſim para entrar com grande credito, como para ſahir com mayor proveito. Achou por ſuas inculcas, que tinha a ſenhora hum Confeſſor Religioſo, a quem dava credito, e obediencia por ſua virtude, e letras. Prégava eſte certa feſta de concurſo, veſtio-ſe o ladraõ de traje humilde, o roſto penitentes, e fez-ſe encontradiço com elle hindo para o pulpito. Poz-lhe na maõ huma bolça de dobroens, que diſſe achára perdida, e pedio-lhe com muita ſubmiſſaõ, e modeſtia, que a publicaſſe ao auditorio, e a reſtituiſſe a quem moſtraſſe que era ſeu dono, dando os verdadeiros ſinaes della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caſo, que houveſſe homem no mundo, que reſtituiſſe em vida, e diſſe aos ouvintes milagres do ſugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o naõ fizera, eſtimando mais a paz de ſua alma, que o commodo de ſeu corpo, e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as eſmolas. E aſſim foy, que acabada a prégaçaõ, mandáraõ muitos Cavalheiros ſeus ſubſidios com mais de meya duzia de veſtidos muito bons ao Reverendo Padre, para que déſſe tudo ao pobre ſanto, que lhe naõ pezou com elles: e foy a primeira conſequencia, que colheo do ſeu diſcurſo: e a ſegunda aſſegurar a bolça para ſi com ſua mãy, que era huma velha taõ ardiloſa, como elle, que já eſtava prevenida ao Padre do pulpi-

 to,

to, e muito bem adeſtrada pelo filho: e em deſcendo o Padre agarrou delle gritando: A bolça he minha; por ſinal, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro ſeis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador ſinais taõ evidentes, e vendo que tudo aſſim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada ſe perdéra: e a máy fez em caſa a reſtituiçaõ ao filho, que aſſegurou de caminho a terceira conſequencia de eſtafar tambem o Religioſo, que o levou á ſua cella, onde o regallou, e melhorou de veſtido, e fortuna, informando-ſe delle meſmo de ſeus talentos: e achando que ſabia ler, e eſcrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que ſobre tudo moſtrava bom juizo: ſeguio-ſe logo a quarta conſequencia de o pór em caſa da ſua confeſſada com mero, e mixto imperio ſobre toda ſua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta eſſencia de fidelidade, e intelligencia; com que a ſeu ſalvo colheo a ultima conſequencia, que pertendia das rendas de ſua ſenhora, que enſacou em ouro para voar mais leve: e com dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de ſerviço lhe depararaõ, ſe paſſou para outro emiſferio, ſem dizer a ninguem: Ficaivos embora: Digaõ agora os profeſſores das ſciencias, e artes mais liberaes, ſe formáraõ nunca ſyllogiſmos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o diſcurſo, e ſubtileza, com que aqui lhe damos o nome de ſciencia verdadeira.

CA-

****

CAPITULO II.

Como a arte de furtar he muito nobre.

MAis facil achou hum prudente, que feria accender dentro do mar huma fogueira, que efpertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me eftranhe chamar nobre á arte, cujos profeffores por leys Divinas, e humanas saõ tidos por infames. Effa he a valentia defta arte, como a dos Alquimiftas, que fe gabaõ que fabem fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde lúz o ouro, naõ ha vileza. A'lem de que naõ he implicaçaõ acharemfe duas contrariedades em hum fugeito, quando refpeitaõ differentes motivos. Que coufa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que naõ fe enxerga; taõ rafteira, que vive enterrada; taõ pobre, que fe fuftenta de leves rapinas! Que coufa mais illuftre que o Sol, que a tudo dá luftre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E fe vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum fugeito, em huma formiga. Baixezas ha, que naõ andaõ em ufo, porque faõ fó de nome: e nomes ha, que naõ pôem, nem tirão, ainda que fe encontrem, porque fe compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como fe cha-

 mava?

mava? Respondeo, chamo-me em casa Abrahaõsinho, e na rua Joannico. Assim saõ os ladroens: na Casa da Supplicaçaõ chamaõ-se infames, quando os sentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andão de continuo em alcatéas, tem nomes muito nobres: porque huns saõ Godos, outros chamaõ-se Cábos, e Xarifes outros: mas nas obras todos saõ piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das sciencias colhe-se de tres principios. O primeiro he o objecto, ou materia, em que se occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que consta. Terceiro: os Mestres, e sugeitos, que a professaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre, que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philosophia; porque suas regras, e preceitos saõ delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso: as suas regras, e preceitos saõ subtilissimos, e infalliveis: e os sugeitos, e mestres, que a professaõ, ainda mal que as mais das vezes saõ, os que se prezão de mais nobres; para que naõ digamos que saõ Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiveraõ para si, que a nobreza das sciencias mais se colhe da subtileza das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupão: como vimos até na maqui-

na

na do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que poriſſo he mais louvado. Aquelle Artifice, que eſcreveo a Illiada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma nóz, aſſombrou mais o mundo, que ſe a eſcreveſſe com muitas laçarias em grandes laminas de ouro. Aquella não enxárceada com todo o genero de vélas, e cordoalhas, tão pequena, que toda ſe cobria, e eſcondia com as azas de huma moſca, fez a Mermitides mais famoſo, que a outros as grandes eſculturas dos mayores Coloſſos. Na formação de hum moſquito moſtra Deos mais ſeu grande entendimento, que na fabrica do Univerſo. Quero dizer, que não engrandece tanto as ſciencias a materia, em que ſe exercitão, como o engenho da arte, com que obrão. E como o engenho, e arte de furtar anda hoje tão ſubtil, que tranſcende as aguias, bem podemos dizer que he ſciencia nobre. E prouvéra a Deos, que não tivera tanto de nobre, não ſó pelo que lhe concedemos de ſuas ſubtilezas, ſenão tambem, pelo que lhe negão outros da materia, em que ſe occupa, e ſugeitos, em que ſe acha; pois vemos, que a materia he a que mais ſe eſtima, ouro, prata, jóyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os ſogeitos, em que ſe acha, ſaõ por meus peccados os mais illuſtres, como pelo diſcurſo deſte Tratado em muitos capitulos hiremos vendo. E para que naõ engaſgue algum eſcrupuloſo neſta propoſiçaõ com a maxima, de que naõ ha ladraõ, que ſeja nobre, pois o tal officio traz comſigo extincçaõ de todos os fóros da

nobreza

maya[illegible] : declaro logo, que entendo o meu di-
ſinh[illegible]egundo o vejo exercitado em homens tidos, e
na[illegible]vidos pelos melhores do mundo, que no cabo
d[illegible]ő ladroens, ſem que o exercicio da arte os deſ-
luſtre, nem abata hum ponto do timbre de
ſua grandeza. Naõ he aſſim, o que ſuccedeo em
Roma a hum Emperador? Que entrando no
Templo a adorar a Apollo, achou, que no
meſmo Altar eſtava Eſculapio ſeu filho; eſte com
grandes barbas, e aquelle limpinho; porque aſ-
ſim os diſtinguia a Gentilidade antiga. Ad-
vertio o Emperador, que as barbas de Eſculapio
eraõ de ouro, e poſtiças: cobiçou-as, e furtou-as;
dizendo, que naõ era bem o filho tiveſſe barbas,
quando o pay as naõ tinha: e nada perdeo de
ſua grandeza o Emperador com furtar as barbas
ao ſeu Deos, antes a accreſcentou, pois ficou com
mais ouro, do que d'antes tinha: e aſſim a accreſ-
centaõ outros muitos com muitos outros furtos,
que cada dia fazem ſem calumnia nas barbas do
mundo.

****

CAPITULO III.

Da antiguidade, e profeſſores deſta arte.

ISto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada ſe eſtima. Cõmunidades ha, em que a antiguidade rende; por-
que

que lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta só os annos, em cada feira vale menos: mas a que accúmula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, se fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, festejo ser o mais antigo, porque me guardaõ respeito: mas se ólho só para mim, tomarame mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: isto he na antiguidade; porque só á custa della logra õ alguns *benè esses*, como as trempes do Japaõ, que as mais velhas saõ de mayor estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o mesmo, que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e sciencias corre a mesma moeda, que andão mais apuradas as mais antigas; e saõ mais estimadas, as que tem mais antigos professores. Entre alfayates, e oleiros se moveo questão, quaes erão mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza. Vencerão os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foy formado Adão, e depois se lhe talharão, e cozerão os vestidos. Aqui entrão os ladroens com a sua arte, allegando,

que

que muito antes do primeiro homem a exercitarão espiritos mais nobres. Mas deixando pontos que nós ficão álem do mundo antes de haver homens, de que só tratamos; fallemos das télhas abaixo, que he o que pertence á nossa esféra. E em dando nos primeiros professores, colherémos logo a antiguidade desta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade desta, faremos o computo, que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficultoso achar os mestres. Ora naõ serà; porque naõ há, quem escape de discipulo, e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escóla naõ ha quem se naõ assente. Jà o disse a ElRey nosso Senhor, que he este mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animaes, e aves, e peixes, atè nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Universidade, em cujos geraes cursaõ todos os viventes geralmente. Tem esta Universidade só duas clases, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que léo de prima Jason aos primeiros Argonautas, quando pasou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro taõ defendido, como celebrado: e destes aprenderão os infinitos piratas, que hoje em dia coalhão esses mares com a próa sempre nas prezas, que buscaõ. Na terra dizem os antigos; que poz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e porisso o fizeraõ Deos das ladroices. Bem se vé a sem-razam desta idolatria, pois nam póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas

por

por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer eſte erro, que tem a rapina por ſua deidade, pondo nella ſua bem-aventurança, porque della vivem. Enganaraõ-ſe os antigos em darem eſta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adão primeiro ladram, e primeiro homem do mundo: e por iſſo pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima ſerem ladroens. Perguntará aqui o curioſo, ſe haverá algum, que o nam ſeja? Reſponde-ſe que nam: pelo menos na potencia, ou propenſam, porque he legitima, que ſe repartio por todos. He bem verdade, que huns participam mais deſte legado que outros; bem aſſim como nos bens caſtrenſes, que ſe repartem a mais, e a menos pelo arbitrío do teſtador; poſto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros;e dahi vem ſerem alguns mais inſignes na arte de furtar. E como não ha arte, que ſe aprenda ſem meſtres, que vam ſuccedendo huns a outros, tem eſta alguns muito ſabios, e ſempre os teve: e como nam ha eſcóla, onde ſe nam achem diſcipulos bons, e máos, tambem neſta ha diſcipulos, que pódem ſer meſtres; e ha outros tam rudes, que nem para màos diſcipulos preſtaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza, nam para os enſinar, mas para advertir, a quem ſe quizer guardar delles, o como ſe deve vigiar; e a elles quaõ arriſcados andaõ.

Naõ me calumniem os que ſe tem por eſcoimados, queixando-ſe, que os ponho neſta reſte

ſem

ſem prova, nem certeza de delictos, que cōmetteſſem neſta materia, ſendo certo que naõ ha regra ſem excepçam. Meta cada hum a maõ em ſua conſciencia, e achará a prova do que digo, que eſte mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ intereſſes, creditos, honras, vaidades, e eſtas couzas nam as póde haver ſem mais, e menos; e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que ſe lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede iſto até em huma cortezia, que excede por ambiçam, ou que falta por ſoberba. Ajuſtar obrigaçoens de juſtiça, e caridade, depende de huma balança muito ſubtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na mão, tudo vay a eſmo, e a cobiça pende para ſi, mais que para as partes. E daqui vem ſerem todos como o leaõ de Hiſopete, que comia os outros animaes com o achaque de ſer mayor. E temos averiguado que os profeſſores deſta arte ſaõ todos os filhos de Adam, e que ella he tam antiga como ſeu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira ſerem nobres os profeſſores deſta arte, nem ſer ella ſciencia verdadeira: porque as ſciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e eſta arte ſó em deſtruir toda ſe emprega: contente-ſe com ſer arte, aſſim como o he a Magía. E em ſeus artifices ninguem creya, que póde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem póde dar o que nám tem. A verdadeira ſciencia he a das

Leys,

Leys, e Canones, que lhes dá caça, mete a saco todos os ladroens: e bastava tam heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas a pezar dos ruins, com quem tem sua ralé: e se estes a desacreditam, não valem testemunha, porque os açouta.

Contra resoluçam tão alentada me botam em rostro, o que disse agora ha nada nos dous Capitulos antecedentes, que a arte de furtar era sciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opiniam: e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusam, com que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar, infames sam seus mestres, e discipulos: e ainda que sam mais que muitos, muitos mais sam, os que andam saõs desta lepra, principalmente os que se lavaõ com o Santo Bautismo, que nos livrou de todos os males, que herdámos de Adam. Ouçam bons, e máos este discurso, léaõ todos este Tratado, e verse-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de tão infame lepra: e os máos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impossivel não se detestar, tanto que for conhecido.

****

CAPITULO IV.

Como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrar-nos de outros ladroens.

NAõ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em

veneno

veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-ſe, e matar-ſe hum homem com a eſpada, que cingio, ou arrancou para ſe defender de ſeu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o moſquete, e matallo, quando fazia tiro para ſe livrar da morte, he fortuna muito má de ſofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quaes para ſe livrarem de ladroens, que he a peor péſte que os abraza, fizeram váras, que chamam de Juſtiça, iſto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeram guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceram a todos com Proviſoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomam o raſto ás aveſſas, e em vez de nos guardarem as fazendas, ſam os que mayor eſtrago nos fazem nellas; de ſorte, que nam ſe diſtinguem dos ladroens, que lhes mandam vigiar, em mais ſenam que os ladroens furtam nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras deſcobertas; aquelles com ſeu riſco, e eſtes com Proviſam, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, eſtalagens, e tavernas, &c. ſe vendem as couſas por ſeu juſto preço. Anticipam-ſe todas as peſſoas ſobreditas, mandam a caſa as primicias, e meyas natas de ſeus intereſſes, e ficam logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigaçam os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite

noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobram, e pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahì mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivaes, coutadas, que naõ as destruaõ os gados alheyos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheyas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eisaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Naõ fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores póstos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pór nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos: *propter sanitatem*; e assim he bem que lhes guardemos aqui

respeitos, ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ser muito bom Christaõ, se naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles: *Qui pro quo*: quer dizer, *huma couza por outra*: e o titulo basta, para se entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes só huma verdade contem, e he que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pódem botar agua de cevada cozida; e se naõ tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: se naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candéa. E assim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ser que veyo o proverbio, com que declaram os a abundancia de huma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles naõ nos levaraõ tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem disse, que as mãos dos boticarios saõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chymica, que os vença em

fazer de maravalhas metaes precioſos: nem póde haver mayor deſtreza, que a de hum deſtes meſtres, ou diſcipulos de Eſculapio, que mandando pelo ſeu moſſo buſcar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe dam no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de maneira, que não lhes ſahem das mãos, ſem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, nam valendo ellas em ſi hum ceitil: e o meſmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Phyſicos móres obrigação de vigiarem tudo iſto; e aſſim o fazem correndo o Reyno, e viſitando todas as boticas delle algumas vezes: chamão a iſto dar varejo: e dizem bem; porque aſſim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, aſſim elles varejam as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia, com que os boticarios ſe acodem huns aos outros neſtas occaſioens, empreſtando-ſe vidros, e medicamentos, para que os Viſitadores os achem providos de tudo: e poderá ſucceder, por mais que tenham tudo bem apurado, e a ponto, ſe não andarem mais diligentes em peitar, que em ſe prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Por iſſo outros fazem bem, que viſitam, antes de ſerem viſitados, e com iſſo eſcuſaõ o trabalho de ſe proverem, e apurarem; e eſcapão os ſeus fraſcos, como vaſo máo, que nunca quebra. Bem ſe vé, como reſponde tudo iſto ao titulo deſte Capitulo; ſó huma couſa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou à eſ-

 pinguarda,

pingarda, ou ás eſtocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, ſem vermos poriſſo nunca hum na forca: antes ſaõ taõ privilegiados, que depois de vos darem com as cóſtas no adro, e com voſſo pay na cova, demandaõ voſſos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apreſſarem a morte com ſangrias peores, que eſtocadas, por ſerem ſem neceſſidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Palooto deſappareceo de Roma; e hindo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, ſobre que ſe fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Reſpondeo, que ſó mudára de fortuna, e naõ de officio; porque do meſmo modo, que curava em Roma as beſtas, curava em Napoles os homens; e que lhe ſuccedia tudo melhor; porque álem de acertar nas curas taõ bem, e melhor que os demais Medicos, ſe acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava por iſſo, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do ſeu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais ſuccedeo no caſo, naõ ſerve ao intento: mas do dito ſe colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ miſter grandiſſima refórma; porque tendo por officio aſſegurar as vidas, naõ ſó no-las tiram, mas ſobre

bre isso nos pedem as bolças. Nam fazia outro tanto o Sol Posto aos Castelhanos nas charnéças; e no cabo foy esquartejado por isso. E estes senhores ficam-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença salario, em quanto alguma pessoa Real estiver doente; porque assim se apressem em tratar de sua saude: e os Portuguezes somos taes, que quando estamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos, sem advertirmos, que por isso mesmo nos dilataráõ a saude, e faráõ grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum espinho certo Cavalheiro, e tinhalhe metido em cabeça, que era postéma. Auzentou-se hum dia, e deixou hum seu filho instruido, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam postéma. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaram logo as dores, e sárou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que sarára o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeolhe o pay: pois dahi comerás para besta. Não vias tu salvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se accrescentavam as pagas? Seçaste o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem se acodiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver ley, que nenhuma cura se pagasse do doente, que morresse. Podera-se pelo menos pór remedio a tudo,

 com

com favorecerem os Reys mais eſta ſciencia, que anda muito arraſtrada; porque naõ ſe applica a ella; ſenaõ quem naõ tem cabedal para curſar outros eſtudos. No eſtado de Milaõ todos o Medicos tem foro de Condes: nos Eſtados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, ſaõ ditos, e havidos por fidalgos, e gozaõ ſeus privilegios. ElRey Dom Sebaſtiaõ começou a applicar algum cuidado neſta parte mandando á Univerſidade de Coimbra, que eſcolheſſem de todos os Geraes os eſtudantes mas habeis, e nobres; e que os applicaſſem á Medicina com promeſſas de grandes accreſcentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as meſmas promeſſas para eſtudarem a Medicina, com que todo aquelle vaſtiſſimo Imperio ſe cura; que ſem controverſia he a melhor do mundo, porque ſabe qualquer Medico pelas regras da ſua arte, em tomando o pulſo a hum doente, tudo o que teve, e hade ter por horas, ſem lhe errar nenhum accidente; e logo levão comſigo os medicamentos para a cura, ſe he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buſcar eſſa ſciencia para raparar a vida, que as porçolanas que logo quebrão.

****

CAPITULO V.

Dos que ſaõ ladroens, ſem deixarem, que outros o ſejaõ.

DO Leão contão os naturaes, que de tal maneira faz ſuas prezas, que juntamente

te as defende, que lhes naõ toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Norpéga, que conservam viva a ultima ave, que empolgam nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largão; e observão para onde foge, e nam vão caçar para aquella parte, para nam acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e naõ reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animaes, e saõ como elles os poderosos. Todos saõ como os Leoens, que naõ deixão, que outros animaes se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Naõ admittir companhia no trato, de que se póde tirar proveito, he ambiçaõ, e he interesse, a que podemos dar nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos tam graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vé-se isto por essas Ilhas, e Conquistas, e tambem cà no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buscaõ para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vé

 se-

ſenhor de toda, fecha-ſe com ella, e talha-lhe o preço a ſeu pàdar, de ſorte que o eſtrangeiro ha de bebella, ou vertella a ſeu pezar. No paſtel das Ilhas vemos iſto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Braſil, na canella de Ceilaõ, no anil, nos baaſares, e outras veniagas: e neſte Reyno o vemos cada dia no paõ, na paſſa do Algarve, na amendoa, no atúm, e em quaſi todas as mercadorías, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, ſedas, telas, &c. as quaes os atraveçadores tomaõ por junto, e fazendo de tudo eſtanques, ſe fazem Reys; porque ſó os Reys pódem fazer eſtanques, e porque ſó aos Reys póde ſer licito o engroſſarem tanto. Iſto de eſtanques he ponto, em que ſe deve hir muito attento, eſpecialmente nas couſas neceſſarias para a vida, como ſaõ mantimentos, e roupas. Que haja eſtanque em ſolimaõ, cartas de jogar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay niſſo; porque ſem nada diſſo paſſaremos; mas que ſe permitta, que nos atraveſſem o paõ, e que ſe fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que ſe deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley eſtavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo ſobre tres toſtoens: nem ſe ſeguirá daqui faltar o pão no Reyno, antes ſobejará; porque os eſtrangeiros com eſse preço ſe contentão; e os lavradores nunca o vendem por mais, e aſſim nunca deſiſtirám de o trazer, nem de o ſemear: e deſiſtindo os

atrave-

atraveçadores de ſua cobiça, todos o teram. Da meſma maneira ſe deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vão todas ſobindo muito ſem razam; e queixão-ſe os póvos ſem remedio. Hum chapeo, que valia hum cruzado, cuſta hoje dous, e tres: hum covado de pano, que ſe dava por tres toſtoens, não o largaõ por menos de ſete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, ſobiraõ já a quinhentos reis. E aſſim ſe procede em tudo o mais. E ſe lhes pergunto a cauſa deſtes exceſſos? Reſpondem, que pagam decimas; e he o meſmo que reſponderem, que o fazem ſem razão; pois he quererem, que lhes paguemos nós as decimas, e não elles; álem de que o exceſſo, em que ſe ſatisfazem, he ametade, ou mais, e não a decima parte. Fique iſto advertido de paſſagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que nam deixão, que outros o ſejaõ; porque uſurpando cada official no ſeu tráto ganhos tão exceſſivos, nam deixa lugar, a quem com elles trata, para intereſſarem couſa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos eſtanques, ou atraveçadores, que levam o mayor preço deſte Capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça ſobre a compra, e venda dos vinhos para o Braſil: mandão hum agente diante á Ilha da Madeira, que os compra em moſto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por outro tanto mais do que lhe cuſtaram, como ſe o

man-

mandaraõ negociar ſó para ſi, e nam para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegão ao Braſil, onde tem taixa, que nam paſſem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o ſenhor, que as embebeu em ſi, talha-lhes outro preço, que paſſa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em ſalvo, e a fazenda alheia com os riſcos, ſem deixar que logrem tam grandes lucros, os que puzerão o cabedal, e ſe expuzerão aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem aſſim empolga no liquido, que fará no ſolido? E advirtão todos os atraveçadores, como ſam peores que as féras, porque os intereſſes, que reſervam ſó para ſi, e védam aos outros da preza que empolgão; nos Leoens he por generóſidade; e nelles por villeza, para que lhe nam chamemos, aleivozía. Peores ſam que os Açores; pois eſtes largão a caça para outros, e elles tudo uſurpão para ſi, ſem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, ſe houveſſe ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e ſeria juſta pela regra; que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

****

CAPITULO VI.

Como naõ eſcapa de ladraõ, quem ſe paga por ſua maõ.

A Hum cego, deſſes que pedem por portas; derão em certa parte hum cacho de uvas por

por esmola : e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pizar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço, que o guiava : e para isso concertou com elle, que o comessem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro hidas, e venidas, o cego para experimentar, se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares : o moço vendo, que seu amo falhava no contrato, calou-se, e deulhe os cábes a ternos : não lhe esperou muito o cego ; e ao terceiro invite descarregou-lhe com o bordam na cabeça. Gritou o rapaz : porque me dais ? Respondeo o amo : porque contratando nós, que comessemos igualmente estas uvas bago, e bago, tu comes a trez, e a quatro. Perguntou-lhe entam o moço : e quem vos disse a vós, que fiz eu tal aleivozía ? Isso está claro, respondeo o cego ; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaste, sem me requereres tua justiça ; e naõ eras tu taõ santo, que me levasses em conta, nem em silencio a minha sem-razam, senam pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em segredo, como andão cegos no ponto mais essencial de seu governo, que he o de suas rendas, e thesouros, sem os quaes não se pódem sustentar em seu ser, nem conservar suas Republicas, e familias. Tenhão todos por certo, que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos serviços,

viços, que lhes fazem, que se ham de pagar por sua mão. E boa prova disso seja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque ham medo do bastão da potencia, em que se firmão, com que lhes pódem quebrar as cabeças; mas para remirem sua vexaçam, usaõ do direito natural, que os ensina a refazer-se pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he possivel: e como a satisfaçam fica na sua révera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embayxadas, e emprezas, que Sua Magestade manda fazer, dando sempre mais do necessario para os gastos, e no cabo naõ ha resultas, nem sobejos, que restituaõ. Nem ha razaõ que dár a este ponto mais, que a de dizermos, que tomão tudo para si por paga de seus serviços; sem admittirem, que vam estes satisfeitos sobre outras mercês, que receberaõ de antemam; e que pódem faltar estas, córam com este pretexto a sobeja diligencia, com que se pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que se prova o muito, que agazalhaõ dos cabedaes, que passaõ por suas mãos: primeira, que o fogo, onde está, naõ se póde esconder, logo lança fumo, e luzes; e assim sam estes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ lustres, que manifestaõ o proveito, com que sahiraõ da empreza, em que apregoam, que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de sua mentira descobre a ver-

verdade. Se gastaste tanto, e te atenuaste, irmaõ, como engordaste? A segunda razam ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey nosso Senhor Religiosos a taes emprezas com menos cabedal, e nenhumas mercés, porque nam lhes dá titulos, nem commendas, e com tudo no fim dellas restituem grandes sobejos. Dirá alguem que he, porque gastão menos, e eu digo que he, porque guardão mais: e ambos dizemos o mesmo; mas com esta declaraçam, que todos gastão da fazenda Real, aquelles guardão para si, e estes para seu dono: aquelles pagão-se por sua mão, e estes nam tratão de paga, senam de restituição. Mas deixando esta materia, que me póde fazer odioso com gente grande, e poderosa, e eu quero paz com todos, assim como trato de os por em paz com suas consciencias; só nos Reys, e Prinnipes grandes tomára persuadir bem esta verdade, que paguem pontualmente o que devem, se querem que lhes luzão mais suas rendas; porque he certo, que não ha, quem se não pague, se acha por onde: e quando nam acha, busca outro do seu lote, que dava ao Rey alguma cousa, e compoemse com elle: daime duzentos mil reis, e dezobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já, se succede, que o primeiro deva ao segundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental se satisfaz tudo; e só o Rey fica defraudado na Real; porque com estas, e outras traças nada se lhe restitue: e vem a montar no cabo ao todo dispendios muito

to grandes; porque fuccedem ferem mais que muitos eftes lanços, e paffarem de marca as quantias delles. E fe bufcarmos a raiz deftas perdas grandes, havemola de achar no defcuido das pagas pequenas, que occafionaraõ licença nos acrédores, para fe pagarem de fua mão, fem repararem na cenfura de ladroens, que incorrem pelo que levão de mais: e fe algum pezar os acompanha, he de não acharem mais, para fe pagarem tambem de dous perigos, a que fe puzerão; primeiro de perderem o feu, fegundo de ganharem a força.

Efta farna, ou tinha, que pelas mãos fe pega, he tam vulgar, que não ha peffoa, por ignorante que feja, que nam faiba pagar-fe deftriffimamente por fua mão, até em coufas muito leves; porque mais fabe o fandeu no feu, que o fabio no alheyo: e o mefmo he, quando cuida que o alheyo lhe pertence por algum ferviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a fi, fabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum empreftimo que feja, logo o julgam por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza voffa na mão, de que poffam cizar, com ambas as mãos empolgam nella, para fe remunerarem álem das medidas; e nam bafta dizerem, e proteftarem que vos fervem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que profeffão, he julgarem todos, que muito mais merecem,

recem, ſem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que nam pódem alterar nas obras, o que aſſentão com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que ſe pagão por ſua mam, ſe levárão ſómente, o que ſe lhes póde dever a juizo de bom varam; mas pagão-ſe pela ſua almotaceria, que ſempre he mayor, e occaſionaõ grandiſſimas perdas aos proprietarios; como ſe vé na peſcaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os peſcadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia, quem pagaſse aos miniſtros fielmente ſem lhes abrir entrada, por onde enſopaſsem a maõ em monte tam groſso. Tiveraõ eſtes traças para encorporarem em ſi a adminiſtraçaõ das deſpezas, e recibos, tirando-a de peſſoas Religioſas fideliſſimas, a titulo de mais facil expediente: e ſeguio-ſe logo ſerem os mergulhadores mal pagos, e os miniſtros remunerados em dobro, porque ſe pagavaõ eſtes por ſua maõ, e aquelles pela alheya: fugirão os peſcadores; e os que acodem forçados, ſaõ tam poucos em comparaçam do que erão, que não chegam a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e aſſim ficão os lucros tam tenues, que não pódem avançar a duzentos mil cruzados; e ſó os miniſtros engordão, porque ſe pagão por ſua mão. Na compra do Salitre, e Pimenta, ſuccede quaſi o meſmo lá neſsas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares á duas patacas o bar, que ſam dezaſeis arrobas;

com-

comprava-se todo para a Coroa de Portugal com grandissimo lucro: nam achavão os ministros Reaes polpa em droga tam barata, para empolgarem as unhas: trataram de a haver dos Naiques, que são os Reys daquelle Imperio, os quaes sabendo a estima, que faziamos do que elles arbitravaõ como se fosse aréa, fizeraõ logo estanque, de que naõ deixão sahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar: e o mesmo succedeo na Pimenta por toda a India, por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

****

CAPITULO VII.

Como tomando pouco se rouba mais, que tomando muito.

PArece que se contradiz o assumpro deste Capitulo, mas essa he a excellencia desta arte, que até de implicaçoens tira consequencias certas para os fins, que professa. E podera-se provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occasiaõ, que não, póde comprar, nem haver outra; e porisso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que se seguem, com que perde os seus jornaes, e salarios, que vem a fazer quantia grossa. E he ponto este, que tem dado muito que suar aos Doutores Moralistas sobre a restituiçaõ dos lucros cessantes, e damnos

emer-

emergentes consideraveis do official, a que causa o ladraõ com taõ leve furto, como li de huma agulha, que val quando muito real meyo; e querem quasi todos, que seja furto e restituiçaõ os damnos graves recebidos por taõ leve causa. Do mesmo modo discursaõ no que furtou a cabra, ou a galinha, de que seu dono esperava muitos frutos. E assim succede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a maquina deste Capitulo com ninherîas. Vôe a nossa penna a couzas mais altas. Todos sabem o dito commum: *Que tanta pena merece o consentidor, como o ladraõ*: e nesta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quasi infinito; como se vê nas Justiças, em Guardas, Meirinhos, e outros Officiaes, assim na paz, como na guerra; os quaes por dissimularem, ou naõ vigiarem, daõ causa a grandisissimos furtos, e intoleraveis ladroîces: já se vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabándo; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os taes ministros sobre si cargas irremediaveis de restituiçaõ, cujos antecedentes naõ lograõ, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, se ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

C Come-

[illegible]omecemos pelos mais graves. Sabe hum [illegible] de Campo, que tem quatro Capitaens [illegible] terço, que recolhem os pagamentos de [illegible] Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no mesmo dia, em que lhos entregaõ, ficando assim Soldados, e Capitaens sem bazarùco, e dissimulaõ com isso? Pois saiba o Senhor Mestre de Campo, quem quer que he, que fica sendo em consciencia taõ grande ladraõ, como os seus Capitaens. Respondeme negandome a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a isso lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que naõ furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occasiaõ a mayores damnos, naõ só na fome, e desnudéz dos Soldados, e nos roubos, que lhes occasionou fazerem para se remediarem; mas tambem na batalha, que se perdeo a seu Rey, por naõ hirem alentados, e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que desesperou da venda, e gasto de tal droga: foy-se a hum Conselheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na maõ para luvas com seu borslado, que em mayores empenhos o deseja servir, se lhe der passagem a huma partidazinha de bacalháo para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a Sua Magestade. Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey

em

em conſelho, e ſeraõ Sua Mageſtaſte, e v. m. ſervidos. Eſperalhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos Soldados, propoem muito ſevero, e grave: Senhores meus, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-ſe de reſerva, e he ſadîo: e eu tenho, porque nada me eſcapa, quem nos dê huma partida groſſa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá eſſe homem de veludo raſo, que ahi eſtá fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-ſe de rogar, e que tem dous mil quintaes para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o ſerviço de Sua Mageſtade ha-de hir diante, e que terá o povo paciencia, te que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela di a partida, e que ſe lhe derem hum real menos fica perdido. Va-ſe v. m. para fóra, temos ouvido, conſultaremos. Sahe-ſe elle para fóra promettendo candeînhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa ſahida á ſua fazenda perdida. Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veraõ VV. SS. como ſirvo a Sua Mageſtade. Famoſo lanço, reſpondem todos, naõ ſe perca, embarque-ſe logo todo para Aldea Galega, e contem-ſe lhe os vinte mil cruzados; e aſſim ſe effectúa. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem beſtas, tudo ſe executa: e lá vaõ comendo todos do bacalhào por eſſas eſtradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo; recolhe-ſe nos armazens molhado ſobre corrupto, e ao ſegundo dia já enjôa a toda a Cidade

com o cheiro; os Soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguem naõ tiver isto por factivel: veja lá naõ lhe provêm, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade. No Conselho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras saõ necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por estes algarismos vem a ser, o que tomando pouco furtou muito; porque deu occasiaõ a arderem vinte mil cruzados delRey sem nenhum fruto. Na alma lhe naõ quizera eu jazér á hora da morte.

****

CAPITULO VIII.

Como se furta ás partes, fazendo-lhes mercés, e vendendo-lhes misericordias.

OFfereceo-se o milhano á galinha para ser seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe mamava hum pinto pela calada, até que deu fé pela diminuiçaõ de sua familia, e casa, que a mercê, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. Saõ os Ministros, com que se governaõ as Republicas, como Medicos, que acodem a seus

traba-

trabalhos, que saõ as suas doenças; e accrescentar-lhe estas a titulo de cura, e de misericordia, he aleivozîa, e he ladroîce descarada, e accontece de mil maneiras. Toco algumas, que todas naõ póde ser. Manda ElRey Nosso Senhor fazer infanteria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brasil, ou da India: vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá Sua Magestade para os pagamentos; levaõ seus officiaes em fórma com todos os requisitos, para que tudo se faça authentico com razaõ, e justiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: saõ logo malsignados, os que tem inimigos, e chovem escusas sobre os que saõ aparentados. Passa o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e se os naõ acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que gostaõ mais do ninho, em que se criaraõ, e levallos á guerra he arrancar-lhe os dentes; poem-se em cobro, deixando seus pays nos piotes, que para remirem sua vexaçaõ, e a de seus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de intercessoens naõ montaõ, appellaõ para as do interesse: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que naõ tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito, que hum veádo: e naõ saõ poucos, os que trincaõ a sedéla desta maneira em cada terra; com que vem a ser mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fa-

 zerem

zerem gente para a guerra, fizeraõ thesouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livraraõ seus filhos seis, e sete vezes deste modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a custar tanto, como se os resgatáraõ de Turquia.

O mesmo succedeo nos aprestos das armadas para a cósta, e frotas para o Brasil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto sus: vaõ os sargentos por essa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que possa prestar para os taes ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro tostoens, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem, que sois sangrador. Ha que delRey, grita este, que naõ estou ainda examinado! Que naõ sou marinheiro do alto, chóra aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eisaqui duas patacas para beberem. Que naõ ha patacas, instaõ os agarradores, todas saõ falsas, viva Deos, e tudo he falso, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois porisso mesmo, acodem os salteados, haõ vossas mercês de usar de misericordia comnosco, pois nos conhecem; e serem servidos de nos darem huma palavra aqui á parte de segredo, que importa aõ serviço de Sua Magestade. E tanto que lhe untaõ as mãos com moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas, avisando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que naõ appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vella, e aos circunstantes, que acodiraõ

a

a ver a morte da bezerra, daõ ſatisfaçaõ com deixem paſſar ſenhores eſtes fidalgos, que ſaõ familiares. E eiſaqui como eſtes, e outros fazendo mercês, e vendendo miſericordias, furtaõ a trocho: e vem a reſultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que naõ tiveraõ ſubſtancia para ſeu reſgate, de quatro máos trapilhos inuteis, e miſeraveis; e poriſſo depois em ſeus poſtos ha as faltas, que choràmos: nem ſe devem imputar a elles, que ſaõ huns coitados, ſenaõ a quem taes provimentos faz, esfolando a noſſa Republica para engordar a ſua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor cuſto, e toca em ſujeitos mais altos, aſſim nas perdas, como nos ganhos. Apreſtaõ-ſe as náos para a India, naõ ha Pilotos, nem bombardeiros; porque ſaõ officios, cujas artes já ſe naõ profeſſaõ, nem enſinaõ: offerecem-ſe os lacayos dos mayores ſenhores a ſeus amos, para que os façaõ prover neſtes officios, em ſatisfaçaõ de ſeus ſerviços; porque ſabem que tem mayores lucros nelles, que em penſar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe ſeu amo: como pódes tu ſer Piloto de huma náo, ſe nunca entraſte nella, nem ſabes que couſa he Baleſtilha, nem Aſtrolabio? Naõ repare V. S. niſſo, reſpondeo elle, porque as náos da India naõ ha miſter Pilotos; ſempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados niſto, ou em ſeus intentos, que elles ſaberaõ quaes ſaõ, e nós tambem, provêm os officios das náos de maneira, que quando vem á

 praxe,

praxe, e exercicio delles, nenhum ſabe, qual he a ſua maõ direita: e poriſſo vaõ dar com as nàos por eſſas coſtas, e ſe deixaõ render nas occaſioẽs da peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo ſerem muito, as attribuìmos aos peccados, que naõ vemos; e ſe poderiaõ muitas vezes queixar de ſe lhe levantarem tantos falſos teſtemunhos; como lá, naõ ſey onde, ſe queixou hum diabo de certo noviço, que deu a ſeu Meſtre por eſcuſa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por ſua innocencia deſmentindo-o, que tal fritada naõ ſabia, como ſe podia fazer daquella maneira. Naõ nego, que peccados nos pódem fazer, e fazer muita guerra; mas vejo que ignorancias ſaõ as que nos deſtroem, e quem favorece eſtas a titulo de miſericordia, dá occaſiaõ a mayor crueldade: e fazendo eſmolas, e mercés a ſeus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que naõ tem reparo.

****

CAPITULO IX.

Como ſe furta a titulo de beneficio.

Beneficios ha ſem penſaõ, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus deſobrigados, para naõ deſejar a morte ao penſionario. Se o beneficio he tenue, e a penſaõ groſſa, melhor me fora ſer Cura, que Beneficiado. Iſto he, que melhor

lhor me eſtava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O intereſſe he moeda, que todos os homens cunhaõ, e ſó entre elles corre, e a falſificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe dem prata. Deos Noſſo Senhor eſtá continuamente enchendo eſte mundo de beneficios ſem eſperar outra penſaõ, mais que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a diſpoſiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com ſuas influencias ſahir partos dos Elementos, animaes, e plantas, com que os Racionaes ſe ſuſtentaõ, e veſtem; ſem poriſſo nos penſionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que ſaõ naturaes, e poriſſo de nenhuma moleſtia ao agradecido. Os Reys tambem ſaõ como Deos; e como a natureza neſta parte a tudo acode com univerſal providencia, diſpondo as couſas com ſuas Leys de ſorte, que ſe naõ houver quem as quebrante, naõ haverá fome, que afflija os pobres, nem adverſidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaráõ ſatisfeitos, ſem as penſoens de tributos, que ſe occaſionaõ de disbarates, que os ambicioſos, e turbulentos movem; e para ſe reprimirem he neceſſario que todos concorráõ, porque as forças de hum Rey às vezes naõ baſtaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que ſempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he eſponia, que ſe céva na ſubſtancia da pobreza, e he hydropeſia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gor-

dos

dos com a abundancia, e entiſicarem outros de magoos com a eſterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que ſaõ como as ſanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o ſangue; cuidaõ que fazem ſoberano beneficio aos pequenos, quando ſe ſervem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he ſervirſe de vós, e a penſaõ tomarvos a fazenda, como ſe a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao ſerviço, que lhes fizeſtes. Naõ ſe vio mayor ſem-razaõ! E eu lha perdoára (porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a ſi, e que naõ ha em vós preço, com que lhe poſſais pagar eſte beneficio) ſenaõ accreſcentaraõ a eſte dilirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a iſſo a vingança injuſta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos profeſſardes eſcravos ſeus, até quando naõ ſó a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que ſonhaõ, vos fez livre. E para que naõ pareça iſto diſcurſo fantaſtico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provîdo como eſte noſſo de Portugal; porque álem do que dá de ſi baſtante para ſeu ſuſtento, luſtre, e agrado, tem de ſuas Conquiſtas, com que ſe enriquece, e provem todas as Naçoens. E como o meneo de tantas couſas he grande, ha miſter grandes homens, que lhe aſſiſtaõ com grande governo em todas as partes, aonde chegaõ ſeus commercios. Deſtes houve antigamente, e ainda ha alguns

taõ

taõ fidalgos, que eſtimando mais a honra, que theſouros, trataraõ ſó de dar o ſeu a ſeu dono; e aſſim tornaraõ para ſuas caſas ricos ſó de bom nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos reſpeitos da nobreza, naõ ſó ſe fazem chatins, mas eſtendendo as redes até pelo alheyo, ſe fazem ricos á cuſta dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de ſe ſervirem delles, e os deſpojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador deſtes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que ſe avaliava em cinco mil cruzados: creſceolhe a agua na boca, e mandoulho pedir ſó para o ver por curioſidade: e depois de viſto, torna outro recado, que eſtimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe reſpondeo o dono. Seja aſſim, diz o ſenhor Governador; e eiſahi tem v. m. a ſua peſſa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que ſe embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Mageſtade de certos cargos, e crimes *læſæ majeſtatis*, provados com mais de vinte teſtemunhas. Lança o bom Portuguez ſuas contas: eu naõ devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadea nem por coima de figos, e ſe me deixo hir, hey de gaſtar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de tudo, ſobre bem affligido. Leve S. Pedro o trancelim, que taõ caro me cuſta. Chama hum Religioſo deſtro, e de ſegredo, entrega-lho com hum recado para ſua Senhoria, que lhe faça merce de

ſe

ſe ſervir daquella peſſa, e de tudo o mais, que ha em ſua caſa, porque eſtava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o ſenhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida ſaõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoſo: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. eſte cavalheiro a mercê, que lhe faço de o abſolver de culpa, e penna: e dë graças a Deos, que eſcapou de boa. Por eſta arte fazendo beneficio da maldade que urdiraõ, chupaõ em ſatisfaçaõ, quanto ha precioſo em ricos, e pobres. Façaõ-me merce, que lhes reſiſtaõ, e veraõ, onde vaõ parar ſuas vidas, e fazendas.

De outras tretas uſaõ ainda mais ſuaves para ſe fazerem ſenhores do alheyo a titulo de beneficios fantaſticos, principalmente quando trataõ de ſe voltarem para o Reyno: fingem-ſe valîdos, e poderoſos com os Miniſtros de todos os Conſelhos, e até com as Altezas, e Mageſtades: offerecem-ſe aos que ſentem de mais churume, que faraõ na Corte ſuas partes: e como nenhuma ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos ſe diſpendem com donativos, e offertas, que dizem com as peſſoas; e elles vaõ agaſalhando tudo, e pondo em liſtas (que nunca mais haõ de ver) ſeus negocios: e para os apoyar moſtraõ cartas, que fingem dos Valîdos, e Miniſtros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas eſporas, e garavatos, deſpenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e aſſim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, ſem chegarem nunca os acré-

dores

dores a colher os frutos de ſuas eſperanças: porque ſemearaõ em terra eſtéril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçoens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, ſem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios: e os homens ſaõ taõ intereſſeiros, que ſem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma merce fingida. Naõ ha entre elles beneficio ſem penſaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno eſtá ſempre cheyo para elles, e para mim ſó vazio; os Reys trataõ de todos, e elles ſó de ſi, e nenhum de mim, ſenaõ quando me ſentem com churume, que poſſaõ ſorver. Velos-heis viſitarem-ſe huns aos outros com alviteres de grandes ganancias, ſe entrarem ao eſcote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem merce de vos admittirem ao trato da ſociedade, de que eſperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o ſeu intento he pôr-vos de lodo, deſpojando-vos da ſubſtancia, para a encorporarem em ſi; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achaes, que o deſcanço ſe vos converteo em demandas, com que acabaes de deſpenhar o ruço a traz das canaſtras; eſtas vaõ cheyas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né credite Teucri. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

CAPI-

****

CAPITULO X.

Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir.

A Era he taõ desarrezoada, que com summa *Habilidade*, digo humildade, ajunta soberba summa, tomando satisfaçaõ atroz de hum serviço inutil, como se o que dá, fora muito, sendo nada; e o que toma fora nada, sendo mais que muito. He por natureza taõ humilde, e rasteira, que se naõ tiver, quem lhe de a maõ, nunca se levantará do pó da terra: e he por artificio taõ soberba, que naõ pára, até naõ sobrepujar a quem lhe deu o alento; nem descança, até naõ destruir a seus bemfeitores, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser em satisfaçaõ do leve serviço, que lhes faz do ornato de suas folhas. Levanta-se por beneficio das mais altas arvores, a que se encosta; dilata-se com o favor das mais fortes muros, a que se arrima; pagalhes com sua frescura, e paga-se desta ruina, e destruiçaõ total de todos seus Mecenas. Até aqui ingratidaõ! E taes saõ homens humildes por natureza, soberbos por artificio, que recebendo de seus senhores o ser, e beneficios sem conto, escassamente lhe fazem hum leve serviço mais de folhagem, que de substancia, e logo se pagaõ delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes saco ao mais essencial, sem repararem ruinas, que a grandes dispendios necessariamente

se

ſe ſeguem. Naõ tolho que ſe paguem ſerviços; mas eſtranho ſatisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambicioſos, até onde naõ ha merecimentos. Córando eſtes com a meſma acçaõ perniciosa, eſtaõ roubando a ſeu Rey, e a ſeu Senhor, e querem que poriſſo vá cheya de merecimentos a maõ, que enchem de rapinas; e que tudo ſeja pouco para premio de ſua aleivozia disfarçada com maſcara de ſerviço. E ainda que nelles houvera ſerviços dignos de premio, ſaõ os pagamentos, com que ſe ſatisfazem, taõ groſſos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados diſſe no titulo deſte capitulo? Pois diſſe pouco, quando ſey caſos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occaſioens, que a ſabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum ſerviço heroico de grandiſſimo intereſſe. Succedeo o caſo, naõ direy onde, porque naõ trato de ſindicar invaſoens de inconfidentes, ſenaõ de advertir Miniſtros fieis, para que ſaibaõ, por onde ſe nos vay a agua: baſta ſaber-ſe, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para ſi todos os dizimos, como conquiſtadores; porque os Papas os largaraõ os Méſtrados, para levarem avante a converſaõ da Gentilidade, e ſuſtentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e augmento da Chriſtandade. Em huma praça pois deſſas mais opulentas ſe pôem em lanço cada tres annos as rendas dos dizimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orçadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum pode-

poderoſo os lanços de maneira, que naõ ſobiraõ de ſeſſenta mil cruzados; e nelles ſe rematou o ramo a hum Priôſte ſeu confidente, com quem hia forro, e a partir: e para iſſo intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impoſſibilitar naquelle tempo, por lhe conſtar queriaõ lançar no tal ramo, cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no ſeguinte lançaraõ, porque ſe lhes removeo o impedimento. Donde ſe colhe, que naõ defraudaraõ a Sua Mageſtade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande ſerviço, para que ſe naõ perdeſſe de todo a arrendaçaõ dos dizimos, viſto naõ haver quem déſſe por elles mais. E deſtas ninherîas ha por lá muitas guizadas com taes eſcabeches, que he neceſſario muito ardil para lhes dar na tempera: e ainda que ha quem a entenda, aſſim como ha quem a goſte, naõ ha quem a declare, por ſe naõ encarregar de deſgoſtos, arriſcando a vida, e a honra á ventura de haver, quem faça prevalecer ſuas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriſcado que eſte, com que ſe furtaõ a Sua Mageſtade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, ſem ſe ſentir a pontada, nem abrir ponto, por onde ſe poſſa emendar a rotura. E he aſſim, que os Reys de Portugal ſaõ Senhores de todos os mattos do Braſil, e conſeguintemente de todas as madeiras, que ſe talhaõ nelles: e he certo que todos os annos ſe fabricaõ mais de cin-

coenta

coenta mil caixas para vir o aſſucar, tabaço, gengivre, malagueta, &c. e que naõ ſe paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os intereſſados, que aſſáz o ſervem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como ſe os naõ deveraõ por outra cabeça: e por eſta arte, a titulo de o ſervir, lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caixas, que bem baratas hiriaõ por eſte preço: e ainda que lhas naõ déſſe mais que a dous toſtoens (que ſeria dallas de graça) faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Eſtado de noſſo commercio, e paſſaõ de cento e cincoenta, fazem ſomma de dous milhões e meyo, e em tanto eſtá defraudada eſta Coroa a titulo de bem ſervida: e no cabo os ſeus Miniſtros, que ſe prèzaõ de belizes, e que peſcaõ atomos com linces, naõ tem dado fé deſta perda, ſe quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Miniſtros vigilantes, e intelligentes, naõ tem preço, com tanto, que naõ deſpontem de agudos para ſeu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum ſorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que naõ cuidem que ſó por hi álem ſe fazem os bons ſaltos: fez eſte cadino o ſeu com pretexto de ſervir bem a Sua Mageſtade, e ajudaraõ-no ſendo dos biſonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe eſperarem quatro palavras tabaliôas com outras tantas trochadas pelas coſtas com

huma bengalla? Confórme ellas forem, responderaõ elles, naõ se desavindo no contrato, seraõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem*. Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada, como bofetada em peaõ. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma náo em huma baraça (se era para a Alfandega, ou Casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece) e vindo com huma carga de drogas taes, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, pararaõ em parte certa de pensado, como quem tratava de dár conta de si, e descarregar sua consciencia: sahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas despachadas para fóra; e perguntando, e resolvendo á vista de Deos, e de todo o mundo, para mais assegurar o campo, lhes disse; que fazeis aqui villoens muito ruins? Deveis de estar bebados! Pois trazeis cá o barco, que sahio daqui registrado: levay-o a seu dono, e desempachay o caminho: e porque naõ menearaõ os remos com tanta pressa, como o salto necessitava, accrescentou: estes madraços só ás pancadas se governaõ, e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e passando das palavras ás obras, lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confessando elles, que tinha sua merce muita razaõ, e assim ficaraõ todos justificados, e os circunstantes persuadidos, que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco sem ruim presumpçaõ foy dár comsigo, onde Sua

Mages-

Mageſtade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-ſe em tudo por muito bem ſervido, em que lhe pez; porque naõ havia outra luz, que manifeſtaſſe a verdade.

****

CAPITULO XI.

Como ſe pódem furtar á ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

TErrivel ponto he, o que neſte Capitulo ſe offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de reſtituir; que pertenda o ladraõ ſe lhe pague com outro tanto o trabalho que tève em fabricar, e embolçar o furto! He caſo, que ſó na eſcóla de Caco ſe pratîca, e acha reſoluto: e poderia acontecer (ſe naõ he que já ſuccedeo) de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis lá vay hum Coronel mandado por Sua Mageſtade, naõ ſey a que Comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: eſcolhe elle os officiaes, todos ſeus criados, creados á maõ como eſtorninhos, que ſó palraõ, e deſcantaõ o que lhe metem no bico. Daõ conſigo de aſſuada em huma granja ſua, que nunca grangeou tanto em ſua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella ſuas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, galinhas, capoens, perús, e leitoens, á cuſta da barba longa. Eſcrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de ſoldados,

 dados,

dados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que taes filhos naõ geraraõ; tudo por Capitulos com ſinaes, e firmas differentes, pondo muitos com diverſas cruzes por ſinaes, denotando, que naõ ſabiaõ eſcrever, como acontece. Feito aſſim o livro da matricula, e authentico com todos ſeus requiſitos, ſem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a meſma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheias de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que eſtavaõ muito arriſcadas: mas que já ficaõ ſeguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva ſua Senhoria para fazer ſemelhantes ſerviços a ElRey, e á patria, que lhos ſaberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com eſtas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ conſigo na Corte allegando a ſua Mageſtade o grandiſiſſimo trabalho, que tiveraõ, levando máos dias, e peores noites, botando o boſe pela boca, e labutando com repugnancias, eſcuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmaãs donzellas. Boto a tal, que ſe naõ póde fazer eſte officio por quanto ha no mundo: e que naõ nos paga Sua Mageſtade com as melhores Comendas de Chriſto o ſerviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gaſtámos de noſſas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Mageſtade, claro eſtá que naõ baſtavaõ, nem para as deſpezas dos caminhos, ſerras, e charnécas, que andámos

dámos com máos gaſalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey noſſo Senhor com entranhas de pay, agradece-lhes liberal o trabalho com ſua coſtumada benevolencia; enche-os de mercés, e deſpachos confiado a outras emprezas. E accreſcentaõ elles depois de ſatisfeitos, e contentes: Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum ſó moſtrou má vontade de hir ſervir a V. Mageſtade; tanto monta o bom modo, com que fizemos iſto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, naõ ſó o que trabalhaſtes; ſenaõ tambem o que gaſtaſtes em ſeu ſerviço. Os ſoldados foraõ por letra fantaſticos, e inviſiveis: mas os vinte mil foraõ á viſta reaes, e naõ encantados. O ſerviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ ſatisfaçaõ, e paga manifeſta. E ſe lhes tardaõ com ella, queixaõ-ſe, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que intereſſaraõ na rapina. Deſte, e de outros caſos, que vaõ por eſta eſteira, ſe póde colher repoſta para alguns zelozos, que eſtranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em deſpachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de ſuas caſas: mas peor o faz, quem requerer, o que lhe naõ he devido: e para ſe averiguar a verdade de todos, e ſeus merecimentos, he neceſſario tempo, porque ha muitos enganos nas juſtificaçoens dos ſerviços, que ſe allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquiſtas, e

das fronteiras carregados de certidoens de grandes ſerviços, os que mais roubáraõ a Sua Mageſtade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atráz delles na retaguarda da ſua fortuna; e ſe eſpera, que cheguem para rebater as batarias de certidoens falſas, que appreſentaõ na vanguarda de ſeus requerimentos.

****

CAPITULO XII.

Dos ladroens, que furtaõ muito, nada ficaõ a dever na ſua opiniaõ.

HA huma figura na Rethorica, que ſe chama *Gradatio*, porque vay como por degràos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos iſto com hum exemplo, que ſervirá para a prova deſte Capitulo. Todo o ſoldado Portuguez he briozo, todo o briozo he polido, todo o polido calça juſto, todo, o que calça juſto, naõ admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Aſſentiſtas mandaõ ás fronteiras para os ſoldados, ſaõ todos de fancaria, e carregaçaõ: logo bem diz, quem affirma, que he fazenda perdida, a que ſe gaſta em taes çapatos. E que ſejaõ de fancaria, prova-ſe com a meſma figura; porque os taes ſaõ de carregaçaõ, e toda a mercadoria de carregaçaõ he pouco polida, toda a couſa pouco polida he deſalinhada, toda a

couſa

couſa deſalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu, que he fazenda perdida; porque ſoldados briozos, quaes ſaõ os Portuguezes, naõ uſaõ couſas de fayanca. E prova-ſe mais ſer fazenda perdida pela experiencia; porque ſabemos de poucos, que calçaſſem nunca taes çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razaõ de tres, e quatro toſtoens o par, porque lhes naõ daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou ſeis vintens: e tornando-os os Aſſentiſtas a recolher por eſte ſegundo preço, os tornaõ a encaixar aos ſoldados pelo primeiro, revendendo-os ſeis, e ſete vezes. O meſmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros apreſtos, que Sua Mageſtade lhes permitte levar ás Fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha ſiſco; para fazer de eſterco prata, e vencer com os ganhos o cuſto. E a graça de tantas deſgraças he, que os authores deſtas emprezas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos ſoldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-ſe ſaboreando da deſtreza, com que fizeraõ ſeu officio: e ſe a conſciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á meſma conſciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás eſcondidas; e o que ſe faz na bochecha do Sol com aceitaçaõ das partes, vay livre de coimas, e de eſcrupulos. Parece que ainda naõ leraõ, nem ouviraõ, que ha vontades coactas, e forçadas ſem pu-

 nhaes

nhaes nos peitos. Se vós lhes naõ daes outra cousa, nem ordem, para que a busquem por sua via, claro está que se haõ de comprar com vossa ladroîce, para remirem em parte sua vexaçaõ. Mas isto naõ vos livra, de que ficaes obrigado a ElRey, porque o enganastes; e aos soldados, porque os defraudastes; e ao Reyno, porque o saqueastes, ensacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzestes de antemaõ, como se assim os arriscasseis todos; e como se nós naõ vissemos, que quando chegaes ao segundo, já estaes pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças seguras para o terceiro, e quarto, havendo-vos em todos, como se os traginareis com vossa fazenda; e sendo a negociaçaõ ao todo com fazenda alheya, vos pagaes nos interesses, como se fora vossa. E lançadas vossas contas, achaes na vossa opiniaõ, que nada ficaes a dever, e que se vos deve muito, pelo muito que ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer: mas fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo 20. §. *Seria immenso*, das unhas militares

****

CAPITULO XIII.

Dos que furtaõ muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ.

EM Braga houve hum Primáz Arcebispo, que o foy tambem no Oriente: este costumava dar

dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava ſem nada aos que tinhaõ muitos interceſſores. E a razaõ, em que ſe fundava, para ſe juſtificar com ſua conſciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, ſenaõ por intereſſe: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buſcava, por ſe ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia ſem padrinhos, hia pelo caminho da juſtiça, e fiava-ſe na verdade, e em ſeus talentos: e aſſim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por ſuſpeitas. Mas teve hum Proviſor, que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a agua com outra treta, abonandolhe, os que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que aſſim lho dizia muita gente. E era o meſmo, que ficar de fóra, e deſtituido aquelle, a quem mais accreſcentava, e ornava para ſer provîdo. Valente deſengano he eſte para Principes, que naõ cuidem, que poderáõ ter roteiro, que ſe lhes naõ contramine. *Penſata la lege, penſata la malicia*, diſſe o Italiano; que naõ ha ley, nem traça de governo taõ conſiderada, a que a conſideraçaõ da malicia, e eſpeculaçaõ do diſcurſo intereſſado naõ dê alcance para a perverter, e torcer a ſeu intento. Hum caſo, que me paſſou pelas mãos ha pouco tempo, explica iſſo admiravelmente. Creſceraõ queixas de mais de marca neſta Corte contra os Miniſtros Ultrama-

tramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes ságuaes seus confidentes, para que armassem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e naõ incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogîos, e prégar encomios delle a Sua Magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que naõ havia de évitar a empreza, sem os requisitos para ella; e para seu credito, e honra navegar direito, accrescentaraõ que naõ convinha dar-lhe Béca, nem Habito de Christó antes de hir: porque se lhe déssem logo o premio, naõ lhe ficava cá que esperar, e naõ serviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razaõ, por hir vestida de zelo de bem commum: e vendo o sindicante, que o mandavaõ desmastreado de authoridade, e dos requisitos, para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accrescentou de cabedal, e talentos para os esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias, que teve a historia, porque estas bastaõ para mostra que ha ladroens, que furtaõ accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ.

taõ. Por este rumo navegaõ, os que, para entabolarem seus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ser pequena, e que he bem lhes dëm cousas mayores; que aquillo he bastante para fulano; e assim o plantaõ no posto, e se esquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendo-vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Cresso, e Midas, para vos porem ás costas as perdas, que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasiaõ de huma alçada, cujos gastos naõ achou o Dezembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eraõ poderosos, e aparentados. Fez o sindicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déssem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus frutos nos annos, que bastassem, descontando tambem a razaõ de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendo todos o risco a que se expunhaõ, porque em virando o Dezembargador as costas, haviaõ de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os frutos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas,

deraõ

deraõ na traça deste capitulo de accrescentarem os bens, a quem tratavaõ de os diminuir: disseraõ de hum certo, que tinha de seu mais de cem mil cruzados, que elle só podia com taõ grande pezo, e era poderoso a ter as pélas contra tudo, o que succedesse: e seguio-se daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riscos de grandissimas perdas. Nos lançamentos das decimas succede quasi o mesmo, que vos fazem rico sendo pobre; para que pagueis o de que se eximem os ricos por poderosos. O orçamento he justo, porque se me depélla a substancia do que póde a freguezia, e que consta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, batalhaõ as cartas, os que estaõ senhores do jogo, e fazem sahir triunfo de ouros, a quem naõ tem cobre com que pague; e páos, e espadas, a quem tem prata, para que a defenda; e naõ faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardía he que com zelo do serviço delRey nosso Senhor tapa a boca a todos, para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ, a que se arma com azeiros Reaes, porque ainda que naõ sejaõ mais, que apparentes, temem suas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros, ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte Capitulo.

CA-

****

CAPITULO XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes.

QUando Alexandre Magno conquiſtava o mundo, reprehendeo hum Coſſario, que houve ás mãos, por andar infeſtando os mares da India com dez navios: e reſpondeo-lhe diſcreto. Eu quando muito dou alcance, e ſaco a hum, ou dous navios, ſe os acho deſgarrados por eſſes mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que naõ he ſua: eu furto, o que me he neceſſario, V. Alteza o que lhe he ſuperfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor eſſa reprehenſaõ? Quiz dizer niſto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he neceſſario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o ſuperfluo; eſtes ſaõ ladroens por natureza, e aquelles o ſaõ por deſgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emmenda; os que furtaõ por deſgraça, mais ſofriveis ſaõ, porque naõ ſaõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he queſtaõ muito arriſcada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherias: quando empolgaõ, ſaõ como as Aguias Reaes, que ſó em couſas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que ſe contentaõ com ſevandijas; mas a Rainha das aves com couſas mayores tem

ſua

ſua ralé. Quando ElRey Filippe, que chamaõ Prudente, morreo; dizem que ſó no Reyno de Navarra engalgou, ſe pertencia ao Francez; como ſe naõ tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja poſſe, ſe bem ſe axaminára, póde ſer que lhes achára mais da rapina transverſal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ ſempre eſta perogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto poſſuîraõ, e poſſuem de Reynos, foy herdado com legitima ſucceſſaõ, ou conquiſtado com verdadeira juſtiça. E aſſim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ eſte nome com que ſe acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a ſeu ſalvo nas prezas que fazem, as quaes ſaõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he poſſivel referillas todas. Toco algumas.

Sahe de Lisboa hum enxame de officiaes dos Aſſentiſtas, quando naõ tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe ſubſtituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos proviſoens Reaes, para tomarem o que for neceſſario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religioſos; e ſendo neceſſarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrando-lhe o preço, e tambem quadruplicando-lhe conforme a careſtîa, que elles cauſaraõ. Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum deſtes Doutores fazer huma peça digna de conto. Attravéçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e

diſſe-

disse-lhe muito serio: Este trigo he muito sujo; naõ o hey de levar senaõ joeirado; porque naõ quero comprar má fazenda para os soldados de Sua Magestade, que he bem andem mimosos; pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o mesmo ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Naõ se vio mais pouca vergonha, nem mayor subtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza esta aguias. Saõ necessarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalhariças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O mesmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: naõ sey se será para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe custou hum tostaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como estas saõ as unhas de alguns Ministros, que retardaõ consultas de officios, para que occupem serventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que Sua Magestade naõ he sabedor; que se o fora, mandará restituir lucros cessantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy causa contra justiça de se andarem consumindo, e lutando com enganos fóra de suas cazas tanto tempo. Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho dito

neste

neſte Capitulo, os que ſe ſentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e ſó o digo, para que naõ aconteça, e paſſo a couſas notorias.

Paſſando eu ha poucos annos por Montemór o Novo, vi huma trópa de pádeiras hirem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás coſtas de quatro negros outros tantos ſacos de paõ amaſſado: perguntey; que briga era aquella? Reſponderaõ-me, que as encoimáraõ, por fazerem o paõ menos da marca, que mandava Sua Mageſtade que o fizeſſem de arratel, e achou-ſe em huma meya onça menos. Mas ſabida a hiſtoria mais de raiz, era que naõ queriaõ dár paõ fiado a alguns ſenhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e aſſim as enſinavaõ a ſerem cortezes. Mais humano ſe portou hum meirinho neſta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe ſervio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy neceſſario para o ſuſtento de ſua caſa. Hia o criado por eſſa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a peſcada, o ſável, o linguado, e a lagoſta; comprava até a couve; o nabo, a alface, o queijo, o figo, e a paſſa, e todo o genero de fruta, e nunca ſe deſavinha no preço, e ſempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por naõ o aggravarem, faziaõ da neceſſidade cortezia, e diziaõ, que naõ tinhaõ troco, que outro dia fariaõ contas, como o tiveſ-

ſem;

ſem; e eſte dia nunca chegava; porque naõ era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da compoſiçaõ na Quareſma, que he de temer lhe naõ valeſſe, viſto ſerem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia naõ ſó panos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a eſte hum Vereador quatorze mil reis empreſtados; temeo o trapeiro, que havia de ſer o empreſtimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que naõ tinha dinheiro. Baixou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fiſco Real, que naõ vendeſſe couzas de comer, porque era ſuſpeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes, que eſtas: o contrato das Almadravas do Algarve paga de dez atuns ſete para a Coroa, que ſe obriga poriſſo a defender a coſta aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os ſete atuns ſempre ſe pagaõ. E poriſſo naõ ha eſcrupulo no muito, que ſe furta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor he naõ dizer nada. Invento-as ElRey Dom Manoel de glorioſa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Conſulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os eſtropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que ſerviraõ, para occaſioens de miſericordia fortuitas: e carregaõ ſo-

E bre

bre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que naõ pertencem á instituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que se lhes consigna nellas, achaõ-se em branco, e quem anda mais diligente, se cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Esmoler mór se queixa, que se lhe remettem petiçoens aos milhares, naõ tendo cabedal, que se conte por centos. O certo he que muitas couzas naõ se emendaõ, porque se naõ sabem, e naõ se sabem, porque ha unhas, que as escondem, porque vivem dellas sobcapa de servirem a Sua Magestade, e assim se fazem Reaes.

****

CAPITULO XV.

Em que se mostra, como póde hum Rey ter unhas.

NAõ cuidem os Reys, que pelo serem saõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê, que he barbaría: ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os teraõ descontentes; e porisso sabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que só o possue, quem mais póde. O Rey, que se governa com

com verdadeiras leys, mas que naõ sejaõ mais que a da natureza; ha de presumir, que até o que possue, naõ he seu, e que lhe he dado para conservar seus vassallos; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos, que poderá commetter nisso crime, a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ser ladraõ. Primeira furtando a si mesmo. Segunda a seus vassallos. Terceira aos estranhos. A si mesmo furta, quando gasta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis; aos vassallos; quando lhes pede tributo demasiados, e que naõ saõ necessario: e aos estranhos, quando lhes faz guerra sem causa. E está taõ fora de se aproveitar com estas execuçoens; que executa nellas sua perda, e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarquia de Castella, cujo Rey porque gastou quinze, ou vinte milhoens, se naõ foraõ mais, nas superfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ necessarios para os apertos, em que se vê: e porque véxou os póvos com taes tributos, que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos, se lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Sicilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Estados, que lhe naõ pertencem, por sustentar caprichos, está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarquia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio, conservaraõ-se invenciveis; e tanto que os gastaraõ em superfluidades, e ambi-

çoens, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demasiadamente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima dezesperaçaõ as Naçoens, que mancommunadas resistiraõ atè desencaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e naõ lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto, naõ previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso; que naõ contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rãa de Hisopete. Convêm que o Rey ande sempre com o prumo na maõ sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de seu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e para quanto prestaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor saõ. E considere, que Rey sem fazenda he pobre, sem vassallos he só, e com inimigos he perseguido: e hum Rey

pobre, só, e perseguido, facilmente he vencido, e vay perto de naõ ser Rey. Mas se tiver fazenda, e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e naõ os offender, achalos-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvaõ, naõ tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florecerá prospero, reinará poderoso: e a hum Rey prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de naõ ser ladraõ: e naõ o será, se naõ faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha Reys ladroens, convem que naõ passemos avante, sem resolvermos huma questaõ, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso Reyno de Portugal, a quem pertence, se a ElRey Filippe IV. de Castella, se a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injustamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha usurpado ElRey D. Filippe: e neste conflicto de opinioens naõ escapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheyo he furtar: e quem furta he ladraõ; qual o seja, dirá o Capitulo seguinte.

****

CAPITULO XVI.

Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella; e como nunca as houve em Portugal.

ENtramos em hum pégo sem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e se affogou por ignorancia, covardîa, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórte: outros por covardîa meteraõ tanto panno, que quebraraõ os mastros: outros por paixaõ fizeraõ-se tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miseraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os sorvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares, como Dedalo os ventos, se perderaõ: pelo meyo hirás seguro, dizia elle a seu filho Icaro: mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em seu vôo por falta de azas, ou de Estrella que os guiasse. Naõ estou bem com gente neutral, que tira a dous alvos com a mesma frécha. He impossivel tomar huma náo no mesmo tempo dous pórtos: o de Castella estava entaõ aberto, o de Portugal fechado; este sem forças para guarnecer, quem nelle se acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-se os mares, alteraraõ-se as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e só ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou

azas melhores, que Icaro para se acolher. O que mais admira he, que duraſſe o tempo turvo ſeſſenta annos sem haver Piloto, que governaſſe a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos ſe governaraõ por ellas, e poriſſo todos vacilaraõ na eſteira, que haviaõ de ſeguir; até que os mares ſe ſocegaraõ, e o tempo ſerenou, e ſe viraõ no Ceo Eſtrellas, que abriraõ caminho, com que ſe tomou terra. Sobre eſta tomadia ferve outra vez a tempeſtade repetida, ſe bem menos eſcura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que eſpalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o meſmo, e cada hum ſe recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual ſeja mais ſeguro para eſcapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razaõ para dominar, o que vay lógrando, iſſo direy eu, porque o ſey de certo. E naõ uſarey de embuços, como alguns, que fallaõ por eſcrito ſem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-ſe niſto como Advogados, que ſó huma parte abonaõ. Naõ vi em Portugal correr publico nenhum Manifeſto, que por ſi fizeſſe Caſtella: nem ſey, quem viſſe em Caſtella Manifeſto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro maſcabem as ſuas? Naõ lhe acho razaõ: porque a verdade he como as quintas ſubſtancias, que nádaõ ſobre todos os licores; e com as mentiras mais ſe apura a guiza dos contrarios, que juntos mais ſe eſpertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem bai-

 xo,

xo, que naõ descubra; porque assim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e segura, e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibaõ fugir, e que lancem ancora, onde se possaõ salvar mais descançados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que se melhorou no partido; e ainda lutaõ sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attençaõ, o que aqui escrevo sem diminuir nas forças de cada hum, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas, com que empolgou neste Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ser sua.

****

Manifesto do direito, que D. Filippe Rey de Castella allega contra os pertendentes de Portugal.

HE notorio, que por morte do nosso Rey Cardeal ficou este Reyno como morgado de Clerigo, que naõ tem successor, exposto a herdeiros transversaes, que sendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e discordias inextinguiveis. E para proceder-mos com clareza, deve-

devemos presuppor, que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Isabel, filha primogenita dos Reys Catholicos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos mesmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morrerão sem successaõ: do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ; que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Castella: destes morreraõ oito sem successaõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastiaõ, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos nasceo ElRey D. Filippe II. e deste Filippe III. e deste Filippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites; que cazou com D. Carlos, Duque de Saboya; e de ambos nasceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que naõ cazou, e teve de huma Christãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguio-se esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso Cardeal Arcebispo de Braga, e Bispo de

Evora.

Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successaõ. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ Duque de Bragança; terceiro D. Duarte Condestavel, e Duque de Guimaraens: da Senhora Dona Maria nasceo o Senhor Raynuncio Principe de Parma tambem oppositor: da Senhora Dona Catharina nasceo o Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe seu filho o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinallos o Ceo para darem a Portugal tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ successaõ, porque logo morreraõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas saõ o primeiro ElRey D. Filippe; o segundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto

o

o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando, que descendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonso III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde sua primeira mulher: mas foy escusa sua pertençaõ por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha (que naõ consta os tivesse) nunca fallaraõ nesta materia; depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou à França: e a verdade he, que á Condessa Metilde naõ ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmãa Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Metilde, e de D. Affonso III. irmaõ de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente opposiçaõ só de descendentes delRey D. Manoel se tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, naõ tinhaõ lugar outros pertendentes; e porisso tambem se naõ fez caso da pertençaõ da Sé Apostolica; pois naõ estava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppositores descendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no sangue; outro no nascimento; saõ notorios, naõ os explico; e nunca houve supplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais

chega-

chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Eſtrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens; primeira, por ſer morta ſua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer oppoſiçaõ. Segunda, por falta da repreſentaçaõ, que ſó ſe admitte nos deſcendentes immediatos do primeiro gráo, e elle era já biſneto delRey D. Manoel, em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina, que era neta pela meſma linha do Infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do Reyno; como ſe moſtra das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonſo I. com todos os Eſtados ordenou, que as femeas, ainda que podeſſem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e poriſſo nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do noſſo Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Caſtella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe ſuccedeo, confirmou eſta ley em ſeu teſtamento no anno de 1436.

Excluîdos aſſim todos os ſobreditos, ficaraõ no campo ſós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Filippe: deraõ-ſe duas batalhas, a primeira como Anjos, a ſegunda como homens: a primeira com forças de entendimento, a ſegunda com violencia de braço: na primeira venceo a Senhora Dona Catharina, porque lhe ſobejavaõ razoens: na ſegunda venceo Filippe, por ter mais armas: deſta naõ ſe trata aqui, porque as armas entre Chriſtãos naõ daõ Reynos, nem os tiraõ juſtamente, quando ha razoens, que reſolvem o direi-

direito delles; e porisso pertende ElRey Filippe vencer tambem nesta parte com as razoens seguintes.

****

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.

I. RAzon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla com Dona Beatrîz, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho de dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica herdera legitima. II Razon; porque no pertencia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser octavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando muriò el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Senor Don Antonio por legitimo, a la Señora Dona Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo posseedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrîz madre del Saboyano. V. Porque siendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nó se deve

regu-

regular la sucesion dellos por el Derecho Civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los Emperadores; y que si bien los Reyes supremos lo avian introducido en los Reynos por el buen govierno de los vassallos, no avian por esso alterado las simples reglas naturales de la succesion Real, las quales afirmaban averse de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la Representacion; a que nò obsta aver algunos Doctores querido temerariamente sugetar la sucesion de los Reynos a la Cîvil Institucion; y assi seguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable. VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nò se admite, sinò quando el nieto del Rey litiga con su tio hermano del tal Rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmase com exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron su Corona la Infanta Doña Violante su sobrina, hija del Rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando de Castilla su sobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los Estados, y sus Juezes por el Infante Don Hernando, por ser varon, nò haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera viva, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley;

por-

porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nò valga la repreſentacion, ſinò concurriendo ſobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que ſe obſerva em Francia.

VII. Demas de que la repreſentacion ſolò la pueda aver, quando el padre, que ſe pretende repreſentar, úviera tenido el primer lugar en la ſuceſion, de que ſe trata. Donde ſupueſto que el Infante Don Duarte en ſu vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a ſus hijos el derecho, que nunca ſe radicò en ſu perſona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Joan II. le ſucediò ſu primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viſeu Don Alfonſo: y ſi valiera la repreſentacion, avia de ſer preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de la repreſentacion nò ſe admite en la ſuceſion de los Mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienem naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos ſe heredan por conceſion de los pueblos, que tranſmitieron el poder Real, qué era ſuyo, a los primeiros Reyes, y a ſu generacion: y conſta que la repreſentacion nò tiene lugar en la ſuceſion de las coſas, que vienen *ex conceſſione dominica*, como reſuelve Bartholo.

X. La Ordinacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poſſeedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y conſecu-

tiva-

tivamente echa fuera al nieto, y excluye la repre-sentacion. Y confirma-se con exemplo de heredamiento de Reynos; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. dispone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nò entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la representacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una ficcion de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo està en el lugar de su padre, y es con èl a misma persona; y por ser privilegio, y fingimento, nò puede aver lugar, sinò, quande se hallare expressamente introducido por Derecho: y es cierto que nò està introducido expressamente, sinò en la sucesion de los herediamientos, y feudos, aunque nò sean hereditarios. Donde, no siendo los Reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ser cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha represencion. XII. Para nò parecer que huye Phelipo del Derecho, prueva, que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna outra cosa, se sucede por el derecho, que llaman de la sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas

sin

ſin repreſentacion, como ſi fueſſen hijos del ultimo poſſeedor; y deſta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudieſſe repreſentar el grado de ſu padre, nò podia repreſentar el ſexo: y era duro de admitir, que la hembra igual ſolamente en el grado, y inferior en lo demas, fueſſe preferida al varon para governar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas dano que a Phelipo el de ſu madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nò pueden ſer admitidas a oficios publicos, ni tener juriſdicion, ni adminiſtracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, conſtancia, prudencia, liberdat, y outros dotes neceſſarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Caſtilla Doña Beatrîs, que ſiendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y ſe diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde ſe colige, que ſon las hembras incapazes de repreſentar en Portugal, pues ſon incapazes de heredar. XV. Viſto nò declarar Henrico ſuceſſor, era divida à Phelipo la ſuceſſion ſin ſentencia, por ſer ſu perſona ſuprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y ſolamente obligado a juſtificar ſu derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudieſſe pertencer la judicatura deſte caſo, por nò tocar al Papa, por ſer materia puramente temporal ſin circunſtancias, que le pudieſſe dar derecho: menos pertencia al Emperador,por nò le ſer reconociente del Reyno de Por-

 tugal,

tugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, sobre que se litigava, como Portuguezes: demas de que nò avia Portuguez alguno, que nò fuesse sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Castellana: ni avia lugar de se compromoter en Juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas, de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer nò caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos Juezes, que nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la Corona. XVII. Sobre toda allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolven todo; y que con ellas tomò la possesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Thomar por Reys; conque se quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precedian al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla, para fortificar un braço en su Iglesia, para resistir a los insultos de los infieles, y de los hereges, y mejorar desta manera el mismo Reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra sus enimigos, y en sus conquistas. XIX. Finalmente allega por si la possesion prescripta de sesenta años, bastando treinta, sin-

contra-

contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal posſeſion, mereceráʼ titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a ſu dueño ſin cauſa, razon, ni juſtiça.

Eſtas ſaõ as razoens, que por ſi allega o Rey de Caſtella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como ſal na agua: mas primeiro quero reſponder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de eſtilo neſte Manifeſto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz eſte Tratado. A iſſo poderá reſponder, que o Manifeſto he de Caſtella, e poriſſo o puz na ſua lingua: mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma hiſtoria, que aconteceo em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neſte Reyno. Prenderaõ hum bruxo, por ter trato com o diabo, e conſultado em muitas duvidas: Reprehenderaõ-no os Inquiſidores, porque ſendo Chriſtaõ bautiſado dava credito ao diabo, ſendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, reſpondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo iſſo, ainda que muitas vezes me mentia, naõ deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uſo alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Caſtelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e ſó quando me falava em Caſ-

telhado, era certiſſimo que mentia. Naõ ſey, ſe me declaro? Quero dizer, que a lingoa Caſtelhana he eſtremada, e unica para pintar mentiras, como eſcolhida por quem he pay, e meſtre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e poriſſo puz em Caſtelhano o Manifeſto de Caſtella, e porey em Portuguez a repoſta da Senhora Dona Catharina.

****

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe.

I. REpoſta contra a primeira razaõ he, que naõ vem a prepoſito a herança da Senhora Dona Brites: porque a noſſa queſtaõ procede ſobre deſcendentes delRey D. Manoel, e naõ ſobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas ſe averiguaraõ nos campos de Aljubarrota: álem de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e aſſim neceſſariamente havia tornar a Portugal o direito. II. Repoſta contra a ſegunda razaõ he, que deveraõ advertir, como na ſucceſſaõ taõ prolongada de D. Joaõ I. de Caſtella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal havia o meſmo defeito de illigitimidade em ſeu pay D. Henrique, álem de outros avós: e mais perto eſtava do ultimo avô o noſſo D. Joaõ I. e do ultimo poſſuidor no primeiro gráo de irmaõ, que o ſeu no oitavo; e o noſſo houve diſpenſaçaõ da illigitimidade, e naõ ſabemos que o pay, e

avós

avós do feu a houveffem. III. Contra a terceira he que diz bem, fe todos os Oppofitores foraõ filhos do mefmo pay, affim como eraõ netos do mefmo avô; porque entaõ o mais velho feria o Morgado, Principe, e legitimo herdeiro: mas fendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-fe o direito fó áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a fucceffaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro eftá, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e efte era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por fe achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Ifabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro coufas fe confideraõ aqui, linha, fexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar fe bufca a melhor linha, e fó quem nella prevalece, prevalecerá na caufa, ainda que feja inferior ao outro pertendente no fexo, idade, e gráo: e fempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV. Repofta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppofitores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que fe achava, com que vencia a Filippe, como fica explicado na repofta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer ElRey Filippe hum Santo para fi, e outro para a outra gente, admittindo a reprefentaçaõ para os vaffallos, e negando-a para os Reys: fe admitte, que fe go-

vernaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que se governaráõ mal os Reys, se a naõ admittirem em suas successoens: e assim he, que por fugirem esta calumnia, a admittem quasi todos os Reys, e Estados da Europa, e até os mesmos Reys: e bastava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonso I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no seu testamento anno de 1436. e Affonso V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Estados, todos sem paixaõ, nem occasiaõ de controversia, que lhes pudesse perturbar a razaõ; e sendo assim ley praticada neste Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque este ponto da representaçaõ he o Aquiles desta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representaçaõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que se differem *ab intestado*, que os filhos entrem no lugar de seus pays defuntos, e representem suas pessoas, succedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, se vivos foraõ. Esta representaçaõ na linha direita de ascendentes naõ tem limite: e nas transversaes sómente se concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãas do defunto, de cuja successaõ se trata: e assim ficaõ exclusos os mais parentes collateraes, que se acharem fóra deste segundo gráo, porque naõ se estende a elles a representaçaõ. E confórme a isto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque representa varaõ, que houvera de ser

Rey,

Rey, ſe fora vivo; e elle repreſenta femea, que naõ havia de entrar na Coroa, com ſer mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais; que dado que fora viva a Senhora Dona Iſabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que ſua tia, por repreſentar a ſeu pay, que a vencia no ſexo, e havia de entrar na herança diante de ſua irmãa: e he a razaõ; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a ſua neta de ſeu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu ſentença pela ſobrinha do Duque de Bretanha, filha de ſeu irmaõ mais velho, excluindo os varoens mais moços, irmãos do meſmo Duque. E naõ temos neceſſidade de exemplos foraſteiros, quando temos em caſa o noſſo Rey D. Manoel, com quem ſe oppoz o Emperador Maximiliano, eſtando ambos em igual gráo, e eſte mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que repreſentava; e julgou-ſe, que poriſſo prevalecia ao Emperador.

VI Os Doutores Caſtelhanos defendem o contrario admittindo a repreſentaçaõ entre primos: e a razaõ o moſtra; porque o ſobrinho, que excluîa a ſeu tio, ou tia, por repreſentaçaõ de melhor gráo, ou melhor ſexo, muito melhor excluirá a ſeus primos filhos do tal tio, pois ſaõ já mais remotos, e naõ pódem repreſentar couza, que a outro naõ tenha já vencido. Ao exemplo ſe diz, que naõ deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por naõ ſe admittir á

reprefentaçaõ no cafo, fenaõ por fer inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro feu avò fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo fómente nas terras fugeitas ao Imperio; ao qual naõ he fugeito Portugal; e ainda que em outras partes fe pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por coftume antigo naõ admitte reprefentaçaõ nos collateraes em cafo algum; naõ em Portugal, onde feguimos o contrario com o direito cõmum, e opinioens de Acurfio, e Bartholo: donde fe vem a concluir, que o beneficio da reprefentaçaõ ha lugar na fucceffaõ deftes Reynos, quando os fobrinhos pertendem fucceder a ElRey feu tio irmaõ de feus pays, fem haver outro irmaõ do mefmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he neceffario que o pay poffuiffe, o que fe pertende herdar por via da reprefentaçaõ; porque aqui naõ fe leva a herança por tranfmiffaõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ poffuìo: e que no noffo cafo naõ entre a herança do Reyno por tranfmiffaõ, moftra-fe; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de feu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e affim entra o tal por virtude da reprefentaçaõ, que o poem em lugar do pay ao tempo da fucceffaõ.

VIII. O exemplo de D. Affonfo naõ vem a propofito; porque álem de fer illigitimo, fe lhe negou a reprefentaçaõ, naõ porque ella fe naõ ufe em Portugal, fenaõ porque eftava fóra do

grão,

gráo, a que se concede; pois naõ era irmaõ, nem filho de irmaõ delRey D. Joaõ; mas filho de seu primo; com que ficava já no terceiro gráo, em que se naõ admitte representaçaõ nas linhas transversaes; e assim lhe foy preferido D. Manoel, por se achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos, que naõ ha representaçaõ na herança dos Mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geraçaõ; porque naõ procede *Jure hæreditario*, mas *ex concessione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á sua geraçaõ, para que os possuissem, e se deferissem como herança sua a seus descendentes: e assim o sente o mesmo Bartholo. E no que diz que na succeslaõ dos Reynos feudaes naõ ha lugar á representaçaõ, he commummente reprovado; além do que o Reyno de Portugal naõ he feudal, nem pódem militar nelle as razoens das *Concessoens dominicas*; como em seu lugar mostrarey logo na reposta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, naõ se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenaçaõ, que aponta, procede nos bens da Coroa, que saõ havidos por *Concessaõ dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque se deu ordem de succeder nos bens da Coroa, naõ se differem *Jure hæreditario*. Donde El-Rey D. Joaõ I. que foy o Autor da Ley Mental, porisso lhe negou a representaçaõ. E tratando depois em seu testamento da successaõ destes Reynos, declarou, que havia lugar á representaçaõ;

taçaõ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e naõ *ex concessione dominica*. Ao exemplo do Rey de Castella D. Affonso o Sabio se diz, que foy julgada aquella acçaõ até em Espanha por injusta; tanto, que permittio Deos lhe tirasse a Coroa o segundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Castella dispoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha; vá a estes a herança, e naõ ao tio irmaõ de seu pay, e ha muitos exemplos. A segunda Ordenaçaõ prova sómente naõ haver representaçaõ nos prazos de nomeaçaõ, em que o foreiro *ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *ab intestado*, e naõ prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exorbitante, e qualificada: pois com isso esta, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensaõ alguma nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representaçaõ. XII. Naõ admittimos o direito do sangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e suas possessoens procedeo do antigo Direito das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Espanha pelos Reys de Castella D. Fernando, Don Alonso o VI. e D. Alonso VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos entre

seus

ſeus filhos, D. Alonſo o Sabio, e D. Henrique III. de Caſtella; aquelle desherdando ſeu filho, e eſte pondolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as bullas dos Summos Pontifices de ſua fundaçaõ, aſſentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e teſtamento delRey D. Affonſo V. onde tudo ſe leva por herança verdadeira, que admitte repreſentaçaõ, como temos moſtrado.

XIII. O beneficio da repreſentaçaõ eſtá concedido na linha collateral da meſma maneira, que na dos deſcendentes: na dos deſcendentes he certo neſtes Reynos, que ſuccedem as femeas a ſeus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que ſe o pay, por ſer varaõ, havia de excluir outras peſſoas, exclúa a filha as meſmas, como tios, primos, &c. Prova-ſe eſta repreſentaçaõ dos deſcendentes em Portugal pela Carta patente del-Rey D. Affonſo V. em que ordena lhe ſucceda o filho, ou filha do Principe ſeu primogenito, e naõ ſeus ſegundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por aſſim o declarar o meſmo Rey: e ha exemplos do meſmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da repoſta da terceira razaõ. E que nos collateraes ſeja o meſmo, conſta do texto *in Auth. de hæred.* §. *Si autem.* E da razaõ da equidade, em que as leys ſe fundaõ, para conceder eſte beneficio aos deſcendentes, eſſa meſma tiveraõ para o concederem aos collateraes: e ha exemplos, como o em que o Rey Filippe de Inglaterra, por conſelho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á ſobrinha filha do irmaõ mais velho do Duque defunto,

contra

contra outro irmaõ do mesmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Espanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes ligimos por su orden representen las personas de sus padres: & Molina lib. 3. c. 7.* resolve que a dita ley procede na successaõ dos Reynos, como na dos Morgados. Nem he deformidade, nem impossivel, que a femea represente sexo de varaõ; porque mais difficultoso he fazer, que hum filho tenha a idade de seu pay, que huma filha alcançar o sexo masculiano; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer, que o filho iguale a seu pay na idade, e com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea represente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem jurisdiçoens, entende-se, onde se naõ succede *Jure hæreditario.* Tambem os Ecclesiasticos naõ pódem haver dignidades seculares, e com tudo possuem as herdades, como se vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas saõ taõ destituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conselheiros supprem seus defeitos. E aos Doutores da Universidade de Coimbra resolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ser preferida a Filippe confórme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a successaõ destes Estados, e excluem aquellas, que

cazaõ

cazaõ fóra do Reyno; e poriſſo foy excluida a Senhora Dona Brites, e naõ por ſer femea, e tambem illigitima, e ſchiſmatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de ſeu cazamento foraõ feitos: ſchiſmatica aqui quer dizer de humor Caſtelhano. XV. Se Filippe por ſer Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deſte Reyno, naõ o mandara notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado, que naõ affrontaſſe o nome Catholico com ſe fazer Juiz, e parte, por parecer dos ſeus, que com ambiçaõ do favor, e temor do deſagrado o enganavaõ; e ſe naõ queria Juizes Portuguezes, por conſiderar nelles alguma paixaõ, que elle lhe daria Juizes deſintereſſados, e incorruptos: e baſtava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a queſtaõ, que elle ſó podera reſolver, para o Rey de Caſtella ſer obrigado a eſtar pela ſentença; e naõ a declarou o Cardeal Rey, naõ porque tiveſſe alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra, que já o Caſtelhano ameaçava: e naõ tinha duvida; porque quando ElRey D. Sebaſtiaõ foy a Africa, deixou feito teſtamento, em que nomeava o Cardeal D. Henrique por ſeu ſucceſſor no primeiro lugar, e no ſegundo a Senhora Dona Catharina; e naõ manifeſtou iſto, por divertir a furia de Caſtella, que eſtava muito poderoſa com vitorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peſte. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na juſtiça da Senhora Dona Catharina, por evitar diſcordias nomeou Juizes, e requereo ao Catholico: o qual

ter-

tergiverſando-lhe a razaõ o conſtrangeo, e intimidou a que, ou lhe julgaſſe a cauſa, ou a naõ decidiſſe: naõ conſeguio o primeiro, alcançou o ſegundo, porque eſtava muito poderoſo com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina ſó; e o Caſtelhano para ſe córar com o mundo, pôz a cauſa em juizo, aſſegurando a bolada por todas as vias; porque eſcolheo os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Caſtella, com evidente nullidade deraõ a ſentença de maneira, que ſendo cinco, ſó tres ſe renderaõ á corrupçaõ: e para deſaſſombrar a conſciencia a todos, ſumiraõ o teſtamento delRey D. Sebaſtiaõ; e boa prova he que nunca appareceo; e tambem he certo, que dizem, e ſe eſcreve, que levaraõ para Caſtella o livro do *Porco ſpim*, que ſe guardava na Cartorio da Camera de Lisboa, em que eſtava o direito da ſucceſſaõ deſte Reyno com as Cortes de Lamego, em que ſe decretava, que naõ entraſſem neſta Coroa Reys eſtranhos. Feitas eſtas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a poſſe como inimigo. Do dito ſe colhe, que naõ repugnou a ſer julgado, nem lhe eraõ ſuſpeitos os Juizes, pois os eſcolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falſo, porque ſe a naõ tivera, naõ mandara viſitar a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Oſſuna com recados dobrados, que ſe a achaſſe acclamada, lhe déſſe o parabem; e ſe por acclamar, o pezame da morte de ſeu tio o Cardeal Rey; e a requereſſe para ſer julgada a cauſa da pertençaõ do

Rey-

Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito, que por varaõ tinha a esta succeſsaõ; o qual lhe respondeo, que naõ tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e poriſſo escreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se delle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá naõ o declarassem por Principe, vendo que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pederiaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos, que commetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos huma náo á India por sua conta. E finalmente porque vio, que naõ tinha bom partido, se puzera a questaõ nos Juizes, que convinha, sem se lembrar, que ninguem he bom Juiz em causa propria, se fez Juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que sempre fugio.

XVI. He a verdade, que juizes deraõ sentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem dessas outra muito essencial, que naõ se acha escrita; e devia de escapar a todos os

Auto-

Autores, que trataraõ esta materia com serem muito diligentes: e naõ me admiro; porque com mayor diligencia sumio Castella todos os papeis, que podiaõ encontrar sua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caso estranho, andando eu com este ponto na forja: e tendo o Principe nosso Senhor noticia, como estavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me consta, que os estimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Estados, mandou se fizesse a Junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ser onze Juizes, e esses letrados nomeados por elle, e escolhidos pelos Estados. Outro papel contêm outro Regimento delRey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, e Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle naõ sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na Junta, se

con-

confessassem, e commungassem na Sé; e na Capella mór della, fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se fez: bem se vê logo, que a sentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subrepticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que estava pela Senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a duvida, que se naõ podia tirar com armas, quando as cousas se tinhaõ posto por consentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes escolhidos, e louvados, e estavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Castelhanos, como Vasquez, Molina, Sanches, Suares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que se naõ póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod si unus* (conclue Suares disp. 13. de Bello, sect. 6. n.4.) *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste reptere, & eo titulo justi belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Castelhano foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e seus descendentes: e porque faltou o consentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obsta o naõ reclamar; porque nunca houve lugar disso até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que se requeriaõ para a prescripçaõ de boa fé sem

contradiçaõ, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retrataçaõ se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno desobrigado de o guardar, tanto que os Reys de Castella naõ guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, q̃ queriaõ perder o Reyno, se assim o naõ cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço, que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja, respondemos, que se for o braço, qual o deu seu pay, que deu saco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, naõ sabemos que lhe levantasse huma, nem que lhe désse se quer hum Caliz. E se alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, naõ foy assim; e a experiencia mostrou o contrario; porque Portugal conserva-se com a paz, que tinha com todos os Principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos destruîaõ: e para que nem desta destruiçaõ nos podessemos livrar, tiravanos Castella as forças, levandonos nossas armas, thesouros, e soldados, para se servir de tudo em suas guerras, e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente ao que diz da prescripçaõ, e posse, respondemos, que a naõ póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que naõ se póde dar em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Naõ

foy

foy boa fé a de Filippe; pois com ſentença nulla, e armado com exercito tomou poſſe: nem houve conſentimento da Real Caſa de Bragança, pois conſta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodoſio, e ſeu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados ſem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a poſſe, a perde com toda a cauſa. Donde dado, e naõ conſeguido, que Filippe tiveſſe algum direito, todo o perdeo pela violencia. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he ſeu: *Et habet jus in re*: antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendoſe-lhe muitas occaſioens de ſe reſtituir, diſſimulou, eſperando conjunçaõ de o fazer com ſocego, e ſem damno de ſeus póvos: os quaes hoje governa, conſerva, e defende muito melhor que Filippe; porque naſceo, e vive entre ſeus vaſſallos, falla a ſua lingua, conhece os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, caſtiga-os como pay, augmenta-os como poderoſo, ſem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

****

MANIFESTO DO DIREITO DA SENHORA DONA CATHARINA *Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.*

AS reſpoſtas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens delRey Filippe, baſtavaõ por Manifeſto de ſua juſtiça: mas he taõ manifeſ-

 nifeſ-

nifesto o seu direito, que por mais razoens, que demos, sempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentaes, que aqui se seguem, devemos pressuppor, que a successaõ delRey D. Joaõ III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebastiaõ seu neto: e tornando aos filhos do mesmo Rey D. Manoel, naõ achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem successaõ, e sem irmaõ, ou irmãa, a quem deixasse o Reyno, necessariamente havia de hir a hum de muitos sobrinhos seus, e netos de seu pay. Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta Dona Isabel, Philisberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte; mas naõ se fez caso da sua opposiçaõ, por ser defunta sua mãy, que a devera fazer, e por naõ constituir linha differente da em que se achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ser varaõ, e filho de Infante; mas foy escuso por illigitimo, e indispensado; porque a dispensaçaõ só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a Senhora Dona Maria, por ser filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina sua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a seu filho, que era o Senhor Raynuncio

Prin-

Principe de Parma por estrangeiro, e por ficar fóra do grão, em que se admitte representaçaõ; e principalmente por naõ constituir linha em opposiçaõ com a Senhora D. Catharina, que ficava com a Senhora Dona Maria na mesma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguia-se logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhôa do direito com violencia notoria, e naõ a deixou tomar posse ElRey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual grão com ella: accrescenta estas palavras, que tenho escritas da sua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar en estos Reynos nó tenia necessidad de aguardar sentencia de nadie, por ser el proximo sucessor en el Reyno, y nó reconociente superior en lo temporal, que saneada, y satisfecha su conciencia de su justiça, pudo ocupar la possesion por su sola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es cosa esta, de que nó se sufre disputar, sinó tenerlo por ley, y verdad manifiesta, despues que los tres Estados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por su Rey, y Senor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, se colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ sofisticas saõ estas razoens de Filippe, que na verdade se seguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ser filho da Senhora Dona Isabel mais velha, que a Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a

Filip-

Filippe com muita juſtiça: e nem por ſerem muitas, fazem melhor cauſa. O ponto eſtá em ſerem boas: e entaõ huma até duas baſtaõ, e tres ſobejaõ. As melhores neſte caſo ſe reduzem a quatro, que ſaõ Linha, Patria, Repreſentaçaõ, Acclamaçaõ: e porque deſtas naſcem outras, direy todas por ſua ordem, e ſaõ as ſeguintes.

RAZOENS
DA SENHORA DONA CATHARINA
Contra Filippe.

I RAzaõ. Porque eſte Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que ſe achaſſe em melhor linha: e entaõ ſó a Senhora Dona Catharina o eſtava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ſer Rey, ſe vivera com a Infanta Dona Iſabel mãy de Filippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella foſſe mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ paſſar a Coroa a eſtranhos (como já diſſemos, ou provámos das Cortes de Lamego) e entaõ ſó a Senhora Dona Catharina era natural deſte Reyno. E que eſta ley ſeja juſta, prova-ſe da ley natural; porque naõ ha couſa mais natural, que governarem-ſe as cõmunidades por ſeus naturaes, que lhes ſabem os coſtumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao ſeu povo, que naõ admittiſſe Rey eſtranho: *Conſtitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non ſit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que naõ eſtavaõ obri-

obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, ſenaõ quando aſſiſtia entre elles. Sandoval na Hiſtoria dos Reys de Caſtella diz de Affonſo VI. que elle naõ cazaria ſuas filhas com eſtrangeiros, ſe ſoubera, que naõ havia de ter filhos: e de ſeu neto filho de D. Ramon fazia pouco caſo, por ſer filho de eſtrangeiro: e naõ levava em paciencia, que faltaſſe em Caſtella a ſucceſſaõ Real. O noſſo Rey D. Affonſo Henriques aſſentou com os Eſtados, e póvos, que na Coroa de Portugal naõ ſuccedeſſe eſtrangeiro, nem ſe admittiſſe a ella filho de filha, que cazaſſe fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonſo V. naõ quizeraõ os tres Eſtados, que foſſe ſua tutora a Rainha Dona Leonor ſua mãy, por ſer Aragoneza: e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para eſtes Reynos, em que naõ ſó excluîa os eſtrangeiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys deſtes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey eſtrangeiro, ou outro cazado no Reyno, ſucceder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a eſtorvou pelo amor que tinha a Caſtella, eſtando para ſe promulgar. A eſte ponto tiraõ as leys deſte Reyno, que prohibem terem officios publicos eſtrangeiros; e poriſſo ElRey Filippe jurou que os naõ daria ſenaõ a Portuguezes; e podiaõ os Reys Portuguezes fazer eſtas leys neſte Reyno, naõ ſó por ſerem conformes á ley natural, e divina, em ſemelhante caſo, ſenaõ tambem, porque as punhaõ em couſa propria, que podiaõ diſpôr com as condiçoens, que quizeſſem porque ganharaõ á força do ſeu braço, e cuſtá de ſeu ſangue Portugal aos Mouros, que injuſtamente o poſſuîaõ, e aſſim como em bens proprios lhe puzeraõ as condiço-

diçoens, que se lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley, que prohibia estranhos, podia ser admittido ElRey Filippe, a qual nunca se tinha dispensado: e havendo-se de entrar no Reyno com dispensaçaõ, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ser dispensado; porque álem de ser natural deste Reyno, era filho de Infante varaõ, e só necessitava de dispensaçaõ na illigitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. se tinha dado; e a razaõ de ter por sua mãy sangue Hebreu, naõ estava prohibida, nem isso nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina só devia entrar na successaõ desta Coroa, por naõ ter necessidade de dispensaçoens por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da representaçaõ ha lugar na successaõ destes Reynos, assim como por Direito cõmum está concedido nas heranças, que se differem *ab intestado*: e prova-se; porque está geralmente induzido por Direito em todas as successoens hereditarias, porque o filho he huma mesma cousa com seu pay: e estes Reynos saõ herança do ultimo Rey possuidor: logo bem se segue, que ha nelles lugar á representaçaõ, assim como nas heranças, que se differem *ab intestado*. Confirma-se; porque tambem se admitte representaçaõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure sanguinis*: logo tambem nos Reynos, posto que fossem *jure sanguinis*; porque foraõ instituidos pelos póvos, em quem se naõ póde considerar, que tivessem mais amor ao filho, ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou sobrinho, por mais remotos. Donde *Molina*

lib.

*lib.*3. *cap.* 7. *q.* 1. *n.* 28. tendo, que a ſucceſſaõ dos Reynos ſe differe *jure ſanguinis*, admitte o beneficio da repreſentaçaõ. E a ley diſpoem em Eſpanha, que o neto ſerá preferido ao filho ſegundo do Rey; e ha exemplos diſto em Inglaterra, França, Hungrîa, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por ſeu ſucceſſor a D. Pedro ſeu neto, filho do Principe D. Affonſo, ſendo vivo o Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e neſte Reyno D. Joaõ o I. ordenou em ſeu teſtamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte ſeu primogenito precedeſſem ao Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e ElRey D. Affonſo V. ordenou o meſmo por ſua carta patente, eſcrita aos Eſtados, accreſcentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ ſeu primogenito, ſendo legitimos, herdaſſem o Reyno, e naõ filho ſegundo ſeu. Poſto iſto, bem ſe infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deſte Reyno, por repreſentar a ſeu pay, que ſe vivêra, havia de ſer Rey diante da Senhora Dona Iſabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ſer femea.

V. Dado, que em Portugal naõ houveſſe ley, nem Ordenaçaõ expreſſa, que admitta repreſentaçaõ na ſucceſſaõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caſo, que naõ eſtiver nas Ordenaçoens delle decidido, ſeja julgado pelas leys Imperiaes; e ſe neſtas naõ eſtiver, pelas Gloſas de Acurſio; e ſe neſtas naõ, por Bartholo, ou pela cõmum opiniaõ dos Doutores. E o caſo preſente da maneira que o reſolvemos, ainda que naõ eſtá na Ordenaçaõ deſte Reyno, colhe-ſe do Direito Civil, e eſtá determinado por Acurſio, Bartholo, e os Doutores, e admittido,

tido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como moſtramos. VI. Porque as femeas pódem ſer admittidas á ſucceſſaõ dos Reynos de Portugal; e ſe prova, de que a ſucceſſaõ deſtes Reynos ſe differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo poſſuidor: e conſta confórme a Direito, que as femeas por teſtamento, e *ab inteſtado*, ſaõ admittidas ás heranças hereditarias, aſſim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que ſe hoje guarda: e pois neſte Reyno naõ ha ley, que as prohiba, claro eſtá, que pódem ſer admittidas, aſſim como o ſaõ em todos os Reynos, e Eſtados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom.* 1. *q.* 10. *á n.* 4. e aſſim eſtá declarado em Portugal, e ſe colhe da doaçaõ feita ao Conde D. Henrique, e ſua mulher Dona Thereſa, que dizia: *Para elle, e ſeus ſucceſſores*. E confórme a Direito eſta palavra (*ſucceſſores*) admitte tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonſo II. em ſeu teſtamento admitte a ſua filha Dona Leonor, para lhe ſucceder no Reyno: e no Reyno do Algarve ſe prova particularmente da doaçaõ delRey D. Affonſo o Sabio de Caſtella a ElRey D. Affonſo o III. Conde de Bolonha ſeu genro, para ſeus filhos, e filhas para ſempre. Deſtes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonſo V. eſcreveo aos Eſtados do Reyno, pela qual, quando entrou em Caſtella, determinou o modo, que ſe havia de guardar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, dizendo aſſim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deos naõ mande, que o Principe, meu ſobre todos muito amado, e prezado*

filho,

filho, faleça antes de meu paſsamento deſte mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e naõ outro algum meu filho, ou filha. De tudo o dito ſe colhe, que as femeas em Portugal ſaõ habeis para herdarem eſta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina naõ a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-ſe mais pelo direito hereditario, que pelo do ſangue. Em Caſtella querem muitos que prevaleça o direito do ſangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Caſtelhanos pegaraõ do direito do ſangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por eſta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que poſſuîa Filippe, Navarra, Leaõ, e Caſtella com direito ſó hereditario, e naõ ficava conſoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que ſe poſſuîa os outros. Donde ſe deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que poſſuîaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do ſangue he aquelle, que vem por inſtituiçaõ antiga, que diſpoz foſſe correndo a herança pelos parentes mais chegados em ſangue ao inſtituidor, como ſe vë nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que ſem attentar para as taes inſtituiçoens, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De

manei-

maneira que no direito do ſangue ſuccede ao primeiro inſtituidor, e no hereditario ao ultimo poſſuidor; e ſe bem attentarmos em ambos eſtes direitos, eſtava a Senhora Dona Catharina diante delRey Filippe: no do ſangue, por vir por linha maſculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a inſtituiçaõ do noſſo Reyno era, que déſſe ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e naõ a eſtrangeiro, como era Filippe. E prova-ſe da cauſa; porque elegeo Portugal o ſeu primeiro Rey natural, que foy, por ſe eximir do governo de Leaõ. E que eſte diſcurſo, e opiniaõ eſteja confórme a Direito, e razaõ, confirma Caſtella com ſemelhante caſo, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de ſua Coroa, que lhe vinha por ſua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que aſſiſtiaõ em Caſtella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era deſcendente por linha maſculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonſo Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluîda a femea a favor de varaõ, naõ tem iſto lugar, quando ella he cazada com agnado da meſma familia. Donde tambem por eſta cabeça de ſucceſſaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e ſó podia haver duvida entre o Duque Dom Joaõ, e a Senhora Dona Catharina ſua mulher, por terem ambos o direito do ſangue, e ſerem agnados, e precedello ella em ſer mais chegado ao ultimo poſſuidor, e elle a ella, em ſer varaõ: mas toda a duvida ſe ſolta no filho, que de ambos naſceo, o Senhor

nhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direitamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já mostrámos, que a força em causas juridicas tira o direito, a quem a faz: e esta se prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traidores, com privaçaõ de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defençaõ de sua patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por este principio deo garrote secreto a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar com pedras aos pescoços. E que fosse injusta, ou tyrannica esta violencia, mostrou-o no Ceo negando por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se, que estava o mar excõmungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy assim, que mandando o Arcebispo absolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal justiça executou. Mais fez para violentar naõ só os corpos, senaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Ecclesiasticos deste Reyno, que revogassem logo todas as licenças a todos, quantos houvesse approvados para confessar, e prégar; e que as naõ concedessem de novo, senaõ aos que fossem conhecidos por de humor Castelhano; e que puzessem censuras

refer-

reservadas, de que com nenhuma Bulla se pudessem absolver, os que de palavra, ou por escrito significassem opiniaõ contraria á de Filippe. E disto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de se imprimir pelas muitas cousas desproporcionadas, que contém, e por ser da maõ, e letra del Rey Filippe o Prudente, que nestes pontos mostrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogassem os poderes das Bullas, e as licenças, que só os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal, era nulla, naõ ha que espantar, de que os meyos para ella fossem tudo nullidades.

XI E porque de hum absurdo se seguem muitos, como diz o Filosofo: deste da força, e violencia, se seguiraõ tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavaõ para lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tivesse; e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que fosse fraco. Vinte e quatro Capitulos cheyos de promessas, que Filippe jurou a este Reyno, quasi todos se quebraraõ, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deos naõ permittisse, nem se esperava, que o Serenissimo Rey D. Filippe, ou seus Successores, naõ guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxaçaõ do juramento, os tres Estados destes Reynos naõ seriaõ obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a sugeiçaõ, e vassallagem, e que lhe naõ obedecessem, sem porisso incorrerem em perjuro, crime de *lesæ Majestatis*, nem outro máo caso algum. XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum; que

que logo moſtraremos em particular; e dado, e naõ concedido, que a Real Caſa de Bragança naõ tiveſſe a eſte Reyno o direito, que temos moſtrado, eſtava o Sereniſſimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deſte Reyno, por ſer natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando ſeu augmento, e ſegurança: he ley certa deſte Reyno, por ſer opiniaõ de Bartholo, que naõ tem niſto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno eſtá affogado, e opprimido com injuſtiças, tyrannias, e inſolencias do Rey, que o poſſue, e de ſeus Miniſtros; que o Rey mais viſinho he o ſeu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razaõ os Senhores Duques de Bragança, Condeſtaveis deſte Reyno, deſcendentes dos noſſos Reys, podiaõ tomar á ſua conta a liberdade da Patria, de ſeus parentes, e criados. Eſta doutrina admittem até os Caſtelhanos, e he de todos.

XIII. Eſtá hoje ElRey D. Joaõ o IV. em poſſe de boa fé; porque dado, que houveſſe duvida no direito, ou violencia interpoſta de huma das partes, a reſoluçaõ pertencia ao povo; que póde eleger por Acclamaçaõ, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, uſando de hum quaſi poſtliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; aſſim Portugal decidio a ſentença, que o Cardeal Rey naõ deo, e que o Caſtelhano nullamente fulminou. XIV. Sobre eſte fundamento da Acclamaçaõ voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes naõ

menos

menos forçozo, para renderem obediencia aos Descendentes da Senhora Dona Catharina, e sacudirem o jugo de Castella; e foy o das injustiças, com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda Europa; em Castella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluído do governo por sua frouxidaõ, e teve a seu irmaõ o Conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraraõ os Hollandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Sicilia; e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural sem tyrannias.

REPOSTA DELREY FILIPPE
contra as razoens
DA SENHORA DONA CATHARINA
com seu desengano.

I RESposta contra a primeira razaõ. *Terrible caso* (diz Filippe) *que quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Christiano como ellos, de su silla, y que se jacten, lo hazem con rason, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado com mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella!* Mas esta reposta se desfaz, como nevoa á vista do Sol, com a ley, e razaõ da representaçaõ, que já descutimos. II. Contra a segunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeros nò le herdassen;*

ſen: mas niego, que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Caſtilla Dona Beatriz, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de ſu padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Señora ſuya; y confirma-ſe con el Rey D. Manuel, quando heredó los Reynos, y Eſtados de Caſtilla en nombre de ſu hijo D. Miguel: y ſiendo poderoſos para defenderſe, lo recebieron amoroſamente, nò obſtante ſer eſtrangero; y quando deſpues los heredò el Archiduque de Auſtria, aunque era Aleman, hizieron lo miſmo: y que de la miſma manera deve Portugal ſer unido a Caſtilla. Mas eſtas repoſtas, e inſtancias tem facil reſoluçaõ; porque a certeza da ley conſta muito bem a Caſtella; que a ſumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós baſtanos a tradiçaõ por certeza, que ſe prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites poriſſo a jurou a Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque ſe fez Caſtelhana: e ſe Caſtella admittia eſtrangeiros, era, porque naõ tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambem porque os fazia naturaes com a aſſiſtencia continua; e com eſta faltou a Portugal, naõ pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como eſtranho, e poriſſo com muita razaõ o ſacudio.

III. *Que nò tenia neceſſidad de diſpenſacion en eſta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y ſe hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en ſus Proviſiones, y deſpachos, conſervando las coſtumbres, y leys de los Portuguezes; con Palacio Real en ſu Reyno, y Tribunales, prometiendo aſiſtir en él el tiempo neceſſario para ſer tenido, y*

 avi-

avido por natural, y nò por estrano. Mas isto se bem o disse, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios Castelhanos em todas as forças do Reyno, e Ministros Castelhanos nos Tribunaes, armando a que todos fossemos Castelhanos; porque só assim tratava de ser natural nosso: e para hum homem ser natural requer a ley deste Reyno, que seja nascido nelle, e que seu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Filippe. IV. *Al punto de la representacion negemos ficciones, y chimeras de Legistas, y tomâmos possesion por la realidad*. Mas já fica desenganado na reposta, que démos á razaõ quinta do seu Manifesto; álem dos exemplos, que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostraõ, quam praticada foy sempre a representaçaõ em todos os Reynos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Senores Soberanos, nò son sugetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren en dano de la Corona; que es la primera cosa, que se pretende conservar con el derecho*. E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quaes naõ ha ley, mais que a de sua vontade, confórme aquelle texto, que só elles guardaõ: *Sic volo, sic Jubeo; sic ratione voluntas*. Mais devera advertir, que na opposiçaõ presente naõ fazia figura de Rey, ainda que o era, senaõ de filho da Senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pertendia este Reyno, e naõ como filho do Emperador; por onde, ainda que era

Rey,

Rey, naõ lhe pertencia esta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones, que se oponen en igual grado, y se prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que segundo costume, e ley de Espanha, dos filhos a fóra naõ pódem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que naõ vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sôa, tambem a filha do ultimo possuidor naõ poderia herdar o Reyno, contra o q̃ temos provado, e Filippe admitte. Donde só se entende dos parentes collateraes, que naõ descendem do Sangue Real dos nossos Reys, como naõ descẽdia D. Joaõ Henriques de Castella, e porisso naõ devia succeder a ElRey D. Fernando, posto que fosse seu primo com irmaõ; porque este parentesco era por parte das mãys que naõ descendiaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus herediamẽtos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hũ direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nò podia heredar Castilla;*

tilla, porque tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nó avia impedimento de ley, que se lo estrovasse. Mas a isto ja dissemos, que temos leys, que naõ passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França, e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado es, de quien lo heredó, compró, y conquistó: de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la Senora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo.* Diz bem que o herdou por ditos de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas naõ rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da reposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo Jurisconsulto referindose-lhe huma visaõ, que tivera huma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deos a alma de Filippe passando do Purgatorio para o Ceo, respondeo perguntando: Restituîo elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho naõ restituir, naõ creyo, que está no Ceo. E este he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquista, que allega. Herdou, o que lhe naõ pertencia; comprou, a quem naõ era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou

perden-

perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças, por onde jacta, que se fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça se dize, que* vim vi repellere licet. *Que una fuerça grande nò se deshace sinó con otra mayor*. E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca naõ a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razaõ, que Filippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e porisso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramiento de guardar capitulos, y perder el Reyno, si nò los guardasse, responde, que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las Cortes se cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las cosas, que nò pueden siempre mirar a un solo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de sus Estados*. E falla verdade em dizer, que naõ está authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmaçaõ dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he, que naõ he mayor o poder nos Reys, para condẽnarem por traydores os vassallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que nos mesmos póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluirem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos póvos a eleiçaõ, e creaçaõ de seus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de administrar em sua conservaçaõ, e utili-

 dade.

dade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Filippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Redicula he a reposta, que Castella dá á XII. razaõ da Senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar, y puncto, &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho*: quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de seu çapato.

XIII. *Niega Phelipo estar el pueblo en posession de eligir Reyes; porque nò tenian mejor privilegio de eligir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Hespanha, los quales son de sucesion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia Real; y en esta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Castilla, y de conquista de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nò diò el Reyno, nò puede aver caso, em que sea posible eligir.* Bem está: assim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as resolva limpamente, e se sente offendido: porque se haõ no tal caso os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituiçaõ, an-

tes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem: e bem ſe prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até ſeus Chroniſtas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy ſublimado ao Throno, para deſengano do mundo todo, que ſabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; porque aſſim ſe inſtituîraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppoſitores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente reſponde Filippe: *Que nò ſe pueden preſumir tiranias de un Rey Catholico, ni injuſticias de un Monarcha tan poderoſo, que de nada neceſita, para ajuſtarlo todo, dando medio con ſuavidad a lo violento, y ſalida facil a lo dudoſo.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys ſe ha de preſumir bem: mas quando as couzas ſaõ evidentes, naõ ha eſcuſa, que as livre. A evidencia das injuſtiças, que Caſtella uſou com Portugal ſeſſenta annos, que o teve ſugeito, moſtrará o Capitulo ſeguinte: e neſte damos fim aos Manifeſtos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifeſtas as unhas de Portugal, e Caſtella; e bem curto de viſto ſerá, e bem cego de paixaõ, quem com a luz deſtas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Caſtella ſempre as teve, e para eſte Reyno muito grandes.

****

CAPITULO XVII.

Em que ſe reſolve, que as unhas de Caſtella ſaõ as mais farpantes por injuſtiças.

DO que temos dito fica aſſaz claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Caſtella ſempre uſou dellas. E porque póde haver, quem naõ alcance tantas razoens; aſſim porque ſendo muitas confundem, como porque ha corujas, que naõ vêm luz, poremos aqui huma demonſtraçaõ taõ clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que eſtejaõ dormindo. Ceſteiro, que faz hum ceſto, fará cento, diz o proverbio. E ſe iſto he verdade, como o he; mais o ſerá, ſe diſſermos: Ceſteiro, que faz hum cento de ceſtos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e naõ he neceſſario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que ſe intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o meſmo appellida por ſeu: nem Napoles, ſobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Caſtella, e Leaõ, ſobre que recclamaõ hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Sicilia, que tem Senhor, que a naõ logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no ſeu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que ſe com eſtes ſe forem para ſeus donos, ficará Filippe como a gralha de Hiſopete. Naõ nos he neceſſario diſcorrermos por Reynos alheyos, dentro no noſſo daremos pilhagens aos milhares, em que enſanguentou tanto ſuas unhas Caſtella, que baſtaõ, para provar,

vár, que as tem muito grandes; e naõ repararia em levar este Reyno de hum golpe, sem ser seu; pois naõ reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tiranicas. Das injustiças nasce a tirannia, naõ para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a difinem. A primeira se dá, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda, quando o Rey o governa contra as mesmas leys. A primeira manifesta fica nos dous Manifestos, e em suas repostas. A segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, hia aperfeiçoando suas Conquistas com novos modos de tratos, que se descobriaõ; hia-se ampliando, e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo, e com o tempo foy tornando para traz. Tinha-mos poderosas armadas, immensas armas, muita gente destra para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achámos sem nada. Pôz-nos mal Castella com todas as Naçoens; com que se diminuîo o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os estrangeiros naõ podendo vir a nossos pórtos buscar nossas drogas, hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque naõ tinhamos forças, para lhe resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcçaõ do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se naõ dohia dellas. Deu licença a estrangeiros para hirem

rem commerciar a noſſas Conquiſtas com grande perda, aſſim de particulares noſſos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Eſtados de Flandres obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaeſquer portos noſſos: e mandou, que as noſſas bandeiras variaſſem de côr, para ſe differençarem das ſuas. Diminuiraõ-ſe as naos da India; deſpachavaõ-ſe taõ tarde, que arribavaõ; proviaõ-ſe taõ mal, que pereciaõ, e as que vinhaõ, governaraõ-ſe de modo, que davaõ á coſta: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a noſſas Conquiſtas, feitas, as tomavaõ para as de Caſtella, e lá pereciaõ. A gente, que cá ſe aliſtava, mandavaõ, que cá ſe buſcaſſe o dinheiro para a pagarem; e o meſmo para as armadas, com que os hiamos ſervir. As noſſas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como ſe vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de ſete mil peſſas de artelharia: e huma vez ſe viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas peſſas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que reſultou ficarem noſſos mares ſaqueados, e naõ eſcapar embarcaçaõ noſſa; até os peſcadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocio davaõ para fabrica de armadas, que os defendeſſem, incorporaraõ em ſi; e comiaõ-nos os ordenados das galés ſem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Caſtella. Dizem que nos acodiaõ em ſuas armadas, como ſe vio na reſtauraçaõ da Bahia. Reſpondemos que o fizeraõ

para

para aſſegurarem as ſuas Indias, e que ſe pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, ſempre foy á noſſa cuſta, como ſe vio na noſſa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os ſerviços da noſſa Coroa feitos à de Caſtella, pagavaõ-ſe com premios de Portugal, e os ſerviços feitos á noſſa Coroa nunca tinhaõ premio. Com iſto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Caſtella, ficavaõ as noſſas deſamparadas, e ſe perdiaõ. Mandavaõ obedecer noſſas armadas ás ſuas Capitanîas, e Almeirantas contra noſſos fóros; com que nenhum homem de bem queria ſervir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que ſe lhe naõ poria tributo, ſenaõ admittido em Cortes; e jurando Caſtella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalîa ſem Cortes o real dagua, accreſcentou a quarta parte das cizas, no ſal novos, e intoleraveis tributos em Caſtelhano, e ſobre as caixas de açucar. Incorporou-ſe na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Conſelhos, que os póvos concederaõ para fortificar muros, e Caſtellos. Faziaõ eſtanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Reyno a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava iſto de tributos taõ deſaforado, que ſe atreviaõ os Miniſtros a lançalos ſem ordens Reaes; como o das barcas peſcadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir regiſtrar ás torres, para pagarem novas impoſiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neſte Reyno a

moe-

moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhano; o papel sellado, e nos Conselhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar senaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Castella o procedido delle; naõ se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgasse por tyrannico, álem de rediculo: e ainda mais rediculo o das maçarocas, cujos executores apedrejàraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que se pagavaõ até de titulos vaõs, e fantasticos, e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno couza nunca vista entre Portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davaõ de graça, sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas saõ, as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a Republica mal servida, e perturbada: o sobir sem meritos, e o naõ cahir por erros igualmente se vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ por interposta pessoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a taes provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziaõ com que apontasse, e pedisse outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos, e dos que possuîaõ bens da Coroa a quarta parte:

te: negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidades, e Prelados, que dessem soldados vestidos, armados, e pagos á sua custa, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar assim exhausto, desarmado, e sugeito ao que quizessem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinou-se Evora, resistiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que cessaraõ outros muitos tributos, de que estavaõ já provisoens pelas Comarcas. Cresciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destruîa-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desappareceo, sem os póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo, tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenceavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portugue-

tugue-

tuguezes; commettiaõ-nas a Juizes Caſtelhanos; e ſe alguem reſiſtia a iſto, era punido. Quando ſe lhes devaçava de algum caſo commettido neſte Reyno por Portuguezes, e Caſtelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes, ſe ſahiaõ culpados, e os Caſtelhanos eraõ remettidos a ſeus Juizes, que ſempre os abſolviaõ livres de culpa, e pena. Inventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde ſe matriculavaõ com quantos delles deſcendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, ſe naõ extinguiſſe o nome Caſtelhano, antes ſe augmentaſſe entre nós, e foſſe mais eſtimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Caſtelhanos nas noſſas Alfandegas, naõ os havendo Portuguezes nas de Caſtella em noſſo favor, ſendo hum Miniſtro Caſtelhano tido por menos limpo de mãos, que cem Portuguezes: e applicava-ſe a hum ſó delles mais ordenado, que a todos os Miniſtros noſſos do Tribunal, em que ſe punhaõ, e ſe lhes pagava deſta Coroa. Faltaraõ-nos com as promeſſas de nos libertar nos direitos dos Pórtos ſécos; e com outras mil de huns, e outros, que naõ conto. Levaraõ para Caſtella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o promettido, e jurado. Faltou-ſe á Real Caſa de Bragança com algumas preheminencias, e cortezias devidas á ſua grandeza, e concedidas por Reys paſſados. Entregaraõ o menêo deſte Reyno, e ſeu total governo a dous Miniſtros, cunhado, e genro; que correſpondendo-ſe hum em Madrid, e outro em Lisboa

com

com intelligencias diabolicas,nos tyrannizavaõ. Fuzeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que naõ era parenta do Rey no gráo, que se requeria para tal governo: puzeraõ-lhe Collateraes, e Conselheiros Castelhanos, que se naõ doessem de nós dependentes, para que sugeitassem seus votos. Fizeraõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se podesse attribuir aos taes votos tudo,o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizeraõ os dous sobreditos, cunhado, e genro, como o valîdo, senhores absolutos. Disse o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a solas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valido, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo: *Dexe V. Magestad esto a mi cuenta, que yo se le dare buena dellos.* Manifestou isto hum Grande, de quem entaõ se naõ acautelaraõ pela desestimaçaõ da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espiritual, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os Colleitores, se davamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixava-nos estar excommungados, e com interditos, sem remediar nada, para que naõ só os corpos, senaõ tambem nossas almas padecessem. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com esperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar

os

os Bispos com cartas, que ao que mais désse; levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Naõ se tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comsigo algum lucro: e daqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade, porque tinha esta dinheiro, com que as comprava. Os depositos das Ordens militares, que resultavaõ das Cõmendas vagas, consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos. Promettiaõ-se as Cõmendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Missas das Almas se tomavaõ a titulo de emprestimo; e a restituaçaõ eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accusava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio sem suffragios penando. E porque o Colleitor Castra-Cani resistio a isto, como Ministro fiel da Igreja, foy prezo, arrastado, e desterrado com grande affronta de todo o Estado Ecclesiastico, e escandalo da gente Catholica. Da residencia dos Prelados nenhum caso se fazia, gastando-os em ministerios temporaes com grande damno espiritual de suas ovelhas. A Bulla da Cruzada se applicava a outros usos fóra da defensaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ subsidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, sendo assim, que reclamaraõ sempre. Multiplicavaõ as provisoens das Mitras, com que hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças, e

rou-

roubos, que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que naõ faria? Quem teve unhas taõ farpantes para destruir hum Reyno, que appellidava seu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse, que era alheyo. E em conclusaõ: Castella se tem havido em tudo com Portugal taõ desarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba disse hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes désse ouro: cathequizava-o hum Religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o bautismo, para hir ao Ceo: perguntou, se hiaõ lá Castelhanos? E respondeo-lhe o Religioso, que sim; disse, que naõ queria receber o bautismo, nem hir ao Ceo, por naõ ver lá taõ má gente. Fr. Bartholameu das Cazas Author Castelhano, e da Ordem dos Prégadores, refere este exemplo com outros muitos das crueldades, que usaraõ em Indias: e nós dizemos, naõ tanto como este Regulo, mas pelo menos, que naõ queremos neste mundo trato, nem commercio com tal gente; e assim me despido della, e de suas unhas, para continuar na emenda das que nos tocaõ.

****

CAPITULO XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas.

NAs Republicas, que lograõ muitos annos paz, naõ ha duvida, que com a ociosidade se fomentaõ, e criaõ vicios; porque saõ como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo saõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comsigo, que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens fomigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinaçaõ a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illeza. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espingardas no rostro, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos saõ, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldêa Galega

ga pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ eſpingardas de longe, pedia ao perto aos paſſageiros com cortezia da parte daquelles ſenhores, que lhes fizeſſem mercê de os ſoccorrer com o que pudeſſem: e aſſim davaõ quanto traziaõ, para que os deixaſſem paſſar em paz: e taes eraõ, os que em tempo de Caſtella pediaõ donativos pelas portas a titulo de ſoccorros, e empreſtimos, ſem nos porem os punhaes nos peitos: mas quem naõ dava até a camiza, quando outra couza naõ tiveſſe, ſempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir eſmola com potencia, he pedir ſoccorro nas eſtradas publicas com carapuça de rebuço; e armas á deſtra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos paſſageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes baſtava para a jornada, iſſo lhe reſtituîa, com nunca Deos queira que voſſas mercês lhes falte o neceſſario para ſeu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ commum outras tantas peſſas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e ſeis. Ficou-ſe hum com eſta, por ſer o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum ſua: acharaõ-ſe defraudados nas ſeis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que naõ guardava igualdade, nem juſtiça, com taõ fieis companheiros. Reſpondeo que tinhaõ razaõ, e que naõ era elle homem, que ſe levantaſſe ás mayores com o alheyo; e partindo as ſeis

varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos a cada qual com o que he seu *pro rata.* Taõ pacificas como isto tinha este ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comprar com as rameiras, que cheirando o almiscar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, estafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey, se pertencem a este Capitulo as piratagens, que se usaõ por esses Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que sobre as rendas Reaes se carregaõ. Vaõ os acredores pedir os quarteis a seu tempo, e a reposta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com este cabe poem de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despachaõ, passandolhes vós provimento, ou escrito, de como recebestes tudo; e assim o carregaõ na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas Reaes sempre mais que os outros, e porisso sempre as levava: mas punha no contrato huma clausula, de que naõ se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça par-

te

te em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar delRey, que viessem ter com elle, e que á vista lhas pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em casa os acredores; que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que hes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por esta arte taõ quieta, e pacifica, sem se abalar de sua casa, veyo a medrar mais, que os que levaõ grossos cabedaes ao Brasil, e navegaõ com grandes riscos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma; que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Espanha por muitos annos, livrando todos seus Estados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ do Rey todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa. Tinha em todas as Cortes da sua maõ hum Conselheiro, que lhe correspondia com os avisos de tudo, o que se tratava; e a cada hum dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ estes canos muito occultos; e tanto que tinha assopro, que se maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro proposito tam bem armadas;

 que

que desarmavaõ tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza, e ardil de hum bom Ministro, sagaz, e prudente! E assim dizia este ao seu Principe: Senhor as couzas levadas por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, saõ, e illezo: e com hum milhaõ, que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem taõ grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhoens, e das inquietaçoens, que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso Leitor: aonde estaõ aqui as unhas pacificas? Perguntastes bem: mas responderey melhor: que estaõ nos Senhores Conselheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o segredo dos seus Principes, que he huma joya, que naõ tem preço; porque depende delle o augmento dos seus Estados, que muitas vezes se apoya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escuza nas consequencias da paz, que sempre he mais proveitosa para os póvos; cujo bem, e conservaçaõ deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo, se naõ touxer comsigo mayor perda, como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si, que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz, com que nos

con-

conſervava ſua potencia dentro no Reyno. He verdade, que naõ entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietaſſem o ſomno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima ſurda nos hia gaſtando, e conſumindo, ſem darmos fé do damno, ſenaõ quando já quaſi que naõ tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e eſta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o commercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e poriſſo he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que ſe grangêa.

****

CAPITULO XIX.

Proſegue-ſe a meſma materia, e moſtra-ſe, que tal deve ſer a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem.

O Officio do Principe he procurar, que ſeus vaſſallos vivaõ em paz: e poriſſo qnando o juraõ, leva na maõ direita o Septro, com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ eſquerda, que he a do eſcudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais neceſſidades de ſe defenderem, para conſervarem a paz, que de of-

 fende-

fenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a paz; e tratarem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tello-haõ, se lhe pedirem, que lhes dë juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouvesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheyas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a naõ poder concluir, faça pelo menos tregoas; porque por meyo das tregoas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, he gente de sua palavra: e quem está vitorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condiçoens da paz saõ de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ, que lhes entregassem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo.

por-

porfiado; porque a malicia, e a ambiçaõ com pretexto de paz se valem de enganos, e cautelas, peores que a guerra: e porisso o Principe prudente no tempo da paz naõ deve deixar os ensayos da guerra, e exercicios militares; nem que os seus vassallos se dëm ao ocio, e regalos; porque, como diz Tito Livio, naõ fazem tanto damno á Republica os inimigos, quanto fazem os regalos, e deleites. Na mayor paz ter as armas, e armadas prestes enfrêa os inimigos. Paz desarmada he mais arriscada, que a mesma guerra. Naõ estaõ ociosos os galeoens no estaleiro, nem as armas com bolôr nos armazens: dalli sem se moverem, estaõ reprimindo os impetos do inimigo, que se acanha só com cheirar, que ha de achar resistencia. O Emperador Justinianno tem, que os Principes haõ de estar ornados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os póvos, que tem a seu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o desprezo das leys, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia, naõ matou, nem cativou, os que lhes resistiraõ: mas só mandou para se vingar delles, que naõ exercitassem mais as armas, e que se occupassem em tanger, cantar, e dançar, e em serem jograes, e taverneiros; e com isto conseguio, que a gente daquella Cidade taõ insigne no mundo fosse vil, e fraca. Tal foy a paz, que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral, que deu a todos os que lhe resistiraõ: e houve Estáditas taõ sabios, que tiveraõ isto por felicidade.

Da

Da maneira que os corpos, e ſubſtancias terreſtres naſcem, creſcem, e morrem; e quando naõ tem de fóra, quem os gaſte, dentro em ſi criaõ, quem as conſome: aſſim as Republicas quando naõ tem inimigos de fóra, dentro em ſi criaõ, quem as deſtroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro naſce a ferrugem, que o gaſta, ſe o naõ uſaõ; e no páo o gurgulho, que o come, ſe o naõ movem, e até o mar ſe corrompe em ſi meſmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; aſſim nas Republicas naſcem bandos, e diſſençoens, que as inquietaõ, e conſomem, ſe com a paz deixaõ entrar nellas a ocioſidade. O Principe dos Filoſofos no cap. 7. lib. 5. da ſua Politica adverte tres couſas, partos da ocioſidade, que aſſolaõ as Republicas. Primeira: admittirem-ſe poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segundo: excluîrem os ricos vicioſos aos pobres virtuoſos. Terceira: levantar-ſe hum valîdo com o meneo de tudo. De tudo reſulta, que com tyrannîa ſe izentaõ, com ambiçaõ roubaõ, e com ſoberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-ſe odioſos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoens, que naõ ſocega, até que naõ arrebenta com trovoens, e rayos, aſſolaçoens, e ruinas. Plataõ diz, que a Republica écioſa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e ſacrilegos, meſtres de maldades. Convem que aſſim como as abelhas naõ conſentem zangaõs na ſua Republica; aſſim os que governaõ a noſſa, naõ devem conſentir gente ocioſa expoſta a vicios, novidades, e inquietaçoens.

Ariſto-

Ariſtoteles, que ſempre contradiz a ſeu Meſtre Plataõ, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder ſe eximem da obediencia das leys, e com a ocioſidade eſtaõ preſtes para motins, e com as riquezas aptos para os ſuſtentar: impedem a reformaçaõ dos coſtumes, relaxaõ a modeſtia do povo com gaſtos ſuperfluos no comer, e veſtir, incitando o vulgo a deſobedecer. E ſe o Principe os naõ vigiar para os trazer a todos em regra com temor, e amor, darlhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ſer conſequencia infallivel, que peccados publicos tollerados aſſolaõ as Republicas como fogo: naõ ſaõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, ſenaõ o deſcuido, com que toléraõ as demazias dos póvos, que Deos caſtiga com Pharaóes, Caligulas, e Neroens, que lhe ſervem de algozes: e quando o Principe he bom, permitte, que tenha Miniſtros taes, como eſtes Emperadores, e que os naõ poſſa atalhar, porque o enganaõ com a hypocreſia maſcarada com côr de virtude, e zelo. Livrarſe-hà deſtes enganos, farſe-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey (diſſe hum Sabio) que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que naõ conſinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e ſerá tido por juſto. Segunda, que naõ diſſimule nenhuma deſobediencia, por leve que ſeja, ſem caſtigo pezado: e farſe-ha temido. Terceira, que naõ deixe paſſar nenhum ſerviço ſem premio: e ſerá bem ſervido. Quarta, que ninguem de ſua preſença ſe aparte

deſ-

desconsolado: e será de todos muito amado. E hum Rey justo, temido, bem servido, e amado, conservará sua pessoa segura, seu Imperio inexpugnavel, sua fazenda com augmentos, e seus vassallos sem faltas. E em chegando a este auge, logrará prospero seu Septro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

****

CAPITULO XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.

SAnto Agostinho lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que assim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, sangrias, e fogo; assim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que saõ as diétas; com pestes, que saõ as evacuaçoens, com guerras, que saõ as sangrias, e o fogo. E vem a ser os tres açoutes, que Deos mostrou a David, com os quaes costuma castigar os homens: e por mayor se póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, sagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os pescadores; assim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que se empolgar suas unhas, que chamamos Militares. Na restauraçaõ da Bahia entregou o Monarcha dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as despezas da guer-

guerra. Houve depois desgosto entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fradique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagasse, ou désse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe désse a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E poderá dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a sorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pez, e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Seraõ estas por ventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quaes se se mancomunaõ, ou descuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se naõ saõ estas, pôde ser que ajudem, porque escrevendo despesas, onde naõ houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, naõ se enxergaõ no fim das contas, que capeaõ sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta taõ defraudada no cabedal, e porisso nos soldados, vale-se tambem das unhas, que mais propriamente saõ Militares, para que naõ falte aos soldados o necessario, e tambem o superfluo; e daqui vem, que o mesmo he ser soldado, que naõ vos fiardes delle.

Tem

Tem a guerra grandes licenças, naõ lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheyo sem titulo, que cohoneste a pilhagem; e naõ póde haver este, onde se naõ falta com o necessario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a sustentaçaõ dos soldados, que he bastante, e de sobejo; e porisso os soldados saõ obrigados a defender os póvos, que naõ padeçaõ injurias, damnos, nem perdas. E sobre esta obrigaçaõ, sahirem da mesma milicia unhas, que destruaõ os póvos, he grande injustiça, a qual vem a cahir, sobre os que occasionaõ nos soldados com defeito das pagas taes necessidades, que os obrigaõ a buscar remedio para naõ perecerem; e o que se lhes offerece logo mais á maõ, he meter a maõ até o cotovello pelo alheyo, quando se lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Ministros, Cabos, e Officiaes as mãos em suas consciencias, e acharáõ, que tanta pena como o ladraõ merece, quem lhe dá occasiaõ semelhante para o ser. E se achar que fallo escuro, naõ mo tache; porque o tempo anda carregado; accenda huma candea no entendimento, e verá logo, que he obrigado a restituir, naõ só o que embolçou, mas tambem o que o soldado furtou, por elle lhe naõ pagar.

Naõ saõ os pagadores, nem os soldados sós, os que jogaõ unhas militares: tambem os senhores Capitaens, e Cabos mayores tem suas unhas, tanto mayores, quantos o saõ os cargos. Offerece-se hum destes a Sua Magestade, que lhe de huma gineta, e que elle levantará a Bandeira

ra

rá de infantes á ſua cuſta. Contenta o alvitre no Conſelho, porque fórra de gaſtos a fazenda Real: ſóbe a conſulta; deſce a proviſaõ: parte o ſupplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos ſolteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderoſos: chovem interceſſoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por eſſe titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, ſaõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta aſſim quatro, ou cinco mil cruzados: gaſta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ ſe puderaõ livrar da violencia por miſeraveis, e fica-ſe com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, poem em pés de verdade, que tudo he á ſua cuſta: e deſte ſerviço, e outros ſemelhantes faz outra unha, com que alcança huma Commenda. E como eſtas pilhagens tem propriedade de creſcerem ao galarim, vem a engroſſar tanto, que por meyo dellas dá caça a officios, e beneficio, com que enche, e ennobrece toda a ſua geraçaõ: e vem a ſer tudo deſtreza ſua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem ſem arte, elle acha thronos com eſperanças de mayores accreſcentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos paſſados exemplos deſta fortuna proſperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem ſua vexaçaõ, morriaõ no Caſtello com ruim nomeada; e os

que

que traziaõ milhoens furtados, de tudo ſe eſcoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Em fim o que reza eſte paragrafo já naõ corre. Seria immenſo, ſe quizeſſe eſgotar aqui todas as unhaõ militares, aſſim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he ſeu, ajudando-ſe para iſſo da juriſdiçaõ das armas. Acabo eſte Capitulo com huma habilidade dos Aſſentiſtas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as económias humanas, (e tambem nas divinas) que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e poriſſo ninguem repara nos grandiſſimos lucros, que os Aſſentiſtas colhem da obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras; porque ſe ſuppoem que empregaõ niſſo ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro eſtá que deve correſponder hum grandioſo lucro; e tal lho deixaõ recolher, ſem ſe advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, baſtaõ, e ſobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he aſſim, que Sua Mageſtade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no meſmo anno; de ſorte, que quando os acabaõ de gaſtar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade eſtá ſó no principio, e no primeiro quartel das pagas, que ſe fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma couſa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, baſtaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao

fiado,

fiado, e ao puxado, remedeaõ o primeiro quartel; e quando vem o ſegundo, jà tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que baſta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gaſtos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a ſua, e que ſaõ poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora là os Eſtadiſtas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

****

CAPITULO XXI.

Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas militares, e como ſe deve fazer a guerra.

HE a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neſte mundo, jà o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre ſi as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que ſe toma he furto, e na guerra muito menos, declarey tudo, o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pòdem chegar as unhas militares. Jà que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que naſceo com a eſpada na maõ;

armas lhe deraõ o primeiro breço, com as armas cresceo, dellas vive, e vestido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he, que saiba tudo, o que permitem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conservar o proprio, e destruir o alheyo, para que com a potencia naõ destrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Christãos; e he heresia dizer que he intrinsecamente mào, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que se sigaõ della muitos males, saõ menores, que o mal, que com ella se pertende evitar. A guerra, ou he aggressiva, ou defensiva. A defensiva naõ só he licita, mas he obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vir repellere licet.* E he obrigaçaõ fazella, quem tem a seu cargo defender a Republica. A aggressiva naõ he mào fazer-se, antes póde ser bom, e necessario. naõ he mào, porque temos muitas na Sagrada Escritura mandadas fazer por Deos; e he necessario fazer-se, porque a razaõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, saõ necessarias tres circunstancias. Primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e seus Ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, pódem fazer guerra; porque lhes pertence a defensaõ.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem

tem poder ſupremo no temporal; porque militaõ nelles as meſmas razoens, e naõ ha direito, que lho prohiba: e como pódem pór Juizes nos Tribunaes, que ſentenceem cauſas criminaes, pódem pór exercitos em campo, que conſervem ilieza a ſua Republica; porque naõ intentaõ com iſſo direitamente homicidos, ſenaõ actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, ſe pòdem os Eccleſiaſticos tomar armas, e peleijar? Na guerra defenſiva naõ ha duvida, que pódem; porque o direito Natural permitte, e o Poſitivo naõ prohibe aos Eccleſiaſticos defenderem ſuas vidas, e fazendas. A guerra aggreſſiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras, por ſer indecente ao eſtado: mas dado, que quebrantem eſte preceito, naõ ſeraõ obrigados a reſtituir o que pilharem, ſe a guerra for juſta; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ, naõ peccaõ contra juſtiça: e pela meſma razaõ naõ ficaõ irregulares, ſe naõ matarem peſſoalmente; como nem os que exhortaõ á peleija, ou aconſelhaõ aos ſeculares, que vaõ á guerra. Se a guerra for injuſta, todos ficaõ irregulares, até os ſeculares, e os que naõ cõmetterem homicidio, porque baſta, que o corpo do exercito o cometteſſe. O Papa pòde dar licença aos Eccleſiaſticos para militarem, porque pòde diſpenſar nos preceitos da Igreja: e em tal caſo naõ incorrem irregularidade, porque diſpenſados no principal, ficaõ livres no acceſſorio.

O Papa ainda que naõ tem juriſdicçaõ temporal fóra do ſeu dominio, tem direito para avo-

 car

car a si as causas da guerra dos Principes Christãos, e julgalas, e saõ obrigados a estar pela sua sentença, se naõ for injusta: e daqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre Principes Christãos, porque tem o Papa, que póde determinar suas causas: mas muitas vezes naõ convém interpor o Summo Pontifice sua authoridade, para que naõ se sigaõ outros inconvenientes mayores, qual seria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caso naõ saõ obrigados os Principes a esperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pòdem levar a cousa por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o Principe, que naõ deu occasiaõ ao Papa, para se abster no juizo da tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdicçaõ naõ he valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se naõ recompensou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra justiça o Principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos; porque no tal caso já naõ tem titulo para levar a cousa por força, pois está dada sentença.

A Gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas isto bem se vê, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheyo sem causa, que o possuidor désse. A tres

cabe-

cabeças ſe reduzem todas as cauſas juſtas. Primeira: ſe hum Principe toma a outro, o que naõ he ſeu. Segunda: ſe cauſou lezaõ grave na fama, ou na honra. Terceira: ſe nega o direito das gentes, como ſaõ paſſagens, e cõmercios; porque o Principe tem obrigaçaõ de conſervar os ſeus illeſos neſtas couzas. Da meſma maneira póde ſoccorrer o Principe ao que ſe meteo debaixo de ſua tutéla, ſe tiver alguma deſtas cauſas por ſi. Quem fizer guerra ſem alguma deſtas cauſas, pecca contra juſtiça, fica obrigado a reſtituir os damnos: e tendo cauſa juſta, ſe ſe ſeguirem da guerra mayores damnos à ſua Republica, que lucros á ſua vitoria, naõ póde fazer em conſciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da ſua Republica: e naõ ſe ſegue daqui ſer neceſſaria certeza da vitoria, porque eſta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Chriſtãos pódem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás ſuas Republicas receber a Ley de Chriſto; porque neſta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que ſe lhes faz. E por eſta via conquiſtou Portugal os Reynos, e Eſtados, que tem Ultramarinos. O exame das cauſas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e naõ aos Vaſſallos: os Conſelheiros ſaõ obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde à cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que ſe trata, for duvidoſa igual-

 mente

mente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgaõ as de mais causas civeis em todos os Tribunaes; e se nenhuma das partes estiver de posse; partirse-há a contenda, se for de cousa partivel; e se o naõ for, lançarse-haõ sortes, ou pagarà a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razaõ natural, e o direito cõmum.

Os soldados, e vassallos naõ saõ obrigados a examinar as causas da guerra: e pódem hir a ella, se lhes naõ constar, que he injusta; porque os subditos saõ obrigados a obedecer a seu Superior; e devem presuppór, que elle terá averiguado tudo em razaõ, e direito, como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios, que naõ saõ subditos, que se pódem deixar hir, por onde vaõ os outros; álem de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo, que se deve guardar na execuçaõ da guerra, depende de tres gràos de gente, que saõ: o Principe, os Capitaens, e os Soldados, em tres tempos distintos, que saõ: antes da batalha, no actual conflicto, e depois da victoria. E em tudo isto se devem considerar tres couzas; o que se pòde fazer ao inimigo, o como se deve haver o Principe com os Soldados, e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados, e estes a peleijar por elle sem fugir, nem largar os seus póstos: e daqui se segue, que naõ pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe, e que seráõ obrigados a restituillas: mas depois da vitoria pódem

pòdem partir os deſpojos ſegundo o coſtume. Antes de ſe começar a guerra, he obrigado o Principe a propór as cauſas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a ſatisfaçaõ, que pertende: e ſe lha der, he obrigado a deſiſtir; mas poderà demandar os gaſtos feitos: e ſe a naõ der, procede a guerra juſtamente, e com direito á mayor ſatisfaçaõ pela nova injuria de naõ aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer neceſſario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até ſe alcançar a vitoria, he licito, e juſto fazer ao inimigo todos os damnos, que ſe julgarem neceſſarios para a ſatisfaçaõ, ou para a vitoria, ſem offenſa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que baſtem, para vingança, e ſatisfaçaõ dos damnos que deraõ: e naõ ſe devem computar aqui as pilhagens dos ſoldados, porque aſſim o tem o uſo, e ſe lhes deve, por expórem ſuas vidas: mas deve ſer permittindo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, ſe naõ ſe der por ſatisfeito; e cativallos, e tomar-lhes ſeus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores ſenhores de todos os bens dos vencidos: e tudo ſe deve regular pela offenſa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos ſe acharem alguns de amigos, devemſe-lhes reſtituir. Se os damnos feitos aos inimigos baſtarem para a ſatisfaçaõ, naõ ſe pódem extender aos innocentes. Innocentes ſaõ os

meninos, e as mulheres, e os que naõ pódem tomar armas, e todas as peſſoas Religioſas, e Eccleſiaſticas. Os peregrinos, e hoſpedes, naõ ſe contaõ por membros da Republica; mas ſe os taes damnos naõ baſtarem, bem ſe pódem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque ſaõ partes da Republica. Entre Chriſtãos já o uſo tem, que os cativos naõ ſejaõ eſcravos; mas pódem ſer retidos para caſtigo, para reſgate, ou troco. E porque eſte privilegio ſe introduzio em favor dos fieis, pódem ſer eſcravos, os que apoſtàtaraõ para o paganiſmo, naõ para a hereſia; porque de alguma maneira ainda retém o nome Chriſtaõ. Naõ ſó as peſſoas Eccleſiaſticas, mas tambem os bens das Igrejas ſaõ izentos da juriſdicçaõ da guerra pela reverencia, que ſe lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica eſpiritual diſtinta, e izenta da temporal. E accreſcenta-ſe, que tambem os bens, e peſſoas ſeculares, que ſe recolhem nas Igrejas, ficaõ livres pela immunidade: mas ſe fizerem da Igreja fortaleza, para ſe defenderem, pódem ſer arrazados, deſpojados, e mòrtos; porque naõ uſaraõ bem do favor.

Será juſta a guerra, em que ſe guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate ſe perguntaõ quatro couzas. Primeira, ſe he licito uſar de cilladas na guerra? Reſponde-ſe que he licito occultar os conſelhos, e eſconder as traças, mas naõ mentir. Segunda, ſe he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Naõ he licito, ſalvo faltando elle em algum concerto. Terceira, ſe ſe

pòde

pòde dar batalha em dia Santo? Sim, se for necessario, e a obrigaçaõ da Missa segue a mesma regra. Quarta, se póde o Principe Christaõ chamar infieis, ou dar-lhes soccorro para guerra justa? Bem póde ambas as cousas, se naõ houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem póde ajudar-se de féras, tambem poderá de animaes racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva; e muito menos contra o Principe, se naõ for tyranno: porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdicçaõ; e daqui se segue, que pòde o Principe fazer guerra contra a sua Republica com as condiçoens requisitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca saõ licitos, assim porque saõ prohibidos, como porque nimguem he senhor da vida alheya, nem da sua, para a pòr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para naõ ser tido por covarde, se naõ sahir ao desafio; porque isso saõ leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Christaõ entre prudentes, que por desalmado deferindo a ignorantes. Será licito o desafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos se poem em dous soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa, e o poder legitimo: e sendo licito pelejar todo o exercito, tambem o serà a parte delle; com tanto,

tanto, que naõ ſeja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offenſiva para matar, foy Caim contra ſeu irmaõ Abel. Os Aſſyrios foraõ os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens eſtranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Baco, inventou as alas nos exercitos, e enſinou o uſo dos eſtratagemas, e o vigiar com ſentinelas. Sinon foy o primeiro, que uſou fachos. Lycaon introduzio as tregoas; Theſeo os concertos; Minos deo principio às batalhas navaes; e os Theſſalos ao uſo da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenſes as eſpadas: e eſgrimir eſtas armas enſinou Demeo. E ſobre todos campeàraõ Conſtantino Anclitzen Friburgenſe, e Bartholo Suarez Monacho, que deſcobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para deſtruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ ſuas forças, e induſtrias, bem examinados, nenhuma outra couſa pertenderaõ mais, que accreſcentar-ſe a ſi á cuſta alheya: e vem a ſer as unhas militares, a que dediquey eſte Capitulo, para que ſe ſaiba até onde ſe pódem extender, e aonde he bem, que ſe encolhaõ.

CAPI-

****

CAPITULO XXII.

Prosegue-se a mesma materia do capitulo antecedẽte.

E Sponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e isso he o menos, que ella sórve; vidas, fazendas, e honras saõ o seu pasto, em que como fogo se céva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pertende, e alcança, quando naõ a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e porisso he mal necessario o da guerra. Como se pòde fazer, jà o disse no Capitulo precedente: como se deve executar direy agora, para que as unhas militares naõ desbaratem, e malogrem milhões de ouro, q̃ nella se empregaõ.

Traz a guerra comsigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e porisso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz saõ mais prejudiciaes a seu Estado, e reputaçaõ. Sendo necessario fazer-se, se considerar os damnos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e naõ se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E' assim convém, que resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo: e conhecellas-há em sabendo, qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe saõ muito necessarias para a vitoria, e sem ellas naõ trate da

batalha,

batalha; porque ſerá vencido. A primeira he dinheiro; a ſegunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terà quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a ſegunda terá armas de ſobejo: e quem as tem melhores, aſſegura a vitoria. Com a terceira terà mantimentos; e exercito bem provido, tarde, e nunca he vencido. Veja logo que Capitaens tem, porque ſe naõ forem esforçados, prudentes, e venturoſos, perderà tudo: e naõ baſta iſto; porque he neceſſario tambem, que os ſoldados ſejaõ alentados, eſcolhidos, e bem diſciplinados. Quando Julio Ceſar deu batalha a Petreyo em Eſpanha, diſſe, que peleijava com hum exercito ſem Capitaõ: e quando peleijou com Pompéo, diſſe que dava batalha a hum Capitaõ ſem exercito. Tanto monta ſer tudo eſcolhido, e naõ introduzido a caſo, e de tumulto! Faça rezenha das armas, que tem, e ſaiba as do inimigo, porque a vitoria ſegue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os ſoldados bem armados, e veſtidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he concelho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres eſperanças deve ter o ſoldado ſempre certas, para peleijar com esforço, e ſer leal a ſeu Principe: primeira do ſoldo ordinario. Segunda da remuneraçaõ extraordinaria. Terceira da liderdade, quando lhe for neceſſaria. A primeira alenta; porque pela boca ſe aquenta o forno: e naõ devemos querer, que ſejaõ os ſoldados, como os fornos da Arruda, que ſò huma

vez

vez na ſemana os aquentaõ, e iſto lhes baſta para cozerem o paõ de domingo a domingo: tem-ſe iſto por prodigio grande, e por mayor ſe deve ter, que aturem os ſoldados mezes, e mezes, ſem receberem hum real de ſoldo, para ſe veſtirem, e manterem. A ſegunda os faz conſtantes; porque o dezejo de montar, e creſcer he natural; e com a certeza, de que haõ de melhorar de poſto, e alcançar bons deſpachos, fazem pelos merecer, e naõ temem arriſcar as vidas; porque o eſtimulo da honra he o melhor alicate que ha para avanças a grandes emprezas; e tambem o do intereſſe. A terceira os faz leaes; porque ſe ſe imaginaõ cativos, e que nunca poderàõ renunciar o trabalho da milicia, veſtem-ſe da condiçaõ de eſcravos, e he o meſmo que de odio a ſeus Senhores, e hamſe como forçados da galé. E naõ ſó he conveniente eſta razaõ, mas tambem he juſto que os ſoldados ſejaõ voluntarios, e que tenhaõ caminho para ſe libertarem, quando lhes for neceſſario, porque naõ ſaõ eſcravos comprados: nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade, em que naſceraõ, e de que eſtaõ de poſſe: nem a obrigaçaõ de ſervirem á patria prepondéra, quando de ſerem livres reſulta acodirem mais, e ſervirem melhor. Haja correſpondencia igual de ambas as partes; iſto he, que o Principe pague, como o ſoldado ſerve, e acodiráõ logo innumeraveis a ſervilo, ſem ſer neceſſario buſcallos: porque niſto ſaõ como as pombas, que acodem todas ao pombal, onde achaõ bom provimento, e fogem da caſa, onde as depennaõ.

Se

Se examinarmos as causas, porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas, e tambem para o inimigo, acharemos, que pela mayor parte saõ duas desesperaçoens; huma da liberdade, e outra do provimento, e que para ambas as cousas tem justiça: para o provimento, porque quem serve, o merece; e para a liberdade, porque nenhuma Naçaõ do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em se acabando a facçaõ, mas que naõ seja mais que de tres mezes, logo os desobriga, e liberta, por mais soldo, e pagas, que tenhaõ recebido: e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armas, que em se recolhendo, os deixa hir para suas casas: e naõ ha mayor razaõ para naõ se praticar o mesmo estylo, com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella naõ faz exemplo; porque se obriga seus soldados para sempre, tambem lhes dà privilegios equipolentes: e se os leva amarrados com cordas, e algemas, naõ saõ esses os que melhor peleijaõ; e de taes extorçoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que se là trataõ os vassalos como escravos, Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se acharà Doutor Theologo, que approve o uso de Castella, e que naõ diga que he injustiça, indigna até de Turcos, naõ dar liberdade aos soldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos, mas que sejaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter

Ter o Principe amigos, e efpias na terra do inimigo, e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito neceffario. Faça muito por fuftentar a reputaçaõ, e credito de fua peffoa, porque terá quem o firva, e todos fe lhe fugeitaráõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para fer refpeitado, e obedecido; juftifique a caufa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifeftos; porque dá animo aos foldados, que o fervem, e acovarda os contrarios. As caufas da guerra ao todo em geral ordinariamente faõ quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambiçaõ. A primeira, e a fegunda faõ juftas: a terceira he injufta: a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a caufa de fua ruina, fe foy por falta dos Capitaens, fe dos foldados, para emendar o erro: e fe o naõ houve, nem no inimigo mayor poder, deve applacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra fi com as caufas da guerra. E fe com tudo foy por eftar o inimigo mais poderofo, deve diffimular até fe melhorar de forças: porque melhor he fofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que fe perde tudo. Confervarfe-ha em pé neftas demoras confervando o amor dos foldados, e a benevolencia dos póvos; efta ganha-fe adminiftrando juftiça, e aquelle ufando liberalidade.

Queftaõ ha, qual ferà melhor, fe fazer a guerra

guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazer-se a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos ensinaõ, o que será mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Castella favorecia sempre ao que menos podia, para naõ deixar crescer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ esperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizeraõ aceitar por vassallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, teraõ menos em que empolgar unhas militares: isto he, que naõ haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comsigo.

****

CAPITULO XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas.

EXcellencia he de todas as unhas o serem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menéa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre assanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem

homem de bem, por valente que seja; quanto mais as de hum ladraõ, que escala o que mais se guarda, e o que muito mais se estima. Temidas saõ todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offensivas nas mãos de hum Pigmeo naõ as temo; e ha soldados Pigmeos, que naõ passaõ de formigueiros: livrenos Deos das que movem Gigantes: destes fallo; Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e assim saõ as unhas suas taõ agigantadas, que nada lhes pára diante; e porisso com razaõ todos as temem, e tremem. Estes saõ os poderosos por nobreza, por officio, por titulo, e outras qualidades, que os fazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, naõ ha outro remedio, que o de pór em cobro com temor, e pavor, ou aprestar paciencia, e render á sua reveria as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes, irmaõ leitor? Vè-se falto de vestido, e librés para seus criados: chama a sua casa o alfayate mais caudaloso, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, assim eu, como toda a minha familia: bem me sabeis o humor: compray lá pannos, e sedas ao costume, fazeime tudo á moderna, e o preço de tudo corra por vossa conta, até que me venha dinheiro da minha Cõmenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando naõ entendey, que o sentirey muito, já me entendeis. Vay-se o

 official,

official, ſem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, ſe diſcrepar hum ponto de tanta coſtura. Vem a obra feita no dia aſſinalado; veſtem-ſe todos como palmitos; e ſó o alfayate fica deſpido, e empenhado até à morte, e ſe fallar mais no cuſto, cuſta-lhe a vida. Outros milhafres deſtes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vóo, e para que os naõ tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-ſe a caſa do mercador mais groſſo, eſcolhem as peſſas que querem de téllas, ſedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receira para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para ſua caſa, corta largo à cuſta da barba longa, e raſga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoſo já rompeo, para correſponder a Milaõ, Flandres, e Inglaterra: reſpondelhe, que naõ ſeja importuno, ſe naõ quer que lhe ſeja moleſto, e que lhe cuſte mais cara a venda, que a elle a compra; e aſſim ſe vay deixando eſquecer com a fazenda alheya: e ſe o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a ſua ainda melhor, com cortezia, e mais pela manſa. Já ſabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma viſita a titulo de amizade, com que os deixaõ deſvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gale-

galego? E ſegundaõ logo com outra, a titulo de neceſſidade, que repreſentaõ, e para a remediar pedem empreſtado, e tambem a razaõ de juro, que para elles tanto monta cinco, ou ſeis mil cruzados, de que lhe paſſaõ eſcrito, porque ſe obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ à fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que là tem huns figueiraes no Algarve, &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos, aſſim no tempo da paga; porque àlem de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citaçaõ, que lhe ha de cruzar a cara, ſe fallar na divida, ou ſe queixar á juſtiça. E o pobre do homem, porque lhe naõ paguem com cruzes os ſeus cruzados, darà outros ſeis mil, e que o deixem lograr ſuas queixadas ſans, e levar ſuas brancas limpas ao outro mundo, ainda que và com a bolça limpa, e ſem branca. Outros, e ſaõ eſtes já mais que muitos, para ſe forrarem de tantos cuſtos, e riſcos, recopilaõ os lanços; eſperaõ em paragens eſcuras, ou a des horas as peſſoas, que ſabem tem moeda copioſa, poemlhe duas piſtolas, ou dous eſtoques, nos peitos, e que faça alli logo hum eſcrito: e eiſaqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, e he de noite; com todo o encarecimento a ſua mulher, ou ao ſeu caixeiro, que entregue logo logo à viſta ao portador dous mil cruzados em ouro: e aſſim ſe eſtaõ a pé quedo, até que volta hum delles com a repoſta em effeito. E andaõ taõ affoutos, que em ſuas proprias caſas enveſtem aos que ſentem capazes deſtes aſſaltos. Teſtemu-

nha seja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaraõ por esta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em remataçoens de fazendas, que fazem pór em leilaõ por mil tranquilhas? Ha neste Reyno Ley, que prohibe aos Ministros da Justiça, que naõ lancem nas fazendas, que se executaõ (e guarda-se exactissimamente nos officiaes da Santa Inquisiçaõ) porque com o respeito, que se lhes deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente lesas: mas como as leys saõ téas de aranha, que caçaõ moscas, e naõ pescaõ tritoens: logo estes buscaõ traças: *De pensata la lege, pensata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras pessoas, manifestando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoso, com que todos se acanhaõ: e assim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as couzas por menos da ametade do justo preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, naõ só no substancial dos bens moveis, e de raiz, que se vendem, senaõ tambem os direitos Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: taes saõ, as que se levantaõ com as decimas, porque naõ ha justiça, que se atreva a executalas; e porque saõ mais que muitas, fundem as decimas muito pouco: saõ muitos os que as cobraõ, e poucos os que executaõ a si mesmos: saõ muitos os poderosos, que se eximem, e pouco

co o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre pessoa Real nesta empreza, a quem todos respeitem, temaõ, e logo cresceráõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporse-lhe quem ellas temaõ. Escrito está este remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa témpera, que naõ se acanhava a medos, nem ameaças; deu comsigo na Corte, lançou-se aos pés delRey, contoulhe o caso: mandou-o ElRey agasalhar com hum tostaõ por dia, e hum cruzado para sua mulher, e filhos á custa do fidalgo, que mandon logo chamar à Beira: veyo muito contente esperando grandes mercés, que todos cuidaõ as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer pareante si com o lavrador: e perguntandolhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os custos; e que naõ lhe dava mayor castigo por outros respeitos; mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida, e saude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia, e que rogasse a Deos, que nem adoecesse; porque tudo havia de resultar em mayor desgraça sua. E resultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tímidas: e este he o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse

hum prudente, que se devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ mostraõ-se os dentes, e naõ o coraçaõ. E bem se vé, que quanto mais buscamos estas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais insolentes, e desarrazoadas se mostraõ, pagando com descortezias, e ladroíces nossos primores; porque lhes cheiraõ estes a covardia, e consideraõ-se temidos, e blasonaõ. Se elles naõ nos mandaõ a nós Embaixadores, sendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que somos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Esta razaõ naõ tem reposta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes bisonhos, que ainda naõ sabem, que caens só às pancadas se amansaõ. Mas diraõ que naõ temos pàos para espancar tanto caens. A isso se responde, que antigamente hum só galeaõ nosso bastava para envestir huma armada grossa, e botando fogo, e despedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes nossos em huma bateira bastavaõ para envestir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arças, e solas de çapatos sustentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e sempre foy nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mesmos, e assim fica respondido, que temos páos, com que espancar a todos. Ainda me instaõ que estaõ mudadas as cousas, porque ainda que somos os mesmos, saõ os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e estes saõ leoens,

e mais

e mais déſtro que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ eſſes mares, pelejaõ noſſas barras, e tudo nos tomaõ ſem termos cabedal, com que reſiſtamos. Reſpondo, que poiſſo o naõ temos, porque lho deixamos tomar: o certo he que com noſſa ſubſtancia engroſſaõ: haja entre nòs piratas para elles, aſſim como elles o ſaõ todos para nòs: dé-ſe licença aos Portuguezes poderoſos para armarem navios, que andem ao corſo, como ſe deu antigamente aos de Vianna, que em quatro dias alimparaõ os mares. A meſma Vianna arma hoje como entaõ, ſe quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa ſeis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanías: e eiſahi huma armada de vinte velas com duas eſquadras; e arme-ſe huma bolça ſó para iſto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as noſſas barbas ſem vituperios. Mas diraõ ainda os zeloſos Criticos, que iſto de bolças he pernicioſo invento, que hereges introduziraõ, e que na do Braſil ha muito que emendar. Negolhe todas as conſequencias. A do Braſil he muito boa, e ſó poderia ter de mal, ſe entraſſe nella alguma gente, que trataſſe ſó de ſeu intereſſe, ou nos pudeſſe ſer ſuſpeita: mas ſeriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me naõ pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que eſtà em Roma, e poderá ſupprir, e tirar os eſcrupulos. Quanto mais que o que aponta de novo, nada leva deſſes eſ-

 cabeches,

cabeches, porque ha de ſer de gente eſcoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes eſtomago, para fazerem outra bolça ſó para a India, pois he empreza ſua: e ſerlhes-ha facil, ſe puzeraõ nella ſó, o que gaſtaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e conſomem na cura de males, com que eſtas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o noſſo Reyno ſem tantas perdas temido, e venerado. Deos ſobre tudo.

****

CAPITULO XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tímidas.

TEnho por mais crueis, e damninhas eſtas unhas, que as paſſadas; porque os tímidos, e covardes, para ſe aſſegurarem fazem mayor eſtrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de ſeguro em ſeu braço. Hum leaõ contenta-ſe com a preza, que lhe baſta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as poſſa empregar. A rapoza, quando dà em hum galinheiro, tudo degola, e eſpedaça até o ſuperfluo. Nem ha outra cauſa deſta diſparidade, ſenaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoſo, e valente. Taes ſaõ as unhas tímidas, mayores damnos cauſaõ com ſeu temor, que as temidas com ſua potencia. E daqui vem as mortes, que daõ, e as caras que esfolaõ ladro-

ladroens formigueiros por eſſas eſtradas: temem o ſer deſcobertos, que lhes dèm na trilha, e para ſe aſſegurarem, nada deixaõ com vida: a meſma arte, que os enſina a furtar, para ſuſtentarem a vida, lhes deu eſta regra, para a aſſegurarem, que arredem teſtemunhas com as meſmas garras. Nem pàraõ aqui os damnos, que adiante paſſaõ; porque nas meſmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relogio de ouro, que hia de Liſboa para hum Rey de Caſtella, por naõ ſerem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela meſma cauſa a enterraraõ amaçada na eſtrada de Villa Viçoſa, junto ao poço de entre as vinhas, ſem ſe aproveitarem della para nada.

Dà hum ladraõ deſtes tímidos em huma Alfandega, tira o miolo a duas caixas de açucar, e naõ repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que ſe cuide, que o meſmo caminho levaraõ as duas, cuja ſubſtancia elle encaminhou para ſua caſa, e que as humidades do mar, e do ſitio obraraõ abuelle mào recado. Tira hum marinheiro dous almuqes de vinho de huma pipa, e para que naõ ſe ſinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua ſalgada, e faz iſto meſmo a vinte, ou a trinta, porque aſſim ſe foy brindando, e a ſeus companheiros toda a viagem; e naõ repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos

almu-

almudes, de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce naõ reparar hum ladraõ destes tímidos, em fazer rachas hum escritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando naõ póde levar tudo debaixo do braço; nem em pór fogo a huma casa, para que se cuide, que se foy no incendio a pessa rica, com que elle se foy para sua casa, &c.

O remedio singular, que ha para todos estes, he a forca, porque como saõ tímidos, só o medo della os póde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andaràõ compòstos, como lá disse hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladraõ na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu naõ sou de opiniaõ, que se enforquem homens valentes, quando ha outros castigos taõ rigorosos como a forca, quaes saõ os degredos para as conquistas, onde pódem ser de prestimo: e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratamos das tesouras, com que se cortaõ todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforcar alguns, sejaõ os tímidos, covardes, gente inutil, que bastaràõ para documento, e freyo, que sustente em regra os mais.

CA-

****

CAPITULO XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.

OS Padres da Companhia de Jesus crearaõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ déstro no seu officio de caçar; que atè as aves do ar sugeitava à jurisdicçaõ das suas unhas. Este como se tivera o discurso, que os Filosófos negaõ a animaes, que carecem de entendimento; revolvia-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do paõ, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo, que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que se fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui; hum da lama, com que se vendia pelo que naõ era; outro da dissimulaçaõ de morto; com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia às aves, para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores, e pescadores, que disfarçaõ o anzol, e o laço para asseguraremа preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem á si, que isso tem de timidas: e até as mais temidas, e afoutas buscaõ disfar-

disfarces, para evitarem pejos, e eſcandalos. E vimos a concluir, que naõ ha ladraõ, que ſe naõ disfarce para furtar; porque até os mais deſcarados, que ſalteaõ nas charnecas, cobrem o roſto com maſcaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado nos ſalteão, ſe não cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarção com mil màſcaras, de que uſaõ, cores, e capas, que tomão para encobrirem ſua maldade, e fazerem a ſua boa.

Chega o pertendente ao Miniſtro, por cujas mãos ſabe, que correm os deſpachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre ſi, que perderá o Miniſtro duzentos mil reis, ſe naõ lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, ſe lho alcançar: aſſeguraõ-ſe com eſcritos, que ſe paſſaõ de parte á parte, cuja letra, ou ſolfa, nem eu a ſey deſcantar, nem o diabo lhe entende o compaſſo: e com eſte disfarce acreditaõ ſeus primores, e encobrem os barrancos, que ſe ſeguem; e o que he ſimonía, uſura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que ſe arriſcaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito ſerenos na conſciencia, pela regra dos contratos oneroſos; como ſe no ſeu houvera algum riſco, quando elles tem todo o jogo na ſua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *à dextris*, *e à ſiniſtris*.

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m. huma Quinta, que tenho muito boa, e dizima a Deos,

a Deos, ou a Vossa Senhoria (que tambem entraõ Senhorias nisto) jà que he omnipotente na Corte, se me livrar de huma tormenta de accusaçoens, que actualmente chovem sobre mim, em que me arrisco a sahir confiscado, ou com a cabeça menos. Sou contente, respon-de o Ministro; mas ha-me Vossa Mercé de fazer huma escritura de venda, em que confesse, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a escritura, toma com ella posse da propriedade; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e naõ descança, até o pór em gemeas escoimado, e limpo, como huma prata. E porque naõ ha couza occulta, que tarde, ou cedo, se naõ revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-se a descobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accusaçoens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a escritura nas barbas: fizeraõ mentirosos os zeladores, e ficaraõ-se rindo; se naõ he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quaõ caro lhe custou o disfarce da escritura, com que o seu valído capeou o conleyo. Outros com hum ságuate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem dobroens emprestados, que vos pagaõ com mil figas. Do zelo, e serviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos grossissimos dos bens da Coroa. Estou-me rindo, quando os vejo fervorosos, e diligentes no manéo da fazenda Real: naõ dormem, nem comem, antes se comem com o cuidado, e diligencia,

gencia, que moſtraõ em tudo, naõ perdoando a trabalho; e eu eſtou cà comigo dizendo: aſſim tu barbes, como tu tens mais amor ao proveito delRey, que à ti meſmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com eſſes merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para palear uſuras, quando paſſaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençoens de beneficios, capa he, com que ſe disfarçaõ ſimonías. Mudaõ os només às couzas, para enganarem remorſſos. Deſmentem humas maquinas com outras: arquitectaõ caſtellos de vento, para renderem à força da conſciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

****

CAPITULO XXI.

Dos que furtaõ com unhas malicioſas.

AS unhas disfarçadas muito cheiraõ a malicioſas, mas tem eſtas de mais, que aquellas hum grande palmo, ſe naõ he covado: e poriſſo lhe damos particular Capitulo. Naõ ha furto ſem malicia, nem peccado ſem malicia; donde ſe colhe, que ſe o furto he peccaminoſo, tambem ha de ſer malicioſo: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que eſcondem, e re-

pre-

prezaõ o paõ, para que naõ ſe veja abundancia, e appareça a careſtía, e ſuba o preço. O meſmo fazem os mercadores com ſedas, e pannos: moſtraõ-vos ſó huma peſſa da cór, ou lote, que buſcais, e juraõ-vos por eſta alma, ponde a maõ na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais que eſte retalho, e aſſim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gaſtando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renaſcia cada vez mais formoſo. Mas que muito que façaõ iſto na rua Nova, quando até os que naõ profeſſaõ a ley velha, fazem o meſmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque ſe o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que ſubaõ, e enchaõ bem as bolças com aſſolaçaõ do povo, ajudaõ-ſe da malicia, que eſtà deſcoberta, e ſerà remediada, ſe ſe der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com ſemelhantes eſtanques.

Arrendaſtes huma vinha por hum anno, puxaſtes por ella na póda, e fizeſtes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno ſeguinte, e furtaſtes com unhas malicioſas ao proprietario a ſubſtancia de hum anno, e póde ſer que de muitos. Em Béja vi huma eſtalajadeira comprar por dez reis duas còves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e ſem

e ſem ſe erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteou hoſpedes, e almocreves, que ſe deraõ por bem ſervidos: mas mais bem ſervida ficou a malicia da hoſpeda, que com hum vintem, que diſpendeo, intereſſou ſeis toſtoens, que embolçou. Naõ ſey ſe diga, que ſe eſtende tambem a malicia deſtas unhas á crime *læſæ majeſtatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e proviſoens falſas, com firmas, e ſellos Reaes? Hum freguez deſtes conheci no Limoeiro por fazer moeda falſa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houveſſe hum pequeno de chumbo em ſegredo; e ſabida a couza, tratava de livrar-ſe appellando para outro foro: dizia que era Religioſo de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, e ſó lhe faltava o ſello, e queria o chumbo para fazer delle o ſinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito malicioſas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador, do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado, para ſemear: ſou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo eſte anno, e niſſo ficaraõ com aſſento feito. Succedeo, que nunca ſobio o trigo de trezentos e vinte: mas o Cidadaõ mandou pór na praça meyo moyo ſeu eſcolhido com ordem á vendedeira, que o naõ déſſe por menos de cinco toſtoens: e para que naõ eſtiveſſe ás moſcas, mandou logo ſeus confidentes com dinheiro, que para iſſo lhes deu, que compraſſem todo aquelle trigo; como para ſi

pelo

pelo preço, que a medideira pediſſe: e aſſim recolheo outra vez para ſua caſa o ſeu paõ, e o ſeu dinheiro, e tomou teſtemunhas de como ſe vendera toda aquella ſemana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a ſeu tempo pagar pontualmente a razaõ de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: ſahio-lhe o ſeu acrèdor de ſoslayo com a tramoya; convenceo-o em Juizo com as teſtemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe péz. E ainda fez mais, que naõ tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que entaõ valia a dous toſtoens: e tudo bem ſomado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa ſatisfaçaõ do moyo, que tinha empreſtado havia poucos mezes.

Quaſi ſemelhante a eſte he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve: Vem os lavradores da Serra às Cidades prover-ſe do que lhes he neceſſario dos mercadores, que lhes daõ tudo fiado até às colheitas do figo, e paſſa, mas com tres encargos muito oneroſos. Primeiro, que lhes encaxaõ, o que levaõ da loge, pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paſſa, e figo avaliando-o pelo mais baixo a titulo do beneficio, que receberaõ, quando lhes gaſtaraõ as mercadorias, que lhes apodreciaõ em caſa. Terceiro, que lhes haõ de pòr tudo na Cidade à ſua cuſta. Mais malicioſa eſtà outra onzena, que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-ſe alli muitos paſſageiros para o Braſil, e os que naõ tem cabedal para ſe

 avia-

aviarem de matalotagem, e outros apreſtos, pedem aos mercadores dinheiro empreſtado a correſponder com açucar. Reſpondeo hum: vendo pannos, naõ empreſto o dinheiro, com que trato: ſe v. m. quer panno fiado darlho-hey, buſcarà quem lho compre, e fará ſeu negocio com o dinheiro, de que neceſſita. Seja como v. m. quizer: ouro he, o que ouro val, e por ſer fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias: e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v. m. ſe naõ canſe com hir mais longe, eu lhe comprarey eſſe panno pelo preço, que o coſtumo comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio eſtimavel, e abateolhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-ſe logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o ſeu empreſtimo, para ficar livre daquelle cuidado, e aſſegurou o capital com boa fiança; e ficaraõ cuſtando ao paſſageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador intereſſando na correſpondencia, e revenda do açucar, com que do Braſil lhe pagou mais de duzentos; e a iſto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

****

CAPITULO XXVII.

Dos que furtaõ com unhas malicioſas.

GRande malicia he a das unhas, que agora tocàmos; mas ainda ha outras mais malicioſas.

ſas. Se houveſſe contratador, que tiveſſe pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela Camera, naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que maliciofas; e para que naõ ſe tenha iſto por impoſſivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hnm grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar neſta parte, e niſto de medir, e pezar, ſaõ alguns taõ déſtros, que arremeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum ſolavanco na medida, ou apertando mais, e menos a razoura, e eſtirando a peſſa com o covado, e vara; defraudaõ as partes em boa quantidade, com bem mà conſciencia.

Peço licença ao noſſo Reyno de Portugal para eſcrever aqui a mais deteſtavel malicia, que ha, nem pòde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ſer publica, e notoria, a ninguem fará eſcandalo referilla. Nem eu créra, ſe me naõ conſtara jà por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagroſamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, aſſim de Mayo, como de Setembro, e ſeſta feira de Endoenças. A ver eſta maravilha veyo tambem de Vianna Joaõ Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ, que enfadado da fortuna, que o perſeguia com grandes perdas, ſe embarcàra pa-

ra o Brasil com sua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que sempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com seus adjuntos, Mestre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas da partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deraõ à vela, e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com naõ sey que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, atè que os passageiros entraraõ em suspeitas, que buscavaõ piratas para se entregarem, e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cósta á meya noite, que he o segundo remedio, que tem para se escoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só Joaõ Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmaõ Leitor, e assim passa na verdade; e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na India, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Naçaõ, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandalo atroz de estrangeiros; que com serem ladroens por natureza, profissaõ, e arte, naõ sabemos, que usem de taõ horrenda, e detestavel maliçia, e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da Madeira, chegou á vista huma Urcaça de S. Thomé, a qual se dei-

xou

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, ſem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Biſpo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entraſſe, como entrou em que lhe pez; e ſabida a cauſa pelo aranzel da carga, conſtou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe ſerviaõ mais que na Urca; e poriſſo buſcava mais os piratas, que o porto, para ſe entregar, e ter deſcarga, que dar aos correſpondentes, ſe lhe pediſſem a carga: porque ſatisfaz hum deſtes a todos com dizer, e moſtrar que foy roubado: o ſeu ganho mayor conſiſte na mayor perda; roubaõ mais, quando ſaõ roubados: e quando daõ á coſta, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para ſi a ſalvamento. O que mais me aſſombra, e deixa eſtupidos todos os meus ſentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum deſtes labizomes em dar com huma nào da India a travèz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo intereſſe de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvoroſa.

He a maldade deſtas unhas malicioſas mais deteſtavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conſerva, e ſuſtenta a todos. Naõ ſey ſe o ſonhey, ou ſe mo contou peſſoa fidedigna: caſo he que me aſſombra! Valha o que valer: ſe naõ ſuccedeo, ſervirà de documento, para que naõ aconteça. Poderia ſer aſſim: Que hum Miniſtro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy ſonegando muito a titulo de naõ haver

dinheiro; e em poucos annos com esta, e outras industrias taõ maliciosas, como esta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a ElRey nosso Senhor, gabando-se que os poupara aos poucos, e que eraõ frutos (melhor dissera furtos) da pontualidade, e primor, que guardava em seu Real servirço. Estimou Sua Magestade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmenda de cem mil reis. No cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo, e tratando de sua salvaçaõ, se foy à Mesa da Fazenda, e disse que devia mais à sua alma, que a seu corpo; e que para descargo de sua consciencia declarava alli, que toda, quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandassem logo tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade. Tinha este hum filho, que já servia o mesmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que passava, pòem em pés de verdade, que seu pay estava doudo: prendeo-o em casa, amarrou-o com huma cadeya, sem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era bastante, para lhe dar volta o miolo; e com esta arte evitou a restituiçaõ, que o pay queria fazer a ElRey, e às partes, do que maliciosamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zelosos sabios, que isto tiveraõ por doudice, prescindindo della: quaes foraõ mais maliciosas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a restituiçaõ do pay? Venha o démo á escolha, taes me parecem

humas,

humas, como as outras; e por taes tivera as de quem ſabendo iſto, ſe o diſſimulaſſe por reſpeitos, que naõ cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, aſſim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, maliciofos, e deſgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Miniſtro ſabios, e venturoſos, he grande couza, para conſeguirem bom effeito ſuas emprezas: mas ſe com iſſo forem maliciofos, deſdouraõ tudo; e dos que ſaõ tocados deſta ſarna, ſe devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peſte; porque nunca ſe vio peſte, que levaſſe de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e huma traiçaõ forjada com maliciâ degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por ſerem taõ arriſcadas as unhas malicioſas, ſe devem vigiar mais, que nenhumas outras; porque trocem todo o governo para ſeus intentos, deslumbrando os diſcurſos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e ſe algum bem reſulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil caſos pudera tocar, que deixo, por naõ ferir a quem ſe poderà vingar raſgando eſta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e ſeja o ſomenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neſte Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, ſobre os beneficios de Coruche, que ſaõ muito pingues, qual os havia de prover. Che-

gou Aviz a tomar poſſe : veyo Evora com força esbulhalo della : interpoz ſeu braço ElRey, como Graõ-Meſtre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia : acodio o zelo por parte de Evora : Senhor, veja Voſſa Mageſtade o que faz; porque à manhãa quererà Voſſa Mageſtade prover hum Infante neſte Arcebiſpado, e ſerà bom que ache nelle eſtes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a ſeus criados. E melhor diſſera : Senhor ficando eſtes beneficios em Aviz, ſaõ todos de Voſſa Mageſtade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Meſtre; e ficando em Evora, ſaõ as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e ſó quatro ſaõ de Evora; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada : e aſſim ſempre lhe fica melhor a Voſſa Mageſtade ſerem os beneficios de Aviz. E eſta he a verdade; mas a malicia calla tudo iſto, e ſó repreſenta o que lhe arma para ſeu intento, palliando tudo com razoens affectadas, e ſophiſticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

****

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas deſcuidadas.

ATé agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas; porque naõ ha furtar ſem malicia, nem malicia ſem cautéla. Donde

Donde ſe ſegue, que o ladraõ deſcuidado, ou naõ he ladraõ fino, ou anda arriſcado a pagar a cado paſſo o capital, e as cuſtas: com tudo torno a dizer, que ha unhas deſcuidadas, e que ſaõ peores, que as malicioſas, e muito vigilantes, nos damnos que cauſaõ. Tem obrigaçaõ, os que apréſtaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles deſcuidando-ſe das quantidades neceſſarias, cizaõ de tudo hum terço, ſe naõ for a ametade: dizem elles, que para ElRey: mas Deos ſabe para quem, e nós tambem. Deſcuidaõ-ſe na eleiçaõ da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, ſe deſcuidaõ. E reſulta de tudo faltar o biſcouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occaſiaõ da melhor peleja; naõ ſe acharem as couzas, quando ſaõ neceſſarias, e ſerem ás vezes taes, que melhor fora naõ as haver, porque ſaõ corruptas, e de tal ſorte, que cauſaõ mayores males, e doenças com ſeu uſo. O meſmo ſuccede nos medicamentos, de que naõ ha provimento por deſcuido, que mal ſe póde livrar de malicia craſſa, e maldade ſupina: porque naõ ha Miniſtro taõ ignorante, que naõ ſaiba, que no mar ſe adoece; e que ſe morre, onde naõ ha remedio conveniente para o mal.

Outros deſcuidos, e eſquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas poſſes de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quaes ſe tomaõ muitas vezes ſem titulo legitimo,

por

por eſtarem auzentes as partes, a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a conſciencia no principio, ſe deixaõ hir ao deſcuido, até que eſquece o eſcrupulo; e aſſim paſſa o eſquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ deſta maneira ſonegados; tanto, que ſe ſe fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes; ſalvo ſe ſe acolherem á poſſe immemoravel, a qual naõ val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas naõ uſaõ della às vezes, por naõ inpuietar ſeus Eſtados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza ſeria; mas naõ ſe acabaria em cem annos a empreza: inveſtillos todos juntos he perigoſo; porque muitos unidos faraõ guerra a eſte mundo, e mais ao outro: e para ſe defenderem, naturalmente ſe ajuntaõ, ainda que ſejaõ entre ſi contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acómette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e ſe amigaõ em hum corpo, para reſiſtirem ao mayor contrario; e tanto ſe esforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Caſtella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos ſeus Reynos todos os titulos, eſcrituras, e proviſoens do que poſſuíaõ, porque por deſcuido dos tempos andavaõ muitas couzas deſtrahídas, e deſanexadas da Coroa. Fizeraõ ſeu conſelho, e louvaraõ-ſe todos no Duque do Infantado, que eſtavaõ pelo que elle reſpondeſſe: e reſpondeo, que moſtraſſe ElRey

os

os titulos, com que possuía, quanto tinha de seu nos Reynos, e Estados, que governava: e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhores do que possuíaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto de Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver. Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou, que era possuírem alguns, o que se lhes tolerava por descuido, ainda que naõ fosse seu, que dar occasiaõ a todos se perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens, que possuem os Reys, ninguem ha taõ arriscado a possuir o alheyo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor superioridade. Perigoso foy sempre bolir com o caõ que dorme: e porisso muitas vezes as couzas passaõ por alto até as sepultar o esquecimento: mas isso naõ tira ser furto, o que por esta via se arrastra. E estas saõ as unhas, que chamamos descuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em estado de descuidadas, e esquecidas: e assim fica tudo sem remedio.

****

CAPITULO XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.

DIgo que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neste mundo demazia, que naõ

naõ tenha remedio para ſe emendar; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique: e quando as unhas creſcem em mãos poderoſas, ſaõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita ſubſtancia, para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conſelho, e fez huma junta, ſobre que remedio teriaõ para ſe verem livres das unhas do gato? Preſidio hum arganáz de bom talento: aſſentaraõ-ſe por ſuas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de eſtancia; vamo-nos para os Armazens delRey, onde naõ ha gatos, e ſobejaõ baſtimento, biſcouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a ſorte: e onde muitos homens de bem achaõ ſeu remedio, ſem lhes cuſtar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganais-vos, diſſe o Preſidente, comer à cuſta delRey nunca he barato, nem ſeguro; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga; e nos ſeus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhe eſcapa. Votou o outro; devia de ſer alentado: Sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Preſidente: Calay-vos là murganho: cortarlhas-heis vós? Naõ dizeis nada; porque logo lhes haõ de naſcer outras mayores, e mais peçonhentas. Iſto de unhas ſaõ como enxertos de mato bravo; ſaõ como ortigas, e tojos, que naſcem ſem que os ſemeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-ſe

entaõ

entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e disse: O meu voto he, que lancemos hum cascavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizeis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu naõ, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vòs ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impossiveis? Naõ vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos cousas, que naõ pódem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos esses remedios? E acabou-se a junta; e vém a ser, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte, e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em maquinas para se destruir: e naõ cahe no erro, senaõ quando vé os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas saõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando saõ incontrastaveis os Juizes, que menéaõ as perdas com applauso de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Conselho de Estado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes

o mal,

o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum conselho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quanto saõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se daõ tantas cabeçadas, por serem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Naõ havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vaõ-se os mais para as suas Quintas, onde naõ lhes faltarà que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste concelho? Isto està claro: ha de presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavielo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babylonia: e com ser este, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Naõ queremos, que nos presida a ley de taõ máo homem, que tem assolado, quantas Republicas o admittiraõ. A nossa ley, e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor, que se sabe no mundo; ella he a que ha de presidir, e assim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificaçaõ desta Cidade de Lisboa. Segunda, o presidio das fronteiras. Terceira, o cômercio da álem-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conselheiro, que naõ havemos mister fortificaçaõ, onde estaõ nos-

sos

ſos peitos. Se o ſenhor Conſelheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos taes baſtavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occaſiaõ ſe retire, ou và calçar as eſporas, para atar as cardas. Diga o ſegundo, como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com ceſtas. Tende maõ, naõ vades por diante: ceſtos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os ſoldados que comer. Só hum bem acho neſſes voſſos ceſtos, que naõ deixaràõ curſar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Eſperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Naõ vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo iſſo de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada, e eu digo que boca, que ſahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entraſſe por ella nada; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem perſide, o que lhe parece, e iſſo faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ ſe faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impoſſivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ſer á cuſta do publico, e naõ do particular, para ſer poſſivel; e todos os mais

votos

votos ſaõ juizos occultos, que vaõ dar em roubos manifeſtos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conſelho, de donde ſó podia ſahir o remedio. E naõ obſtante eſta opiniaõ, que he a mais ſegura, accreſcento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he naõ ſe tratar dellas; porque poſta eſſa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal aſſim ſe defende ſempre.

Vamos à ſegunda couza. Que preſidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nòs de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, naõ vés que ſe fizermos iſſo duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno deſpovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando iſto, que has de comer, que has de veſtir, e calçar? Que Naçaõ viſte tu nunca, que fizeſſe guerra ſó com os ſeus naturaes? Os mais guerreiros Reys do mundo ſe ajudaraõ de eſtranhos, que ſempre ſaõ mais comparados comnoſco; porque lá naõ ha Frades, nem Freiras, e poriſſo ſaõ tantos como moſquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos noſſos ramos; e ſe morrem, naõ pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercés. Trata-ſe aqui da conſervaçaõ dos naturaes; e poriſſo elles fazem os gaſtos. De maneira, que quereis, que façaõ os gaſtos, e dem os filhos para ficarem ſem fazendas,

das, e ſem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Eſſe voſſo voto eſtà muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conſervarmos, e defendermos, he impoſſivel. Muitas Republicas depois de ſeus Capitaens, e Soldados ſerem vencidos, venceraõ com eſtrangeiros; como os Calcidonenſes com Braſidas; os Sicilianos com Gelippo, os Aſianos com Liſandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E ſe alguns Capitaens eſtrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da caſa Othomana, foy, porque naõ tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para ſe defen derem delles: para evitar eſte inconveniente, naõ conſentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, foſſem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-ſe de votar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que ſe padece.

Vamos à terceira couza. Que me dizeis do cõmercio de àlem-mar? O primeiro Conſelheiro diz, que naõ podemos com tantas conquiſtas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Preſidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito ſério: Almoçaſtes vós jà? Pois havia de vir em jejum ao Conſelho? Aſſim parece, e mais que naõ bebeſtes agua de neve. Hum conſelho vos déra eu mais ſaudavel para vós, do que eſſe voſſo he para nós: que vos guardeis dos rapazes, naõ vos apedrejem, ſe ſouberem que foſtes de parecer que larguemos aos inimigos, o que noſſos avós nos ganharaõ com tanta perda de ſeu ſangue. Se-

nhor, tenho que dizer a iſſo, replicou o Conſelheiro. Calay-vos, naõ me inſteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ neſſa lingua: bem ſey o que quereis dizer: naõ tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para naõ perdermos a cabeça: ſaõ iſſo diſcurſos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he ter maõ cada hum no que he ſeu até morrer, e naõ largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas enſanguentadas. Sois muito bacharel: naõ me ſejaes *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. O' de fóra! Eſtá ahi algum porteiro? Chamai-me cà quatro archeiros, que me dém com eſte zelote no Limoeiro, e vote o ſegundo. O ſegundo diz, que ſe trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Braſil, e India. Porque aqui naõ ſe trata (acodio o Preſidente) do que haõ de levar, ſenaõ do que haõ de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ là as forças para conſervar o conquiſtado. Levem, diſſe o terceiro, muito bacalhào, muito vinho, azeite, e vinagre. Eſperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda naõ diſſemos tudo, acodio o quarto. Levem muitos ſoldados, farinhas, traparias, e muniçoens, e iſto baſta. Aqui acodio a ley Preſidente, dando hum grito: Juſtiça de Deos ſobre taes Conſelheiros! Porque naõ dizeis todos, que levem Prégadores Evangelicos, que conquiſtem o Gentio para Deos, e Deos vos darà logo todos os bens temporaes deſſas conquiſtas, que venhaõ para

vós;

vòs: *Quærite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que eſtabaleçamos primeiro o Reyno de Chriſto, e logo ficará eſtabelecido o noſſo Reyno, e tudo nos ſobejarà. He Portugal patrimonio de Chriſto, que fundou eſte Reyno, para lhe propagar ſua fé. E cança-ſe debalde, quem trata de ſuas conquiſtas por outro caminho: furta a Deos, e ao Reyno o cabedal, quem emprega em outros intentos, que nunca haõ de ſer bem ſuccedidos, porque vaõ fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar, para indireitar as rodas da fortuna, haõ de ſervir de mayor deſpenhadeiro; e acabemos de cahir niſtò, pois ſomos Chriſtáos Catholicos: naõ deſmintamos noſſa propria profiſſaõ; e acabemos de entender, que de nós naſce o mal, e poriſſo naõ tem remedio; porque o eſtorva, quem lho houvera de dar. E já que as perdas ſaõ irremediaveis; porque naſcem de Conſelheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem eſtes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos deſcubra o ſegredo da abelha, e jarrete todas eſtas unhas.

****

CAPITULO XXX.

Que taes devem ser os Conselheiros, e conselhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem.

HUm Alvitrista, ou Estadista foy a Madrid, haverá vinte annos, e disse, que tinha achado hum remedio singular, para se dar fim brevemente ás guerras de Flandres com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, còmo merecia: fez se huma junta de todos os Grandes, e Conselheiros; para ouvirem o discurso do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e disse a todos sem nenhum empacho. Senhores, todos vemos muito bem, que naõ prevalece Espanha contra Hollanda huma hora, mais que a outra, ha tantos annos, e sabemos, que o nosso poder he mayor, que o seu: donde se colhe que todas as ventagens, que nos fazem, procedem, de que se sabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Magestade delRey Filippe mande seus Conselheiros para Flandres, e que venhaõ os Conselheiros de Flandres para Espanha; e logo tudo nos hirà vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos assolaõ; porque as obraõ os Conselhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa, que o que assola as Republicas sem remedio, saõ os conselhos, quando erraõ.

Esta

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos; hum material, e outro formal: no sentido material significa os Conselheiros juntos, e o Tribunal, em que se assentaõ: no formal he o voto de cada hum, e a resoluçaõ, que de todos se colhe: e vem a ser quatro couzas distinctas. Primeira, Conselheiros; segunda, Tribunal; terceira, o parecer de cada hum; quarta, a resoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que taes devem ser os Conselheiros.

QUestaõ he, se ha de ter o Principe muitos Conselheiros, se hum só? Hum só he arriscado a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valído, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes*, e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia; como hum para a paz, outro para a guerra; hum para a fazenda, outro para o trato de sua pessa, &c. E naõ seja hum só para tudo, porque naõ pòde assistir a tantas couzas, nem comprehendelas: e sendo varios, estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e suppiem o a que naõ chegaõ os outros; mas naõ sejaõ tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas; isto he, de capa, e espada? Huns dizem, que os letrados,

 com

com o muito, que ſabem, duvidaõ em tudo, e nada reſolvem; e que os idiotas com a experiencia ſem eſpeculaçoens daõ logo no que convém. Outros tem para ſi, que as letras daõ luz a tudo, e que a ignorancia eſtà ſugeita a erros: e eu digo, que naõ ſeja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juriſtas, para que naõ ſe cõmettaõ erros: e haja idiotas, que com a ſua aſtucia, ſagacidade, e experiencia deſcubraõ as couzas, e dém expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na meſma peſſoa engenho para diſcorrer ſobre o que ſe conſulta, e juizo para obrar, o que na conſulta ſe determina: muitos ſaõ de fraco juizo conſultados, más para executar, o que ſe reſolve, ſaõ deſtriſſimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles ſaõ taõ inefficazes, que os perdem. E poriſſo digo, que he melhor terem todos lugar no Conſelho, para ſe ajudarem, e ſupprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra queſtaõ ſe ſegue a eſta (dado que naõ póde neſte mundo tudo ſer perfeito, e cabal, porque naõ ha, quem naõ tenha ſeu pé de pavaõ) ſe he melhor para a Republica ſer o Principe bom, e os Conſelheiros máos; ou ſerem os Conſelheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe ſe governar por ſeus Conſelheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vay em que o Principe ſeja mào, ſe os Conſelheiros forem bons; porque mais depreſſa ſe faz bom hum máo com o exemplo de muitos bons, que muitos màos bons com o exemplo, e conſelho de hum bom: e como a

reſo-

resoluçaõ, que se segue, he dos bons, tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros, melhor he ser o Principe bom, ainda que os Conselheiros sejaõ màos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir à sua imitaçaõ, os que o servem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes saõ os Principes, taes saõ os vassallos: se o Principe he virtuoso, todos trabalhaõ por serem virtuosos; e se he vicioso, todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monstro se tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe naõ goste. E dado, que os Conselheiros naõ se refórmem com o exemplo do Principe, nem sejaõ quaes pede a razaõ, para isso tem o Principe o poder na escolha dos sugeitos, naõ se limitando aos que o cercaõ, senaõ estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar, que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus pòvos. Se o Principe erra na escolha dos Conselheiros, perde a sua reputaçaõ, e podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom successo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputaçaõ com os estrangeiros; dos quaes serà venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Au-

 tores,

tores, e Eſtadiſtas fazem grandes volumes.

O Conſelheiro ha de ſer prudente, e ſecreto, ſabio, e velho, amigo, e ſem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioſo. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçaõ, ſegunda Paixaõ, terceira, Obſtinaçaõ, quarta, Vaidade: a primeira arriſca, a ſegunda çega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tiſna. Tres inimigos tem o ſegredo; Bacho, Venus, e o Intereſſe. O primeiro o deſcobre, o ſegundo o rende, o terceiro o arraſta. E perdido o ſegredo do governo, perde-ſe a Republica. A ſabedoria, e velhice ſe ajudaõ muito, eſta com a experiencia, e aquella com o eſtudo; com tanto, que a velhice naõ ſeja caduca, e a ſabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratarà do bem cômum, e naõ do particular, em que conſiſte a maxima da mayor virtude, que deve profeſſar hum Conſelheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem desluſtrar. E para aſſegurar eſte ponto, devem os Principes acautelar-ſe de peſſoas, que tenhaõ aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os pòſtos, em que pódem ter occaſiaõ de ſe vingarem: Plataõ diz, que os Conſelheiros haõ de eſtar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Saluſtio eſcreve, que devem eſtar apartados de amizade, ira, e miſericordia; porque aonde a vontade ſe inclina, alli ſe applica o engenho, e a razaõ nada pòde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conſe-

lho.

lho. Carlos V. queria, que deixaſſem à porta do Conſelho a diſſimulaçaõ, e o reſpeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que naõ ſe deixem corromper com peitas, e que ſaibaõ propor os negocios com graça, e deſtreza. Innocencio III. quer que ſaibaõ tres couzas. Primeira, ſe o que ſe conſulta, he licito ſegundo juſtiça. Segunda, ſe he decente ſegundo honeſtidade. Terceira, ſe cumpre ſegundo Direito. E aſſim votaráõ ſem temor de reſpeitos, que os poſſaõ encontrar: porque, como diz Santo Agoſtinho, melhor he padecer por dizer verdade, que receber mercês por liſongeas: e he conſelho de Chriſto, que temamos a perda da alma, e naõ a do corpo.

Devem ter os Conſelheiros todos ſeus bens nas terras do Principe, a quem ſervem, e todas ſuas eſperanças póſtas nelle; e o Principe naõ deve manifeſtar ſua opiniaõ, para votarem livres. E póſtos neſta liberdade, naõ ſejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-ſe por razaõ: porque naõ muda, nem varía conſelho, diz Tullio, quem o varia, e muda para eſcolher o melhor. Covardes ha, para que naõ lhes chamemos traydores, que capeaõ ſua mà tençaõ no conſelho com aſtucias, que nunca lhes faltaõ, encobrindo ſua natural fraqueza, que nelles póde ſempre mais, que a razaõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes moſtra, que naõ tiveraõ cauſas para temer, e que lhes ſobejou má vontade para enganar, e poriſſo varíaõ. Livrarſe-ha deſtes o Principe, ſe

os

os vigiar, naõ lhes admittindo o confelho para effeituar couzas illicitas; nem meyos illicitos, para confeguir couzas licitas: e affim he, que nefta pedra de toque vaõ fempre esbarrar feus quilates. Alguns Autores querem que os Confelheiros faibaõ muitas linguas, ou pelo menos as dos póvos, que o feu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo defcobrirem os interpretes o fegredo, ou declararem mal as Embayxadas. Pedro Galatino diz, que eraõ obrigados os Juizes de Ifrael a faberem fetenta linguas, para naõ fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter liçaõ das hiftorias, e corrido muitas terras, e Naçoens; faber as forças do feu Principe, de feus vifinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberaes, porque o povo paga-fe muito defta virtude, e a ama, e a adora: o avarento fempre he aborrecido, e por acodir á fua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, fem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, fem efcandalizar com palavras, nem dar occafiaõ de defefperarem as partes. E finalmente feja o Confelheiro bom Chriftaõ, e terá todos os requifitos; porque a pureza da Religiaõ Chriftãa Catholica naõ permitte vicio, que naõ emende.

Tribunal como, e que tal.

ARiftoteles no lib. 1. da fua Rhetorica diz, que toda a Republica para fer bem governada deve ter cinco Tribunaes. Primeiro da Fazenda

da publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porq̃ temos doze Tribunaes, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relaçaõ, para onde se apella, e aggrava. Para o segundo da Paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e saõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Consciencia; e dous para o profano, que saõ a Mesa do Paço, e a Casa da Supplicaçaõ. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outros Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Estados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que jà ficaõ tocados, e saõ a Mesa do Paço, e a Relaçaõ. E para melhor dizer, todos os Tribunaes tiraõ a hum ponto de se administrar justiça às partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicado à Deidade do Conselho, e era escuro, para denotar, que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que se trata nelles. Licurgo naõ permittia em Lacedemonia, que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas, em que se faziaõ os conselhos, e punhaõ os Tribunaes, para que naõ se divertissem,

nem

nem ensoberbecessem os Conselheiros. E até nesta parte se acômoda Portugal muito aos antigos: e por credito seu naõ digo, o que me parecem os aposentos, em que arma os seus Tribunaes. Em outras couzas tomaramos que imitàra os antigos, como no magnifico, e grandioso de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliscos, e outras maquinas, com que se ennobrecem as terras, e se affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa; Promontorio mayor, e melhor do mundo, naõ haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha maõ estivera, jà tivera levantadas columnas mais magestosas, que as de Trajanos, e Agulhas mais grandiosas, que a de Xisto; humas de marmores, e outras de jaspes, que nos sobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e se vejaõ até dos mares; e sobre ellas as Estatuas del-Rey nosso Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Serenissimo Principe seu filho, que enchessem, e authorizassem com suas Reaes Magestades os terreiros, Rocíos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ este Reyno, e nos livraraõ do jugo de Castella sem arrancar espada, nem dar mostras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ seu effeito, antes que se ouça o trovaõ. Nem seriaõ isto gastos superfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles resulta, causaõ nas Naçoens estranhas assombro, e respeito, com que se enfreaõ, considerando, que quem tem posses, e magnanimidade para couzas taõ grandiosas

na

na paz, tambem as terà, para as que saõ mais necessarias na guerra. Mas elles vém, que naõ temos hum Caes, que preste; que naõ ha hum Mole em nossos pórtos, nem fortificaçaõ acabada em nossas fronteiras; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das suas, confiados mais em nosso descuido, e desalinho, que em seu poder. De donde vem isto? He que naõ ha quem cure do publico: e porisso já naõ me espanto do pouco apparato, e lustre dos nossos Tribunaes, que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bem tem, que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo; com que ficaõ menos trabalhosos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e passadas na busca dos Ministros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e naõ taõ espalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, se der caça a dous, ou tres no mesmo dia, para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos Tribunaes, se devera ajuntar outro de serem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de sorte, que pudesse ElRey nosso Senhor sem ser visto, nem sentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem huma gelosia coberta com hum sendal verde, por onde vé, e ouve tudo, quanto os Baxàs fazem, e dizem, quando se ajuntaõ em conselho; os quaes só com cuidarem, que os estará espreitando o seu Rey, administraõ justiça, e naõ gastaõ

o tem-

o tempo em praticas, que naõ pertencem ao serviço de seu Senhor, ou ao bem publico.

Em conclusaõ: as Republicas ricas devem mostrar sua grandeza na magestade de seus Tribunaes com casas amplas de frontispicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e sumptuozas; porque a excellencia dos apparatos exteriores esperta no interior dos animos espiritos grandiozos, e resoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os discursos, e atè nos intentos generosos lançaõ grilhoens, e algémas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos costumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum costume, que eu naõ posso crer, que o Conselheiro, que acodia muito tarde ao conselho, tinha pena de morte, a qual logo se executava. E que se algum se desentoava, ou fazia arroídos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar isto dos Grous, que quando se ajuntaõ na Asia, para se mudarem de huma regiaõ para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conselheiros no Tribunal, a primeira acçaõ, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oraçaõ ao Espirito Santo, offerecendolhe hum Padre nosso, ou huma Ave Maria pedindolhe, que os allumíe a todos, illustrando-lhes o entendimento, para que saibaõ escolher, o que for mais conveniente ao Divino serviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de seu Principe. Dar principio a couzas grandes sem implorar auxilio do Ceo, he acçaõ de Satyros, ou de A'theos.

Voto,

Voto, e parecer de cada hum.

O Conſelho, voto, e parecer dos Conſelheiros he hum bom aviſo, que ſe toma ſobre couzas duvidoſas, para naõ errar nellas: toma-ſe ſobre couzas, que naõ eſtaõ na noſſa maõ; naõ ſe toma ſobre couzas inffalliveis, porque eſtas pedem execuçaõ, e naõ conſelho; deve ſer de couzas poſſiveis, e futuras; porque as impoſſiveis preſentes, e paſſadas jà naõ tem remedio. Naõ deixa o conſelho de ſer bom, por ſahir o ſucceſſo mào; nem o mào conſelho deixa de o ſer, por ter bom ſucceſſo; porque os ſucceſſos ſaõ da fortuna, e dependem das execuçoens; que muitas vezes por ſerem màs, damnaõ a bondade dos conſelhos; e tambem por ſerem boas, emendaõ ás vezes o erro do conſelho. Os Carthaginenſes enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ ſem conſelho, e naõ caſtigavaõ aos vencidos, ſe conſultavaõ primeiro, que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conſelhos de Neſtro, e Ulyſſes, que as forças de Aquilles, e Aias. Henrique III. de Caſtella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conſelhos dos ſabios, que as armas dos valentes; porque mais illuſtres couzas ſe obraõ com o entendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas os conſelhos de Solon, que as vitorias de Themiſtocles. He muito prejudicial ſaberem os Conſelheiros, o que o Principe quer; porque logo buſcaõ razoens, com que o juſtifi-

tifiquem. O Confelheiro naõ ha de approvar tudo, o que o Principe differ; porque iſſo ferà fer liſongeiro, e naõ Conſelheiro. Muitos naõ tem nos conſelhos reſpeito ao que ſe diz, ſenaõ a quem o diz; ſe he amigo, vaõ-ſe com elle: ſenaõ he do ſeu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar eſte. Pequenos erros, que no principio naõ ſe ſentem, ſaõ mais perigoſos, que os grandes, que ſe vém; porque o perigo, que ſe entende, obriga a buſcar o remedio; mas os erros, que ſe naõ ſentem, ou diſſimulaõ, creſcem tanto pouco a pouco, que quando ſe advertem, jà naõ tem remedio; como a febre tyſica, que no principio naõ ſe conhece, e quando ſe deſcobre, naõ tem cura.

Conſelhos bons ſaõ muito bons de dar, mas muito màos de tomar: muitos os daõ, e pouco os tomaõ. Conſelhos máos tem duas raizes: ou naſcem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio reſulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conſelhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou ſeja no termo *á quo*, quando ſe dá conſelho, pois todos o lançaõ de ſi; ou ſeja no termo *ad quem*, quando ſe recebe, pois poucos o admittem. Que ſejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que ſejaõ dados com odio, naõ he taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ſer boa a planta, que naſce de mà raiz, ou ſe enxerta em ruim arvore.

E

E com ser máo o conselho deslindado nesta fôrma, era muito bom para ser dinheiro pela propriedade que tem; e já dissemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em huma couza se parece muito o conselho com o dinheiro; e he, que ambos saõ muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por serem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem se queixou do dinheiro, que lhe pegasse doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle, que lhe pegasse doença; porque andando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbo gallicos, e empéstados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos, que lhes pegasse, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que naõ he bom o dinheiro para paõ; que se fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e seda, o guardaõ no seyo, e atè na boca o metem, sem terem asco delle, nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle sahir da mais immunda cloaca, respira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a

ambar, algalia, e amifcar. Tal he o confelho: fe he bom, nenhum mal faz: fe he mào, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraifo: e entaõ mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tolhem a vifta de feu conhecimento. De tudo o dito fe colhe, que fe divide o confelho em bom, e mào: fe he bom, recebe-fe com aborrecimento, fe he máo, dá-fe por odio. Quando fe recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que feja: quando fe dà por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que fe aceita. Deos nos livre de fer odiofo o confelho, tanto me dà por refpeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum deftes dous pólos, ou naõ temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo caufa ruinas, e grandes perdiçoens. Para fe livrar o Principe de todas eftas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de feus Confelheiros: e faça poriffo, porque niffo eftá a perda, ou ganho total de feu Imperio.

Refoluçaõ do Confelho.

A Refoluçaõ he confequencia dos votos, e della nafce a execuçaõ, e defta o bom effeito, que he o fim, que fe pertende nos Confelhos. Nas emprezas devem-fe executar as refoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impoffivel naõ os haver: e quem fe naõ aventurou,

nem

nem perdeo, nem ganhou: e hum perigo com outro se vence; e atraz do perigo vem o proveito. Naõ devem os que consultaõ deixar de executar, o que se determina porque haja perigo na execuçaõ; se he mayor o proveito, que de executar-se se segue, que o perigo, que de naõ executar-se, encorre. Prudencia he consultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conselho na almofada*, diz o Proverbio, *e a execuçaõ na estrada*; e porisso se dizia dos Romanos, que assentados venciaõ. Principes ha, que para que naõ lhes vaõ à maõ no que determinaõ, naõ admittem a Conselho, os que sabem lho naõ haõ de approvar, para que naõ lhes debilitem os animos, dos que esperaõ os ajudem no seu parecer: prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo, naõ se devem lembrar do conselho, que deixaraõ de seguir, para que naõ lhes esfrie o gosto, que dà alma à execuçaõ: e esta naõ se deve cometter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a sua opiniaõ boa, dá atravez com toda a empreza por modos illigitimos, que seu capricho lhe inculca, e capéa jà com a pressa, jà com o vagar, que prova sofisticamente serem meyos necessarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados se malograõ, ou concluem tarde; e dissimulados se esfriaõ mais cedo: muitas doenças sára o tempo sem mézinhas, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios se perdem; porque naõ se executaõ em seus lugares, e conjunçoens: deve

 estar

eſtar a empreza ſazoada para ſe effeituar, como a horta diſpoſta para ſe ſemear.

Quando o governo começa a deſcahir, porque ſaõ mais os que reſolvem mal, que os que reſolvem bem, pouco impedimento baſta, para que naõ ſe execute, o que na conſulta ſe examina; e ainda que alguns aconſelhem bem, naõ baſtaõ a ordenar, o que os mais deſordenaõ: nem ſerve de mais o eſtar no Conſelho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e ſó lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de deſobediencia nos Miniſtros para a execuçoens, que mais importaõ. O Principe conſulte, e cuide bem o que decréta; porque naõ parece bem retratado, ſalvo for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he ſuſtentallo, ſe naõ ſe ſeguir delle grande damno, ou alguma offenſa de Deos; porque prepondéra mais o credito do Principe: e ſe for de qualidade, que peça emenda, haja algum Miniſtro fiel, que o tome ſobre ſi, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoarà a titulo de deſcuido; e aſſim ſe dará ſatisfaçaõ a todas as partes, ficando illeſa a authoridade mayor. Se houveſſe Principe, que facilmente ſe retrataſſe, allegando que naõ he rio, que naõ haja de tornar a traz? Reſpondera-lhe que ha tres R.R.R. que naõ tornaõ a traz, por mais montes de difficuldades, que ſe lhe ponhaõ diante: e

ſaõ

ſaõ : Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque ſe dér em dobrar-ſe, em dous dias perderà o credito, que conſiſte em ſuſtentar ſua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ſer inviolavel: e ſe o naõ for, faltarlhe-haõ os ſubditos com a inteireza da obediencia, em que ſe apoya a Mageſtade, e naõ o conheceráõ por Rey, nem por Roque. E ſeguirſe-haõ damnos irremediaveis; os quaes pertendemos atalhar em todo o diſcurſo deſte Capitulo; que bem conſiderado vem a ſer, que do bom conſelho ſe ſegue o bom governo, que ſuſtenta as Republicas illezas; e do mào reſultaõ aſſolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de mào governo.

****

CAPITULO XXXI.

Dos que furtaõ com unhas ſabias.

HÁ no Braſil, e Cabo Verde tantos bugíos, que ſaõ praga; e porque os eſtimaõ em Portugal, e em muitas partes por ſeus tregeitos, uſaõ là hum modo de os caçar ſem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e provídos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal properçaõ, que caiba a maõ do bugío aberta, e naõ fechada; e com eſte animal ſer taõ ardiloſo, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do còco, nunca o larga, nem ſabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ ſobre el-

 les

les os caçadores de repente, tanto que os ſentem enfraſcados no ſervo; e porque tem ſeu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltandolhes as mãos para treparem, deixaõ-ſe apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas ſaõ as cobras, que para eſcaparem de animaes inimigos, que as preſeguem, fazem minas, em que ſe guarnecem, largas no principio, e eſtreitas no cabo com ſua ſahida apertada, por onde eſcapaõ, deixando entallado ſeu inimigo; e logo voltando-lhe nas coſtas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a ſeu ſalvo, e logrão o deſpojo do cadaver. Fazer huma facçaõ de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-ſe render com preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he deſgraça, e he ignorancia de bogío. Levarem-me a preza, e i lla tirar das garras do inimigo, mas que ſeja com emboſcada, e eſtratagema, he prudencia de ſerpente: e eſtas ſaõ as unhas de que trato, que ſabem peſcar com ſabedoria, ſem deixar raſto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o caſſem.

Ha outras unhas, que poem ſua ſabedoria em fazerem bem o ſalto, e darem logo outro, com que ſe ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Caſtella os vi applaudindo ſeus medicamentos pelas praças; e para prova de ſua efficacia paſſavaõ com eſtocadas ſuas proprias tripas (ſe naõ eraõ as de algum carneiro) e untando a ferida ſe davaõ logo por ſaõs: e a gente immenſa, que iſto via, comprava ſem repa-

reparo as unturas, que vinhaõ a ſer azeite com cera, e alecrim pizado; e os vendedores paſſavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que naõ preſtavaõ para nada. Melhor ſuccedeo a hum, que vi em Evora (Caſtelhano era) fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos de unguento milagroſo, que ſervia para todos os males: bailou ſua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma meſa; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: diſſe elle no cabo taes gabos da mézinha, que naõ ficou peſſoa, que a naõ compraſſe a toſtaõ cada canudo, até vazar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comſigo em Caſtella, levando de caminho outros lugares: e ſey que cegou huma peſſoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, porque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ ſabias como eſtas, para pilharem dinheiro vendendo ſabedorias. Neſta Corte andou hum brixote veſtido de vermelho na era de 642, pormettendo huma receita, ſelhe déſſem tantos, e quantos, com que ſe conſervaria carne freſca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conſeguiſſe effeito. Eu o vi em Evora fixar carteis impreſſos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conſervar os vinhos, e melhoralos: e hum curioſo lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, para

ra naõ perder duas pipas de vinho, que ſe lhe daninou com a buxinifrada de arêa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais ſabichaõ que todos veyo vendendo, que ſaiba fazer bombardas de parafuzos, que pudeſſem levar cincoenta ſoldados cada huma em roſcas, e armalla, e diſparar aonde quizeſſem: poem-ſe a eſpeculaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e criſma a quaſi todos. Outro taõ ſabio em pilhar dinheiro como eſte: prometteo fazer peſſas de artelharia taõ leves, que pudeſſe levar duas huma azémola, como coſtaes em carga à campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e coſidos, taõ fortes, que diſparaſſem quatro tiros ſem riſco algum de arrebentarem: poz-ſe a maquina em effeito; e eu a ví em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos deſcarregou a todos deſte cuidado.

Outro gabando-ſe de engenheiro conſumado, prometteo humas barcaças, que ſahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos eſſes mares, e quantas armadas inimigas nelles houveſſem: encheo os de palhas, e chamiços, que eſtavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. Joaõ; e day cá por cada invento deſtes tantos mil cruzados. Tal como eſte foy outro em Campo mayor, que ſe gabou ſabia fazer huma arca de foguetes em fórma de girandola; e que haviaõ de ſahir della de ſoslayo todo juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de ſettas. Por mais louco tive outro, que trouxe a eſte Reyno hum ſegredo de armas de papel, que diſſe

ſabia

ſabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de moſquete, e taõ leves como a camiza. Que haja no mundo embuſteiros, naõ he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; ſem acabarem de cahir, que tudo ſaõ ſonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e niſto he que poem toda a ſua ſabedoria, que trazem eſcrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ ſabias, que deſpontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que diſſe Feſto a S. Paulo: *Multæ te literæ ad inſaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem doudos as muitas letras que alrotaõ. Eſtes ſaõ os Eſtadiſtas, Alvitriſtas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley ſeu capricho, e por idolo ſua opiniaõ; e para a ſuſtentarem, naõ reparaõ em darem atravéz com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada ſó do ſequito, que os taes por outra via ganharaõ, atè a ſeus erros chamaõ ſabedoria, ſem advertirem nos grandes damnos, que de ſeus conſelhos nos reſultaõ.

****

CAPITULO XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes.

DItoſas unhas ſaõ eſtas, porque depois de fazerem immenſos damnos no que desfazem, e desbarataõ com ſeus aſſaltos, ficaõ ſem obrigaçaõ de reſtituir, ſe a ignorancia he invencivel; que

ſe

ſe he craſſa, ou ſupina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadinos. Ha humas ignorancias, que ſomos obrigados a vencellas pelas regras de noſſo officío, que nos eſtaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que profeſſa, todos os damnos, que dahi reſultaõ ás partes, a elle imputaõ, e a quem conhecendo ſua ignorancia, e devendo emendallo, o conſente. Como póde ſer Medico, quem nunca eſtudou Medicina? Como pòde ſer Piloto, quem naõ entende o Aſtrolabio? Como póde ſer Advogado, quem nunca leo a Ordenaçaõ; e o meſmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate ſe naõ ſabe talhar, deita-vos a perder o voſſo panno: e hum ſarralheiro, ſe naõ ſabe dar a témpera ao ferro, ou aço, damna-vos a peſſa, que lhe mandaſtes concertar. E na ignorançia de todos ſe vem a refundir innumeraveis, e inſofriveis perdas, que cauſaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que ſaõ as couzas, que mais ſe eſtimaõ. Bem provído eſtá tudo com Examinadores para todas as Artes, ſe naõ houvera peitas, e interceſſoens, que corrompem até os mais eſcoimados Rodamantes. E ſe iſto naõ baſta, logo achaõ hum ſabio na ſua ſciencia, que ſe examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçaõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por meſtre peritiſſimo. Como ha de haver no mundo, que ſe tolère, e permitta provarem curſos em Coimbra mais de hum cento de Eſtudantes todos os annos, ſem pórem péna

na Univerſidade? Andaõ na ſua terra matando caens, e eſcrevem a ſeu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, repreſentando ſuas figuras, e nomes: e daqui vem as ſentenças laſtimoſas, que cada dia vemos dar a Julgadores, que naõ ſabem, qual he a ſua maõ direita, mais que para embolçarem com ella eſportulas, e ordenados, como ſe foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-ſe, como ſe foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor deſgraça he, que nem o diabo, que lhes enſinou eſtes enredos, lhes saberà dar remedio, ſalvo for levando-os a todos, que he o que pertende.

No ſerviço delRey naõ ſe devem tolerar taes ignorancias, porque ſe ſeguem dellas damnos graviſſimos. Quem perdeo as náos; que vinhaõ da India carregadas até às gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: naõ as perdeo, ſenaõ aignorancia dos Pilotos, que foraõ dar com ellas em baixos, e cachópos. Quem desbaratou a frota, que hia para o Braſil? Dizem que os piratas: e he engano: naõ a desbaratou, ſenaõ a ignorancia dos marinheiros, que naõ ſouberaõ velejar a propoſito. Quem perdeo a vitoria na campanha? Dizem que a remiſſaõ da cavallaria: e he engano: naõ a perdeo, ſenaõ a ignorancia dos Coroneis, que naõ ſouberaõ diſpór as couzas, como convinha. Gente biſonha, e mal diſciplinada occaſionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas; e o que ſe deve ſaber, e advertir, nunca tem boa eſcuza: mas naõ ha morte ſem

acha-

achaque, todos ſabem dar ſahida a ſeus erros, fazendo homicida á fortuna, que eſtà innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem à face vem, logo ſe deixa ver a fonte da culpa: e he grande laſtima, que arrebente eſta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que ſempre deixaõ raſto como léſmas, e a meſma preza os deſcobre; como o que furtou o trigo, ſem advertir, que era o ſaco roto, e pelo raſto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque ſe carregaõ tanto, que naõ pòdem fugir, ſaõ alcançados. Outros porque ſe veſtem do que furtaraõ, ſaõ conhecidos; e todos ſó por ignorantes ſaõ deſcobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais, que ſe eſconda, naõ póde muito tempo eſtar occulta. Como ſuccedeo na Alfandega do Porto por deſcuido do Provedor, e incuria de ſeus Miniſtros, que a balança, em que ſe pézaõ os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, ſe falſificou de maneira, que a em que ſe punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que ſe punhaõ as caxas, e fardos, ſem ſe dar fé deſte delirio, ſenaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos ſeus direitos. Iſto de balanças deve andar ſempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a caſa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de furtar nellas, e deixo, porq̃ naõ pertencem a eſte Capitulo, ſeu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigaçaõ, ſe naõ enxerir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e cor-

e corrente neste Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injustiça, o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ desmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, naõ assegure os gastos della por todas as vias; de tal sorte, que se o primeiro intento naõ succeder, se recupère no segundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e se esta lhes escapa das unhas, por ventura de huns, ou desgraça de outros, já levaõ destinada outra facçaõ, e outra em outras paragens, sejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as próas, e naõ se recolhem para seus pórtos, sem trazerem, com que refaçaõ ao menos os gastos, quando naõ enchaõ as bolças. Sò Portugal he nisto taõ pródigo, que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto, que o de dar hum passeyo com bizarria por Val das Eguas, e torna-se para casa com as mãos vazias, e as frasqueiras despejadas, Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que se naõ acharem piratas, que os busquem até dentro em seus pórtos; que vaõ a Marrocos, que vaõ às barras de nossos inimigos, que esperem, que sayaõ, e que naõ se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos, pelos menos, os que vaõ fazendo; e a estes sem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

CA-

****

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas.

TOda a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, saõ agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas naõ fallo dessa agudeza, senaõ da subtileza com que alguns furtaõ, sem deixarem rasto, nem pégada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil, e o agudo desta arte. O estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do campo, naõ andou subtil; porque ainda que fez o contrato no pateo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos sinaes, que deu o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e chegando-se a elle, lhe pedio por mercé á puridade, se lhe queria ouvir de confissaõ aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o

ladraõ

ladraõ de ſe acolher com o furto; mas naõ advertio, que o podia conhecer o Confeſſor, como conheceo, de que reſultou ſahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da meſma Cidade de Coimbra hum foraſteiro bem veſtido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para ſeu intento; porque o eſperou no bocal de hum poço, que eſtá na eſtrada, por onde havia de paſſar, chorando ſua deſgraça, e que lhe cahira naquelle inſtante huma cadéa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ, a quem lha tiraſſe. Moveo-ſe a compaixaõ ao paſſageiro, que devia de ſer homem de bem, ſe naõ he que o picou o intereſſe, e poriſſo naõ preſumio malicia: gabou-ſe que ſabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadéa de mergulho: deſpio-ſe, ſem ſe deſpedir do veſtido, que logo ſe deſpedio delle; porque o matalote da cadéa, tanto que o vio debaixo da agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a ſeu dono como ſua máy o pario, ſem lhe deixar raſto, nem pégada, por onde o ſeguiſſe: nem podia, ainda que quizeſſe, pelo deixar prezo ſem cadéa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e naõ menos ardiloſa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e ſemelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou

na

na rua ; e escondendo esta na manga , se foy com a outra a hum mercador rico ; que lhe désse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas : celebraraõ o contrato , sem reparar ella na quantidade dos redditos ; porque naõ determinava de os pagar ; nem elle no capital , porque se asségurava com as joyas. Virou-se contra hum escritorio para tirar o dinheiro , e com mayor velocidade a senhora harpía trocou as bocetas , pondo na mesa a das pedras chumbadas , e recolhendo na manga a das joyas ; e levando a chave comsigo , para que lhe naõ enxovalhassem as joyas , ou atirassem com as pedras , se foy com os dous mil cruzados , onde nunca mais appareceo , nem apparecerà , senaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Corte , para se vestir de còrtes os mais preciosos , que achou na calhe Mayor , à custa do mercador , que lhos cortou por sua boca sua medida. Alugaõ-se em Madrid amas , assim como em Lisboa escudeiros , para acompanhar : tomou huma , que tocava de mouca , e chamando-lhe madre mia , se foy com ella , aonde fez a compra de tudo o melhor que achou , sedas , télas , e guarniçoens , que passáraõ de quinhentos cruzados , sem reparar em medidas , nem em preços : e quando foy à paga disse : *Que nò trahia caudal bastante , porque nò pensava , que hallaria cosas tan lindas , que alli quedava su madre , y que luego holvia com todo el diñero : quede-se aqui madre mia , que yo voy com esta niña , que lleva la ropa , y buelvo luego en hora buena* , responderaõ

deraõ ambos mercador , e velha, ignorantes da treta ; de que a velha se livrou em duas audiencias, provando , que era de Alquiler , e mouca , e servia a quem lhe pagava : e o mercador pagou as custas sobre o capital , que lhe acolheo , e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que sua , porque era forra , e grande conserveira , trato , com que vivia , e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho ; e se algum tinha , era com os Confessores , quando se desobrigava nas Quaresmas. Tratou por huma vez dar de maõ ao trato , e para isso fallou com hum Sevilhano , Capitaõ de hum navio , se lhe queria comprar huma mulata de grandes partes ? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar , e que o preço della seria , o que sua mercé julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia , e que se esreraste para o dia seguinte no jantar , a que o tinha convidado : meteo a innocente velas , e remos , e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete , que se pudéra dar a hum Emperador , e servio á mesa , como criada , dando-se por autora de todos os guisados , e acipipes. Ficou o Castelhano satisfeito , tanto , que talhou a compra em duzentos cruzados , que logo contou em patacas ao picaõ : e ficaraõ de acordo , que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo ; e assim o fez enganando-a segunda vez ; porque o Sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro , como se fora a bodas ; e ficou nos

P piozes,

piozes, voltando-ſe o amigo para terra dizendo comſigo: veremos agora, ſe me negaõ a abſolviçaõ os Padres Curas. O navio deu á vela: gritava a triſte, que era forra! Conſolava-a o Caſtelhano: *Que luego ſe le iria aquella paſion, como ſe vieſſe en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iva para ſer ſeñora, mas que eſclava, de una caſa muy noble, y rica, &c.*

Eſtas ſaõ as unhas agudas, que fazem a ſua ſem deixarem coimas: e deſtas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes eſtragos com alvitres, e conſelhos, que deſpontaõ de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como ſe vio nos das maçarocas, e bagaços, de que naõ reſultou mais que gaſtos da fazenda Real para Meniſtros. E deſtes ha alguns taõ déſtros, que provém todos os officios em ſeus criados, para lhes pagarem ſerviços proprios com ſalarios alheyos: e ſaõ os peores; porque com as coſtas quentes em ſeus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha deſtas, que pro naõ encontrarem fazenda Real, em que empolgem, aproveitaõ-ſe da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que a arte lhes enſina: e bem de exemplos a eſte propoſito deixàmos referidos no cap. 4. em que moſtrámos, como os mayores ladroens ſaõ, os que tem por officio livrarnos de ladroens.

CA-

****

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas ſingelas.

MElhor diſſera rombas, ou groſſeiras, para as contrapor com as agudas, de que atégora fallàmos: mas tudo vem a ſer o meſmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos eſtas com as dobradas, que ſe ſeguiràõ. E para intelligencia de hum, e outra Capitulo, devemos preſuppor, que aſſim como ha unhas dobradas, tambem as ha ſingelas. Dobradas ſaõ, as que ſe apreſtaõ de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. E daqui ſe infere, que as ſingelas eraõ as que naõ tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaõ; naõ armaõ mais que a hum lanço, e ſe erraõ o tiro, ficaõ ſem nada. E accreſcento mais, porque ſingelo quer dizer ſimples; que furtar ninherias, e de modo, que vos ápanhem, tambem he ſer ladraõ de unhas ſingelas. Furtar cinco, ou ſeis mil cruzados abrindo portas com gaſúas, ou arrimando eſcadas; e deſtelhando as cazas para deſcer por cordas, e dar no theſouro, modos ſaõ de furtar, que ſabe qualquer ladraõ, antes de ſer graduado, ou marcado, que he o meſmo. Mas levar o theſouro ſem gaſúas, ſem eſcadas, ſem cordas, nem ſobreſaltos, aqui eſtà o ſubtil da arte, e o naõ ſer aprendiz ſingelo. Furtar eſſe theſouro, e dar comſigo na forca, porque o apanharaõ com o furto nas mãos, ou

com as mãos no furto, iſſo he furtar de ladroenszinhos novatos, que naõ ſabem, qual he a ſua maõ direita. Mas furtar eſſe theſouro, mas que ſeja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ eſcoimado, como hum noviço cartuxo, ſem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta eſſencia da ladroíce; e o que aſſim ſe porta, bem ſe lhe póde paſſar carta de examinaçaõ, com foro, e privilegio de meſtre graduado neſta ciencia: e deſtes doutores ha mais de hum milhaõ, que curſaõ as Cathedras, e eſcólas de Mercurio, e Caco. E quem ſaõ eſtes? Perguntaſtes bem; porque como naõ trazem inſignias de ſeus gráos, nem ſinal manifeſto de ſua profiſſaõ, ſaõ màos de conhecer; e entaõ melhores meſtres, quando peores de achar: ſendo aſſim, que em achar o mais eſcondido, e em arrecadar o achado, ſaõ inſignes.

Seraõ eſtes, os que vos ſayem nas eſtradas com carapuças de rubuço, e eſpingardas no roſto? Tiray là, que ainda que lhes chamaes ſalteadores por antonomaſi, ſaõ formigueiros por profiſſaõ; e taõ ſingelos, que nunca levantaõ caſa de ſobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que naõ cabiaõ de baixo do braço; ſaõ como o caracol, que traz a caſa comſigo, ecomo o Philoſopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo, quanto tenho de meu, trago comigó. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ſer alheo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz àlem das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a lim-

a limpo, ſujando a conſciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para ſi, e huma anagoa para ſua mulher? E tambem ſaõ ladroens ſingelos; porque ſaõ caſeiros, criados à maõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e poriſſo juraõ; quando lhes perguntaes pelos retalhos, que ſobejaõ, ainda que ſejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficaes ſem eſcandalo do que vos levaõ. Seraõ os Taballiaens, e Eſcrivaens, que ha ſem numero neſta Corte, e em todo Reyno, que com huma penada tiraõ, e daõ cem mil cruzados a quem querem? Eſſes grandes ladroens ſaõ, mas ſingelos, principalmente quando ſe applicaõ a ſi o que furtaõ, porque logo ſe lhes enxerga; como aquelle, que fez humas caſas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje ſe chamaõ da Penada; porque vendo-as ElRey D. Sebaſtiaõ, diſſe: Boa penada deu alli o Taballiaõ! De mais de que, como poem por eſcrito tudo, ſaõ faceis de apanhar ſeus erros de officio: e ſe dobraõ o partido com outro, para ſe juſtificarem, ficaõ á revelia de quem fará, que percaõ feito, e o por fazer: e là hirá quanto Martha fiou, por ſe fiarem, de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar ſegredo no cõluyo.

Seraõ os Soldados de cavallo, que quando ſe vém montados em ginetes, que naõ ſaõ de ſeu goſto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem ſaõ ladroens ſingelos; porque dando com iſſo grande damno a Sua Mageſtade, ficaõ com pouco provei-

 to.

10. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por naõ serem homicias da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artélhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provèm de outros. E o furto està no damno, que se dá a ElRey, e à milicia; porque se vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nora, tendo custado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvoshey este rocim saõ em duas horas? Concertaõ-se em dez, ou doze tostoens; applicalhe hum emplasto de herva moura, para dissimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a sedella, que lhe pescou os tostoenszinhos, e fica o cavallinho saõ como hum pero no mesmo instante; e quem o mancou, e desmancou, taõ quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos especulativos, que sejaõ de unhas dobradas, porque saõ multiplicados os seus furtos: mas naõ tem razaõ, que assás singelos andaõ; e se agasalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que seja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por esses campos de Jesu Christo, he, porque os achaõ desgarrados, para que os naõ coma o lobo; e assás ténue vay tudo, e assás singelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, jà o disse no capitulo 21. das unhas Militares.

CA-

****

CAPITULO XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas.

JA' dissemos, que unhas dobradas saõ, as que se armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas proposiçoens, como com páo de dous bicos, que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Taes saõ os ladroens, que chamo de unhaõ dobradas; porque as aguçaõ de sorte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cahir nellas: com hum exemplo ficará isto claro, e corrente. Quando Sua Magestade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo, que ha grandissima variedade nos preços, e que nunca se ajustaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que naõ póde escapar o furto: quando levantaõ o ponto, no escudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca, sem os Ministros delRey serem sabedores das redes, com verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem puderaõ advertir na desproporçaõ dos preços: furta-se a ElRey, que manda comprar os cavallos, ou furta-se aos vendedores: e a restituiçaõ de ambos os furtos, se bem a averiguarmos, vem a ficar ás

costas dos avaliadores; que ordinariamente saõ os alveitares das terras, onde se fazem as resenhas, e escolhas dos potros, cavallos, e dragoens mais aptos para a guerra: e succede assim, que se o vendedor he poderoso, intimída os ferradores, ou os peita, para que ponhaõ em quarenta, o que naõ vale vinte; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e se o vendedor naõ tem ardil, nem poder, para agencear, e seguir esta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem cõmum, a que se encostaõ, para engolir o escrupulo: e assim por huma via, ou por outra ordinariamente se afastaõ, e poucas vezes se ajustaõ com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E he certo, que Sua Magestade, que Deos guarde, naõ quer nada disto: naõ quer o primeiro; porque defrauda seus thesouros: naõ quer o segundo; porque offende seus vassallos; que tambem naõ saõ contentes de serem enganados em mais da ametade do justo preço: com que fica certissimo, que he furto manifesto por huma via, e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ às vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos: e talvez succede tomarem hum, e dous, e tambem tres por dez mil reis, e por oito cada hum, a titulo de hirem servir com elles ás fronteiras, e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil reis, por ser de boa raça, e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus Confessores, e

veraõ

veraõ o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser, que mais proveitoso: e he, quando dous vaõ forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as pagas; e tambem acontece o mesmo na infantaria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitaõ seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem somma de mil e duzentos cruzados cada mez; e se durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e se usarem della muitos cabos, teremos de pór de portas a dentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Castella saltear os boys, e ovelhas. Mas o General das armas (peço a sua Excelencia lincença para o nomear aqui) o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas taõ correntes com notas, e contra divizas, que naõ pòde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que se gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ser peor que praças mortas; porque taes doentes, e taes soldados naõ os havia no mundo: e mandando os ver à cama, e naõ os achando, déscobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama soldados saõs com nomes muda-

mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar: mas o zelo, e destreza do Conde General excede, e vence todas as artes no serviço delRey nosso Senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com unhas dobradas com mais destreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e provos-hey tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes passagens segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto; dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: davalhe ponto, e avizo infallivel das paragens, onde acharia taes, e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas; huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente, sem errar o tiro de nenhuma.

CA-

****

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.

MElhor differa nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que a lingua; e tambem porque tudo, quanto se furta, vem a parar, ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua jà eu ouvi dizer, que a havia; e tambem pudéra dizer setta; porque fere ao longe como setta, e corta ao perto como espada; e peor, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como espada columbrina, e setta hervada: mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal, de que he taõ velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Véllosheis andar no Paço fazendo mezuras a cada passo, e tirando a gorra à legua, chapéo queria dizer, que jà se naõ usaõ gorras: naõ lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intensaõ, e palavrinhas, com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, saõ unhas de aço, que naõ só arranhaõ creditos alheyos, mas empolgaõ para si, que he o principal intento, em tudo o preciosо, que cuidaõ se poderá dar a outros. E para isso naõ ha provimento, que naõ desdenhem, nem despacho, que naõ menoscabem; até o que he nos outros paga de justiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao seu moinho, e fazerem cano das minguas alheas para

as

as enchentes proprias, de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrà a verdade deste Capitulo clara como agua.

Olhaime para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vedè dous soldados, que vem com elle, hum com hum olho vasado de huma estocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer assinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças. E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia, allegaõ a seu Rey, o que em seu serviço padeceraõ, para que os remunere com os despachos, que merecem: hum péde a Cõmenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoso, que está de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em taes baralhas, temendo que lhe vóe por aquella via o passaro, a que tem armado à costella, e que se lhe vá da rede a preza, que pertende pescar; puxa da espada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vé vaõ adquirido, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cà o tortéles Polifemo! Por hum olhinho que perdeo, Deos sabe aonde, póde ser que bebendo em alguma taverna; quer que lhe dém mais do que val toda a sua cara: ainda lhe ficou outro olho, isso lhe basta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, bastandolhe huma maõ para empinar, quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaõ, quer que lhe talhem huma Cõmenda, que naõ sonharaõ seus

avòs:

avós: e o outro que por huma perninha lhe dém hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem eftas manqueiras, de que vem fazer gadanho para eftafarem mercés, que fó nòs merecemos a ElRey, como fe vé ao perto. E por efta folfa fe deixa efte, e outros taes como elle, hir defcantando femelhantes letras, ate que fayem com a fua por efcrito, eftorvando, e tirando os defpachos a que os merece, para os incorporarem em fi. E ainda mal, que lhes fuccede. Teftemunha feja hum Capitaõ, que eu vi defpedirfe de hum amigo nefta Corte, para fe voltar para as fronteiras com quatro mezes de femelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como fe hia fem efperar o feu defpacho? Refpondeo palavras dignas de fe imprimirem: Vou-me defta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honrofo efperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repoftas dos Miniftros, e Aulicos de Sua Mageftade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, naõ defcançaõ, até que naõ enxotaõ toda a forte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a fuas pertençoens, que por efta arte alcançaõ; e affim furtaõ, e pefcaõ com os anzòes, e unhas da lingua o que naõ merecem, e de juftiça fe deve dar, a quem arrifcou a vida, e naõ a quem a traz empapelada: e eftes faõ os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que naõ he feu,

nem

nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e eſcrito eſtá, e marcado com ſellos de chumbo, que os premios da guerra naõ ſe appliquem a ſerviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a eſte Reyno os dizimos de innumeraveis Cõmendas, que he ſangue de Chriſto para os Cavalleiros, que à cuſta de ſeu ſangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como ſe póde permittir, que logre eſtes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a patria? Naõ ſey ſe o diga? Que vi já Cõmendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; naõ te arriſques: olha que temo chamem muitos a iſto murmuraçaõ, tomando-o por ſi: porque tudo o que pica deſagrada: e o que deſagrada, he ſinal que lhe toca. Toquemos a recolher; e vamonos dizer antes ſape a hum gato.

****

CAPITULO XXXVII.

Dos que furtaõ com a maõ do gato.

LAdroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque naõ lhes eſcapa conjunçaõ, lugar, nem tempo; e como ſe tiveraõ mil mãos, *à dextris, e à ſiniſtris*, naõ erraõ lanço: e iſto vem a ſer furtar com mãos proprias, que naõ he muito; mas furtar até com as alheyas: he deſtreza propria deſta arte, que vence na malicia a ſubtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar

córpos fantaſticos para commetter abominaçoens: porque naõ póde haver mayor malicia, que deſpirſe huma creatura de ſeu proprio ſer, e veſtirſe da natureza alheya, ſahindoſe de ſua esféra, para poder mais offender a Deos. Taes ſaõ os homens ladroens, que ſe ajudaõ de mãos alheyas: ſayem-ſe de ſua esféra, e vaõ mendigar nas alheyas modos, e inſtrumentos, com que mais furtem. Naõ ſe contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muito formoſas unhas, e hir buſcar mãos alheyas, e enpreſtadas, para mais furtar, e poupar as ſuas para outros lanços, he o ſummo da ladroíce. No como ſe verifica iſto, eſtá ainda a mayor difficuldade, que ſerà facil de entender, a quem olhar para a maõ de Judas, quando no officio das trevas apaga as candéas. Obrigaçaõ he que corre por conta dos Sacriſtaens: mas porque naõ chegaõ ás velas, ou por ſe naõ queimarem, valem-ſe da maõ alheya: e aſſim vem a ſer mãos de Judas todas, as que ajudaõ ladroens em ſeus artificios.

Ainda ſe naõ deixa ver, em que cabeça vay dar a pedrada deſte diſcurſo. Os ſenhores Aſſentiſtas me perdoem, que elles haõ de ſer aqui o primeiro alvo deſte tiro. Digaõ-me Voſſas Senhorias (e naõ eſtranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cà os Berlanguches, que logo entraráõ tambem neſta reſte) ſe ElRey noſſo Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baſte para o provimento das fronteiras, o que pódem fazer por ſi, e ſeus.

e ſeus criados, para que empenhaõ niſſo os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno! E porque eſtes ſaõ eſcoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhe licença de Sua Mageſtade para iſſo? Que he iſto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de ſua ganancia? Intereſſe he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com ſaguates lhes aguçaõ as unhas, para as prezas ſerem mais copioſas paſſando dos limites, de cujas crecenças fazem negoceaçaõ, e venda a ſeu tempo com exeſſo, levando de codilho a ſubſtancia aos pòvos famintos, obrando tudo com as mãos da juſtiça, que he, o de que me queixo; que a juſtiça chegue a ſer entre nós maõ do gato, para que naõ lhe chamemos maõ de Judas, que atiça eſte incendio, em quanto os ſobreditos tem as ſuas de reſerva em luvas de ambar para agaſalharem os lucros, que com tantas mãos negocearaõ.

Démos huma de maõ aos Berlanguches, jà que lha promettemos, e elles naõ querem, que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da noſſa barra de Lisboa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque paſſaõ por elles todos os eſtrangeiros, que vem do Nórte, chamamos a todos Berlanguches. Eſtes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que ſó elles ſabem fazer baluartes, attacar petrados, diſparar bombas, artificiar maquinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo aſſim, que de tudo, quanto obraõ, naõ vimos até agora fruto, mais que de immenſas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar à

ſua terra: até agora naõ vimos bomba, que mataſſe gigante, nem petardo, que arrazaſſe Cidade, nem maquina de fogo, que abrazaſſe armada, nem queimaſſe ſe quer hum navio. Poriſſo diſſe muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga (que em tudo he diſcreto) reſpondendo à petiçaõ de hum deſtes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que arquitéctou contra os Parlamentarios, que nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650. que o queimaſſem com ellas, por nos gaſtar a noſſa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes neſta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e eſtimamos ſó, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello: porque no fim das contas ſó o noſſo braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioſo pelas unhas do gato? E eu lhe reſpondo, que olhe para os theſouros delRey, e para as noſſas bolças, e verà tudo arranhado com eſtas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com ſeus gatinhos, o que fora melhor dar-ſe aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ deſpidos, e os Berlanguches raſgando cochonilhas, e brilhando télas. Baſta hum toſtaõ, para qualquer homem de bem paſſar hum dia: hora demoſlhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhe ſetenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Deſordenada couza chamára eu a iſto; pois lhes vem a

ſahir a mais de hum toſtaõ para cada hora, e mais de dou mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece iſto conto de velhas, e diſcurſo de gigantes encantados: Gigantes de ouro ſaõ iſto, que ſe nos vaõ do Reyno, conquiſtados por Pigmeos de palha, de que fazem a maõ do gato; que de palha borrifada com polvora vem a ſer o fogo, com que abrazaõ mais a nòs, que a noſſos inimigos: e elles o ſaõ mais verdadeiros, que os Caſtelhanos; porque eſtes nunca nos deraõ tal ſaco, nẽ entraõ cá por taes esfolagatos.

E para que naõ pareça que ſó em eſtranhos damnos com eſte diſcurſo, viremos a próa delle para noſſas conquiſtas, e acharemos mãos de gato façanhoſas, de que uſaõ Portuguezes. Já toquey eſta treta ſuccintamente o §. ultimo do Capitulo IX. a outro propoſito; mas agora a contarey mais diffuſa a éſte intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para ſua caſa rico ſem eſcandalos, nem revoltas: mete-ſe de gorra com os mais opulentos do ſeu deſtrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: moſtra cartas ſuppoſtas, com avizos de deſpachos, habitos, Cõmendas, e officios, que fez dar a ſeus afilhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençoens nella, creſce-lhes a todos a agua na boca ouvindo iſto; e vaõ-ſe para ſuas caſas diſcurſando o caminho, que teraõ para terem entrada com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conſelheiros, e logo lhes occorre a eſtrada coimbrãa das peitas; porque dadivas

que-

quebraõ penedos ; e armaõ logo hum presente para adoçar o senhor Capitaõ, ou Governador, e o hir dispondo ao favor, que pertendem : e já se imagínaõ dando alcance à graça, que taõ alto lhes voou sempre : crescem as visitas, chovem os donativos de huns, e de outros ; e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno, chegaõ os memoriaes, e achaõ aos sobreditos senhores fazendo listas para a Corte, escrevendo cartas, arrumando negocios de mil pertendentes, e de tudo fazem rede para pescar os donativos, com que naturalmente se despenhaõ. Chega hum, e diz: Senhor, bem sabe Vossa Senhoria que ha vinte annos sirvo a Sua Magestade à minha custa, e que he jà o tempo chegado de lograr alguma mercé porisso : e para que eu deva esta tambem a Vossa Senhoria, espero que me favoreça por meyo de seus validos, a quem protesto ser agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria, para que veja como trago a v. m. na casa dianteira, e suas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario, léa v. m. lá as cartas, que escrevi hontem para Sua Magestade, e para o Concelho da Fazenda, e Ultramarino. E o Secretario, que está de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escritas ; e com a destreza, que costumaõ, relata logo de cada huma seu capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençoens do supplicante, em que o descreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario,

 que

que ás anexas àquelle ponto : e ao ſobredito diz, que durma deſcançado , que em boa maõ jaz o pandeiro : e elle mais ſolicito , que nunca , vay-ſe para caſa , e manda logo o melhor que acha nella, para naõ ſer ingrato ; e por eſta maneira de mil modos com eſtas abuiſes caçaõ os mais gordos tralhoens da terra , e metem nas redes os mayores tubaroens do alto : papos de almiſcar em Macào , bocetas de baſares em Malàca , biſalhos de diamantes em Goa , alcatifas de ſeda em Cóchim , barras de ouro em Moçambique , pinhas de prata em Angòla , caxas de açucar no Braſil ; e em cada parte de tudo tanto , que enchem navios , que vem depois dar à coſta : *Male parta , male dilabuntur*. A agua o deu , a agua o leva. E ficaõ desfeitos como ſal na agua todas as maquinas das pertençoens dos innocentes , e elles no limbo da ſuſpenſaõ , e no Purgatorio do arrependimento , porque deraõ ao gato , o que naõ comeo o rato.

Tambem para ElRey noſſo Senhor ha mãos de gato , que lhe arranhaõ a fazenda , e arraſtaõ a grandeza de ſuas datas , e mercés ; e ſaõ os exemplos tantos , que me naõ atrevo a contalos , aſſim por muitos , como por arriſcados. Direy hum imaginado , que poderia acontecer , e ſervirà de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira : vem conſultada em tres oppoſitores. O primeiro he melhor , o ultimo o ſomenos : tem eſte por ſi mais amigos na Corte : temem fallar a Sua Mageſtade , porque ſaõ conhecidos , e ſabem, que eſpecúla muito bem os que ſaõ apaixonados , para naõ admittir ſuas informaçóes : buſcaõ huma

maõ

maõ de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: eſpreitaõ a occaſiaõ, em que Sua Mageſtade vé as conſultas: fallaõ-lhe, como a caſo: Senhor, para que ſe cança Voſſa Mageſtade em apurar gente, que naõ conhece; conſultas da Univerſidade ſaõ muito apaixonadas pelos bandos das oppoſiçoens, que muitas vezes poem no primeiro lugar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os ſugeitos, e he deſintereſſado neſtas materias: informe-ſe Voſſa Mageſtade delle, e verà logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui eſtá na Sala, reſponde o meſmo: Deos o trouxe ſem duvida, acodem os conjurados, que de propoſito o trouxeraõ, e deixaraõ no poſto bem inſtruído. Sayem-ſe todos para fóra, e entra o louvado: cõmunica-lhe Sua Mageſtade a duvida: reſolve-a elle fazendo-ſe de novas no ponto, que traz eſtudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as ſuas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a ſeu Rey huma couza por outra, que nem por ſeu pay mudarà huma cifra contra o que entende: e com eſtes enſalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como naõ preſume malicia, quem naõ trata enganos, perſuade-ſe ElRey, que aquella he a verdade; e tomando a penna deſpacha a conſulta, e dà a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e eſtes ſaõ os modos, ſuave leitor, com que cada dia ſe tiraõ ſardinhas com a maõ do gato.

****

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com mãos, e unhas postiças de mais, e accrescentadas.

DE hum ladraõ se conta, que tinha huma maõ de páo taõ bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a à esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurso junto aos que lhe parecia, que poderiaõ trazer bem provídas as algibeiras; e com a outra maõ, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente; e ainda que os roubados sentiaõ alguma couza, olhando para o visinho, de quem se podiaõ temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos, persuadiaõ-se, que seriaõ apertoens da gente, o que sentiaõ. Assim me declaro nisto, que chamo furtar com mãos postiças, de mais, e accrescentadas: e melhor ainda me declarey, com os que occupaõ muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monstros, a substancia do Reyno: como se lhes naõ bastara a maõ, que tomaõ em huma occupaçaõ, metem pés, e mãos no meyo alqueire com seu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ; e jà lhes eu perdoára, se só huma maõ meteraõ na massa; isto he, se só com hum officio se contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos postiças, he quererẽ agarrar este mũdo, e mais o outro.

A San-

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da assistencia, que naõ sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que appatece na mesma tempestade em dous navios; he impossivel tèlla em duas partes; e naõ quer, que coma, e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o sangue dos pobres, e a fazenda delRey, e substancia da Republica, hum homem secular occupando dous póstos, e dous officios incompativens: e porque saõ mais que muitos, chamo tambem a isto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se daõ, e toléraõ em Republicas mal governadas: mas que na nossa taõ bem regída, e disposta se sofraõ estas, he para dar os bem entendidos com as cabeças por essas paredes. Ver que faça dous officio, e tres, e quatro, e sete occupaçoens hum só homem, que escassamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista he necessaria para ver, que naõ póde estar isto sem grandes ladroíces: e a primeira he, que come os ordenados, com que se pudéraõ sustentar, satisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e mayor de todas, que como he impossivel assistir hum só sugeito a tantas couzas differentes, passaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de justiça, naõ

dando satisfaçaõ às partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos fóra de suas patrias: e no cabo despachaõ mil disparates por escrito, para serem mais notorios; porque naõ tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehenderem as certezas, que se lhe praticaõ: e quando vaõ a alinhavar as resoluçoens, escapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-se as linhas, que tinhaõ lançando huns, e outros; e perde-se o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ser mais difficultoso encaminhar hum desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petiçoens, somem-se provisoens, faltaõ os Oraculos, respondem sésta por balhésta, fazem-vos do Ceos cebola, metem-se no escuro dos segredos, com mysterios, que naõ ha: e Deos nos dé boas noites. Baldaraõ-se as peitas, frustraraõ-se as intercessoens, perderaõ-se os gastos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque se o buscardes na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscais-vos a huma enxurrada de Ministros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Chrisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas; assim ha heresias politicas, que encontraõ as verdades, que escrevo: e assim como seria heresia de Calvino, e Luthero dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; assim he heresia na politica do mundo admittir que hum homemsinho de nonnàda occupe dous officios, que requerem duas assisten-

aſſiſtencias. He nota de alguns Eſcriturarios, que nunca Deos provéo dous officios juntos em hum ſó ſugeito: e para ſignificar a importancia diſto mandava, que ninguem ſemeaſſe dous legumes na meſma terra: e quando occupava algum ſervo ſeu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos neceſſarios, e forças convenientes: e iſto naõ pódem fazer os Principes da terra, que ſe bem ſaõ Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, naõ o ſaõ dos talentos, nem os pódem dar, a quem os naõ tem, como pode Deos; e poriſſo deve hir attento nos provimentos, que fazem, porque até hum ſó, e ſingular requer homem capaz, para ſer bem ſervido. E para que ſe veja, como as couzas vaõ muitas vezes neſta parte, contarey o que ſuccedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provído por Capitaõ mòr certo Cavalheiro, que preſumia de grande ſoldado: e no primeiro dia, em que tomou poſſe do ſeu feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Eſtava elle em boa converſaçaõ de amigos, e ſenhores, que o viſitavaõ com o parabem de ſua boa vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dé Voſſa Senhoria o nome para eſta noite, he o que peço, reſpondeo elle: e o ſenhor Capitaõ inſtou muito admirado; ainda me naõ ſabem o nome neſta terra? E muito mais o ficaraõ os circunſtantes do ſeu enleyo. Acodio o Sargento: bem ſabemos o nome de Voſſa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou mais o Capitaõ. E para naõ ſe arriſcar a reſponder

der

der outro desproposito, disse o peor, porque o mandou embora sem resoluçaõ, e que no dia seguinte trataria o ponto com mais desafogo. E eisaqui que taes succedem ser os senhores, que occupaõ grandes póstos: e sendo taes, que faraõ, se os puzerem em muitos.

He engano manisto dizer-se, e cuidar-se, que naõ ha homens para os cargos, e porisso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as sciencias, e artes, que em Portugal acharaõ seus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e christandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnosco á soldada nesta parte: mas naõ apparecem os talentos por tres razoens. Primeira, porque naõ ha, quem os busque. Segunda, porque ha, quem os desvie. Terceira, porque naõ saõ entremetidos; e isso tem de bons. Naõ ha quem os busque, porque naõ ha quem os estime. Ha quem os desvie, por se introduzir inutil. Naõ se offerecem, por naõ padecerem repulsas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Versistes cobardes pelos thronos cevando vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastrados á roda dos muros da patria, que defenderaõ, e Sinões traidores embolçando vivas, e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobriráõ as minas, onde es-

tá o ouro dos talentos mais precioſos : elles conhecem as talhas de barro, que conſervaõ melhores vinhos, que jarras de ouro.

****

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas.

UNhas bentas, parecerà couza impoſſivel; porque todas ſaõ malditas, e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco diſcurſámos. Mas como naõ ha regra ſem excepçaõ, deſta ſe tiraõ algumas: taes ſaõ as da graõ beſta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo iſſo tambem affirmaõ os meſmos, que até eſſas virtudes ſaõ furtadas ás conjunçoens da Lua; para que nenhuma unha ſe poſſa gabar, que eſcapou da Eſtrella, que os Aſtrologos chamaõ Mercurio ladraõ famoſo. E entre tantas unhas naõ ha duvida, que ha algumas bentas; naõ porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoyando virtudes, e clamando miſericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças, que encontraõ, melhor que pirolas de eſcamonèa. A mais de quatro Criticos ſe me vay o penſamento neſte paſſo, naõ de paſſagem, mas de propoſito, e reixa velha, a certos ſervos de Deos, a quem murmuradores chamaõ por deſdem da Apanhia, levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas iſto

he

he praga; que só se acha, em quem naõ val teste-munha confórme a sentença de Luiz Rey de França, que só hereges, e amancebados fallaõ mal dos taes sugeitos: estes, porque os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo he, que esses mesmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu dinheiro bem guardado, que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas; que usurpaõ a titulo de bentas, saõ aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos (desgraça ordinaria em todos) acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ às mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaixalhaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da cór, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre

si seus

ſi ſeus antepaſſados. Naõ he neceſſario declarar os extremos, que de parte à parte paſſaraõ: Reſultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a peſſa toda, ſem outro cuſto, que o de jurarem, que ninguem ſaberia o caſo ſuccedido. Naõ ſey ſe he iſto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil eſmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e miſericordia, para pobres, para Miſſas, e Irmandades, as quaes vaõ arder na meſa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous toſtoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Miſſas de Noſſa Senhora, ajuntava, o que lhe baſtava, para paſſar alegremente a vida. Tambem eſte furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres ſe fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos braços, com cauſticos, e hervas: moſtraõ ſuas dores com brados, que moverás as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga*! Pelas Chagas de Chriſto noſſo Redemptor, que me dém hum eſmola! Dizia hum deſtes na ponte de Coimbra de outro, que tinha huma perna muito chagada: boto a tal, que tem aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E aſſim he, que muitos mil ajuntaõ eſtes piratas: e lá ſe conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez teſtamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Caſtella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-ſe nella cinco, ou ſeis mil cruzados em

ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoſo lançou pregaõ na ſua terra, que tal dia dava hum veſtido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-ſe no ſeu pateo infinitos; e a todos deu veſtidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os veſtiſſem, e tomoulhes os velhos, e nelles achou bem coſida, e eſcondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gaſtado nos veſtidos. Eſtes taes naõ ha duvida, que ſaõ adroens, que com unhas bentas esfolaõ a Republica, tomando mais do que lhes he neceſſario, e fora melhor deſtribuillo por outros, que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis ſaõ, as que profeſſaõ benſedeiras, e tem mais de ſiganas, que delbeatas. Entra em voſſa caſa huma deſtas com nome de ſantinha; porque dizem della, que adevinha, faz vir à maõ as couzas perdidas, e depàra cazamentos a orfáns, e deſpachos aos mais deſeſperados pertendentes. Pediſ-lhes remedio para voſſos dezejos: pedevos huma cadéa de ouro empreſtada para ſeus enſalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas: mete tudo em huma panélla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, veſpora de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do voſſo lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que naõ lhe deis quebranto: e a hum virar de penſamento, emborca tudo nas mangas do ſayo, e fica vazia

a ólha,

a ólha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, ſobpena de ſe converter tudo em carvoens, até paſſarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles ſe paſſa para Caſtella; ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por taes as tiveſtes; quando a poder de bençaős vos roubaraő. Vedes vòs iſto piedoſo leitor, pois ſabey de certo, que ſuccede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a naő ſe deixar enganar taő parvoemente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neſte Reyno as décimas para a defenſa delle, e a todos contentou muito eſta contribuiçaő; porque naő ha couza mais racionavel, que aſſegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ſer pequena parte comparada com o todo. Dizem os Eccleſiaſticos neſte paſſo, que ſaő izentos de gabellas por Diplomas Pontificios; e eu naő lho nego; mas quizera-lhes perguntar, ſe goſtaő elles de lograr os lucros, que das décimas reſultaő, que ſaő terem as ſuas fazendas ſeguras, e as vidas quietas das invaſoens dos inimigos, que os noſſos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Naő pódem deixar de reſponder todos, que ſim. Pois ſe aſſim he, como na verdade he, lembrem-ſe do ditado, e do Direito que diz: *Qui ſentit commodum, debet ſentire, & onus* E vem a ſer o que diz o noſſo proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que ſe depenne, quem goſta de viver ſem pennas; e eſtando iſto taő poſto em boa razaő,

zaõ, segue-se logo a consequencia verdadeira, que devaõ dar seu consentimento na contribuiçaõ das décimas: e vindo elles nisto como saõ obrigados pela razaõ sobredita: *Et scienti, & consentienti non fit injuria*; digaõ me, onde encalha o seu escrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para surripiar do cõmum, o que affectaõ para seus cõmodos particulares? E naõ se vio mayor sem-razaõ, que quererem conservar suas queixadas sans á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima, ou interesse, que assim lhe chamo, e maõ escrupulo; respondaõ-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as conservarem, e defenderem em extrema necessidade: porque naõ lhes serà licito recolherem décimas dos Ecclesiasticos, para os defenderem no mesmo aperto? Licito he, naõ ha duvida; porque esta consequencia naõ tem reposta: e della se colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza, o que elles querem, que seja escrupulo, e excõmunhaõ: e vem a ser rapina verdadeira, a com que se levantaõ á mayores fazendo unha da Religiaõ, para agarrarem o capital, e os redditos, sem entrarem nos riscos, que sempre grandes lucros trazem comsigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de sua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que sabemos tambem o respeito, que se lhes deve, e que naõ ha diplomas, que encontrem esta doutrina, direy claramente, o que ensinaõ os Theologos nesta parte;

te , e he , que saõ obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas , fontes , pontes , e muros : porque todos igualmente se servem , e aproveitaõ destas couzas : e ha de ser em tres circunstancias. Primeira quando a contribuiçaõ dos leigos naõ basta. Segunda , com exame , e ordem dos Prelados. Terceira , sem força na execuçaõ. Mas logo se accrescenta , que os Prelados saõ obrigados a executalos : e isso he , o que queremos na contribuiçaõ das décimas : e melhor fora naõ se chegar a isso , pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Naõ posso deixar aqui de acodir a huma queixa ; que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta , e topa no Fisco Real , quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscaçaõ. Poderiaõ alguns zelosos dizer , que se gasta tudo no Tribunal , que o arrecada , e que he tanto , o que se confisca, que excede seus gastos : e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade , que com grande piedade remette tudo nas consciencias de taõ fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada : e por credito da inteireza , que taõ Santo Tribunal professa , convém que lhe demos satisfaçaõ adequada em Capitulo particular , que será o seguinte.

CA-

****

CAPITULO XL.

Responde-se aos que chamnõ Visco ao Fisco.

POr fabula tenho, o que se conta do Sayvedra, que dizem meteo neste Reyno, por enganos de breves falsos, o Tribunal, e Fisco da Santa Inquisiçaõ; porque naõ ha memoria disso nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis se lançaõ: nem ha outro testemunho, mais que dizello o mesmo Sayvedra, por córar com isso outros crimes, que o lançaraõ nas galès. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Castella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Espanha, por preceito do Concilio Toledano, de naõ consentirem Hereges em seus Reynos. Muitos destes, ou quasi todos, deraõ comsigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que sehiriaõ deste Reyno, sobpena de ficarem seus escravos, os que se naõ fossem. Muitos se foraõ: e os que se deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de escravos, e como taes eraõ vendidos: até que ElRey D. Manoel os tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassem todos o Reyno; alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautismo, e com isso aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal instruídos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que naõ só professavaõ a Ley de Moysés publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal

nal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apoſtolicos na conformidade, em que atè hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os ſeculos; porque a eſte Santo Tribunal ſe deve a inteireza da Fé, e reformaçaõ de coſtumes, com que eſte Reyno florece em tẽpos taõ calamitoſos, q̃ abrazaõ todo o Orbe Chriſtaõ com corrupções, e hereſias.

A mayor pena, que tem os Hereges álem da de morte, he a que lhes executa o Fiſco da confiſcaçaõ, e perda de todos ſeus bens: e he muito juſta; porque as hereſias naſcem, e cévaõ-ſe com a cobiça das riquezas, com as quaes ſe fazem os Hereges mais inſolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e ſó o Summo Pontifice póde applicar os bens confiſcados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque he cauſa meramente Eccleſiaſtica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-ſe por Direito a Igreja, os dos Religioſos á ſua Religiaõ, os dos leigos a ſeus Principes, onde os taes bens exiſtem, e naõ onde ſe condemnaõ. Em Eſpanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular conceſſaõ; e os dos Clerigos, mas q̃ tenhaõ beneficios, por coſtume geral em toda a parte, pertencem ao Fiſco ſeculares. De tudo iſto ſe colhẽ tres cõcluſoens certas.

Primeira concluſaõ: que os Principes ſeculares naõ pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do coſtume Eccleſiaſtico; nem ainda das leys, que os meſmos Principes puzeraõ, ſe foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Eccleſiaſticas. Segunda: que

naõ

naõ pódem os Inquiſidores remittir os bens confiſcados ſem conſentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao ſeu Fiſco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada ſentença, de tal maneira ficaõ os bens confiſcados ſendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que pòde delles diſpór, e dallos a quem quizer, mas que ſeja aos meſmos Hereges, a quem ſe tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, naõ pòdem pelas tres razoens, que ficaõ tocadas, que com as riquezas ſe cèvaõ, e creſcem as hereſias, e os Hereges ſe fazem inſolentes, e pervertem outros: e tambem, porque he cauſa Eccleſiaſtica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ eſtaõ ainda ſentenceados. Deſtas tres concluſoens ſe colhe huma conſequencia certa, que a confiſcaçaõ he pena Eccleſiaſtica, e que como tal naõ póde o Principe ſecular impedir a execuçaõ della ſem licença do Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto ſobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo à queixa, que nos obrigou a fazer eſte Capitulo. Os Reys em Portugal ſaõ Senhores dos bens confiſcados, depois de ſentenceados, de tal maneira, que os pódem dar atè aos meſmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderàõ dar a adminiſtraçaõ, e dominio dos taès bens abſolutamente aos Senhores Inquiſidores, para que os gaſtem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenhaõ dado eſte poder, he notorio, e ſe prova do facto, e da permiſſaõ continua ſem repugnan-

pugnancia, nem contradição. E ainda que a maſſa do Fiſco he muito grande, naõ ſaõ menores os gaſtos da ſuſtentaçaõ dos penitentes, das agencias de ſeus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Miniſtros, das maquinas dos cadafalſos, e mil outras couzas, que emprezas taõ grandes trazem comſigo, que he facil conhecellas, e difficultoſo julgallas; porque o menos, que aqui ſe pondéra, he o que vemos, e o mais, o que ſe nos occulta com o eterno ſegredo, alma immortal do Santo Officio. Nem ſe póde preſumir que haja deſperdiços, onde ha tanta exacçaõ, e pureza de conſciencias, que apuraõ o mais delicado de noſſa Santa Fé: antes ſe póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que ſó com a confiſcaçaõ dos Réos ſe ſuſtente maquina tão grande, taõ illuſtre, e taõ poderoſa! E dado, que paſſe aguns annos a receita àlem da deſpeza, ſuccedem outros, em que a deſpeza excede os bens confiſcados: e providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contraprezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que ſe póde metafyſicar de ſobejos, he pequena remuneraçaõ para taõ grandes merecimentos. Nem ha no mundo intereſſe, com que ſe poſſa gratificar, o que eſte Santo Tribunal obra em ſi, e executa em nós. O que obra em ſi, he huma obſervancia de modeſtia, e inteireza, que aſſombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque o meſmo he entrar hum homem Eccleſiaſtico, ou ſecular no ſerviço do Tribunal da Santa Inquiſiçaõ, que veſtir-ſe logo de huma compoſiçaõ de acçoens, palavras, e coſtumes, que fazemos

R pouco,

pouco, os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem se deixa ver na reformaçaõ dos uicios, na extinçaõ das heresias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades; seria huma sentina de vicios, seria huma Babilonia de erros, se o Santo Officio naõ vigiara as maldades, naõ castigara os vicios, e naõ extinguira os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e sayem continuamente todos os hereges do mundo, sem que os vicios das Naçoens nos damnem, sem que os erros das heresias se nos peguem. Naõ ha Reyno, nem Provincia na Christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve taõ gloriosa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, castigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Serenissimos de Portugal a importancia de taõ grande serviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Ministros, naõ fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fisco á sua disposiçaõ.

E se ainda se não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, ouçaõ, o que respondeo El-Rey Filippe o Prudente em Madrid a outra semelhante, que involvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexallos, que mas estimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos cõ treinta Clerigos, que todos essos interesses, y respetos*. Fallou como Prudente que era; porque interesse, e respeitos temporaes, naõ tem comparaçaõ com lucros sobrenaturaes. Este mesmo Rey passando pela Praem

ça de Valhadolid com todo ſeu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquiſidores, e em os vendo, ſe ſahio do coche, e com o chapéo na mão os levou nos braços, dizendo: *Aſſi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs!* Sabia conhecer, o que nós não ignoremos: e poriſſo affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que ſó gente ſuſpeita poderá grunhir, onde deſapaixonados cantão a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós deſcantemos por diante os exceſſos de outras unhas, pois nas do Fiſco naõ achamos o viſco, que ſó gente ſatyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

****

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas de fome.

NAs gazetas de Picardia ſe eſcreve, que houve hum moço taõ inclinado a ſeu accreſcentamento, que aſſentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao ſegundo dia achou, que aſſentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda ſe uſava naquella caſa; e poriſſo o ſenhor della era rico, porque adquiria com unhas de fome o que entheſourava. Succedeo hum dia, que hindo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cea de todos, encontrou huma grande prociſſaõ de Religioſos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto,

e de traz da tumba se hia carpindo a mulher, e lamentando sua desgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas, e suspiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? A' casa, onde se não come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo. Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas, que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa naõ tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e porisso entrey em suspeitas, se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á casa, onde se naõ come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois assáz bastaõ os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que couza saõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a huns, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que saya á luz o que reservão: e quando vos daõ alguma couza, he sempre o peor, e o que naõ presta, ou de modo, que melhor fora naõ vos darem nada. Saõ estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteou a

cego-

cegonha com papas estendidas sobre huma lagem, para que as naõ pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes, onde está aqui o furto, que parece o naõ ha em guardar cada hum o que he seu, e em poupar até o alheyo? Respondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tóa isto a desproposito: mas eu naõ vi couza mais certa, se a entenderdes, como a entendo; e já me naõ haveis de entender, se me naõ declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey nosso Senhor ao Brasil, Angola, e outras partes: provém-se de chacinas podres, bacalháo corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo isto assim mais barato na compra; e saye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque foraõ providos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizeraõ com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda-as Sua Magestade provér para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres semanas: eisque na segunda semana já falta a agua, e na terceira já naõ ha paõ. Tornam-se a recolher sem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eisaqui que couza saõ unhas de fome, que por matarem a sua, póem em desesperaçaõ a alheya. Os provi-

mentos Reaes, como os de toda a casa bem governada, devem ser como os de Deos, que sempre nos dá remedios superabundantes. Naõ devem hir as couzas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada sobeje: o que sobeja no prato, he o que satisfaz mais, que o que se come. Tres açoutes tem Deos, com que castiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer nossa Monarquia, quem mete em suas forças fome. Nada poupa, quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que naõ quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria, e interesse nos commercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal, e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occasiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gastos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Ministros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na náo capaz de sua pessoa, e fato, quatro fardos de canéla livres, e sem taxa, para que engodados com estes interesses, e liberdades, abracem o trabalho, que he desmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real: e segue-se dahi naõ haver, quem queira arriscar sua vida por taõ pouco, e hirem forçados, e por isso negligentes em tudo. Nem ha, para que buscar outra causa de se perderem tantas náos de poucos annos a esta parte.

As

As náos no mar saõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: se tem quem os guie, e governe com cuidado, e sciencia, escapaõ de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços, se os deixaõ meter nelles. Como naõ haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guiaõ, e governaõ, vão descontentes, e ignorantes? Vaõ descontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque não vam bem remunerados: e daqui vem serem ignorantes; porque ninguem estuda, nem toma bem a arte, de que nam espera mayor proveito; e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar qual he a razam, porque nenhuma náo, nem galeam nosso, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medica mentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creyo que seja; porque nam ha, quem não saiba, que se adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por não gastarem dous, ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo: perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das innundaçoens do mar, e vio-

 lencias

lencias dos inimigos. Muita ventagem nos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e aprestos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma estopada.

****

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas.

A Rapoza, quando saltéa hum galinheiro faminta, céva-se bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como se vé farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o sangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtam com unhas fartas, que naõ páraõ nos roubos, por se verem cheyos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no sangue alheyo: saõ como as sanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andam sempre doentes de hidropesia as unhas destes: entaõ tem mayor sede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á custa alheya; que naõ contentes da mesma fortuna fazem razaõ do estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfando-se mais para isso nas pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçaõ achaõ gosto, e honra: chamara-lhe eu descredito, e amargura de consciencia, se elles a tiveraõ.

Olhem

Olhem para mim todos os Miniſtros del-Rey, que hontem andavam a pé, e hoje a cavallo: eſtejam-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e reſpondam-me a ellas, ſe ſouberem; e ſe nam ſouberem, eu reſponderey por elles. Se os officios de voſſas mercés dão de ſi até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e ſuas mulheres em huma cadeira: como andam voſſas mercés em liteira, e ellas em coche? Se a ſua meſa ſe ſervia muito bem com pratos, ſaleiro, e jarro de louça pintada de Liſboa, como ſe ſerve agora com baixelas de prata; ſalvas de baſtioens, confeiteiras de relevo. Nam me diram, de donde lhe vierão tantas colgaduras de damaſco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, eſcritorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Derão de fartos em fome canina? Já que lhes nam dá do que dirá a gente, nam me diram, onde acharão eſtes theſouros, ſem hirem á India; ou que arte tiveram, para medrarem tanto em tam pouco tempo, para que os deſculpemos ao menos com a viſinhança? Já o ſey, ſem que me digam: houveram-ſe como a rapoza no galinheiro, em que entraram: cevaraõ-ſe não ſó no neceſſario, ſenaõ tambem no ſuperfluo. Naõ ſe contentaõ com ſe verem fartos, e cheyos, como eſponjas, querem engordar com acipipes: e poriſſo lançaõ o pé alem da maõ, e eſtendem a maõ até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a ſaco, quando o enſacaõ: e ſaõ como o fogo, que a nada diz, baſta. E ſe querem ſaber a cauſa de ſuas demazias, leaõ com attençaõ o Capitulo, que ſe ſegue.

CAPI-

CAPITULO XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimosas.

ASſim como ha unhas fartas, tambem as ha mimoſas, que ſam ſuas filhas, e poriſſo peores, por mal diſciplinadas, porque para regalarem a ſeus donos furtão mais do neceſſario. Furtar o neceſſario, quando a neceſſidade he extrema, dizem os Theologos, que não he peccado; porque então tudo he commum, e não ha meu, nem teu, quando ſe trata da conſervaçam das vidas, que perecem por falta do que ham miſter, para ſe ſuſtentarem: mas furtar o ſuperfluo para animar o corpo, e regalar a alma, he caſo digno de reprehençam: ainda mal, que ſuccede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos; porque exemplos declarão muito. He certo, que a qualquer Miniſtro delRey baſta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para paſſar honeſtamente confórme a ſeu eſtado. Pois ſe lhe baſta hum veſtido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe ſobeja hum gibam de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que raſga Ollanda, onde baſta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, ſe póde paſſar com vaca, e carneiro? Para que diſpende em doces, e conſervas, o que baſtava para cazar muitas orfans? Baſtando paças, e queijo para aſſentar o eſtomago,

go, sem lhe causar as azias que padece pelos muitos guizados, que nam póde digerir. Para que sam tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e nam era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaria, nam lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos sam estes, e que não pódem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela mão, e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende, donde le vienen?* Meu irmão Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubís, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras sam estas, que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu nam sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome sem lançar peneira affirmar, que vossas unhas vos grangearam todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se ham de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os não lavrastes, nem os roçastes, nem vos nascerão em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue, que os furtastes: e vós sabeis o como,

e eu

e eu tambem: e para que outros o faibaõ, volo direy; porque eftou certo o naõ haveis de confeffar, mas que vos dém tratos.

Entregaraõ-vos o livro das defpezas, e receitas Reaes, enxiriftes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-fe a lenda; levantaftes as folhas com quanto nellas fe continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficaftes livre das contas, e encarregado nos furtos, que fó no dia do Juizo reftituireis; porque ainda que vos vendais em vida, naõ ha em vós fubftancia, porque a efperdiçaftes; nem vontade, porque a naõ tendes, para vos defcarregar de taõ grande pezo. Por efta, e outras artes de naõ menor porte, que deixo, fazem feu negocio as unhas mimofas; e tudo lhes he neceffario, para manterem jogo a feus appetites: e naõ houvera melhor Flandres, fe o bicho da confciencia as naõ roéra. Hum licenceado deftes picado do efcrupulo correo, quantos Mofteiros ha em Lisboa antigamente bufcando hum Confeffor, que o abfolveffe: e a razaõ q̃ dava para fer abfoluto era, que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia mifter mais de quinhentos mil para governar fua cafa; e que naõ havia de fer contente ElRey, que a fua familia pereceffe. Refpondiaõ-lhe todos (porque todos eftudavaõ pelos mefmos livros) he verdade que naõ quer Sua Mageftade, que feus criados morraõ de fome; mas tambem he verdade, que naõ quer, que o roubem: e fe effe officio naõ vos abrange, moderay os gaftos, ou largay-o, que naõ

faltará,

faltará, quem o sirva com o que elle dá de si sem esses furtos: sois obrigado a restituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o supplicante, allegando, que era muito o que estava comido, e bebido, e que naõ havia posses para tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras; daqui por diante accrescentarey tudo, e sahirá das partes cabedal, com que satisfaça, já que naõ ha outro remedio: e como as partes saõ muitas, e de mim desconhecidas, tomarey a bulla da Composiçaõ daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas naõ faltou quem o advertisse, que não vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que dissipava tudo.

*****************.**.*********************

CAPITULO XLIV.

Dos que furtaõ com unhas desnecessarias.

EXcusadas saõ no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroices, e porisso bem desnecessarias todas. Mas este Capitulo não as comprehende todas, porque só trata das superfluidades, que destroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que dão caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e costumes de vestidos, que se vão introduzindo

cada

cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens estranhas, que como a bugios nos enganaõ com as suas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e receduras de lãa, e seda, que na sua terra custaõ pouco mais de nada, e cà no las vendem a pezo de ouro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa, naõ agrada; desprezamos os nossos pannos, e sedas, que sempre se fizerão no Reyno com melhoria. Insania marcada, e politica errada foy sempre, antepor o alheyo ao proprio com dispendio da commodidade. Haverá quarenta annos, que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda, se naõ fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se não atenta, que naõ gastassem superfluamente os vassallos furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos desnecessarios. Queixão-se hoje, que não tem para pagar as decimas, com que ElRey lhes defende as vidas; e nós vemos, que lhes sobeja para gastarem, no que lhes não he necessario para a vida. Apodão este tempo com o antigo: chamão ao passado idade de ouro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem então tinha hum anel de ouro com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que possuia muito. Então mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando se murava, dizendo: não parem as obras por falta de dinheiro, empenhem se

ſe eſſas arrecadas, que cuſtarão cinco mil reis, ou vendão-ſe, e vão os muros por diante, que logo hirá mais ſoccorro. Eſtes erão os theſouros antigos! E hoje naõ ha mecanico, que não tenha cadeas de ouro, tranſelins de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas ſuperfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defenſa da patria.

Eſta he a opiniaõ de muitos politicos Eſtadiſtas, que não ſabem adquirir augmentos para o commum ſem minguas dos particulares. A minha opinião he, que todos luzão, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e cauſa veneração nos Eſtrangeiros, e terror nos adverſarios: pelos trajes ſe regula a nobreza de cada hum, e naturalmente deſprezamos o mal veſtido, e guardamos reſpeito ao bem ataviado: e quaſi que iſto he fé: pelos menos aſſim o diz Santiago na ſua Canonica, ainda que reprehende aos que deſprezão os pobres; porque ás vezes: *Sub ſordido palio latet ſapientia*. O luzimento com moderação he digno de louvor; o ſuperfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que não vallia nada eſta invectiva: façamos outra, que por ventura valerá menos na opinião dos poderoſos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que ſe gaſta neſte Reyno todos os annos das rendas Reaes quaſi hum milhão, ou o que ſe acha na verdade, em ſalarios de officiaes, e Miniſtros, que aſſiſtem ao governo

verno da juſtiça, e meneo das couzas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos taes Miniſtros, e póde bem ſer que com a terça parte delles, ſe daria melhor expediente a tudo; porque nem ſempre muitos alentaõ mais a empreza, e ſe ella ſe póde effeituar com poucos, a multidaõ ſó ſerve de enleyo. Se baſta hum Provedor em cada Provincia, para que ſaõ cinco, ou ſeis? Se baſta hum Corregedor para vinte legoas de deſtrito, para que ſaõ tantos, quantos vemos? Tantos eſcrivaens, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que ſervem; ſe baſta hum para eſcrevinhar, e meirinhar eſte mundo, e mais o outro? Eſte alvitre ſe deu ao Rey de Caſtella naõ ha muitos annos, e naõ pegou; póde bem ſer, que por ſer bom para nós. Se eſmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as deſcutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas deſtes galfarros deſpendidas em ſalarios, e pitanças. Entrem o nas ſete Caſas deſta Corte, mas que ſeja na Alfandega, e caſa da India, acharemos tantos officiaes, e miniſtros, que naõ ha quem ſe poſſa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos ſaõ tão neceſſarios, que menos póde ſer fizeſſem melhor tudo. A hum Miſter de Lisboa ouvi dizer, que baſtavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha ſete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras, e accreſcentava: para que ſaõ na meſa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, ſe baſtaõ quatro, ou cinco? Na caſa de Supplicaçaõ, para que ſão vinte, ou trinta, baſtando meya du-

zia?

zia? E em todos esses Tribunaes, para que saõ tantos Conselheiros, que se estrovão huns aos outros. Engordão particulares com salarios, e emmagrecem as rendas Reaes no commum, e não ha porisso melhores expedientes: muita couza fantastica se sustenta mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato: *Ne sutor ultra crepidam.* Quem te mete Joaõ topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que não entendemos. E em Tribunaes mayores, que constão de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha mister ajudada, e alentada, e porisso se permittem mais Ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nos livre de Ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandres estiverão muitos annos de quedo, sustentando exercitos grossissimos com immensos gastos, e soldados de Cabos, que os comiaõ com huma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que não existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas; e ninguem repara nisto; porque se reparaõ com esses lucros, os que houveraõ de zelar estas perdas. Chegaraõ os motins de Flandres hum dia a estado, que se haviaõ de concluir com huma batalha, em que meterão os

 levan-

levantados o resto. Entrarão em conselhos os Castelhanos, e sahio por voto de todos, que pelejassem, porque estavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Presidente, que ficavaõ todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavaõ: e retrataraõ-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasioens, que se offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occasiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os sustenta.

********************;********************

CAPITULO XLV.

Dos que furtaõ com unhas domesticas.

JOaõ Eusebio Escritor insigne, e Autor eruditissimo da Companhia de Jesus, refere na sua Philosophia natural, que ha no mundo Novo humas plantas, que poderàõ ser como cá melões, cujos frutos saõ viventes, e imitaõ a especie de borregos, ou cabritos: estes em quanto verdes estaõ amortecidos, e vão crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantaõ-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide, em que nasceraõ: e se os naõ vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ

canhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que sayem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirar-vos-ha o olho.* Tais saõ as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na casa, em que as admittistes, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade. Criados, e escravos a seus senhores; filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não saõ, não ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que saõ estas verdadeiramente unhas domesticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem suas pilhagens muito a seu salvo; os criados sobindo o preço no que seus amos lhes mandão comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays; e as mulheres escorchando os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escazeza não resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas não saõ estas as unhas domesticas, que a mim me canção; porque o que estas pescão, pela mayor parte na mesma casa fica, e em couzas usuais se gasta. As que me tocão no vivo, declararey com huma reposta, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe respondesse, que era hum pay da Patria; que se expunha

a todos para os amparar, e remediar como a filhos: fazerme desta reposta alguma invectiva para o seu interesse: mas eu furteylhe a agua ao intento, e respondilhe: Hum Rey dando audiencia a seus vassallos debaixo do docel he o Martyr S. Vicente nosso Padroeiro posto no Eculeo, cercado de algozes, que o estão desfazendo com pentens de ferro, e unha de aço; porque todas, quantas petiçoens lhe apprefentaõ, saõ garavatos, e ganchos, que armão a lhe derriçar a substancia da Coroa: e he couza certa, que nenhum lhe vay levar couza de seu proveito, e que todos lhe vaõ pedir o que haõ mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos: sem attentarem, que padece o Rey, e o Reino mayores necessidades que elles; e que se deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençoens furtos domesticos neste tempo, em que deveramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus discipulos, e não despir ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno, e assim tem poucas datas: e he muito fertil de sugeitos, e talentos; e porisso não ha nelle para todos: mas tem as Conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venhão ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores postos da patria: e pertendellos por outra via serà furto domestico notorio, e digno de castigo.

Senho-

Senhores pertendentes, levem daqui este desengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia, com que nos trata; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má reposta, nem nos seus olhos máo semblante: exercita naturalmente o conselho, que Trajano guardou por arte, com que se conservou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vassallo se apartou delle desconsolado, nem descontente. He de ferro para si; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel, que o aço; e para sustentar o impeto adversario necessita, que o ajudemos com nossas forças: e será muito estolido, quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra, e onde este falta, arrisca-se a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem se trate primeiro que do particular; que totalmente se perde, quando se não assegura o commum: e para que a nós, e a nada se não falte, he bem que nós não faltemos da nossa parte, contentandonos com o que o tempo dá de si, e com a esperança certa da prosperidade, que he infallivel depois da fortuna aspera, beatificando com excessos, o que malogra na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito por aqui tambem huma advertencia, que não sejão tanto de cera, que se deixem imprimir; não tanto de ferro, que não se possam dobrar: não se deixem

imprimir de conſelhos peregrinos: não ſe deixem dobrar a exacções rigoroſas; porque eſtas recompenſão-ſe com furtos domeſticos, lima ſurda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos comuns. O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheyos; não reprovo conſelhos? anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriſcado a erros: eſta reſolução para mim he evidente; não ſó pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos aſſegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os enſina; e poriſſo ſaõ mais illuſtrados, que todos ſeus Conſelheiros. Donde quando as opinioens ſe baralhão, o mais ſeguro he ſeguir o diſcurſo do Rey, ſe não for intimado por outrem, que Rey não ſeja. E aſſim pedirão os Reys, o que lhes he neceſſario, e não tomarão, o que lhes he ſuperfluo: darão a ſeus vaſſallos o que merecem, e não o que lhes não he devido: e em nenhum haverá occaſião de ſe recompenſar com furtos domeſticos.

****

CAPITULO XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentiroſas.

PEſſoas ha que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamão mentiras; mas não ſaõ eſtas as unhas mentiroſas, que mais tem

tem de pretas, que de candidas; e furtão de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejão, os que com certidoens falsas pedem mercés a Sua Magestade allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunha, que tal não virão: e porque ha nisto muitos enganos, não me espanto da exacção, com que semelhantes papeis se examinão, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levão as mercés com serviços equivocos, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Castella. Jogão com páo de dous bicos: contemporizão com ElRey D. João, e fazem obras, que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coração. E por vida delRey meu Senhor, que se fora possivel ao Doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos escritorios, e algibeiras ha nestes Reynos, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que se baralhem as couzas; isto he, que sayão as náos tarde, que nam haja galés, que se malogrem armadas, e frotas, que se desfaça a bolça, que nam se façam cavallos, nem infantes, que nam se paguem estes, nem dem cevada a aquelles, que nam se criem potros, que nam se peleje nas occasioens de urgencia, que nam se fortifiquem as praças, que se altérem as décimas, que se gaste o dinheiro em couzas superfluas, e fantasticas; e em conclusam, que nam se paguem serviços. E quando

praticão, ou votão estas couzas, o fazem com taes tintas, e destreza, que fazem crer festa por balhésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo não me enganam, se no fim nam quizerem, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos causam.

Outros ha, que com serem muito leaes, furtam a trecho com unhas mentirosas, porque à força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercé, o que puderamos reprehender de grande calaçaria: sem sahirem da Corte, nem de suas casas, e Quintas, empolgam nos premios de campanha; levam ás barretadas, o que se designou para as lançadas: e nam se correm de tomarem com mãos lévadas, o que só parece bem em mãos que se ensoparaõ no sangue inimigo: cheyos como colmeas aó perto, se estaõ rindo dos que por servirem longe estaõ vazios. Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Serenissimo Duque D. Theodosio, dignissimo Progenitor de nosso invictissimo Rey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Castella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pedisse mercés, respondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Vossos, e nossos avós encheraõ nossa casa de tantas mercés, que naõ me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercés, e ricos só de merecimentos, em quem V. Magestade póde empregar sua Real magnificencia. Este grande Heróe apurando assim verdades

noto-

notorias ensinou harpias domesticas, que acabem já de ser sanguixugas de ouro, esponjas de honra, cameleoens fingidos, e Pioteos falsos.

Outros ha, que seguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurpão a seu Rey, e á sua patria: por taes tenho, os que vencem praças mortas sem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantasticas, que tem na lista, e nunca existiraõ no terço: os que embolçaõ os salarios de soldados, e officiaes defuntos, e ausentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que ostentem authoridade em seu serviço, e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros, e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que não levaõ: os que introduzem officios com ordenados sem ordem delRey; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para couzas, que naõ se obraõ. Todos estes, e muitos outros, que naõ relato, saõ milhafres de unhas mentirosas. Mas os mayores de todos a meu ver, saõ os que tratão em escravos.

Este ponto de escravaria he o mais arriscado, que ha em todas nossas Conquistas: e para que todos o entendam, havemos de presuppor, que o natural dos homens he, que todos sejaõ livres, e só pódem ser escravos por dous principios. Primeiro de delicto. Segundo de nascimento. Por

delicto

delicto saõ verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Christãos, que tomaõ. E os negros tem entre si leys justas, com que se governaõ, por virtude das quaes cõmutaõ em cativeiro o castigo dos crimes, que merecião morte; e tambem os que tomão em suas guerras, aos quaes pódem tirar a vida. Por nascimento só pódem ser cativos descendentes de escravos, mas não de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem.* Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamão *tangomaos*; estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nus, e amarrados, sem mais prova de seu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, hir-se aos mattos, e apanhar ao mesmo, que o vendeo, e levallo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimenro. Outros os tem em carceres, como em açougues, para os hirem comendo: e estes, para se livrarem da morte injusta, rogão aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia, que

que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes naõ fogem os negros pela experiencia, que tem de sua muita caridade, e enganando-os assim com capa de doutrina, e pretexto de Religiaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em conclusaõ todo o trato, compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos, de que usaõ, assim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que não os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens escravos. Tambem para os Brasis ha a mesma ley, e sabemos, que não se repara em os cativar. E naõ sey que diga a estes cativeiros tolerados sem exame? Direy, o que ouvi prégar muitas vezes a Varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia, que a razão, porque Portugal esteve cativo sessenta annos em poder de Castella injustamente, padecendo extorçoens, e tyranias, peores, que as que se usaõ com escravos, foy, porque injustamente Portuguezes cativão Naçoens innocentes. Justo juizo de Deos, que sejão saqueados com unhas mentirosas, os que com as mesmas roubão tanto.

CA-

***********************;**********************

CAPITULO XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras.

SE ellas saõ unhas, verdadeiras unhas devem ser; e assim não haverá unha, que não seja unha verdadeira, e todas pertenceráõ a este Capitulo. Nego-vos essa consequencia; porque huma couza he ser verdadeira unha, e outra couza he ser unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he sua, que trata verdade, e destas só trata este Capitulo; e parece muito, que haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade naõ permite: mas essa he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de summa importancia; porque quer lhe dém huma Commenda por serviços de seus avós; e pelos de seu pay quer lhe dém huma tença grossa para sua mãy; que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isto, que lhe dé Sua Magestade para duas irmans dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias, por onde ha requerer; informa-se das valias dos Ministros, correr-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz sua merce requerimentos para tres annos: e fala verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os Ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se naõ vem armado de paciencia, e provido de dinhei-

nheiro para gastar, que se póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effeituar: e falla verdade; mas que elle sabe hum cano occulto, por onde se alcanção as couzas: e falla verdade: e se v.m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, isto de memoriaes he tempo perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: trate v.m. de couzas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio, porque os sinos de Santo Antão por dar dão, e assim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano póde muito com seu marido, e este com tal Ministro, e este com tal Prelado, e este com fulano, e fulano com sicrano, que tem grandes entradas, e sahidas: e assim tece huma cadea, que nem com vintem de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E passa assim na verdade, que bate todas essas moutas, de casa em casa, sem lhe bastar, quanto dinheiro se bate na casa da Moeda. Contarey hum caso, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo isto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, se não era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe bastavão para seus gastos: dispendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como bisonho, e achou-se em branco, e sem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occasiaõ. Para achar esta com bom successo, tornou à patria, fallou com duas irmãas, que tinha, desta maneira: Irmãas, e senhoras mi-

nhas;

nhas, haveis de ſaber, que venho da Corte tão cortado, que lá me fica tudo, e ſó eſperanças trago de alcançar alguma couza: ſe vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as voſſas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que ſe me forão por entre os dedos. Aqui naõ ha ſenão fechar os olhos, e lançar o reſto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vierão as irmãas em tudo: deu comſigo em Lisboa com os mil cruzados á deſtra, e lançou-os em hum canno de agua clara, que lhe tirou a limpo ſua pertenção com eſte preſuppoſto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, ſem que haja outra couza de permeyo. Ajuſtarão ſuas promeſſas de parte a parte com as cautélas coſtumadas de aſſinados de dividas, e empreſtimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas del Rey, e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de ſuas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque naõ ſe póde preſumir, que minta gente douta, e que profeſſa juſtiça, e razaõ. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; eſte pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem juſtiça. Como póde ſer, ſe

ſe

ſe contratariaõ, e hum diz que ſim, e outro que naõ? Neceſſariamente hum delles ha de mentir, porque a verdade conſiſte em indiviſivel, como diz o Filoſofo. Com tudo iſſo ambos fallaõ verdade; porque cada hum diz á ſua parte, que tem juſtiça; iſto he, que terá ſentença por ſi, ſe quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a ſentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-ſe, que lhe roubarão a juſtiça: melhor diſſera, que lhe roubaraõ as peitas, pois de nada lhe ſerviraõ. Reſpondem os Juizes, que deraõ a ſentença, aſſim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade ſe encheraõ de alviçaras, donativos, e eſportulas: e eſtas ſaõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e ſaõ as dos que agenceão, e defendem cauſas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a meſma parte cinco mil a Sua Mageſtade; citaõ-ſe, e demandão-ſe por ſeus procuradores em Juizo competente: e ſaye logo ſentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Mageſtade. Replica, que ſe paguem os cinco mil dos quinze, que lhe deve a Coroa; e que lhe dem os dez, que reſtaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a ſentencear, que pague os cinco, como eſtá mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve, e ſenão, que o executem até lhe venderem a cami-

 za,

za, se não tiver por onde pague; e que ElRey ha mister o que se lhe deve: e assim he na verdade. E tambem he verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de outros semelhantes, que não conto, abrirem-se huma, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompensando-se, para remirem sua vexação. E quando não encontraõ cabedal da Coroa, em que se empreguem; descarregaõ-se no foro da consciencia com outros acrédores, a quem devem; e dizem-se huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle naõ sabe parte, e porisso nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem sabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Magestade, e assim ficareis desobrigado a lhe restituir, o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade, de que succede isto cada dia com grandissimo detrimento da fazenda Real, onde seus Ministros negando sahidas para pagar, abrem entradas a estas unhas para a destruir.

****

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagarosas.

A Maxima desta arte he, que todo ladrão seja diligente, e apressado, para que o não apa-

apanhem com o furto na mão. Com tudo isso ha unhas, que em serem vagarosas tem a maxima de seu proveito: saõ como o fogo lento, que porisso menos se sente, e melhor se atéa. Qual he a razão, porque arribão náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razaõ, porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto se apreſtaõ, tem unhas vagarosas, em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempeſtade, saltemos em terra, e seja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos sem fundo neſta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque naõ saõ bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que couzas saõ as demoras de hum Miniſtro, que naõ despacha? Saõ despertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se peja de aceitar á escáncara donativos, remette-vos ao seu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arraſtado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque saõ muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeinha, que lhe offereceſtes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos, que

vos roubou com ſeus vagares, foy o diamante; porque ſendo obrigado a deſpachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gaſtos exceſſivos fóra de voſſa caſa, onde tambem perdeſtes muito com taõ dilatada auſencia. Em Italia ha coſtume, e ley, que ſuſtente a Juſtiça os prezos, em quanto eſtiverem na cadea: e he bom remedio, para que lhes apreſſem as cauſas. Em Portugal ainda a juſtiça naõ abrio os olhos niſto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; ſe acertaõ de ſer miſeraveis, como ordinariamente ſaõ quaſi todos, na prizaõ perecem ſem cama, e ſem mantimento, porque a Miſericordia não abrange a tantas obrigaçoens da juſtiça, que as pódem temperar todas ſó com lhe apreſſar as cauſas. Se houvera ley, que pagaſſem os Miniſtros as demoras culpaveis, póde ſer, que elles, e os ſeus officiaes andaſſem mais diligentes.

Miniſtros ha incorruptos, e que fazem ſua obrigação neſta parte, e até neſtes fazem ſeu officio unhas vagaroſas. Explico eſte ponto com hum caſo notavel. Importava a huma parte, que ſe detiveſſe o ſeu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja caſa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conſelho de hum Rabula eſperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de huma arroba, e altou ſobre elle o ſeu, que era pequeno, e deu com elles, como ſe fora hum ſó, em caſa do Julgador; o qual em vendo a maquina eſmoreceo, e mandou-a pór de reſerva para as ferias, com hum letreiro em cima, que aſſim o declarava. A

outra

outra parte requeria fortemente, que naõ tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o podia despachar: agastava-se o Dezembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de hum mez de estudo, e que porisso o tinha guardado para as ferias: chegaraõ estas dahi a hum anno, vio o feito, descobrio-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, se desatára o envoltorio. O que neste passo estranho o mais que tudo, he sofrerem-se neste Reyno Letrados procuradores, os quaes se gabaõ, que farão dilatar huma demanda vinte annos, se lhe pagarem. O premio, que taes letras mereciaõ, era o de duas letras: L. e F. impressas nas costas, e naõ lhe esperarem mais, para o que ellas significão,

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte: aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo, que havia de seguir, e communicou-lhe tudo. Perguntou-lhe o servo de Deos, que cabedal trazia para os gastos? Respondeo, que hum cavallo, e dous homens de serviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe disse o Religioso, visto trazer tantas bocas comsigo: e só para entabolar suas pertençõens ha mister mais de trezẽtos dias: e se o não sabe, dirlho-hey: Ha v. m. de fazer huma petição, que ha de gastar mais de oito dias,

aconſelhando-ſe com Letrados: ſegue-ſe logo eſperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e niſto ha de gaſtar outros oito, ſe não forem quinze. Sua Mageſtade no meſmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas não ſayem na liſta ſenaõ dalli a ſeis, ou ſete dias, que v. m. ha de gaſtar eſpreitando na ſala dos Tudeſcos, para ver aonde o remettem. Achá que aõ Conſelho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e ſeus officiaes, gaſta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos ſeus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Buſca valias para os Conſelheiros, e gaſta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo dão-lhe por deſpacho, que requeira no Conſelho de Guerra, e he o meſmo, que gaſtar outra quarentena, até haver o primeiro deſpacho; que he: *Juſtifique*: e em juſtificar ſuas certidoens gaſta muitos dias, e não poucos reaes. Torna o juſtificado, e tornaõ a rebatello com *Viſta ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente reſponde contra os pertendentes, porque eſſe he o ſeu officio: e com eſte deſpacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Meſa dahi a muitos dias: e gaſtão-ſe logo mais que muitos na fabrica da Conſulta, porque ſe paſſaõ ás vezes ſemanas, ſem haver Conſelho de Guerra. Feita a Conſulta, *a Dios que te la depare buena*, ſóbe a Sua Mageſtade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detem lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e ſe paſſa de ſeis, he neceſſario reformar outra vez tudo; e he o meſmo, que

tornar a começar do principio : e isto succede sem culpa muitas vezes ; porque estaõ lá outros papeis diante , que por hirem primeiro , tem direito para o tempo , e por serem muitos , o gostão todos. Desceo por fim de contas a Consulta despachada , com parte do que v. m. pedia , ou com tudo : he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados , e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Mesa da fazenda , onde se movem novas duvidas ; e a bom livrar , quando o Alvará saye o feito dahi a hum mez, para hir assinar por Sua Magestade , negoceou v. m. muito bem. Torna assinado dahi a dous mezes , lança-se nos Registros , e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias , Merces , direitos novos , e velhos , ou meyas natas , &c. E tendo dito a v. m. o que ha , ou ha de passar , e ainda lhe não disse tudo : mas se o quizer saber mais de raiz , falle com pessoas , que ha nesta Corte de tres , de cinco , e de oito annos de requerimentos , e ellas lhe diraõ o como isto pica. A reposta , que o Fidalgo deu ao Religioso , foy , que se ficasse embora , que se tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha tão pouco considerados , que attribuem estes vagares à pessoa do Rey , como se os Reys tiverão corpo reproduzido , e de bronze , que pudesse assistir a todos os negocios , em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de suéto cada semana , e suas horas de descanso entre dia , para que se naõ rompa o arco , se estiver sempre entezado com a corda do rigor : e delRey nosso

Senhor ſabemos, que naõ dorme entre dia, nem joga, nem gaſta o tempo em couzas ſuperfluas; e ſe algum entretenimento tem, he muito licito, e ſó lhe dá as horas, que furta do deſcanço, que lhe era devido; e o mais todo o gaſta no expediente das guerras, e em compor as tormentas de negocios innumeraveis, ſem admittir regalos, nem oſtentaçoens de feſtas, que o devirtaõ. Cada hum quer, que ſe lhe aſſiſta ao ſeu negocio, como ſe outro não houvera; e daqui naſcem as queixas, que poriſſo ſaõ muito deſarrezoadas. Da Villa de Goes veyo a eſta Corte certo homem de bem com huma appellaçaõ em caſo crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, paſſando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-ſe a elles, e perguntou-lhes, ſe eſtavaõ fallando ſobre o ſeu pleito? Reſponderaõ-lhes, que o naõ conheciaõ, nem ſabião que pleito era o ſeu. Pois em Goes (acodio elle) naõ ſe falla em outra couza. Aſſim paſſa, que cada hum cuida que ſó delle, e no ſeu negocio ſe deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado eſte ponto, para ſaberem, de quem ſe haõ de queixar: que os negocios ſaõ muitos, e que na maõ de Sua Mageſtade naõ fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, ſe querem que ande; e com iſſo ſeráõ apreſſadas unhas vagaroſas, e ainda com iſſo duvido ſe ſeraõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos naõ queira, ou não permita, que haja Secretario, ou Official, ou Conſelheiro, que não deſpache cada dia mais que ſete, ou oito papeis, accreſcentando-lhe

do-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for; já naõ me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e naõ dem com o seu descanço trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seiscentos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para si, e porisso naõ se dava expediente a nada.

*********************;**********************

CAPITULO XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apressadas.

PAra intelligencia deste Capitulo contarey a historia, que aconteceo a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus despachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou hum anno requerendo sem effeituar nada; olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, là hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que não me ajudaõ unhas vagarosas. Informou-se, que Dama

 ha-

havia no Paço mais bem viſta das Mageſtades; e como as de Caſtella ſaõ de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e diſſe-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de ſeu, e que daria dous a ſua Senhoria, ſe lhe fizeſſe deſpachar logo huma Commenda por grandes ſerviços, que offerecia. *Dè acà ſus papeles Señor mio,* lhe diſſe a Dama, *y buelva-ſe a ver conmigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando eſtoy triſte.* Cõtou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou põtualmente cõ os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o deſpacho nas mãos, ſem lhe faltar huma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que não houvera de alcançar por outra via. E eſtas ſaõ as unhas apreſſadas, de que fallo, e deſtas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na meſma Corte gaſtou ! annos allegando innumeraveis ſerviços, para o deſpacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que ſe lhe goravão ſuas pertençoens pelas vias ordinarias, tratou de ſe ajudar de unhas apreſſadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primeiro, em quem trata de remir ſua vexaçaõ; e achou-as com pouco diſpendio do ſeu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-ſe retratar muito ao vivo quaſi morto, com quantas feridas tinha recebido no ſerviço delRey, que paſſavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offenſivas, com que os inimigos o feriraõ, que por ſerem diverſas, faziáo com o ſangue hum eſpectaculo horrendo no retra-

retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no rosto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atravessavão; sobre a mão esquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum mosquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiáõ o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e espadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com esta pintura, e seus papeis se appresentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: Senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escrita em meu corpo, que Vossa Magestade póde mandar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmarão os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pertendente com huma Commenda grande, a que pôz embargos a inveja, e lha fez commutar em outra pequena; porque não era Fidalgo, ou porque não encheo unhas apressadas, que tudo alcançaõ, ou tudo estorvão.

Acabo este Capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicaçaõ está huma argóla, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bol-

bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apressar certa causa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em pessoa á Relaçaõ para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e naõ se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensaõ: não approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ, que não devem ser enforcados homens Portuguezes: e porque não tenha alguem esta conclusaõ por inutil, seja-me licito provalla aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano fosse açoutado; porque se tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos Portuguezes saõ a gente mais nobre do mundo por seu valor, e por seus illustres feitos, e heroicas emprezas; e quando merеção morte por delictos, tem Portugal conquistas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoso, que o de força; porque esta acaba-se em huma hora; e aquella dura muitos annos com trabalhos peyores de sofrer, que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe fossem descobrir terras: e se morrião na empreza, empregavaõ bem a vida, e se escapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos vallentes por quasi nada; tenho grande lastima, porque me parece que fora melhor mandallos à India, ou a Africa. Custa muito hum homem a criar, e he muito facil

emen-

emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo, quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua maõ estivera, despovoarião o Reyno. Vi hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da força: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relaçaõ; e allegava-lhe, que o réo não peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua merce naquella razaõ, de que pegar, para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo (disse o Dezembargador já picado) e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico matão vinte homens, e não peccaõ: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opiniaõ, sem querer amainar da sua teima. Eisaqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutélo destes sabios, porque naõ tem, quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes

mo-

modificar a pena, que he a sua espada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zelosos, que convem castigar-se tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o seu zelo, quando mais se refina, he como o do outro, de quem disse o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que se cumpre ao pé da letra, o que disse o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vem a ser o que nós chamamos, Justiça de Guimaraens. Naõ nego, que ha crimes, que se devem castigar com morte a fogo, e ferro, quaes saõ os de *Læsæ Majestatis Divinæ, & humanæ.* E em taes casos he bem, que mostrem os Reys com o ultimo supplicio o poder, que Deos lhe deu até sobre os Sacerdotes. E porque a praxe desta doutrina pareceo em algum tempo escandalosa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lea o Capitulo que se segue.

****

CAPITULO L.

Mostra-se qual he a jurisdicçaõ, que os Reys tem sobre os Sacerdotes.

HE o Sacerdocio izento da Jurisdiçaõ dos leigos, por direito Divino, e humano. E com isto está, que ha muitos casos, em que os Ecclesiasticos ficaõ sugeitos ás Leys Civis, como os

os Seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppor, que este mundo he como o corpo humano, que naõ se póde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4. *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt: grues unum sequuntur ordine literato.* Os Grous seguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para não serem mais estolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e escolheraõ Magistrados, a quem se submeteraõ, para serem regidos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio sobre outro: e até Adaõ cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em communidades deu poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ sugeitar, a hum só, que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela communidade dá Deos o poder, porque o deu à communidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar, que só de Deos, e não do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admit-

admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul efcolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamaçaõ do povo o recebeo, e Deos não fez mais, que efcolhello, e apprefentar-lho como digno da Coroa. E advirtão tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da verdadeira juftiça enfina, que os paftos legitimos fe devem guardar, e que as doaçoens abfolutas valiofas não fe pódem revogar.

Defta poteftade livre, e ligitima dos póvos, para fazerem Rey, nafce poderem fer muitos os Reys, affim como as Naçoens o faõ; e naõ fer neceffario, que feja hum fó para toda a Chriftandade, ainda que feja huma em fua cabeça efpiritual. E tambem fe colhe, que o Papa não he Senhor temporal de tudo; porque Chrifto fó o poder efpiritual lhe deu, e o temporal fó os póvos lho podiaõ dar, e confta que naõ lho derão. Poftas affim eftas duas poteftades fecular, e Ecclefiaftica, derivadas de feus principios, como temos dito: para chegarmos ao noffo ponto, de qual he o poder, que os Reys tem fobre os Sacerdotes, he neceffario averiguarmos as poteftades, que ha no Sacerdocio, para affim conhecermos, por onde pode o Rey entrar na jurifdicçaõ Ecclefiaftica.

Ha no Sacerdocio duas poteftades, huma, que fe chama das Ordens, e outra da Jurifdicçaõ. A das Ordens de Chrifto a recebem, e fó para o cul-

culto Divino, e administraçaõ dos Sacramentos, e esta claro està, que não tem lugar nella os Reys. A da Jurisdicçaõ se distingue em duas, huma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que não póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma de espiritual, e outra temporal, e saõ distintas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celestial. A espiritual de Christo procede, que a communicou só aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; se de Christo, se dos homens? E ainda se divide em duas; huma, que domina os bens dos Ecclesiasticos, e outra, que se estende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas he a nossa questaõ, se as tem os Reys de alguma maneira sobre os Sacerdotes, e Ecclesiasticos.

Que fossem os Ecclesiasticos exemptos do foro secular por Christo immediatamente, he questaõ controversa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximão, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Christo os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberaõ de Christo. E daqui se colhe conclusaõ certissima, que não poderáõ nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E desta mesma exempção se colhe, que

que pódem ser sugeitos aos Reys, e Magistrados seculares nos casos, que permittirem os Summos Pontifices, que os eximirão: porque a exempçaõ não lhes vem das Ordens, como se ve nos Clerigos cazados, que não gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido, digo, que ha muitas razoens, e occasioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Ecclesiasticos: as principaes saõ, Costume, Concordia, Privilegio, Justa defensaõ. Costume; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos sugeitos ás leys Civis, que olhaõ pelo bem commum; como os que taxão os preços das couzas, as que irritaõ contratos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando consentem o Ecclesiastico, e o secular em huma couza, a nenhum se faz injuria: e esta deve ser a razaõ, porque em França saõ julgados os Ecclesiasticos, assim como os leigos, no juizo secular em causas civeis, e crimes; e neste Reyno pódem ser Autores, ainda que não possaõ Réos. Privilegios: porque se o Papa o conceder nos casos, que póde, he valioso; como se ve nos feudos, cujas causas se demandão sempre no Juizo secular, e nos bens da Coroa, quando se dão a Clerigo com tal obrigação; moeda falsa, e crime *Læsæ Majestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defensaõ: porque *Vi vim repellere licet.* E para defender hum Rey sua pessoa, e a seus vassallos innocentes, póde proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razão,

por-

porque vimos neste Reyno muitos Ecclesiasticos; assim Clerigos, como Religiosos, e tambem Bispos prezos, e confiscados, por conspirarem contra a pessoa Real, e bem commum de todo o Reyno: e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio, e justa defensaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio naõ constasse, mais que do da justa defensaõ: e assás moderado, e modésto andou ElRey nosso Senhor em naõ fazer mais, que retellos prezos, para assim reprimir sua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neste Capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha nestas materias: e se algum admittir outra contraria a esta, arriscarse-ha a cahir nos precipicios, em que se despenhárão muitos Hereges. E baste isto para desenganarmos a piedade supersticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as couzas á carga serrada, appellidão em suas conciencias zelos fantasticos, com que se inquietão sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

****

CAPITULO LI.

Dos que furtaõ com unhas insensiveis.

DO aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que não

se sente: e porisso Cleopatra escolheo esta morte enfadada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Taes saõ as unhas insensiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robustos, e esgotaõ a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que não se sente o damno, senão quando está tudo morto. Estas saõ as unhas dos Estadistas, Alvitristes, aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peção donativos aos póvos sem mais necessidade, que a de sua cobiça. Digo que saõ suaves as razoens que dão, porque naõ ha couza mais suave, que recolher dinheiro; e digo que saõ sofisticas, porque as vestem de apparencias do zelo do bem commum, e na realidade saõ cutelos, que degolão as Republicas. Declaro isto com hum discurso, ou consequencia, que ví fazer ao diabo: caso he, que me passou pela maõ haverá vinte annos; Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes naõ bastavaõ ao ter maõ, até que acodio hum Sacerdote Religioso, que com os Exorcismos o subjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ? A todos deu repostas taõ ladino, que bem mostravaõ sahirem de entendimento mayor que á rusticidade de hum marinheiro. E que fosse espirito máo, mostrou-o bem nas faltas occultas, que descobrio a hum soldado meyo Castelhano, que com demasiada sanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes af-

fron-

frontoſos, que até o diabo o não ſofre; e poriſſo lhe revidou, pondo-lhe em publico couzas não menos affrontoſas, que elle tinha obrado em ſecreto, de q̃ corrido, por naõ ouvir mais, ſe retirou. Hum dos circunſtantes (devia de ſer Sebaſtianiſta) dezejoſo de ſaber ſe era vivo ElRey D. Sebaſtiaõ, tudo era apertar com o Padre Exorciſta, que lho perguntaſſe. Mas o Padre lhe reſpondeo humilde, que ſeu officio era apertar ſeriamente com o eſpirito maligno, que deixaſſe aquelle homem, e naõ fazer perguntas eſcuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chão, acodio a tudo; e póde ſer o faria por divertir os Exorciſmos: e diſſe eſtas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he ſenhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz merces, corrobora ſeus vaſſallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita ſeus Eſtados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he iſto? He com as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno, e erraõ o meyo da melhor defenſaõ, que ſeria eſpalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que ſervir. Mais arengas infiou a eſta: tudo deixo, porque o dito baſta para o intento.

Bem ſey que o diabo he pay da mentira: e tambem ſey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que não merecem melhores menſageiros, como ſe vio na Pitonſia de Saul; e na que jurou S. Paulo; e a experiencia nos tem moſtrado a certeza, com que fal-

lou este espirito, pois vimos que os tributos, e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava então, vierão a ser a unica causa de sua total ruina. Suave, e insensivelmente foy desfrutando tudo o pingue de seus Reynos; e porisso os acha agora tão debilitados, que não se podem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte, ou trinta milhoens, que gastou nas superfluidades do Galinheiro; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantara, e não os achara todos galinhas, quando lhe servia serem Leoens; titulo, e nomeada, de que se prézão.

Confórme a isto, não foy pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa, com que ElRey D. João o IV. nosso Senhor, que Deos guarde, e prospere, mandou levantar todos os tributos, que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condemnão com isto as décimas, que poz para a defensão de sua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conservação, e augmento da Igreja Catholica: tais são os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha, e deve reprehender, e castigar em exacção tão justa, he o rigor, e desaforo, com que alguns Ministros vexão as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhão seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que se cobrem, porque não

achão

achaõ outra couza. E deſtas violencias fazem ſerviço para ſerem deſpachados com mayores Officios devendo ſer caſtigados ſeveramente; porque no meſmo tempo diſſimularaõ com décimas de ricos, e poderoſos, taes, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que esfolaraõ: e porque ſe não dá fé diſto, chamo tambem a iſto unhas inſenſiveis: aſſim porque o naõ adverte, quem o devera emendar; como porque o naõ ſente, quem ſe deixa ficar com a contribuiçaõ, que por abranger a todos, o naõ deſobriga na conſciencia; porque logra o bem, que dá contribuiçaõ dos outros reſulta, e ſem ſentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas inſenſiveis nas armadas, que ſe apréſtaõ, e ſayem por eſſa barra fóra: todo o tempo que ſe detem no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo canno, por onde deſagua, e deſova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos ſaõ os ſoldados, officiaes, e paſſageiros, que continuamente eſtaõ a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os viſitaõ todos os dias os lenços, e ſacos de biſcouto, que ao pé do Paço delRey ſe eſtá vendendo; as chacinas, e fraſcos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E ſe algum nota algum lanço deſtes, reſpondem rindo: Rica he a ordem: iſto não he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biſcouto, e quaſi nada hum ſaco delle, mas tantos mil vem a ſer muito. Bom fora porem-ſe guardas, quando ſayem, aſſim como ſe poem, quan-

do vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Magestade em assegurar sua fazenda, que a alheya, e naõ sejaõ como hum, que vendeo por seis mil reis huma amarra del Rey, que tinha custado setenta mil; que assim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

************ ******************************

CAPITULO LII.

Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe.

QUem bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no Capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamarão Bom retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia; achará nelle hum espelho claro deste Capitulo; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ sentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veyo o tempo a dar volta, convertendolhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharaõ menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e se os tiverão de reserva, não lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He couza muito ordinaria não se sentirem damnos ordinarios, que parecem leves, senaõ quando de pancada chega depois delles a ruina, como na casa, que se vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci

hum

hum Juiz de fóra, bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual estou certo não achou em Bartholo, nem Acursio. De toda a carne, que se comia em sua casa, apartava os óssos; e os tornava ao açougue, mandando de potencia absoluta, como Juiz que era, que lhe déssem outra tanta carne por elles, allegando, que não comprava óssos, nem era cão para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma medra delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na residencia allegando a perda, que lhe dera na sua fazenda, ainda que a não sentira ao perto, por ser aos poucos, que vinha a ser muito consideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razão, e fez-lhe justiça, mandando que o Juiz pagasse logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óssos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante, e outro no credito que perdeo, em fórma que nunca mais entrou no serviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz, e marchante, se arranharaõ no fim das contas asperamente, ainda que o não sentiraõ no principio: mas foy com differença, que o marchante achou cura para as suas entranhas, e o Juiz naõ achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas desta Coroa succedem casos notaveis de grandissimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que naõ vay nada em prover de vasilhas, para os soldados tomarem suas raçoens de agua, e mantimentos; e segue-se dahi, que por naõ terem em que guardem a agua, quando se reparte, haõ de

bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas; e ficaõ estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles saõ tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e sente-se no fim da jornada o mal grande, que se urdio no principio cõ faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e sorve o mar, o que com huma bochecha de agua se pudéra salvar.

Nos exercitos, e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de plovora, se perdem vitorias; e por naõ meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhe sem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma gloriosa vitoria, e foy assim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta desta mancou o cavalho, e faltou o Capitão, que hia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeo-se tudo. Em huma viagem, que fiz por esses mares, foy tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas fizerão aguada em humas, que tinhão servido de chacinas, e salmouras: e a graça he que ellegão ser melhor a agua de pipas velhas: e era tal a destas, que fora melhor beber a do mar. Seguio-se desta bolada taõ judiciosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deos nos não levára em

em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refrescos, com que emendámos erros de unhas, que não se sentindo ao perto, arranhão muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar este avizo de summa importancia, que façaõ muito caso do que perece pouco, quando he repetido; porque de muitos grãos se faz hum grande monte. Parece que não he nada hum desabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma merce a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a conglobar de muitas repulsas hum motim de desconsolados, que se achaõ menos na occasiaõ de prestimo: e o peyor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnão com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Proteo, e Achelóo, que se transfórme em leão, e em cordeiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamão sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderáõ ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca despresada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o q̃ não se sente ao perto, damna muito ao longe.

CA-

****

CAPITULO LIII.

Dos que furtaõ com unhas visiveis.

RAra he a unha, ou nenhuma, que naõ procure fazer-se invisivel, para que não a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais invisiveis, que se fação, sempre se manifestaõ em seus effeitos; tanto, que por mais luvas de sahidas, e escuzas, que lhes calceis, não póde o juizo aquietar-se, e está sempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba.* Aqui ha harpias. Entrey hoje em casa de hum homem, que conheci hontem pagem casado de hum Ministro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, escritorios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, espelhos de cristal na sala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as não tem taes o Rey da China; e fico pasmado sem saber, quem me diga a isto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viẽde, de donde le viene?* Este homem naõ foy á India, nem achou thesouro; porque se o achara, ElRey havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado: e se quereis, que volo descante, direy o que dizem todos; que este homem he hum grandissimo ladraõ: perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado, e manifesto nestes effeitos; nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem

quem não se tranca no dia de hoje, não vive seguro: e estou tirando devaças, que taes as soubera tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois não dá fé do que olhos fechados, e trancados vem. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Ministro, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles naõ trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhão ovos de ouro! Pois que he isto? Saõ unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros, que calo de tafularias, amisades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem enfardelados com seus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, trazião varios godrins muito bons, que os estofavão, e erão de preço. Ha hum regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos, que se abrem, para os officiaes, que assistem a estas vestorias: abriraõ os escritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançarão mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles se ficarão, que bem valião vinte mil reis. Levantando mil falsos testemunhos ao regimento, que na verdade só as capas de couro, e lona lhes concede, e não o mais, que vem registrado, como fazenda.

Em Villa Viçosa conheci hum criado de gran-

de

de, e Real Caſa de Bragança, que gaſtava os dias, e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o Sereniſſimo Senhor Duque D. Theodoſio ſeus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que ſe foy valer do Confeſſor, para que puzeſſe a Sua Excellencia em eſcrupulo aquelle ponto com todas às razoens de ſua juſtiça. Aſſim o fez o Reverendo Padre Confeſſor: e o Duque prudentiſſimo com o animo Real, e grandioſo, de que Deos o dotou, lhe reſpondeo: Naõ ſey ſe ſabeis vós, que eſſe fidalgo entrou no ſerviço deſta Caſa, ſem trazer de ſeu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e ſua mulher, e filhos veſtem galas, e comem tão bem, como os que ſe ſuſtentão da noſſa meſa. Perguntay-lhe vós, ſe lhe faltou depois que nos ſerve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que aſſás merce lhe fazemos, em naõ mandar ao noſſo Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as ſuperfluidades de ſua caſa, e de ſeu trato; porque ſe puxarmos poriſſo, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eiſaqui como ſe fazem viſiveis as unhas em ſeus effeitos, por mais que ſe eſcondão.

Mais claramente ſe fizeraõ em Evora as unhas inviſiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Moſteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no clauſtro tinha depoſitado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas ſubtilmente, arrancando às fechaduras com trados, para naõ fazerem eſtrondo: tambem levaraõ farellos, para menearem a moeda, ſem chocalhada. Deraõ nos

caixoens da pecunia, encherão alcofas, e sacos, sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas: onde começárão a lograr os frutos de sua diligencia, mas tão incautos, que sendo trabalhadores de enxada, já nam hiam puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavam. Nem fora isto bastante para os descobrir a grande diligencia, com que a justiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma sesta feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum destes comprava solho para jantar a tostam o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos foroens descobrio a caça, e achou a mina, de donde sahiam os gastos, que o fizeram manifesto, com prova bastante para o pór no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da Cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

****

CAPITULO LIV.

Dos que furtaõ com unhas invisiveis.

T*Ela prævisa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo: Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para escapar delle: mas o rayo, que nam se vê, a bala, que nam se enxerga, senam quando vos sentis ferido, sam males irremediaveis: e tais saõ as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não

damos

damos fé dellas, senaõ quando sentimos seus damnos. Raro he o ladraõ, se naõ he de estrada, que naõ trate de esconder as unhas, e fazer-se invisivel, quando furta: e por esta via pódem pertencer a este Capitulo quasi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o assalto ainda mais invisivel, pondo-vos á vista o harpéo, com que vos esfolaõ, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos, que começa esta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e com tal lhe talha o preço, que vós desembolçais muito contente, e elle agarra pouco escrupuloso: dahi a dous dias arrebentaõ as costuras, porque o canamo do fio era podre, ou singelo; devendo ser saõ, e dobrado: vistes as entresolas, que eraõ de pedaços, devendo ser inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ser de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez invisivel a destreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em sua consciencia. Vende-vos hum alfayate o vestido feito, ou faz-vos o que lhe mandastes talhar: mete lãa por algodaõ nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos pespontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas costuras: e paga-se, como se tudo fora direito como huma linha; e tem para si, que nada fica a dever, porque de nada déstes fé, senaõ quando se foy gastando a obra, e appareceraõ estes furtos no vosso negro, a quem déstes o vestido, porque naõ dizia com vossa pessoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neste Reyno, mandou fazer humas calças altas no tem-

tempo, que se usavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o senhor mestre, que as talhou, e pesponteou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu lugar hum sambenito, por se forrar dos custos, que lhe tinha feito; feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aquentavaõ mais que muito: mandou-as abrir para ver se tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: naõ conto o mais que succedeo, porque isto basta para se ver, que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmaõ cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pór tesoura na pessa de vintedozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candéa no emplastro, que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchou. O sombreireiro, que trabalhou lãa grossa, e podre, debaixo de huma pasta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor. O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova. O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramen-

ramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na peſſa. E todos, quantos elles ſaõ, (que ſeria muito correllos todos) tem eſtas trétas, e outras mil, com que eſcondem as unhas, que inviſivelmente nos roubão.

Mas dirá alguem, que tudo iſto ſaõ ninherias, que naõ tiraõ honra, nem deſmandaõ caſamentos. Seja aſſim. Vamos ávante: *Paulo maiora canamus*. Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais granada, e os que provem as armadas, e frotas delRey noſſo Senhor, ſejam os primeiros. Não tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e ſe no fim da jornada ſe acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladrão a deſculpa na mão, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o ſalto, que foy inviſivel em Lisboa, manifeſto álem da Linha; como Santelmo, que ſe fáz inviſivel em tempo ſereno, e na tempeſtade apparece.

Os ladroens nocturnos ſaõ ainda mais inviſiveis, como aquelle, que mudou hum tranſelim da cabeça de ſeu dono para outra, a que não pertencia; era elle de diamante; e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caſo, que quando ElRey Filippe III. de Caſtella veyo a eſte Reyno, lançou o Duque de Aveiro eſta gala, com que brilhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que ſe fez nocturna, para lhe dar

caça

caça mais ſegura: eſperou que o Duque ſe recolheſſe do Paço Real alta noite; inveſtio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada baſtante para ter boa ſahida o chapéo, e peſſa, que voou pelos ares com ſeu ſegundo dono; que ainda naõ ſe ſabe, ſe o engolio a terra, ou ſe o levaraõ os ventos; porque ſe fez logo taõ inviſivel, como clandeſtino.

Pela trilha deſte ſe deſempenhaõ muitos, a que chamaõ neſte Reyno capeadores: eſperaõ que anoiteça: fazem-ſe inviſiveis por eſſes cantos das ruas de melhor paſſagem: eſpada, e broquel com piſtóla ſaõ os ſeus fiadores: e em paſſando couza, que lhes arme, deſarmaõ de repente com huma tempeſtade de eſpadeiradas, e ameaços de morte: e ſe lhes reſiſtem, applaca logo tudo a piſtóla póſta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime ſua vexaçaõ o paſſageiro, ſem conhecer o autor da preſente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de baroto, quando taõ caro lhe cuſta o tornalla para ſua caſa illeſa. Nas Chronicas de Portugal ſe conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente taõ ſolicito de atalhar furtos, que até aos inveſiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os ſeus eſpias, que ſe furtava muito na caſa da India, e na Alfandega, e que de noite ſe abriaõ as portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-ſe o bom Rey á guiza deſtes, e entre elles paſſou huma noite, e outra, até que chegou a infauſta para todos: deixou-ſe hir ao chamado dos officiaes, que os leva-

raõ todos á Alfandega ; e o ſeu mayor cuidado foy dar teſouradas nas capas de todos ſem ſer ſentido. Fez-ſe tudo, como os pilotos da facçaõ mandaraõ, pagaraõ ſeu trabalho aos mariolas, e recolheo-ſe o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante ſi todas as Juſtiças, Miniſtros, e officiaes de ſeu ſerviço com os meſmos veſtidos, com que tinhaõ rondado aquella noite: e al naõ façaes, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros ſaõ leys invioIaveis, aſſim vieraõ todos: foy-lhe vendo as capas, e poz de reſerva todas, as que achou feridas, para pôr a ſeus donos de dependura. E aſſim paſſou o negocio, que com teſouradas inviſiveis aſſegurou thezouros, que unhas inviſiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos, para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por inviſiveis. Taes foraõ, os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos Reaes com hum Miniſtro, que tirava folhas dos livros do recibo taõ ſubtilmente, que ficava inviſivel a falta; mas viraõ-ſe logo as ſobras dos reſtos das contas no largo, que invidava o reſto na caſa do jogo: e ſe ſoubera fazer inviſivel o lucro dos direitos, como fez inviſivel o ſalto, com que os roubava, ainda eſtariaõ inviſiveis as unhas, que o levaraõ á forca: por ſinal que endoudeceo ſua mulher: e ainda naõ ſe ſabe, ſe foy de prazer por perder o marido, ſe de pezar por lhe confiſcarem a fazenda. Por tudo ſeria.

CA-

****

CAPITULO LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas.

PArecerá a alguem eſte Capitulo ſemelhante ao paſſado das unhas inviſiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o ſaõ tambem muito entre ſi, como logo moſtraráõ os exemplos; e a razaõ tambem o moſtra; porque as inviſiveis ſaõ, as que de nenhuma maneira ſe pódem conhecer no fragante, e as occultas bem ſe pódem alcançar logo, ſe fizermos diligencia. Succedeo o caſo, e eu o vî em huma feira de tres, que ſe fazem todos os annos em Villa Viçoſa, haverá deſaſete annos. Vinha alli muito açafraõ de Caſtella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achallo por menos de dous mil reis, e iſto em muitas tendas: no ſegundo dia ſó hum vendedor ſe achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu iſto que cuidar, porque naõ havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantaſſe o preço, mas a ſemrazaõ, que ella uſava, o enſinou ao abater, para ſe expedir mais depreſſa, e pôr-ſe em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Aſſim paſſa: mas ahi val a unha occulta, que miſturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo

tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a droga outro tanto, ou mais: e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessando no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, naõ foy com tanta pressa, que a naõ puzessem mayor as unhas occultas, em se porem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos Confessores se dá parte, e porisso os Senhores ficaõ defraudados nesta parte. Logo me declararey. Ninguem cuide que taxo os Confessores de descuidados em mandarem restituir: póde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem seco, e istitico do mayor Sol, que nellas padece: e outro sim he certissimo, que os celleiros pela mayor parte saõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por essas Lysirias mil moyos de paõ a seus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a restituiçaõ dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela regra infallivel das crescenças, que temos dito. O Almoxarife, que he bom Christaõ, acha-se enleado:

por

por huma parte o pica a consciencia, vendo em sua casa bens, que naõ herdou; e por outra parte tambem se lhe socega, porque ninguem o demanda por elles, e ve que ElRey está satisfeito. Vay á confissaõ da Quaresma, e diz: Accuso-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que naõ semeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os naõ furtey; porque me nasceraõ em casa dentro em huma tulha, assim como me podia nascer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinçado o caso, fica a couza occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor, que já toquey, que eu naõ professo aqui ensinar casos de consciencia: ainda que sey, que a praxe deste está resoluta nos celleiros do Estado de Bragança, onde se pedem as crescenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardilosa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compasso, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempéra; e nesta parte he como o caõ damnado, que irritado se azéda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-se com o resto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o escrupulo com lhe chamar fruto de sua industria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogaõ com dados falſos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces ſe manifeſtaõ, e fazem ſua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay ſenhor do jogo, e ſabedor da maranha. E niſto naõ ha opiniaõ, que os eſcuſe de furto mais aleivoſo, que a do ladraõ, que ſaltea nas eſtradas. Tambem he occulta a treta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de álem-mar muito riço, para que naõ lhe de audiencia, e o traga desfavorecido, até que ſolicito buſca caminho, para ſe congraçar com ſeu Senhor: e como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buſcar quem lhes desfaça as más, e apoye ſeu credito: e naõ falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor ſahida á voſſa pertençaõ; e póde ſer, que vem eſte mandado pelo meſmo, que o poz em deſgraça, para o trazer a eſtes apertos de o buſcar com os donativos coſtumados, que ás vezes paſſaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais ſe eſtima a graça de hum Principe. E tanto que ſe alcança eſte intento das caixas, peſſas, ou biſalhos, ſegue-ſe o ſegundo de desfazer a maranha, e abonallo, até pôr em pés de verdade reſtituîdo a ſeu primeiro ſer, e valimento.

CA-

CAPITULO XIX.

Dos que furtaõ com unhas toleradas.

TErrivel ponto, e arriſcado he, o que ſe nos offerece para deslindar neſte Capitulo, porque parece, que offende a juſtiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e ſe toléraõ. Males ha neceſſarios, como diz o proverbio, e que ſe toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que ſe ſoffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar ſempre he taõ máo, que naõ ſe póde tolerar para deſmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e conſentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o conſentidor, como o ladraõ. Nem ſe póde dizer, que a juſtiça os conſente, nem que os Reys os diſſimulaõ; porque a razaõ naõ os permitte. Pois que unhas toleradas ſaõ eſtas, que aqui ſe nos entremetem, para ſerem deſcuidadas? Para ſerem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralas-hey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por ſerem taes, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o ſegundo de perto; eſte de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia eſtá Roma, Cabeça do mundo,

que pelo ser, nos deve dar documentos de justiça, e santidade, e porisso naõ estranhará taxarmos, o que se desviar desta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e estes tem por todo o mundo, onde se acha obediencia Romana, seus correspondentes, que intitulaõ do mesmo nome: e assim huns, como outros, aganceaõ dispensaçoens, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apostolicas dos Summos Pontifices, para partes, que naõ pódem lá hir negociallas; e por tal arte medeaõ as couzas, que naõ lhas trazem senaõ a pezo de dinheiro; e vem a ser neste Reyno hum rio de prata, para que naõ lhe chamaremos de ouro, que está correndo continuamente para a Curia Sacra, por letras de Bispados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por taõ excessivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; sendo assim, que nas Bullas de tudo se diz, que daõ tudo de graça: *Gratia sub annulo Piscatoris*. E assim he na verdade, que Saõ Pedro pescador; e nada logra de taõ copiosa pesca. Os pescadores, que engordaõ com estes lanços, bem se sabe quaes saõ: e porque saõ, os que naõ convêm, se livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito, ou pouco, que se concede, porque isso todas as Bullas dizem, que vem de graça. Castella se suspeita, que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a maõ para seus intentos; ou porque a tinha entaõ mais cheya, que hoje com as

enchen-

enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo Novo; e como Portugal he era ſugeito, e ſempre foy liberal, e grandioſo, foy ſeguindo ſuas pizadas; e vendo-ſe picado, e opprimido com tal cargo, e com o pé Italiano ſobre o peſcoço, tudo toléra a titulo de piedade; como ſe naõ fora impiedade defraudar-ſe a ſi, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé naõ aſſegura a verdade das letras, que apraza a Deos naõ ſejaõ falſas. Doutores houve já, que conſiderando o muito ouro, que diſpenſaçoens ſó dos matrimonios levavaõ deſte Reyno, reſolveraõ, que podia ElRey noſſo Senhor fazer Ley, que annullaſſe todo o contrario de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiſcaçaõ de todos os bens, que ninguem paſſe lá dinheiro para taes graças, pois concedem que vem de graça, e atalharſe-hia aſſim de pancada tudo; pois naõ ha razaõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Chriſtianiſſima.

Que venha hum Colleitor a eſte Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada, para ſi, e ſeus officiaes, he couza, que naõ entendo, e poriſſo naõ lhe ſey dar remedio: e ſe o entendo, naõ me atrevo a receitar-lhe a mézinha, porque naõ me levantem, que ſinto mal do Eccleſiaſtico. E a verdade he, que ſinto n'alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as noſſas. Chamo-lhe incuraveis, naõ porque naõ tenhaõ remedio, mas porque ſaõ toleradas de tanto tempo,

que

que de velhas naõ tem cura, e poriſſo ninguem ſe cura já dellas. Aqui ſe me poem huma inſtancia: tal qual he, eu a deſtroçarey: dizem os que de nada ſe doem: como póde hum ſó Colleitor com tres Monſenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia, ſe elles ſó trataõ do eſpirito? Reſpondo, que ha neſte Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de conſciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o Frade quer comer na meſa travеſſa; a Freira quer janela ſem grade, e grade ſem eſcuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens ſem cabeça, em que lhas ponhaõ, e deſcaſar-ſe de duas, ou tres, que o demandaõ; *& ſic de reliquis*: e todos para ſahirem com a ſua entraõ com Monſieur Auditor, e com Monſieur Albornós, e com Monſieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, que ſe naõ achaõ na rua; porque de fraſqueiras, capoeiras, canaſtras, coſtaes, &c. já ſe naõ faz caſo, por ſerem drogas de mais volume, que lume: e com eſtas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma naõ ſe move por peitas, aſſim he, porque tudo ſaõ graças. Naõ ſey, ſe me tenho declarado! Mas ſey que tudo ſe toléra, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que annullaſſe tudo o que por taes minas ſe agenciaſſe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato eſta teima com hum caſo, que me paſ-

paſſou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma diſpenſaçaõ, ou abſolviçaõ importante: hum pedio duzentos mil reis, outros cem mil, o terceiro foy mais moderado, e diſſe que por menos de oitenta era impoſſivel impetrar-ſe. Naõ havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-ſe à peſſoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e propoſto o negocio, reſpondeo, que era de qualidade que ſe expedia na Curia ſem gaſtos de hum ceitil, e ſe offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e aſſim foy, que de graça veyo: contey por graça iſto ao matalote dos duzentos mil reis, reſpondeo marchando os beiços: ſaõ lanços, que naõ tiraõ ſeus direitos aos homens de negocio; e melhor diſſera lançadas de Mouro eſquerdo, que merece gente, que com ſua infernal cobiça infama a ſinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira ſofra ſimonias; como actualmente o tem moſtrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falſificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neſte Reyno, no qual tambem ha outras ſuas proprias, que toléra, e todas tomàra cortadas. Arma hum fronteiro huma facçaõ por ſeu capricho; entra por Caſtella com dous, ou tres mil Portuguezes, gaſta na carruagem, municoens, e baſtimentos da cavallaria, e infanteria, oito, ou dez mil cruzados: ſuccede-lhe mal a empreza; e a inda que lhe ſucceda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-ſe dizendo: bela maré levávamos, ſe naõ ſe viràra o barco. E dado que nada

da perca, e que traga huma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a sorte, que naõ bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetes, e outras tantas pistólas, que desappareceraõ; piques, que se quebráraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que naõ se contaõ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido; e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o naõ aggravaraõ, deixando-os, sem boyos, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, naõ se recuperaõ os lavradores; tudo he dos soldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o dissipaõ. E assim se vaõ encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vaõ causando sem remedio; porque naõ se deu ainda no segredo desta esponja. Olhaõ para o applauso da valentia, e as medras, dos que se empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizarria a todos, e outros de lizonja sobre a ruina da fazenda Real, que paga as custas; e os lavradores choraõ, o de que se ficaõ rindo os pilhantes, que nesta agoa envolta saõ os que mais pescaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que se toléraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonha-la-hemos com Cidades muito mayores, que ha na Chi-

China, nas quaes ha taõ grande vigilancia nisto de unhas de gente vadîa, que de nenhuma maneira escapa pessoa viva, de que se naõ saiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras desordens, de que saõ autores os ociosos, e vagamundos em grandes Republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheyas, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer, nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianos: nelles achareis testemunhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma escritura falsa, e huma provisaõ, que até ElRey, que a naõ assignou, a tenha por verdadeira: tudo se toléra, porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha Meirinho mór para resguardo do Paço Real, haja segundo Meirinho mór, para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadîos, e gente ociosa; e que prenda todo o homem, que naõ conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que he homem de bem, será solta; e se for da vida airada, vá para as Conquistas, onde terá campo largo para espravar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se toléra.

CA-

CAPITULO XVIII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas.

TOleradas ſaõ tambem eſtas unhas, pois ſe alugaõ; mas ſaõ peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para ſi, que naõ ha mayor maldade, que a que ſe ajuda de forças alheyas, quando as proprias naõ lhe baſtaõ, para executar ſua paixaõ, e eſta em boa razaõ, porque ſaye de esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma peſſoa mais do que póde para o mal, he grandiſſima maldade; aſſim como obrar mais do que póde para o bem, he grandiſſima virtude. Naõ póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite, que remedio para lhes peſcar hum par de peſſas ſem eſtrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle como com lima ſurda, faz hum buraco, quanto caiba huma maõ; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baſte para chegar ás peſſoas, que eſmou de olho ao meyo dia; fiſgalhe huma ponta, e como camiſa de cocra as revira, e eſcôa todas pela taliſca. Mas naõ ſaõ eſtas as unhas alugadas: que fazem os mayores damnos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas, eſtas ſaõ as ſerventias de quantos officiaes de juſtiça ha no mundo; correlos todos he impoſſivel: direy ſómente de varas, e eſcrevaninhas, o que

vemos

vemos, e choramos, e naõ remediamos, porque naõ ſerem ſeus damnos, a quem pudéra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho, ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Ariſtoteles fora vivo com todo o ſeu ſaber naõ a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moyſés. A vara de Moyſés na ſua maõ vara era; mas fóra da ſua maõ era ſerpente. Tal he qualquer vara deſtas, de que fallamos: na maõ de ſeu dono vara he, ſe he bom Miniſtro; mas fóra da ſua maõ he ſerpente infernal, e ſe anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo naõ tem poder, para ſe transformar em tantos monſtros, como huma vara de ſerventia alugada ſe transforma: e elles meſmos o confeſſaõ, que naõ póde al ſer, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os ſuſtente a todos á cuſta das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil damninho, parecevos vaqueta de arcabuz; e ella he eſpingarda de dous cannos; porque vay por eſſes campos de Jeſu Chriſto, a melhor marrãa, que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para caſa, acha-os eſtirados na ſua loge, ſem gaſtar polvora, nem dar eſtouros. Tambem he canna de peſcar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor peſcada, e no melhor congro, ou ſavel, e ſem cedella, que puxe, dá com elles no ſeu prato. Tambem he béſta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdizes nenhuma lhe eſcapa, ſe as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla de

de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que ſeja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: aſſim como he, entra em caſa do mercador, e mede como quer panno, e ſeda. Tambem he garavato de colher fruta, e ſem ſe abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canaſtras cheyas. E vedes aqui irmaõ leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e eſta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer, quem a alugou.

O meſmo, e muito mais pudera aqui dizer das eſcrivaninhas alquiladas; mas naõ quero nada com penas mal aparadas, naõ acerte de lhes vir a pello eſte noſſo tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma ſentença grega, ou deſalmada. Só direy, que ſaõ alguns, ou quaſi todos, taõ fracos officiaes, que he grande valentia ſaber-lhes ler, o que o eſcrevem. Eu ſey hum, que o fizeraõ vir de Evora a eſta Corte, para que leſſe o que tinha eſcrito em hum feito, que naõ era pequeno, e naõ ſe achava em toda Lisboa, quem em tal eſcritura attinaſſe com boya, como ſe fora a de ElRey Balthaſar. E com eſtes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e ſujaõ quantas demandas ha no Reyno, eſcrevendo ſéſta por balhéſta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara, ſenaõ ſuccedera muitas vezes tirarem dos feitos as ſentenças por tal eſtylo, que naõ ſe daõ á execuçaõ, porque naõ ha entendellas. Muito ha

que

que reformar nas officinas, e cartorios destes senhores, como em todos, quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

****

CAPITULO LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorozas.

QUem dizia no Capitulo 39. que naõ ha unhas bentas; porque todas saõ malditas, e sugeitas a mil excõmunhoens, quando furtaõ; tambem dirà agora, que naõ ha unhas amorosas, porque todas arranhaõ; mais sernos-ha facil desenganalo com quantas unhas ha de damas, que estafaõ a seus amantes. E taes saõ tambem as unhas de todos os validos, mimozos, e paniaguados dos grandes, daõ-lhes francas entradas em seu seyo, sem verem que abrem com isso sahidas enormes a seus thesouros. Ouçame o mundo todo huma Filosofia certa: he certo, que animaes de differentes especies naõ se amançaõ: caens com gatos, aguias com perdizes, espadartes com baléas nunca sustentàraõ bom cõmercio: e se algum dia houve bruto, que se sugeitasse a outro de differente esespecie, foy, naõ porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservaçaõ da vida. Ha entre os homens estados taõ diversos, que se distinguem entre si mais, que as especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que se distingue de hum escudeiro, mais que hum leaõ

de hum bugio: e hum escudeiro presume, que se differençea de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que serà hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer desses? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere, que quando ha uniaõ de amor entre taes sugeitos, naõ he, porque a natureza os incline a isso, he a conveniencia do interesse; e como esta vay diante sempre, sempre vay fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circunstancia, que dá grande apoyo a este discurso; e he, que o mayor ama ao menor, como couza sua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domína: e isto de ser dominado, nunca causa bom sabor; e porisso vicía o amor, que naõ sofre disparidades. Donde se colhe evidente: e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior, e que naõ he certo havello do inferior para o superior; porque leva sempre a mira no que dahi lhe ha de vir; e essa he a pedra de toque, em que aguça as unhas; que chamo amorosas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que seu amo lhe mostra; mete a maõ no que a privança lhe franquéa com tanta segurança, como se tudo fora seu pela regra, que diz: *Amicorum omnia sunt cõmunia*. O grande nunca sofre igual, quanto mais superior, e porisso naõ se humana senaõ com o inferior; e este porque tem iguaes, com quem faça sociedade; naõ necessita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e he quanto

to lhe permitte o careyo, que lhe daõ, e uſaõ delle os valídos com inſolencia; porque o acicate, que os move, eſtriva mais em medras proprias, que em ſerviços, que pertendaõ fazer aos ſeus Mecenas. Reciprocaõ-ſe o amor do grande, e o intereſſe do pequeno: o amor abre a porta, o intereſſe eſtende as unhas; e como na arca aberta o juſto pecca, empolga ſem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga a damno; e ſe acerta dar fé delle, porque às vezes he taõ grande, que às apalpadelas ſe ſente, tambem o diſſimúla; e aſſim ſe vem a refundir na affeiçaõ todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amoroſas as unhas, que lhos cauſaõ.

Naõ ſe condemna com iſto terem ſeus valídos os grandes; porque nem os Summos Pontifices ſe pódem governar bem ſem Nepótes, a quem de todo ſe entregaõ, para deſcançarem nelle o pezo de ſeus negocios, e ſegredos: e os Principes ſeculares neceſſitaõ muito mais deſte auxilio, porque as couzas profanas naõ ſe domeſtícaõ tanto como as ſagradas. O que ſe taxa he a demazia, e deſaforo de alguns valídos: dos màos ha duas caſtas, huns que eſcondem as medras, e outros, que as aſſoalhaõ: eſtes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e ſua propria fortuna, e inſolencia os jarreta, como a Beliſario: aquelles mais duraõ, e he em quanto ſe ſuſteèm em ſeus limites; mas por mais, que ſe diſſimulem com trajes humildes, e alfayas pobres, logo ſeus augmentos os manifeſtaõ; porque ſaõ como o fogo,

 que

que ſe deſcobre pelo fumo; e abraza mais, quando mais ſe oculta. Se nós virmos hum deſtes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principes; e ſoubermos, que entrou na privança ſem humas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Creſcerão-lhe ſem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem neſta parte todos os Miniſtros, que aſſiſtem a ElRey noſſo Senhor, porque vemos, que tudo o que poſſuem, com naõ ſer muito, he mais para o ſervirem, que para o lograrem. Nem ſe póde dizer de Sua Mageſtade, que Deos guarde, que tem valídos mais que dous, que ſe chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter valídos para ſe ſervirem, e ajudarem de ſuas induſtrias, e talentos, já o diſſemos no Capitulo 30. ao titulo dos Conſelheiros §. 1.

****

CAPITULO LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes.

NAõ ſey, ſe he certa huma murmuraçaõ, ou paga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais ſe ganha no Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que ſe faz á razaõ, e juſtiça, que eſtá pedindo, e mandando, que ſe

dém as couzas, e façaõ as mercés, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem ſeu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que ſendo muito cortez, naõ pertende, nem eſpera premio por ſua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada ſe merece, nem deſmerece. E daqui vem, que o que ſe leva por eſta via, vem a ſer furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar eſtafadores. Andaõ no terreiro do Paço, no Rocío, e por eſſas ruas de Lisboa; e como ſaõ ladinos, e verſados, conhecem já de face a todos; e tanto que vém algum de novo, ou que parece eſtrangeiro, chegaõ-ſe a elle raſgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece hum Principe, a cuja ſombra ſe proſtra hoje minha pobreza: ſou hum homem nobre, e foraſteiro, ſuſtento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar ſua limpeza: ſemanas ſe paſſaõ, em que naõ entra paõ em noſſa caſa; e pondo a maõ na cruz da eſpada, jura que naõ traz camiſa: e por eſta toada diz mil couzas, que traz eſtudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas ſuas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quaſi no chaõ. O pobre novato, que he às vezes mais pobre, que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das cortezias, abre a bolça, e pedindo perdoens dà-lhe a pataca, ou ao menos o toſtaõ, que o ſupplicante vay

 brin-

brindar logo na primeira taverna: e fabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e fempre foy eftafador cortezaõ, que he o mefmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou efcrivaninha no feu regimento dous, ou tres vintens, que fe lhe taxaõ por efta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de fua cobiça, que he pouco: teme pedir mais com medo do caftigo, que naõ falta, quando Sua Mageftade fabe as defordens: pergunta o requerente bifonho o que deve? Refponde-lhe: de graça dezejara fervir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e fuftenta cafa com efte officio, dé v. m. o que quizer. E fe o requerente infta, que lhe diga ao certo o que deve, por que naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dé menos? Torna a refponder, que em mayores couzas o dezeja fervir, que fe naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ feu cativo ficarà affim como de antes. Bem fe vé, que ifto he eftafa, pois nunca o vio em fua vida, fenaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, moftra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle fe rabifcou, &c. Pafma o fupplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde fó devia dous vintens: recolhe-as o fenhor efcriba, de prata Farifeo, e defpacha-o com aqui-me tem v. m. a feu ferviço taõ certo, como obrigado. E fe eftes mancebinhos puzerem no fim de feus defpachos os preços delles, como faõ obrigados, faberaõ as partes o que devem, e naõ haverà enganos; mas quando o falario he pouco, naõ

o efcre-

o eſcrevem, para ter lugar a tréta; e ſe he muito, galhardamente o explicaõ. Seja ſuſpenſo todo o que o callar: e eiſahi o remedio.

Iſto ſaõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas, que a cortezia agarra ſem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças ſemelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os empreſtados a bom pagar na ſahida com eſta arte, que o deſobriga para o futuro, e naõ dá moleſtia ao preſente. Haverá em Cóchim, e ſeu diſtricto, mais de cincoenta mil mercadores entre Chriſtãos, e Banianes de bom trato: manda-os viſitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os ſervir, e que lhes faz a ſaber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregoſinho para a China, e que por naõ ſer moleſto a ſuas mercês, quando vem para os ajudar a todos, naõ quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins empreſtados em boa cortezia; e que com a meſma os pagarà pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em empreſtar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a ſeu tempo, porque haõ miſter ao Senhor Capitaõ para muito; e aſſim ſe fica com tudo, que vem a paſſar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que ſucceda iſto na India, acolà taõ longe; quando vemos cà mais ao perto dentro em Portugal caſos ſemelhantes! Hum Prelado grave, ou para melhor dizer graviſſimo, conheci neſte Reyno, que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pe-

dio empreſtado por boa cortezia a cada Paroco da ſua Dioceſe dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veyo à paga, com a meſma cortezia nenhum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por eſta arte anda a Politica do mundo cheya de mil trétas, de ſorte, que por mal, ou por bem, naõ ha eſcapar de roubos.

****

CAPITULO LX.

Dos que furtaõ com unhas Politicas.

ANda o mundo atroado com Politicas, de que fazem applauſo os Eſtadiſtas: a huma chamaõ ſagrada, a outra profana; e ambas querem, que tenhaõ immenſos preceitos, com que inſtruem, ou deſtroem os governos do mundo, ſegundo ſeus Pilotos os applicaõ. E he certo, que toda a maquina dos preceitos, aſſim de huma, como da outra ſe encerraõ em dous: os da ſagrada ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Os da profana ſaõ, o bom para mim, e o máo para ti. Mas he engano craſſo, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica ſagrada: iſſo chama-ſe Ley de Deos, que com nada contemporiza, nada affecta, nem diſſimula, lavra direito, e ſem torcicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que, iſto que chamamos Politica, ſò no profano ſe acha: e eſta ſò

he a que tem as unhas, de que falla este Capitulo; e para sabermos, que taes ellas saõ, he necessario averiguarmos bem de raiz, que couza he Politica? E apósto que se o perguntamos a mais de vinte, dos que se prézaõ de politicos, que nenhum a saiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece?

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem sabe de que cór he. E atrevo-me a affirmar isto assim, porque com eu ter pouco conhecimento della, sey que he huma má pessa, e que a estimaõ, e applaudem, como se fora boa: o que naõ fariaõ bons entendimentos, se a conheceraõ de pays, e avós, taes, que quem lhos souber, mal poderá ter por bom o fruto, que nasceo de taõ más plantas: e para que naõ nos detenhamos em couzas trilhadas, he de saber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro taõ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou hum monstro, assim como nascem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Estado: e esta Senhora sahio taõ presumida, que tratou de cazas; e seu pay a despozou com hum mancebo robusto, e de màs manhas, que havia por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de sagacidade hereditaria, e modestia postiça. Criou-se nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Luthéro, e outros Dou-

tores

tores desta qualidade, com cuja doutrina se fez taõ viciosa; que della nasceraõ todas as Seitas, e heresias, que hoje abrazaõ o mundo. E eisaqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, basta vermos a variedade, com que fallaõ della seus proprios Chronistas; que se bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que estamos vendo, que leva toda a agua a seu moinho. Se he Letrados, todas as regras da Politica vaõ dar, em que se favoreçaõ as letras, que tudo o mais he aire: Se professa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Figalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que se naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos seus preceitos se encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E pósta neste primeiro principio, entra logo sua mãy Razaõ de Estado, ensinando-lhe, que por tudo córte, sagrado, e profano, para alcançar este fim; e que naõ repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que sejaõ do outro mundo, porque só do cómodo deste deve tratar, e de seu augmento, e da ruina alhea; porque naõ ha grandeza, que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros saõ meus accrescentamentos; sou obrigado a me conservar illeso; e naõ estou seguro, tendo junto de mim, quem me faça sombra: e para nos livrarmos deste çoçobro, démos-lhe carga, tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas,

que

que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe miniſtrou a cobiça: e nada deixa em pè, que naõ eſcale, e metà a ſaco. Eſte Reyno he meu, e eſta Provincia he o menos, de que ſe trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, ſaõ pequeno prato para eſtas unhas; e o direito, com que os agarraõ, eſcreve o outro com poucas letras, ſem ſer Bartholo, na boca de huma bombarda; e vem a ſer: *Viva, quem vence.* E vence quem mais pòde, e quem mais pòde, tenha tudo por ſeu; porque tudo ſe lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e ſua mãy Razaõ de Eſtado rindo-ſe de tudo, como grande Senhora, e ſeu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e ſeu avó o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deſte mundo Paraiſo de deleites, ſendo na verdade labyrinto de deſaſocegos, e inferno de miſerias, em que vem dar tudo, o que nelle ha; porque tudo he corruptivel.

Eſte he o ponto, em que a Politica errou o nòrte totalmente, porque tratou ſó do temporal, ſem pór a mira no eterno, aonde ſe vay por outra eſteira, que tem por roteiro dar o ſeu a ſeu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buſcarmos, e ſervirmos com outra ley muito differente, da que enſina a Politica do mundo. E lá virá o dia do deſengano, em que ſe acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da ſubſtancia alhea.

Teſtemunhas ſejaõ o famoſo Beliſario, terror de Vandalos, aſſolaçaõ de Perſas, eſtragador de milho-

milhoens, que dos mais altos cornos da Lua o poz ſua fortuna ſem olhos em huma eſtrada á ſombra de huma choupana, pedindo eſmola aos paſſageiros: *Date obolum Beliſario.* E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a ſede; taõ poderoſa, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da ſua meſa roendo oſſos; o qual à hora da morte mandou moſtrar a ſeus ſoldados a mortalha, com hum pregaõ, e deſengano, que de tanto, que adquirio, ſó aquelle lançol levava para o outro mundo.

****

CAPITULO LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes.

QUe tenha a minha maõ confiança comigo, para me ſervir, e coçar, liſonja he, que bem ſe permitte; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me eſfolem a pelle, naõ ſe ſofre. Pois taes ſaõ, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a ſeu Real ſerviço; e elles eſquecidos da confiança, que a Mageſtade Real faz delles, eſtendem as unhas, para applicarem a ſi, o que lhes mandaõ ter em reſerva para o bem comum, e de muitos particulares, que eſfolaõ. Ha neſte Reyno Theſoureiros, Depoſitarios, e Almoxarifes ſem conto; todos arrecadaõ em ſeus depoſitos, que chamaõ arcas, grandes copias de dinheiro, hum delRey,

outro

outro de orfaõs, e muito de outras muitas partes: e sendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-se da confiança, que se faz delles, metem o dito dinheiro em seus tratos de compras, e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riscos de se hir o ruço a traz das canastras, fingem ausencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi á quinze dias virà da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi està o dinheiro cheo de bolor na arca: e passaõ-se quinze mezes, e naõ ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia, e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes saõ os confidentes da nossa Republica, que fazendo-se proprietarios do alheo, alienaõ o que naõ he seu, e daõ atravéz com os thesouros alheyos.

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Està hum destes (pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.) Està hum destes a la mira espreitando, quando voltaõ as nossas facçoens de Castella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os soldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que naõ pódem guardar, nem sustentar; e o sobredito se vé Senhor dos depositos dos pagamentos, que foy atrazando, para naõ lhe faltar moeda nesta occasiaõ, atravessa tudo, resgatando-o por pouco mais de nada, sem haver quem lhe vá á maõ, porque todos dependem delle,

le, e o affagaõ, para o terem da ſua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem, logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze toſtoens quando muito, e o meſmo computo ſe faz no mais. E vem a ſer o mais rico homem do Reyno, ſem meter no trato vintem, que ganhaſſe, nem herdaſſe de ſeus avós. Melhor fora venderem-ſe os taes gados aos noſſos lavradores pelos preços dos ſoldados, para ſe refazerem de ſemelhantes prezas, que os inimigos nos levaraõ, e naõ ficarem exhauſtos de criaçoens, os que ſuſtentaõ a Republica, e cheyos, os que a deſtroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-ſe eſtas unhas; e ſe naõ houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-ſe, onde haja vergonha, e honra, que ſe péje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a ſua arte, ſe deu a ſangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos eſcritorios: e para o fazer a ſeu ſalvo, e com credito de ſua peſſoa, foy-ſe metendo de gorra com ſeus freguezes, dando-lhes alvitres, de que ſe fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro empreſtado para taes, e taes empregos, que ſe lhe offereciaõ rendoſos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accreſcentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e meten-

metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o resto. Jà se naõ curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo assim o campo seguro, deu de repente em todos abonando hum lanço, que fingio se lhe abria de grandissimo interesse, e que convinha meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos rico. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais Paulinas, que se tiraraõ. E esta saõ as verdadeiras unhas confidentes. E naõ saõ menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

****

CAPITULO LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas.

PAra que naõ pareça este Capitulo o mesmo, que o passado, contarey huma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por empres-

emprestimo a outras Igrejas, Mosteiros, e Irmandades: e como o thesouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buscar, e levar as suas pessas. Entre os que vieraõ, acabada a festa, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canastras mais grandes, que pequenas: e entrando muito confiado, como se fora mordomo mòr de toda a festa, póz a capa, e o chapéo sobre hum caixaõ, assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiaõ pór embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os castiçaes, que bastaraõ para encher as canastras, póz tudo ás costas dos mariolas, e sacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e escapou por sua arte dando com a pratra, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que estavaõ na Igreja, persuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono; como manifestava a confiança, com que fez o salto, que naõ foy em vaõ. E isto he, o que chamo unhas confiadas, sem terem confidentes: e destas ha muitas a cada passo, e no serviço del-Rey naõ faltaõ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui, o que recolhem, como se fora seu, com tanta confiança, como se o cavaraõ, e o roçaraõ, ou o herdaraõ dos senhores seu avós. E assim digo, que naõ me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade posso sahir desmentido: Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em segredo (chamolhe assim, por naõ especificar cargos, de donde se possaõ colligir pessoas com quem naõ

quero

quero pleitos) perguntamos a eſtes, com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da micilia, que Sua Mageſtade deſpacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada reſpondem: metem-ſe no eſcuro das razoens do Eſtado, e he couza clara, que accreſcentaõ ſeu eſtado: e ainda mal que vemos accreſcentados, os que para bem houveraõ de ſer diminuidos. Eſtes ſaõ, os que com grande affoiteza, e confiança, metem a ſaco a Republica, cujos ſacos vaſaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e iſſo he o menos, e mais he o volume immenſo de outras drogas, de que enchem ſobrados, que haõ miſter eſpeques para ſuſtentar o pezo, ſem temor da força, que fora melhor fabricaſſe deſſes pontoens. Aponto ſô o damno, naõ trato, de quem leva o proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ ſuas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis, paſſemos a outra couza.

Ahi naõ póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de ſeus ſoldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vai-ſe á caſa da tafularia, poem o dinheiro na taboa do jogo, como ſe fora ſeu, ou lhe viera da caſa de ſeu avô torto; e ſem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, ſem lhe ficar nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheyo de paixaõ, com que ſatisfaz ás partes; de ſorte que nenhum ſoldado ouza apparecer diante delle: e he

eſtremada traça para naõ lhe puxarem pela divida. Mais confiados que eſtes ſaõ outros, que ha na caſa da India, e nas Alfandegas, que naõ ſey como ſe chama ſeus officiaes, nem o quero ſaber, por naõ ſer obrigado a nomealos por ſeu nome: eſtes tem por obrigaçaõ ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao juſto os direitos, que ſe haõ de pagar a Sua Mageſtade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ ſuperficialmente, que deixaõ paſſar por eſtimaçaõ de anil o pacote, que vem cheyo de baſares; e contaõ por caſcaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e borcados de tres altos corraõ praças de bocachim, e calhamaço, naõ o crerá, ſenaõ quem o vio. Ballas de meyas de ſeda fazem figura de reſmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem eſtá encomendada a vigia diſto, com hum par de peſſas reſplandecentes de vidros de Veneza, cryſtaes de Genova. E para que naõ ſe diga, que naõ viraõ tudo, mandaõ abrir coſtaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito: os quaes trazem na primeira ſuperficie, o que val menos; mas o amego he do mais precioſo. Já ſe vio caixaõ, e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo peſſas de ouro, e prata. E ſe algum Miniſtro fiel requerer, que ſe examine tudo, reſpondem, que naõ ſeja deſconfiado: e com duas gracetas paſſaõ deſgraças, que naõ conto. Declaro ſobre tudo iſto, que já eſta moeda naõ corre, como em tempo de Caſtella; porque eſtá ſeu Dono em

caſa,

casa, que a vigia, e faz a todos, que naõ sejaõ taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ sey, se ponha aqui huma confiança admiravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he que saiba Sua Magestade tudo, para que o emende com seu Real zelo, e para isso digo. E he que todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda pagar, ou esmolas, que manda fazer por via da fazenda, achaõ todos os despachos correntes até o thesouro, onde topaõ com ordem secreta, que a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro; e consta por outras vias, que os tem aos montes para outros prestimos; mas para isto de dividas, e esmolas, naõ ha tirar-lhe hum real das unhas: e occasionaõ com isto a se cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o presumirá de Sua Magestade, mas he confiança de Ministros, que devem de presumir, que o naõ virá a saber sua Magestade, que deve sentir muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com as obras que naõ. Doutrina he, que Christo reprehendeo muitas vezes severamente aos Fariseos: e assim se deve estranhar entre Christãos. E eu naõ acabo de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando tira aos pobres, o que seu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que naõ querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada esta reposta; que naõ deve o criado ter mais amor á fazenda, que seu Senhor; além de que seria estolida confiança tomar sobre si os encargos de tantas restituiçoens, de que o Senhor fica livre, só

com mandar que se paguem. E em conclusaõ levem todos daqui esta verdade, que naõ empobrece, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ estas demoras a outrem: e este he o tópe, em que vem esbarrar todo o discurso, que se póde formar nesta materia: e nem isto he bem que se creya de gente honrada.

Neste Capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima dito de despir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foraõ suas amas, levaõ-na nos braços, recolhem-se na primeira logea, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se acerta alguem de as ver, daõ tudo por bem feito, ajudando-as por domesticas, como mostra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra; e tiray lá carta de excommunhaõ, para vo la restituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada nesta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pedraria, que estava por ornato de huma festa no altar de certa Igreja, esperou que seus donos se ausentassem, e pósta no meyo da Igreja, porque naõ podia chegar perto com o concurso, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de maõ em maõ, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que seria sua, pois com tanta confi-

anças

ança a demandava; e de maõ em maõ veyo, até chegar ás da harpîa, que deu ao pé com ella ſem ajuda de Simaõ Cyrineo, porque lhe cuſtou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados, em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agoſtinho os deſenganou a todos, que naõ ſe perdoa o peccado, ſem ſe reſtituir o mal levado. E neſte mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

****

CAPITULO LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitoſas.

GRaças a Deos, que foy ſervido de nos deparar humas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha, que naõ ſejaõ proveitoſas para ſeu dono, no que agarraõ. Naõ fallo deſſas, que aſſaz damnoſas ſaõ até a ſeu Senhór, pois muitas vezes daõ com elle na forca. Trato das que ſaõ proveitoſas para ambas as partes ſem riſco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neſte Reyno pelo ſeu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo naõ ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de ſahirem tórtos com a ferradura, ſerviaõ de anzóes a ſeu dono, com que peſcava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póſtos em qualquer de-

do da maõ, eraõ remedio prefentiffimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e affim naõ ferá coufa nova acharem-fe unhas proveitofas para ambas as partes: tiravaõ de fi dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-fe todos.

Taes feraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de fuas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e ferá o mefmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal ferá acodirlhe o Brafil com alguma fubftancia, que a alente, ainda que feja por modo de empreftimo: nem correrá niffo o ditado, que naõ he bom defcobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo refpeita, e ferve o mefmo corpo debaixo de huma Coroa. Padece o Brafil falta de mantimentos, naõ vejo razaõ, que tolha acudirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquiftas, fupprindo-lhe os gaftos, e foccorros, até que fe melhore. O mefmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom fe pararia o corpo humano, fe a maõ efquerda naõ ajudaffe a direita, e a direita a efquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo myftico, e as fuas Colonias, e Conquiftas membros della; e affim fe devem ajudar refervando, e reparando fuas fortunas, e conveniencias. Superftiçaõ he, e naõ axioma politico de Eftados, negarem-fe auxilios, os que vivem juntos na mefma communidade: e aqui corre certiffimo o Proverbio, que huma maõ lava a outra.

Hum

Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros, com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus vassallos, que saõ partes integrantes da sua Coroa. A contribuiçaõ das décimas neste Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o mesmo, que para se defenderem dos inimigos, que nos infestaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os montes. E o outro lado, que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o naõ consideraraõ, e que ha mister muitos mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil soccorros de álem-mar, de donde estaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que naõ he bem lhos neguemos. Naõ vêm olhos cegos, o que se gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens, que ainda que naõ nos ajudem, he bem que os componhamos, para que naõ nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, naõ divertissem o Castelhano no tempo, em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias naõ se alcançaõ sem gastos; estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das décimas com unhas taõ proveitosas, quando vemos, que os outros cabedaes naõ bastaõ para seus menëos proprios.

Naõ posso deixar de picar aqui em hum es-

crupulo de alguns zelotes, que tem para ſi, que ſe faz theſouro, e que he já taõ grande, que ha miſter eſpeques: e a graça he, que grunhem ſobre iſſo. Provéra a Deos, que aſſim fora, e que arruinaſſem já com o peſo as caſas, que o recolhem; que devem ſer encantadas, pois as naõ vemos: mas para me conſolar quero crer, que aſſim he, e aſſim o fio da grandiſſima providencia de ElRey noſſo Senhor, que ſabe muito bem, que foy coſtume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós naõ eſtamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occaſiaõ de honra coſtumavaõ os prudentes reſervar cabedal; que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que intheſouraõ. Tudo vem a ſer unhas proveitoſas.

Neſte paſſo ſe enviaõ a mim, os que tem penſoens de juros, e tenças na Alfandega, na Caſa da India, ou nas ſete Caſas, Almoxarifados, &c. e me fazem o meſmo argumento dizendo: e ſe he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que naõ ſe nos paguem da caſa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando neſta faltaõ os rendimentos, para ſatisfazer a todos? Aos meſmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos ſem nenhuma penſaõ, e outra carregada de fóros, ou juros; ſe eſta ficou eſtéril hum anno ſem os poder pagar, porque os naõ ſatisfazem da outra, que deu muitos frutos? Reſpondem, que a outra he

livre,

livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra instancia, que Donas costumaõ pôr, e he: que do mesmo modo, que a herdade, que este anno naõ pagou fóros, nem juros, porque naõ deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro; assim a Alfandega fica desobrigada para sempre do anno, que naõ teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deste anno para acodir a alguma necessidade urgente (chamaõ a isto tomar os quarteis) se será obrigado a refazer esta tomadîa no anno seguinte, quando a Alfandega estiver mais pingue, e elle mais desafogado? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas saõ muito privilegiadas, quando empregaõ no bem commum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da mesma communidade: e nisto se distingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vassallos; que estes saõ obrigados a refazer, o que gastaraõ de partes em usos proprios, e os Reys naõ, no caso, que o gastaõ em bem de todos: assim o ensinaõ os Doutores Theologos: e isto basta.

CA-

CAPITULO LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata.

EM Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio maximo de todos os commercios de Hespanha, entrou o diabo no corpo de hum Castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razaõ: e entre as cousas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas, que já elle teria posto de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deos lhe naõ prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Escritura: segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria nossa Santa Fé pervertendo, e mudando nas impressoens, e em todos seus volumes os sentidos da Escritura Sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle sabe muito bem aonde está. E naõ ha duvida, que discursou a proposito, e que fallou verdade, com ser pay da mentira; porque se Deos com sua admiravel justiça o naõ aferrolhara da maneira, que nenhuma destas tres couzas póde executar, já teria concluîdo com o genero humano,

no, e com o mundo univerſo, que Deos por ſua infinita miſericordia aſſim conſerva. E ſó a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ſer a menos nociva, ella ſó baſtara, para ſe fazer o demonio ſenhor do mundo: porque iſto que aqui chamamos unhas de prata, ſaõ as mais poderoſas garras, que ha para arraſtar, e levar tudo á traz de ſi. Naõ podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inacceſſivel, perguntou ſe poderia lá chegar, ou ſobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que eſta bateo á porta, logo ſe lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com taes unhas empolgou nella.

Famoſo invento foy o do dinheiro, pois com elle ſe alcança tudo, e naõ ha couza, que ſe lhe naõ renda: do mais incorrupto Juiz alcança ſentença: da mais ariſcada dama tira favores, no mais invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroſo exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor, que petardos; arraza torres, quebra homenagens, tudo ſe lhe ſugeita, nada lhe reſiſte! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da ſepultura, e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar taes nomeadas, a quem ſe ſoube fazer ſenhor do dinheiro, que tudo rende, como a ſepultura, e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeraõ moeda de ouro: Jano foy o primeiro, que formou moedas de cobre; e porque foy o inven-

tor

tor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpiraõ tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas Rey dos Phrygos, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e estas saõ as unhas de prata, que propo-em este Capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes: até os que pescaõ com redes, usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, naõ tem melhor engodo, que o do dinheiro, se souberem usar bem delle, pescaráõ quanto quizerem, e enredaraõ o mundo todo.

Bem usou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a náo por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por justiça; mas naõ achou quem lha fizesse, porque he droga, que naõ se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de seu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve merce, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passeyo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a merce, dado o passeyo, e pagos os tres mil

mil cruzados, tudo foy o mefmo: mas muito differente o que fe feguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande peffoa, e muito privado, e valîdo do feu Rey: todos o vifitaraõ logo por tal; mandavaõ-lhe prefentes, e donativos de grande pórte, imaginando, que por aquella via abriaõ porta a fuas pertençoens: e elles abriraõ-na para a reftauraçaõ do mercador, que affim fe hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a náo, lha abfolveraõ: e affim pefcou com unhas de prata de tres mil cruzados, que foube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por efta arte pefcaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que naõ he feu, com grande deftreza.

Aportou á Ilha da madeira huma náo de carga, faltáraõ em terra os paffageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî (grande pirata devia de fer pelo tear, que armou para fazer feu negocio melhor, que todos) Vifitou o Bifpo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou no páteo, fez efmola de toftaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Bifpo, fahiraõ eftas campainhas pela Cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que baftava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro; em tanto, que crefceo a cobiça nos mercadores da terra, e fe picaraõ a fazerem negocio com elle. Efte fervo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a maõ ao Bifpo, lhe pedia foffe fervido de lhe mandar di-

zer

zer duas mil Miſſas, e que daria avantajada eſmolla por ellas, para que Deos lhe déſſe bom ſucceſſo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A ſegunda viſita, que fez depois do Biſpo, foy aos prezos da cadea, dando a cada hum ſeu toſtaõ de eſmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou diſpoſta para lhe darem ao fiado tudo, quanto ſua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria ſatisfaçaõ a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de empreſtimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma peſſa boa para a Sacriſtia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e ſem duvida ſahira com a preza da groſſa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que diſpendeo á cuſta alheya, ſe o Biſpo naõ preſentira a tramoya por indicios, que teve; e ſe naõ ſe picára o tempo em fórma, que obrigou á náo a dilatar a jornada. Naõ conto o que daqui por diante ſe ſeguio, porque o dito baſta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com diſpendios pequenos avançaõ grandes lucros: o ponto eſtá na tempera, e na diſpoſiçoens dos meyos, para aſſegurar os lanços. E vem a ſer iſto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falſos, que no principio ſe deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma maõ, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo

Vejo alguns mandar preſentes, e donativos, a quem lhes naõ pertence; e ſey, que ſaõ de condiçaõ, que nem a ſua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais fraſqueiras, com que cantaráõ os Anjos, a quem nunca trataraõ! Daõ cargas de fruta, taboleiros de doces, joyas de preço, ſacos de dinheiro: e fico atordoado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar galego? Irmaõ, ſe tu nunca entraſte em barco, nem meteſte o pé em meyo alqueire com eſte homem, como te diſpendes com elle? Iſto tem myſterio: e buſcada a raiz, he ganancia grande, que ſolicita com diſpendios leves: adoça a paſſagem, para haver o que pertende, deſpachos de officios, commendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria conſciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos, acha que por eſte caminho torcerá a juſtiça, e vem a ſer hum genero de latrocinio de má caſta; porque ás vezes cheira a ſimonia, e he hydropeſia da ambiçaõ. Acabo eſte Capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que eſtas.

Na corte de Madrid ſe achou hum tratante de Indias com grande quantidade de eſmeraldas lavradas, ſem lhes achar gaſto, nem ſahida, para ſe desfazer dellas. Poz duas eſcolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas preſente á Rainha Dona Margarida, que as eſtimou muito; porque tudo o dado de graça leva comſigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas ſaõ o eſpelho de todas as Senhoras de ſeu Reyno, em eſtas vendo a eſtima, que a Mageſtade fazia das eſmeral-

das,

das, cresceo nellas a estimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhaõ dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmaõ gêmeo deste successo outro semelhante, que outro mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte pessas de panno fino, que naõ tinha gasto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazelo se quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados, quando já o mercador naõ tinha na logea de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil pessas tivera, tantas gastara. E estas saõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

****

CAPITULO LXV.

Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhe chamaõ.

OS Rethoricos daõ nomes ás couzas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens; e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e hindo já no fim della, se me offerecem algumas taes, que naõ sey, que nome lhes ponha:

por-

porque se lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; se para a derivaçaõ, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora em fim a Deos, e á ventura, chamo-lhe tolas, e saya o que sahir. E passa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só para fazer mal ao proximo sem utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só para fazer mal ao proximo sem nenhuma utilidade para si, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alheya, ou poem em fogo a seára de seu visinho, só por se vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: e se o tal he Christaõ, cresce nelle a tolice, pela obrigaçaõ, que sabe lhe accresce de refazer o damno, que deu: donde se segue, que a si fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte taõ cegos, que por darem hum desgosto a seu inimigo, naõ reparaõ no que porisso sobre si tomaõ. Houve hum Rey antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eraõ grande inimigos entre si, mandou chamar ao mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e hade ser a que vós me pedires com advertencia, que a hey de fa-

zer dobrada a fulano, de quem ſey, ſois grande inimigo. Beijou a maõ ao Rey pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandaſſem arrancar hum olho; porque aſſim ſeria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficaſſe cego, ainda que elle ficaſſe torto. E bem cego eſtava, quando procurava damno alheyo ſem proveito proprio.

Quanto á ſegunda: furtar o que haõ de reſtituir. Melhor diſſera: o que naõ haõ de reſtituir; porque raro he o ladraõ, que reſtitua; mas fallamos da obrigaçaõ, que lhes corre, ſe he que ſaõ Chriſtãos; e trataõ de ſe ſalvar. E bem devem de ſaber, o que dizem os Doutores, que naõ ſe perdôa o peccado, a quem podendo naõ reſtitue o mal levado. Todos dizem, quando ſe confeſſaõ, que haõ de reſtituir, como tiverem por onde. Pois noſſo irmaõ, ſe vós o haveis de reſtituir, para que o furtaſtes? Reſpondem, que ſabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderáõ, que o amargor da reſtituiçaõ he mayor, que a doçura do furto; e poriſſo diſſemos, que he grande tolice furtar, o que ſe hade reſtituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Mageſtade: repartiraõ-nos entre ſi, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Braſil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por ſua parte de ſe pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao ſetimo Mandamento, picavaõ a conſciencia de cada hum os tres

mil

mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros; e achavaõ-ſe todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, baſtantes para reſtituir tudo. Dizia o Confeſſor da India ao ſeu penitente, que era obrigado a reſtituir os nove mil cruzados por inteiro, viſto naõ lhe conſtar, ſe ſeus companheiros tinhaõ dado ſatisfaçaõ á ſua parte. O Confeſſor de Angóla, e do Braſil diziaõ o meſmo aos ſeus moribundos, que ſe achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que ſe lhes impunha, e argumentavaõ: ſe eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de reſtituir nove mil? Mas a repoſta eſtava á maõ, e clara; porque foſtes cauſa do damno por inteiro com a ajuda, que déſtes a voſſos companheiros, conſta-vos do furto, e naõ vos conſta da reſtituiçaõ; e aſſim ſois obrigado a vos deſcarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a deſcarga, que he incerta. Eiſaqui outra toliſſe mayor, furtar o que ſe ha de reſtituir dobrado, e treſdobrado, confórme o numero dos companheiros, que entraraõ ao eſcote. Alguns neſte ponto fazem-ſe mancos por naõ remar: dizem que naõ tem poſſes para reſtituir, e que naõ ſaõ obrigados, ſenaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro eſtá a obrigaçaõ de ſe ſuſtentarem a ſi, e a ſua caſa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos, que poderaõ aguarentar mil ſuperfluidades, e eſtraiter os gaſtos, e pouparem para dar o ſeu a ſeu dono. Lá ſe avenhaõ: ſó lhes lembro, que haõ de viver mais no outro

mundo, que neſte, e que tudo cá lhes ha de ficar, teſtemunhando ſer juſta ſua condemnaçaõ.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e ſegunda; porque naõ ha duvida, que he inſania muito grande empenhar-ſe hum homem, pelo que naõ ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os ſerve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, paſſaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que ſe deſcarregaõ: vaõ com eſtes papeis os acredores aos Veadores, e Theſoureiros, para que entreguem, o que nelles ſe contêm; e fechaõ-ſe á banda como ouriços cacheiros, em que naõ ha mais, que eſpinhos de repoſtas picantes, e bem devem ſaber, que a retençaõ do que ſe deve he verdadeira furto: e tomara perguntar-lhes, para quem furtaõ iſto, que naõ pagaõ? Naõ faltará, quem cuide, que para ſi; e ſe naõ for para ſi, ſerá para o Rey, que já ſe deſobrigou com mandar, que ſe pague; e aſſim vem a ſer ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que ſe ficaõ rindo com eſtas retençoens, como ſe foraõ chiſtes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por ſi: e eu ſey, que as marcaõ os meſmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que ſe fingiſſe filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caſo, que eſte homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que naõ ſabia delle: appa-

receo

receo neſte tempo naquella Villa hum pobretaõ, que repreſentava a meſma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o enſayaraõ, como havia de dizer, que era ſeu filho, e lhe enſinaraõ hiſtorias, e circunſtancias, para ſe dar a conhecer, e que os allegaſſe por teſtemunhas: o pay ſuppoſto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que naõ ſe lhe alvoroçava o ſangue, quando o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o naõ herdava por morte: as hiſtorias, que contava, e teſtemunhas, que dava, conteſtaraõ de maneira, que deu o Juiz ſentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por ſeu filho. Caſo raro, e nunca viſto, nem imaginado! Que no meſmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: eſte ſim, que ſe me alvoroçou o ſangue, quando o vi. O outro deſappareceu logo, e eu perguntava aos embaixadores, ſe advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com ſeu teſtemunho, a quem os naõ merecia? E que negoceavaõ para outrem, e naõ para ſi o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Naõ deviaõ de ignorallo, ainda que ſe moſtravaõ niſſo grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem diſculpa, quando furtaõ para darem remedio a ſeus filhos; mas crêaõ, que naõ eſcapaõ da meſma nota, porque ſeus filhos naõ os haõ de tirar do inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e ſujamente

adquiriaõ. Em certo lugar deſte Reyno tinha hum alfayate tres filhas ſem dote para lhes dar eſtado: acordou de as caſar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comſigo, e com elles no Algarve: fingindo-ſe Conde vomitado das ondas, que eſcapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha preſença, e labia, para perſuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da ſua coſinha eraõ do meſmo, e que ſe via como Job poſto de lodo. E com eſtas, e outras impoſturas, perſuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde paſſava, que o ajudaſſem contra ſua fortuna: todos ſe compadeciaõ, e para os mover mais, moſtrava em pergaminhos ſua grande proſapia, e os famoſos cargos, que ſervira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, paſſava ſempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem aſſim o Reyno quaſi todo pela póſta, achou-ſe o ſenhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por eſta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como ſe foraõ tres Condeſſas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, ſem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de ſeus genros, que ſe bem o ajudaraõ, mal lho agradeceraõ. E naõ diz mais a hiſtoria.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de deman-

mandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tolice de todas, como se vio no que succedeo ao Carvalho na semana, em que componho este Capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheyas muito bem, porque as punha em sua casa, como se foraõ suas: foy demandado porisso; e porque naõ deu boa razaõ de si ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á custa alheya, e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoyo desta tolice; livrome com hum deste particular, e de todo este Capitulo. Em Angóla tinha ElRey nosso Senhor naõ ha muitos annos hum Ministro (tomara-lhe muitos semelhantes) que empregava os direitos Reaes em escravos, que mandava ao Brasil com direcçaõ, que se vendessem, e fizessem do procedido caixas de açucar para o Reyno: e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim; mas o Ministro, que respondia ao Brasil, fazia seu negocio melhor que os alheyos. Chegava huma partida de trinta, ou quarenta negros, achava serem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eraõ Reaes, e os

 ganhos

ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto; mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar se atreviaõ, até que o tempo descobridor de mayores segredos trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e porisso o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz comsigo a luz, por mais que a eclypsem, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que naõ seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com huma joeira; e que naõ saiba, o que já fica dito por boca de hum arganáz no Capitulo XXIV. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

****

CAPITULO LXVI.

Dos que furtaõ com unhas rediculas.

FUrtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto; como aconteceo em Coimbra a huma corja de estudantes, por sinal que eraõ graves, e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de

Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeraõ tal defcante nas galinhas, perús, e ganços fem compaffo, que meteraõ tudo a faco, fem deixarem mais, que dous, ou tres galos veftidos de luto, arraftrando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-fe o Procurador do Convento á juftiça, tirou-fe devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaraõ, foy facil apanhalos a todos; e choraraõ as pennas, que mereciaõ, e fe lhes perdoaraõ por mifericordia, refpeitando fua authoridade, e nobreza. Mais ardilofos fe portaraõ outros taes na mefma praça: fouberaõ, que vinha do celebre Lorvaõ, por occafiaõ de Natal, huma valente confoada para o Bifpo: feis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiofa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o paffo, antes de chegarem á Cidade; e alliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vafio, enchendo-fe de doces para a fefta, e carregando-fe de amargozes para a Quarefma; ainda que fahiraõ em paz defta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-fe, com darem a feu falvo com os dentes na confoada. Chegou a femana Santa, moderou-os a confciencia, como coftuma; fizeraõ petiçaõ ao Bifpo, que os perdoaffe, fem fe affignarem nella: poz-lhes por defpacho. Appareçaõ os fupplicantes, e perdoarlhes-hemos. E foy o mefmo, que deixar-lhes a reftituiçaõ ás coftas a cada hum por inteiro, fe todos juntos a naõ fatisfizeraõ; e affim ganharaõ mayor pena, que o rifo, que lograraõ.

Em

Em Villa Viçosa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no serviço da Real Casa de Bragança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum pár de obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe désse calçado, sem lho pagar primeiro. Vendo-se o Fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos, sem o dinheiro na maõ, mandou ao moço, que pedisse hum só çapato á prova; e que se lhe contentasse, mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, hum çapato levará vossê, mas dous naõ os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo ficou hum çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lhe restituiria, naõ lhe servindo. Vendo-se assim com dous calçou-os, e foy-se ao Paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, sobre que se fizeraõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa pressa estas unhas; porque huma graceta, e dous chistes movem talvez hum Ministro, e tambem hum Rey enfadado, mais que discursos sérios. O sério do governo vexa, e cansa a natureza, que aceita, e estima o desafogo, que traz comsigo alegria, e riso; e quem sabe mover a este com boa têmpera, e com boa conjunçaõ, faz bom nego-

cio:

cio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey para ſeus deſpachos, por conſelho de hum experimentado, que lhe notou a petiçaõ neſta fórma em tres.

QUARTETOS.

Soy Dona Ana Gavilanes,
La de los hojos hunidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Mageſtad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como aſſado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vueſtra Excelencia
Me perdone eſte pecado.

Deu a mulher a petiçaõ ao Conde Duque, ſem ſaber o que levava nella: feſtejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a deſpachaſſe com mais do que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com ſuas graças, que homens ſezudos com grandes ſerviços.

Acabo eſte Capitulo, e todo o tratado, com hum gaſto notavel, que ſe faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito rediculo: e he, que ha neſta Corte huma caſa, que chamaõ Collegio dos Catecu-

menos,

menos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com ſua grande piedade de baſtante renda, para nelle ſe agazalharem, e ſuſtentarem todos os infieis, aſſim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautiſmo, até ſerem induſtriados nos Myſterios da Fé, e aprendem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que paſſaõ annos, ſem haver neſte Collegio hum ſó Catecumeno; o qual tem ſeu Reytor, e officiaes, como ſe houvera nelle hum grande meneo de ſugeitos. E he certiſſimo outroſim, que o Reytor tem ſeſſenta mil reis de renda, e que naõ paga caſas, ſem fazer mais, que dar-ſe a S. Pedro, quando lhe vem algum Catecumeno, e chorar que naõ tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Eſcrivaõ deſta fabrica tem ſetenta mil reis de ordenado, e caſas de vinte e quatro mil, ſem tomar a penna na maõ em todo o anno, mais que para paſſar as quitaçoens dos recibos do ſeu eſtipendio. E o Medico tem doze mil reis, ſem tomar o pulſo mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, ſem fazer mais que huma ſangria na bolça delRey, quando os arrecada. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas rediculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas eſtas maquinas, que conſiſte em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás coſtas dos Padres da Companhia de S. Roque, ſem terem poriſſo próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém

rém muito dignas de lagrimas as unhas, que a estas se seguem; porque em havendo Catecumenos, saõ tudo petiçoens a Sua Magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se naõ que pertendem! Valha-me Jesu Christo, naõ fora melhor andar o principal diante do accessorio! O principal aqui he a educaçaõ, e ensino dos Catecumentos, e o accessorio saõ os Ministros, que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os servos tenhaõ tudo o necessario de sobejo, e os servidos naõ tenhaõ hum balaruco, se lho naõ derem de esmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne; porque naõ se pescaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingaõ os taes officios, sem ficar mais que hum administrador Ecclesiastico com quarenta mil reis, que he bastante porçaõ, ajudada com sua Missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo Collegio; e o mais, que passa de cento e cincoenta mil reis, que o logre seu legitimo dono, que saõ os Catecumenos. E quando for necessario Medico, ou barbeiro, paguem-se da mesma porçaõ por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passaõ annos, sem serem necessarios taes Ministros. Quanto mais, que bem pódem passar, sem fazerem a barba tanta vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno; e se algum me escapou, perdoeme; porque naõ foy minha intençaõ deixallo sem chrisma: mas de ver, como ardem as barbas de seus visinhos, poderá aprender para botar

tar

tar as ſuas de molho. Reſtava agora cortar as unhas a todos, e tenho para iſſo tres tezouras excellentes de aço fino: a primeira ſe chama *Vigia*: a ſegunda *Milicia*: a terceira *Degredo*. Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres deſenganos: e daremos fim a eſta obra.

****

CAPITULO LXVII.

Tezoura primeira para cortar unhas, chama-ſe Vigia.

BAldado ſeria o trabalho, que tomey em deſcobrir tantos males da noſſa Republica, ſe os deixaſſe ſem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, naõ ha duvida que he huma boa tezoura, que as corte: e porque ſaõ muitas, as que aqui ſe nos offerece, offereço tres tezouras, que me parece baſtaráõ para as cortar todas. Digo pois que a primeira tezoura ſe chama *Vigia*; porque he grande remedio para eſcapar de ladroens, vigiallos bem. Ladraõ vigiado he conhecido; e em ſe vendo deſcuberto, encolhe as unhas. Eſta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás ſuas Juſtiças, que naõ durmaõ: muito dormem as Juſtiças de Lisboa; e á ſua imitaçaõ as de todo o Reyno. Já naõ ha huma vara, que ronde de noite, nem quem caſſe hum milhafre; e poriſſo as unhas andaõ taõ ſoltas. E porque os Reys ſaõ, os a quem mais neſte mundo ſe furta, porque tem

mais

mais de ſeu; ou porque naõ ſe reſguardaõ poriſſo tanto como os que tem menos; ſejame licito dar aqui huma palavra a ElRey noſſo Senhor.

Senhor, eu offereci eſta obra a V. Mageſtade, para ver nella os cannos, por onde ſe desbarata ſua fazenda, e a de ſeus vaſſallos: façame V. Mageſtade mercê de a ver com ambos os olhos; porque ſe os naõ tiver ambos abertos, nem a capa lhe eſcapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, ſegundo contaõ os Poetas; e nem iſſo baſtou, para Mercurio lhe naõ furtar huma peſſa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Mageſtade como duas Eſtrellas; e ſe tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em ſeu Imperio; taõ grande na extenſaõ, que ſe mede com a do mundo; e taõ alto, e ſoberano na grandeza, que ſe levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, diſſe Naſaõ, que ſaõ muito compridas; porque abarcaõ ſeus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas conſidero as de V. Mageſtade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Taes lhe tomára a V. Mageſtade os olhos, e taes os tem, quando em todas as partes do mundo, que domîna, pôem bons olheiros: e para eſtes ſerem melhores, deſejavaõ muitos prudentes, que os illuſtraſſe V. Mageſtade com os titulos, e prerogativas, que fazem os homens mais illuſtres; e ficaria V. Mageſtade com iſſo mais illuſtrado, e o ſeu Imperio mais bem viſto, e tudo mais veneredo, mais amado, e temido.

Eſte

Eſte luſtre dos olhos, e olheiros de V. Mageſtade, naõ ſey ſe o diga; porque temo dizello ſem fruto; mas ſim direy, porque me aſſegura, que naõ ſerá de balde, por ſer muito facil, e de muito proveito, e nenhum cuſto. Ponha V. Mageſtade quatro Vice-Reys da ſua maõ nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que naõ chegou Alexandre, nem Monarca algum do Univerſo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto, como V. Mageſtade poſſue. Na Aſia Vice-Rey temos; e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Perſia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataõ, ilha de Manar, coſta da Peſcaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumviſinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para bengala, Pegú, Arracaõ, Malucas; Japaõ; China, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que naõ cabem neſte raſcunho, e ſerá mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla; na America, outro no Braſil, e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buſcaõ-ſe grandes ſugeitos, e huma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de ſi, e do que ſe lhes entrega. Paſmaõ as Naçoens, quando vêm que o Monarca de Eſpanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America; e outros tantos em Europa. Mas na

Afri-

Africa, e Asia, naõ lhe he possivel; porque naõ tem nestas duas partes dominio capaz de taõ grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o mayor Monarca de todos: e porisso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia, que se deve a estes titulos, mete veneraçaõ, terror, e obediencia até nos coraçoens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes communica; e quando estes saõ mayores, entaõ saõ elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Magestade. Estes saõ os olhos, com que V. Magestade vencerá os Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, sempre ha furto; porque os ladroens saõ em toda a parte mais que muitos: e como as cousas por muitas lhes vem á maõ, as unhas naõ lhes perdoaõ; mas onde ha bons olheiros, naõ se furta tanto. Seja esta a primeira tezoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que naõ diminua muito os ladroens; porque os que o saõ por natureza: *Naturam expellunt furcæ*. Mas para extinguir estes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a segunda tezoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prestimos.

CAPITULO LXVIII.

Tezoura ſegunda chamada Milicia.

O Bocalino nas ſuas Cortes do Parnaſo, ou Parabolas de Apollo, diz que ſe amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes dar inſtrumentos, com que pudeſſem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por ſeus procuradores eſta queixa a Apollo, para que lha reſolveſſe, e remediaſſe. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a ſua embaixada deſta maneyra. Senhor como ha de haver no mundo, que eſtejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das ſuas hortas, e quintas? Deulhes Deos inſtrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os ſylvados, e todas as malézas; e ás Republicas nenhum inſtrumento deu acõmodado, nem ſe quer hum ancinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos deſtroem, e de tantos males, que nos cauſaõ ſem remedio! Indignouſe Apollo chamando-lhes barbaros! Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque ſe ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o pifano, o tambor, e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, aliſtay todos

eſſes

eſſes, de que vos queixaes, ponde-lhe hum pique ás coſtas, mandai-os á guerra; lá amançaráõ, ou acabaráõ ſervindo a ſeu Rey, e patria, e ficará a voſſa Republica livre deſſa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Diſſe Apollo, e diſſe bem.

O meſmo digo aos Procuradores, e Governadores da noſſa Republica, que ſe queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pôdem extinguir: toquem caixa, toquem pifano, e trombeta; aliſtem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquiſtas; empreguem ſuas unhas, e garras em noſſos inimigos, e ficaráõ livres de ſuas invaſoens noſſas fazendas. Eſta he a melhor tezoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ ſey ſe notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a eſta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com noſſos inimigos; aſſim por mar, como por terra. Noto que antes diſto, naõ nos podiamos vêr livres de ladroens por eſſas eſtradas de todo o Reyno, nem podiamos dar paſſo, ſem que nos ſalteaſſem pelas charnecas; naõ ſe fazia feira, em que naõ fizeſſem mil aſſaltos; nem havia juſtiça, que baſtaſſe, para nos livrar deſta praga, a qual ceſſou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fazer nas fronteiras, lá ſe cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha,

tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das ſuas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de ſervirem a ElRey, ſe fazem izentos, e indomaveis; porque a iſto ſe reſponde, que naõ haverá tal, ſe andarem bem diſciplinados. Saõ as regras da milicia muito ajuſtadas com o bem publico; e ſe os Cabos (que ſempre ſaõ homens eſcolhidos) as fizerem guardar, como tem de obrigaçaõ, tambem os ſoldados fazem a ſua, de andarem compóſtos, ou por medo, ou por primor. Naõ ſey, que tem o andarem os homens aliſtados, e com ſuperiores continuos ſobre ſuas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardaõ bom, ou máo, ſegundo o merecem; que nenhum ſe atreve a lançar o pé álem da maõ, antes lhe ſerve aſſim o premio, como o caſtigo de continuos eſtimulos, para ſerem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas ſe alcançaõ.

Eſta he a ſegunda tezoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E ſe eſta ainda naõ baſtar para alimpar de todo a noſſa Republica, e Reyno, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes ſaõ Siganos, e outros, que ſe parecem com elles nas obras, e ſe livraõ da guerra por varios principios, que ſe deixaõ conhecer, e naõ aponto; temos outra tezoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, ſem que eſcapem, aſſim haja quem a menêe. Eſta ſe chama *Degredo*, do qual ſe contaõ, e eſcrevem grandes excellencias; e eu direy ſó, as que fazem para o noſſo intento no Capitulo que ſe ſegue: e

neſte

neſte naõ digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della ſe póde diſputar, fica apontado nos Capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

****

CAPITULO LXIX.

Tezoura terceira chama Degredo.

DUas couzas ha, que facilitaraõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que ſobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ſer ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e ſobeja em nós, he o que os move a ſerem ladroens, para proverem as ſuas faltas com os noſſos ſobejos. Com tudo iſſo naõ he aſſim, ſe naõ que ſobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós juſtiças para os emendarem: bem eſtá, aſſim he; mas tomara ſaber, de donde vem ſobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a juſtiça? Eu o direy, a quem eſtiver attento á hiſtoria, ou parabola, que ſe ſegue.

Duas Donas principaes, e ſenhoras muito conhecidas neſta Corte, vieraõ ás gadelhas ſobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriſcada no terreiro do Paço; huma ſe chamava Dona Juſtiça, e a outra Dona Cobiça. A ſenhora Dona Cobiça, naõ ſey ſe por mais moça, ſe por menos ſofrida, deu huma punhada em hum olho á Juſtiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de ſe pôr em cobro.

Açolheo-se para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhes disseraõ seus amigos (que lá naõ lhe faltaõ) que visse onde se metia, que naõ lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Pessoas Reaes, qoe a encontrasse, a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicidia, e ladra, como por ser Cobiça, que naõ se permitte no Paço. Deu comsigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a avisaraõ, que se arriscava a fazerem estanque della para o Brasil; álem de que poderia cahir nas unhas dos Parlamentarios, ou Hollandezes, se para lá fosse, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comsigo na rua Nova, para se esconder por essas loges dos mercadores, que todas saõ escuras, e sem janellas, para naõ vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por baeta, dessa que compraõ a seis vintens, para a encaixarem a seis tostoens, passou de corrida para a rua dos Ourives; e naõ fez ahi muita detença, porque vio que mal se podia encobrir, onde tudo se poem á porta. Acolhamonos a sagrado, disse ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ser vedado nos Sagrados Canonos aos Ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tratou de se homiziar em algum Mosteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religiosos, porque naõ lhes inquietasse as communidades com ambiçoens; e as Freiras, porque naõ podia professar entre ellas, por ser cazada com hum mulato, que se chama interesse. Por fim de contas se recolheo no Castello, onde aturou pouco; porque naõ se dá

lá meſa, nem cama aos hoſpedes; e fez poriſſo taes revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, porque he muito mimozo, deu em ladra com tanto deſaforo, que roubava a olhos viſtos até os pagamentos dos ſoldados, e deſtruia a fazenda del-Rey por mil modos, que naõ ſe pódem contar: e temendo, que a enforcaſſem os Generaes poriſſo, porque he ponto, que ſe naõ deve perdoar, paſſouſe para Caſtella, caſtigando-ſe a ſi meſma com degredo voluntario: e porque fugio ſem paſſa porte, naõ ſe atreveo a voltar; e lá ſe fez natural com tanta audacia, e exceſſo, que em breve tempo aſſolou toda Eſpanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deſte Reyno. Enxergaraõ-ſe em Caſtella os damnos da cobiça, naõ ſó nos vaſſallos deſtruídos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que ſe vay por eſſes ares; mas tambem na cabeça do Rey tirando-lhe della Coroas; e quebrando-lhe Sceptros á ſua viſta. Para ſe repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a cauſa delles no mundo Novo, onde fez tal eſtrago, que ſó na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para ſe encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para ſe referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andavá á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores, para mais a ſeu ſalvo devorar ſerras de prata, e

montes de ouro, que mandava a Espanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Asia. Revolto assim o mundo todo, e posto em riscos de se perder por esta fera, tratou-se do remedio; e resolveo-se com maduro conselho, que só a justiça direita lho podia dar; mas esta estava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita: tem-se pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e espera-se que venha cedo, e há disso já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem castigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tezoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tezoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de emendar, e naõ de extinguir o mundo; álem de que naõ haverá forcas, que bastem para taõ grande pendura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-se lá embora huns aos outros, isso mesmo lhe servirá de castigo, e ficaremos livres delles, até que se melhorem, que he o que se pertende; e os que se melhorarem, tornem a

nos

nos ajudar com ſeu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que ſe dem facilmente caſtigos de morte, ficaõ apontados no Cap. 49. das unhas apreſſadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

****

CAPITULO LXX.

Deſengano geral a todas as unhas.

MAis unhas ha; mas as que temos viſto neſte Tratado, baſtaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e deſarreſoadas ſaõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas ſe conhece o leaõ, e pelas meſmas ſe conhece o ladraõ. Conhecidos aſſim bem todos os ladroens, ſuas unhas, e artes, boas tres tezouras vos dey, para lhas cortardes todas. E ſe eſſas naõ baſtarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por aſperas, porque nem toda aſpereza ſerve para medicamento, tenho tres deſenganos efficaciſſimos para as emendar ſuavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correiçaõ. Aſſim he: e he impoſſivel naõ repudiar a vontade, o que o entendimento lhe moſtra novicio. Peço a todos, os que virem eſte Tratado, que leaõ com attençaõ eſtes tres pontos.

DE-

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *basta.* Quanto mais pasto damos ao fogo, tanto mais se acende, e mais fome mostra de mais pasto, accrescentando a com aquillo, que a pudéra fartar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome, que os homens tem de riquezas: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Disse lá o outro, que cresce a cobiça ao compasso das riquezas, augmentando a fome dellas com a posse, que só a poderá satisfazer. E he o primeiro desengano, que damos a todas as unhas; que furtaõ para fartar sua cobiça, e fome, que tem de riquezas, desenganem-se, que trabalhaõ debalde; porque mayor a haõ de ter, quando mais se encherem, e mayores montes ajuntarem; porque he hydropesia, que quanto mais bebe, tanto mayor sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite insaciavel, acho que naõ procede de fome, mas que nasce de fastio, causado do enjoo, que a todas as couzas do mundo he natural causallo, pela corrupçaõ, que tem de casa. E dahi vem, que enfastiados do que possuîmos, suspiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma satisfaçaõ: e naõ he assim, quando lá vou; porque tudo he do mesmo lote, e jaez, e em nada ha a satisfaçaõ, que buscamos: e por isso digo, que se desenganem todas as unhas, que cançaõ, e trabalhaõ debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede, que as

pica.

pica. Ora demos-lhe, que naõ ſeja aſſim; o que aſſim he, que naõ achaſtes faſtio em nada; mas que lograſtes muita doçura em tudo, quanto voſſas unhas adquiriaõ, e que a voſſo bello prazer com muito agrado foſtes goſtando de tudo, e ſaboreando-vos em cada couza: dayme licença, para diſcorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o deſengano.

DESENGANO SEGUNDO.

VEnhaõ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como o Briareo Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: naõ fique unha, que aqui naõ venha a eſte exame: peſquem, cacem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais precioſa, officios, beneficios, Cõmendas, morgados, titulos, honras, grandezas até naõ mais; e vamos por ordem diſcutindo tudo. Naſceſtes neſte mundo nú (que aſſim naſcem todos) abriſtes os olhos, e viſtes, que com as riquezas medraõ os poderoſos; deſejaſtes logo ſer hum delles, e trataſtes de ajuntar as riquezas, com que os poderoſos inchaõ. Eſperay: naõ furtareis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque ſó tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou diſcurſando, para cahirdes no deſengano, que trato de vos intimar: e ſe as tendes já, porque as adquiriſtes ſervindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a ſer o meſmo: Dizeime agora, ſe vos falta mais alguma couza, depois

pois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, refponde muito fezudo, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar, e fer temido, e refpeitado de todos, e merecer fervindo a Sua Mageftade, que me faça mayores mercês. Se o naõ haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum baftaõ; e dou-vos, que fervistes já com gineta, e baftaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Aõ depois deffa Capitanía, e Generalato, tomára faber, o que fe vos fegue para appetecer? Segue-fe huma Cõmenda famofa, para ter renda, que gaftar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmendas, e que fejaõ embora as mais groffas do Méftrado de Chrifto; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais fatisfeito. Ao depois de tanta cõmenda, e fidalguia, tomára faber, que he o que refta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e luftre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco fe contenta v. m. fenhor Commendador, eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida fua, fenhor Marquez, diga-me Voffa Senhoria, ou Voffa Excellencia (que já fe naõ contentaõ com Senhoria) ao depois defte titulo, que he o que fe lhe fegue? Segue-fe paffar huma velhice muito defcançada, e luftrofa. Embora, feja affim, ainda que lho pudéra negar; porque nefte mundo naõ ha velhice defcançada, nem luftrofa: *Senectus ipfa eft morbus.*

bus. A meſma velhice em ſi he doença cheya de mil deſalinhos. Eſſa velhice ha de ter o fim: e ao depois delle tomára ſaber, que he o que ſe ſegue a V. Excellencia, meu ſenhor Marquez? Seguirſeme-ha huma morte muito bem aſſombrada; porque farey hum teſtamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me façaõ humas Exequias, em que ſe gaſtem duzentos mil reis, e dous trîntarios de Miſſas pela minha alma: *Et requieſcat in pace*; que repreſentey meú dito. Bem eſtá; mas ainda naõ tem dito tudo Voſſa Excellencia. Demaneira meu ſenhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta toſtoens para Miſſas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Miſſas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a ſeus parentes, quem lhe diſſe, que naõ ſeriaõ demandas? E a morte bem aſſombrada, que ſe promette, quem lhe paſſou carta de ſeguro para ella? Naõ ſabe que os velhos; quaſi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo ſempre foy muito feya, e mal aſſombrada? Mas dou-lhe que a teve aſſim como a pinta, muito formoſa, contra o que nos moſtraõ ſeus retratos; e dou-lhes, que lhe fizeraõ ſeus parentes as Exequias, ainda mais mageſtoſas. Ao depois de tudo iſſo, que he o que ſe lhe ſegue? Que he o que reſta? Naõ me reſponde? Encolhe os hombros? Diz que naõ ſabe? Pois eſte ponto, e eſte ao depois tomára eu, que o trouxera eſtudado deſde o primeiro deſpacho da gineta, e deſde o primeiro dia, em que entrou nú neſte mundo, para prova, de que aſſim havia de ſahir delle, ſem

levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o naõ sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lho direy, esteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, seguese hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou descer para o Inferno. Quem servio o mundo, e se carregou do alheyo, esse pezo mesmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para desengano, de que tudo dispara em nada: e desse nada resulta hum muito, que saõ eternas penas, as quaes cambiadas com o gosto, que lograstes, ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que naõ duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt.* Que a ladroens naõ se deve gloria, senaõ penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo de Purgatorio nò ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar dinero por Missas.* Naõ sey, como naõ disse tambem, que naõ havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e naõ diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que naõ ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que

mayo-

mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompëos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabaraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se naõ deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christãos o dava, que o devem crer: mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

DESENGANO TERCEIRO.

SUpponho que naõ fallo com animaes brutos, mas com homens racionaes, que se entendem; mas que sejaõ Atheos, que naõ crem, que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna; assim como vós quisestes, nobre, saõ, valente, gentilhomem; o que adquiristes por vossas artes, e industria tudo, quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honras, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possaes roubar. Senhor estaes de tudo: Dizei-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, pessas, enxovaes, propriedades, rendas, &c. Se daes, ou gastaes isto, como mundano, sois pródigo: se o guardaes como escasso, sois avarento; e ambas as couzas saõ vicio. E se tendes entendimento, como suppomos, sois obrigado a crer,

que

que em vicios naõ póde haver gloria, nem deſcanço; aſſim o alcançaraõ, e eſcreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que diſpende, e guarda com a moderaçaõ devida, e poriſſo he virtude; e porque o he, naõ atina com ella, quem ſerve o mundo, que traz apregoada guerras com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas naõ póde haver para vós a bemaventurança, que nos fingis.

Quaes ſaõ as voſſas honras? Saõ titulos, que vos fazem reſpeitado; apparatos de creados, e veſtidos, que vos fazem venerado; ſaõ officios, que vos daõ poder para ſopear, e ficar ſuperior a todos: e ſe bem conſiderardes tudo, nada diſto tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca eſtima deve ſer o titulo, que ſe perde com hum delicto; os apparatos, que ſe desfazem com huma auſencia; e as ſuperioridades, que ſe malograõ com huma deſobediencia dos ſubditos: e tudo, o que chamaes honra, vem a ſer hum vidro, que com a liviandade de huma mulher ſe quebra; e como o deſconcerto de qualquer de voſſa familia ſe tolda, com o eſpelho com hum bafo. E ſe bem apertardes a honra buſcando-a em vós meſmo, naõ a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e ſe vola negar, ficaes ſem ella: e até a que chamaes de ſangue, naõ conſiſte no voſſo, ſenaõ em voſſos antepaſſados, e em ſeus brazoens, que vem a ſer pergaminhos

velhos

velhos roîdos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como naõ póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras saõ mais mudaveis, que as grimpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifraõ todos: e os da vista com ser dos sentidos o mais nobre, saõ de qualidade, que a noite os rouba; e nisso quo vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para estimar; e até nas mesmas perfeiçoens vemos, que naõ saõ de dura, que se murchaõ como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido saõ musicas, e lisonjas: lisonjas, que mentem, e enganaõ; musicas, que se compoem de vozes; as vozes do ar, o ar sugeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaõ, e extenûaõ, até se consumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do gosto saõ doçuras, e sabores de manjares, e licores? se os tomaes com demazia, mataõ-vos; se vos abstendes delles, já os naõ lograes, e se os usaes com moderaçaõ, continuados enfastiaõ, dilatados causaõ fome, e deixados saõ como se naõ fossem para desengano, que por todas as vias naõ se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no

carêo, e afago, com que a fenfualidade lifongêa a natureza, quem os logra confeffa, que faõ momentaneos; e ainda que fucceffivos, de tal maneira fe alternaõ, que faõ mais as dores, que as fuavidades, que de feu trato, quando he immoderado, refultaõ. E em concluſaõ todos os deleites dos fentidos rendem vaffalagem ao fomno, que os fepulta. O fomno imagem da morte he fenhor de todos os goftos, para os ter cativos, e fepultados: e quem a tal fenhor fe fugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Ifto he, o que paffa nefta Babylonia do mundo, onde tudo faõ confuffoens, e labyrintos. Deftas faco ao mundo, para viverdes nelle abaftado, e fatisfeito, e em nada achaftes a fatisfaçaõ plenaria, que bufcaveis: feguiftes fuas leys, que vos enfináraõ a pertender, bufcar, e eftimar, o que elle eftima; e achaftes em tudo vaidades fem firmeza, amargóres fem doçura, inferno fem bemaventurança. Que refta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como efta, e que naõ ha outra, ferá engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, conftancia, e formofura do Ceo nos teftemunha, e affegura, que ha outra couza melhor, que ifto que cá vemos, e que ha bemaventurança folida, e verdadeira. A efta naõ he poffivel, que fe vá pelo caminho, que fegue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver neceffariamente, que nos guie com verdade, e leve ao defcanço firme, e que nos ponha na gloria, que naõ padece

eclyp-

eclypſes. Eſta he a Ley Divina, que ſe reduz a dous preceitos, que ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Quem ama a Deos, naõ trata do mundo, porque lhe he oppoſto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he ſeu, he hum ponto, em que tudo ſe cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a eſta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda neſta vida, e livrarſe-ha dos infernos deſte mundo; que infernos vem a ſer todas ſuas couzas nas penas, moleſtias, e tribulaçoens, que cauſaõ, até quando ſe gozaõ; e poriſſo com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Chriſto eſpinhos. Quem quizer viver ſem eſtes, viva ſem o alheyo, trata ſó do que lhe pertence, e converterſelhe-ha eſta vida em gloria, e achará no mundo o Paraiſo: e bem ſe prova; porque ſe o naõ ha, em quem ſegue as leys do mundo, havello-ha neceſſariamente, em quem ſeguir a ley contraria, que he a de Chriſto, a qual ſe reſolve naquella ſentença ſua: *Reddite ergo, quæ ſunt Cæſaris Cæſari, & quæ ſunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he ſeu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convëm. Donde ſe ſegue, que quem naõ tomar o alheyo ſerá bemaventurado.

CONCLUSAM FINAL, e remate do deſengano verdadeiro.

TEve hum Religioſo ſanto huma viſaõ, em que lhe appareceo huma matrona muito for-

moſa com huma tocha aceza em huma maõ, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o ſervo de Deos, quem era? Reſpondeu: Sou a Ley de Chriſto. E que tem que ver com a Ley de Chriſto eſſes dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas mãos? Com eſte fogo trato de abrazar o Ceo até o desfazer; e com eſta agua quero apagar o inferno até o aniquilar: e depois de naõ haver Ceo, que eſpere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Chriſto; porque ſó com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Aſſim paſſa, que até neſte mundo tem gloria, e deſcanſo, e ſe livra de penas, e afflíçoens, quem guarda a Ley de Chriſto, que dá o ſeu a ſeu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, naõ achará o que buſca, ſe he que buſca deſcanſo; mas achará affliçaõ de eſpirito, canſaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homens á viſta de verdades taõ claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celeſtial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporaes naõ faz meya onça de bemaventurança eterna: eſta cuſta muito pouco a haver, porque ſe alcança vivendo no deſcanço da Ley de Chriſto; e aquellas cuſtaõ muito a achar, porque ſe buſcaõ com o ſuor, e trabalhos, que comſigo trazem as leys do mundo. Deixa de ſer ladraõ, e terás o que has miſter; porque terás a Deos, que para ſi te creou, e naõ para ſervires o mundo falſo, e enganador,

que

que naõ tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; ſuas glorias ſaõ relampagos, que ſe por huma parte luzem, por outra diſparaõ rayos. Suas luzes ſaõ de candea, que com hum aſſopro ſe apagaõ. Seus affagos ſaõ rapozas de Sanſaõ aſtutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formoſura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo, em que poem ſeu termo todas as couzas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a eſte Tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque deſcobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente eſte eſpelho, que chamo de enganos, para que nelle vejaes os voſſos, e vos emendeis conhecendo ſua deformidade: Eſte he o theatro das verdades, ſe as conhecerdes, e ſeguires, repreſentareis melhor figura no deſte mundo. Moſtrador he de horas minguadas, para que fugindo as acheis huma boa, em que vos ſalveis. Tambem he gaſúa geral, que ſe bem ſe occupou até aqui em abrir, melhor ſaberá fechar: chave he que fecha, e abre; ſe uſardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave meſtra, que vos enſinará a verdadeira arte, com que ſe abrem os theſouros do Ceo, os quaes lograreis, quando menos uſurpardes os da terra. Em quanto eſtudaes eſta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que ſe intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira*.

FIM.